



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA – PPGLINC

QUEZIA DOS SANTOS LIMA

**"FEMINISMO PARA QUÊ?": O FUNCIONAMENTO DOS
DISCURSOS FEMINISTAS NO CIBERESPAÇO**

Salvador
2018

QUEZIA DOS SANTOS LIMA

**“FEMINISMO PARA QUÊ?”: O FUNCIONAMENTO DOS
DISCURSOS FEMINISTAS NO CIBERESPAÇO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Profa. Dra. Iracema Luiza de Sousa

Salvador
2018

LIMA, QUEZIA DOS SANTOS
?FEMINISMO PARA QUÊ??: O FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS
FEMINISTAS NO CIBERESPAÇO / QUEZIA DOS SANTOS LIMA. --
Salvador, 2018.
256 f.

Orientador: Iracema Luiza de Souza.
Tese (Doutorado - Doutorado em Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, 2018.

1. Feminismo. 2. Análise de Discurso Materialista. 3.
Cibercultura. 4. Materialidade Digital. 5. Gênero. I. de
Souza, Iracema Luiza. II. Título.

QUEZIA DOS SANTOS LIMA

**“FEMINISMO PARA QUÊ?”: O FUNCIONAMENTO DOS
DISCURSOS FEMINISTAS NO CIBERESPAÇO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 30 de janeiro de 2018.

Iracema Luiza de Souza — Orientadora _____
Doutora em Linguística pela Universidade Paris XXI
Universidade Federal da Bahia

Rosa Helena Blanco Machado _____
Doutora em Letras pela Universidade Federal de Alagoas
Universidade do Estado da Bahia

Gilberto Nazareno Teles Sobral _____
Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade do Estado da Bahia

Iraneide Santos Costa _____
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Denise Maria Oliveira Zoghbi _____
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

À minha mãe Amélia (em memória), a primeira referênciã de feminista que eu tive, aquela me inspirou a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** pelo livre-arbítrio;

À minha família, por todo o suporte emocional e espiritual durante esses longos anos. **Minha mãe Amélia** (em memória), aquela que era mulher da verdade, sim “da verdade”, como ela mesma dizia, aquela que valorizou a educação como libertadora e incentivou-me desde cedo a estudar “para não depender de troco de marido”. **Meu pai José Mauro**, que sempre respeitou as minhas decisões e me apoiou incondicionalmente. **Zezinha**, minha tia, minha segunda mãe, que me motivou a prosseguir, mesmo sem saber ao certo do que se tratava. **Meu esposo André**, que sabe ser um marido companheiro, incentivador, motivador e traz leveza para a minha vida. Aquele que se desconstrói a cada dia, enchendo-me de orgulho e admiração. **Tiago**, meu irmão (quase) gêmeo, que é o meu aliado, e sempre me faz refletir sobre o feminismo, com suas provocações. **Márcio**, meu irmão mais velho, que foi o primeiro a me motivar a ler, que, mesmo a quilômetros de distância, torce sempre por mim. Meus sogros, **Dona Nelci** e **Sr. Henrique, Amandinha** e toda família Pitombo Kuehn, que se tornou minha família também. **Nildes Pitombo**, pelo carinho e pelos valiosos conselhos para o meu trabalho.

Às minhas amigas, por entenderem a minha ausência e por me ajudarem a dar sentido à palavra sororidade. **Loiane**, minha irmã de coração, que me presenteou com a minha dindinha **Bia**. **Paulinha**, minha grande amiga e incentivadora. **Rafaella**, minha **Finha**, minha parceira de AD, que sempre me deu força incondicionalmente. **Verena, Camila**, minhas amigas superpoderosas, nascidas no dia 19 de abril, dia do meu aniversário. A minha amiga **Regilaine**, por seu carinho. Ao meu amigo Antônio Carlos Sobrinho, por ser como um irmão para mim.

À professora **Dra. Iracema Luiza de Souza** pela orientação e incentivo em todo o processo de escrita;

À banca examinadora deste trabalho, pela prontidão e disponibilidade ao convite para avaliação da tese;

Aos professores, funcionários e colegas do **PPGLINC**, pelas importantes contribuições para o amadurecimento do trabalho;

Ao **IFBAIANO** e ao **GLICAM**, pela liberação para concluir a tese, e às colegas e aos colegas que possibilitaram o meu afastamento para me dedicar aos momentos finais da escrita. Dislene, Dora, Elisângela, Gilson, Ionã, Jose, Tatiana, Célia, Harley.

Ao **GELLC**, da UNEB, por todo suporte acadêmico, em especial a **Dra. Rosa Helena Blanco Machado**;

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?”. Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral – mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos.

Chimamanda Nigoze Adiche (2015, p.42-43).

LIMA, Quezia dos Santos Lima. Feminismo para quê: o funcionamento dos discursos feministas no ciberespaço. 256 f. 2017. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

Na presente pesquisa, filiada à Análise de Discurso materialista, tem-se como objetivo analisar o funcionamento de discursos de ativistas feministas, que circulam e/ou se constituem no ambiente digital, sobre a definição de feminismo e de feminista na sociedade contemporânea. Pretendeu-se com este trabalho investigar como outras formas de discursivização do feminismo circulam no blogue feminista e quais sentidos são possibilitados pelos modos de dizer dos sujeitos feministas no ciberespaço. Adotaram-se os procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso materialista, com relevo para os estudos de teóricos como Michel Pêcheux, Courtine e Eni P. Orlandi, a partir de uma abordagem qualitativa. Por meio das análises, procurou-se mostrar como os sentidos são construídos na e pela linguagem, em um ambiente propriamente digital. O *corpus* de análise é constituído por sequências discursivas recortadas de publicações sobre o feminismo no blogue Blogueiras Feministas, no período de 2010 a 2015. Na análise, foram consideradas as sequências discursivas que tratavam do feminismo e as marcas discursivas de denominações, definições e explicações. Foram analisados também aspectos específicos dos discursos característicos do ciberespaço: os títulos das publicações e os modos de dizer das postagens de divulgação. A análise partiu do princípio de que a Internet constitui-se como um lugar discursivo que favorece a propagação de sentidos historicamente apagados sobre o feminismo, relacionados aos dizeres cristalizados. Verificou-se que os discursos dos sujeitos feministas sobre as definições de si e do movimento funcionam como um gerenciamento dos gestos de leitura dos sujeitos-seguidores para desconstrução dos discursos patriarcalistas sobre o feminismo. Os discursos do blogue compõem um arquivo de dizeres legitimados sobre o feminismo que deslocam uma série de pré-construídos que afetam a memória para construir uma rede de aliança entre sujeitos feministas e sujeitos identificados com outras formações discursivas. O ciberativismo feminista, ao mesmo tempo em que cria um efeito de homogeneidade do movimento nos discursos direcionados à sociedade patriarcal, mobiliza posições-sujeito historicamente silenciadas em disputa pela dominância de sentido em discursos direcionado às próprias feministas.

Palavras-chave: Feminismo. Análise de Discurso materialista. Cibercultura.

Materialidade digital.

LIMA, Quezia dos Santos Lima. <<À quoi sert le Féminisme?>> Le fonctionnement des discours féministes dans le cyberspace. 256 f. 2017. Thèse (Doctorat) – Institut de Lettres, Université Fédéral de la Bahia, Salvador, 2017.

RÉSUMÉ

Cette recherche, affiliée à l'analyse du discours matérialiste, a comme objectif d'analyser le fonctionnement du discours féministes militants qui se propagent et/ou se constituent sur les réseaux digitaux avec la définition de féminisme ou féministe dans la société contemporaine. Il a eu avec ce travail l'intérêt d'enquêter d'autres manières de <<discursivisation>> du féminisme qui entourent dans les blogs féministes et quels sont les significations possibilités par les façons de dire des sujets féministes dans cyberspace. Les procédures théorico-méthodologiques de l'analyse du discours matérialiste ont été adoptées, en mettant l'accent sur les études de théoriciens tels que Michel Pêcheux, Courtine et Eni P. Orlandi, à partir d'une approche qualitative. À travers les analyses, il a essayé de montrer comment les sens sont construits dans et par la langue, dans un environnement complètement digital. Le corpus d'analyse est constitué de séquences discursives issues de publications sur le féminisme dans le blog *Blogueiras Feministas* entre 2010 et 2015. Dans l'analyse, il a été considéré les séquences discursives issues des publications traitant du féminisme et des marques discursives des dénominations, des définitions et des explications. Des aspects spécifiques des discours caractéristiques du cyberspace ont également été analysés: les titres des publications et les façons de dire des messages publicitaires. L'analyse suppose que l'internet se constitue d'un lieu discursif qui favorise la propagation des sens historiquement effacés sur le féminisme et qui ont été liés à des paroles cristallisées. Il a été vérifié que les discours des sujets féministes sur les définitions d'eux-mêmes et du mouvement fonctionnent, en tant que gestion, comme des gestes de lecture des sujets-suiveurs pour la déconstruction des discours patriarcaux sur le féminisme. Les discours du blog composent un fichier de paroles légitimées sur le féminisme qui déplacent une série de préconstruit et qui touchent la mémoire en favorisant à construire un réseau d'alliance entre sujets féministes et sujets identifiés avec d'autres formations discursives. Le <<cyberactivisme>> féministe, en même temps qu'il crée un effet d'homogénéité du mouvement dans les discours dirigés vers la société patriarcale, il mobilise des positions sujet historiquement réduites au silence pour la domination du sens dans les discours dirigés vers les féministes elles-mêmes.

Mots-clés: Féminisme. Analyse du discours matérialiste. Cyberculture.

La matérialité Digital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Ilustração da revista Isto É sobre o antifeminismo	59
Figura 2	Capa do Jornal Pasquim n. 314	65
Figura 3	Charge “O Piche” publicada no Jornal O Pasquim.....	66
Figura 4	Capa Brasil Mulher, n.0.....	91
Figura 5	Capa Brasil Mulher, n. 1.....	92
Figura 6	Capa Brasil Mulher, n. 3.....	92
Figura 7	Endereço eletrônico Blogueiras Feministas	114
Figura 8	Primeira publicação do Blogueiras Feministas.....	119
Figura 9	Publicações de textos com imagem	122
Figura 10	Destaque para os textos mais lidos do Blogueiras Feministas	123
Figura 11	Campos de rápida localização de assuntos do Blogueiras Feministas	124
Figura 12	Campos para busca rápida por categoria, por autoras e por arquivos	125
Figura 13	Resultados da pesquisa sobre o questionamento “Feminismo pra quê?” no Google	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Discursos pertencentes à FD patriarcalista e à FD feminista de acordo com a postagem da blogueira Thayz Athayde (2011)	48
Quadro 2	Regras para publicação no Blogueiras Feministas	120
Quadro 3	Lista de publicações sobre o feminismo no Blogueiras Feministas de 2010 a 2015	126
Quadro 4	Sequências discursivas que recortam dizeres de aproximação	171

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
BF	Blogueiras Feministas
ET	Eixo Temático
FD	Formação Discursiva
PS	Posição Sujeito
SD	Sequência discursiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PARA UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O FEMINISMO: QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	21
2.1	A CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA ANÁLISE DO DISCURSO NO CAMPO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	23
2.2	A ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA	30
3	FEMINISMO: INTERDISCURSO, MEMÓRIA E HISTORICIDADE	57
3.1	A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE FEMINISTAS COMO MULHERES MASCULINIZADAS	60
3.2	A HISTORICIDADE DOS DISCURSOS DO/SOBRE O FEMINISMO	68
3.2.1	Percorrendo os caminhos de sentidos sobre discursos universalizantes sobre o feminismo	71
3.2.2	A reivindicação de novos lugares de fala no feminismo	82
3.3	DA POLÍTICA DE SILENCIAMENTO DO FEMINISMO À RESISTÊNCIA DAS VOZES DA IMPRENSA FEMINISTA	86
4	O DISCURSO FEMINISTA NA WEB: ESCOLHENDO O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	95
4.1	PARA COMPREENDER A COLETA DE DADOS NA INTERNET: NOÇÕES SOBRE CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA	97
4.1.1	Os lugares de ativismo na cibercultura: novos espaços de produção e circulação dos discursos feministas	104
4.2	A DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	113
4.3	O BLOGUE ENQUANTO ARQUIVO	115
4.3.1	Blogueiras feministas	118
4.4	PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS.....	128
5	OS ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS DO FEMINISMO NA INTERNET E OS MODOS DE DIZER DE FEMINISTAS NO BLOGUE ...	131
5.1	PARA EXPLICAR O FEMINISMO À SOCIEDADE PATRIARCAL	137
5.1.1	O gerenciamento dos gestos de leitura no discurso didático de definições de feminismo/feminista	171
5.2	DE FEMINISTA PARA FEMINISTA: O CIBERESPAÇO E A REIVINDICAÇÃO DOS LUGARES DE FALA.....	176

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
	REFERÊNCIAS	191
ANEXO A	PÁGINA DO FACEBOOK “MULHERES CONTRA O FEMINISMO”	203
ANEXO B	PÁGINA NO FACEBOOK “ANTIFEMINISMO”	204
ANEXO C	PÁGINA NO FACEBOOK “RESISTÊNCIA ANTI-FEMINISMO MARXISTA.....	205
ANEXO D	PÁGINA NO FACEBOOK “MOÇA, NÃO SOU OBRIGADA A SER FEMINISTA.....	206
ANEXO E	FEMINISMO? PRA QUÊ?	207
ANEXO F	FEMINISMO: UMA LUTA ULTRAPASSADA?	209
ANEXO G	FEMINISMO? JÁ ERA!	210
ANEXO H	FEMINISMO EM CRISE?.....	211
ANEXO I	FEMINISTAS? ECA!	214
ANEXO J	FEMINISMO QUER ACABAR COM A FAMÍLIA	216
ANEXO L	FEMINISMO NÃO É PARA MULHERES CERTAS.....	218
ANEXO M	DOMINAR OS HOMENS? O IMPACTO DE UMA MENTIRA SOBRE O FEMINISMO.....	220
ANEXO N	CADÊ MEU BLUSH FEMINISTA?	222
ANEXO O	FEMINISTA NÃO TEM VIDA PESSOAL?.....	223
ANEXO P	VAMOS PENSAR SOBRE FEMINISMO E FEMINILIDADE.....	224
ANEXO Q	TODAS AS PESSOAS PRECISAM DO FEMINISMO... ..	226
ANEXO R	UM GUIA PARA VOCÊ QUE TEM VERGONHA DE SE ASSUMIR COMO FEMINISTA	228
ANEXO S	QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO?.....	231
ANEXO T	CINCO MITOS SOBRE O FEMINISMO	235
ANEXO U	“FEMINISMO INTERSECCIONAL”: QUE DIABOS É ISSO? (E POR QUE VOCÊ DEVERIA SE PREOCUPAR).....	237
ANEXO V	COMO EXPLICAR O TRANSFEMINISMO?	241
ANEXO W	O FEMINISMO BRASILEIRO SE ESPALHA	

	E RESISTE	244
ANEXO X	O NOVO FEMINISMO OU A BOA E VELHA COOPTAÇÃO NOSSA DE CADA DIA.....	248
ANEXO Y	O FALSO FEMINISMO INTERSECCIONAL OU O QUE IMPORTA É REPRESENTAR.....	251
ANEXO Z	FEMINISTAS PRÓ-VIDA NÃO EXISTEM.....	254

1 INTRODUÇÃO

A sociedade patriarcal rejeita a ideia de que ainda é preciso falar de feminismo em pleno século XXI. Há quem diga que o feminismo não tem mais razão para existir, a partir da crença de que as mulheres já conquistaram o seu espaço na sociedade. Desde o seu surgimento como movimento de reivindicação por direitos iguais, o feminismo teve pouca adesão por parte das mulheres, por conta do contra-ataque às conquistas feministas, promovido pela mídia e por setores estratégicos da sociedade patriarcal (FALUDI, 2001), que atribuiu ao feminismo a culpa pela infelicidade feminina¹. Chamar alguém de “feminista”, quase sempre, tem uma conotação negativa. É como se fosse uma ofensa, um insulto. Nos últimos anos, no entanto, os movimentos feministas têm conquistado um número maior de ativistas graças à popularização da Internet, que permite a criação de páginas, blogues e perfis nas redes sociais para a mobilização da população.

As novas formas de manifestação promovem amplos debates em várias esferas da sociedade e mudanças significativas² no imaginário social, o que faz com que revistas de grande circulação comentem esse fenômeno³. A historiadora Margareth Rago, por exemplo, em entrevista à Revista Época (GARCIA, 2015), constatou que o “feminismo está na moda, virou pop”. Artistas do cenário

¹ A jornalista Suzan Faludi (2011) desconstrói essa falácia: “O que tornou as mulheres infelizes, nestes últimos anos, entretanto, não foi a “igualdade” - da qual elas ainda não desfrutam -, mas sim a pressão cada vez maior para deter, e até reverter, a busca feminina da igualdade. A ‘falta de homens’ e a ‘epidemia de infertilidade’ não são o preço da liberação; na verdade, elas nem existem. Mas estas quimeras são os cinzéis de um retrocesso que atinge toda a sociedade. Elas participam de um incansável processo corrosivo - uma boa parte do qual não passa de descarada propaganda - que serviu para exacerbar as angústias íntimas femininas e quebrar a sua vontade política. Qualificar o feminismo como inimigo das mulheres só disfarça os motivos do golpe contra a igualdade da mulher, desviando ao mesmo tempo a atenção do papel central do backlash e angariando recrutas para que lutem contra sua própria causa.” (FALUDI, 2001, p. 17-18)

² Através de blogues como *Escreva Lola Escreva* (2008), *Blogueiras Feministas* (2010), *Blogueiras Negras* (2013), *Think Olga* (2014), *Lugar de Mulher* (2014), feministas de toda parte do país denunciam violência contra a mulher, estupro, machismo na mídia e discutem temáticas a respeito das relações de gênero, com o objetivo de divulgar o feminismo e “explicá-lo” à sociedade. As postagens percorrem diferentes redes sociais e provocam debates específicos do ambiente virtual interacional. Algumas marcas de cerveja mudaram o posicionamento dos comerciais, após os ativismos na internet, como a Skol, que foi duramente criticada nas redes sociais, ao lançar um cartaz com os dizeres “Neste carnaval, esqueci o não em casa”. Tal discurso produziu um efeito de sentido de apologia ao estupro e provocou um amplo debate na sociedade e a consequente modificação do cartaz. “APÓS protesto feminista, Skol divulga sua nova campanha: ‘Tire o time de campo’”(APÓS..., 2015); “Skol lança ação para trocar cartazes machistas de bares” (ALVARENGA, 2017).

³ “A primavera das mulheres” (GRILLO et al, 2015); “A primavera é das mulheres (GENRO, 2015); “As mulheres dizem não” (AS MULHERES..., 2015).

internacional, como Beyoncé⁴, carregam a nomenclatura de feminista como uma marca nos seus shows e ressignificam o termo feminismo, que é ainda muito rejeitado pela sociedade patriarcal. Rago salienta, no entanto, que esse crescimento se deu após dois séculos de luta, o que não quer dizer que tal visibilidade tenha estabilizado os sentidos sobre o feminismo, pois observamos uma polêmica constante em relação aos posicionamentos discursivos sobre o que é ou não feminismo nas redes sociais⁵.

Discursos patriarcalistas que historicamente deslegitimam o feminismo⁶ circulam no ciberespaço⁷ em confronto com aqueles que revelam posições de sujeitos ativistas que se propõem a explicar à sociedade o que é o feminismo e o que é ser feminista. Com o ciberativismo⁸, certas correntes do feminismo fazem postagens, em seus blogues, visando à desconstrução de sentidos estereotipados sobre o movimento: “Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista” (ATHAYDE, 2011a); “5 mitos sobre o feminismo” (ATHAYDE, 2011b); “Por que sou feminista?” (DUTRA, 2013); “Feminista não tem vida pessoal?” (SEMÍRAMIS, 2011); “Todas as pessoas precisam do feminismo” (MACHUY, 2015). Discursos como esses deslocam a memória para significar e marcam uma nova forma de mobilização na Internet, que provoca uma desestabilização dos sentidos machistas sobre o feminismo, filiados à Formação Discursiva⁹ patriarcalista.

As redes sociais têm uma característica marcadamente forte de transformar os modos de circulação dos discursos na sociedade. Dizeres, antes limitados, interditados e silenciados, difundem-se no ciberespaço, o que permite intensos

⁴ “Beyoncé exalta feminismo no VMA” (BEYONCÉ..., 2014). Embora o ativismo de Beyoncé seja questionado por algumas correntes do feminismo, por ser mercadológico, não há como negar que há uma popularização do termo, na sociedade, por ser a artista pop uma das mais famosas mundialmente.

⁵ Dizeres como: “feminismo é o contrário de machismo”, “feminismo busca apenas privilégios para as mulheres”; “feminista quer ser melhor que os homens”; “feminista é feia, histérica e mal-amada” fazem parte do imaginário social.

⁶ São discursos de que feminista é feia, mal-amada, masculinizada e que feminismo é o contrário de machismo que fazem parte da memória social.

⁷ Segundo Pierre Levy (1999), o ciberespaço é o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Detalhamos o conceito mais adiante, na seção 4.

⁸ O ciberativismo é o ativismo de movimentos sociais no ciberespaço.

⁹ Formação discursiva é uma noção da Análise do Discurso materialista, a ser discutida na seção 2. Pêcheux (2009) define-a como sendo aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada “[...] determina o *que pode e deve ser dito*.” (PÉCHEUX, [1975], 2009, p. 160)

debates nas redes sociais. Prova disso é a crescente busca pela palavra feminismo no Google, nos últimos cinco anos. Segundo a Agência Brasil, “de janeiro de 2014 a outubro de 2015, o número de buscas pelo termo ‘feminismo’ no Google aumentou 86,7% no Brasil – passando de 8.100 para 90.500 buscas” (DINIZ, 2016). Com tamanha evidência do discurso feminista, 2015 foi considerado o ano do feminismo na Internet (2015: O ANO..., 2015).

Diante desse cenário e partindo do princípio de que o discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta e “possibilita a permanência e a continuidade ou o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive” (ORLANDI, 2005, p. 15), levantamos algumas questões de estudo: quais as discursividades que circulam nas definições de feminismo e de feminista no ciberespaço? Quais os modos de dizer do ciberativismo feminista no blogueiras feministas? Quais posições-sujeitos são interdidas? Como essa nova forma de mobilização permite o deslocamento de trajetos de memória para a construção de um novo imaginário sobre o feminismo?

Considerando que este ciberativismo propõe-se fazer intervenções com o objetivo de divulgar o feminismo e apagar estereótipos sobre o movimento e sobre ativistas¹⁰, construídos ao longo dos anos, é possível perceber que os efeitos de sentido que tais termos produzem podem ser diferentes de acordo com as condições de produção que possibilitam a sua emergência e as formações ideológicas¹¹ postas em jogo. Muitas vezes, tais posicionamentos promovem certa tensão na formação discursiva feminista, já que nem todas as correntes que a integram defendem a divulgação do feminismo como algo importante e necessário. É como se a explicação fosse motivo de enfraquecimento do movimento, pois se tem a ideia de que o feminismo não precisa agradar e sim revolucionar¹².

¹⁰Detalhamos mais adiante, na seção 3, como os sentidos sobre feminista enquanto mulher feia, mal-amada, masculinizada, histérica são recorrentes na sociedade patriarcal e como fazem parte da memória social.

¹¹ Para Pêcheux, formações ideológicas são “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (HAROCHE; PÊCHEUX et al, 1971, p. 102).

¹² Helô D’Angelo (2015), no Blogue *Eu, tu, elas*, escreve um artigo de opinião intitulado “O feminismo atual é um produto?”, no qual critica a divulgação do feminismo: “Ando muito cansada desse feminismo feito sob medida, embalado e pronto para a venda. Um feminismo que tem as cores de TODXS (mas sem de fato incluir *todas*), e que é cheiroso, descolado e emocionante como uma campanha da Dove, com o slogan “Pela real beleza”. [...] O problema é que, com a popularização do feminismo, parece que passou a existir um limite intransponível nessa luta. Como se houvesse uma forma *certa* de lutar e uma forma *errada*. Uma forma *bonita e aceitável* e uma forma *feia e*

Como as plataformas virtuais têm um poder de convocação e constituem-se como um “novo espaço de construção de coletivo de identificação” (ZOPPI-FONTANA; FERRARI, A., 2017, p. 7), na presente pesquisa, para analisarmos o funcionamento de discursos feministas, no ambiente virtual, escolhemos textos que tratam do feminismo em um blogue feminista para compor nosso *corpus* – Blogueiras Feministas (criado em 2010). Selecionamos textos do período de 2010 a 2015, por abranger os discursos de fundação dos blogues até o ano de maior busca pelo termo feminismo no *Google*, que é o ano de 2015. Nosso objetivo foi analisar, nas sequências discursivas selecionadas, os modos de dizer sobre as definições de feminismo e de feminista no ciberespaço e como os discursos circulantes no blogue analisado transformam o modo de existência histórica e de circulação discursiva, deslocando trajetos de sentido já estabilizados historicamente.

Recorremos à Análise de Discurso materialista como dispositivo teórico, por considerarmos que o discurso, como construção social, mobiliza, para se constituir, uma memória discursiva e, conseqüentemente, promove o esquecimento de outros discursos. Os discursos feministas que fizeram sentido na década de 1960 são atualizados nas redes sociais. Isso tendo em vista que as palavras fazem sentido porque fazem parte da história, já foram ditas em outros momentos e em outros lugares e retornam com novos sentidos. Vale lembrar que o sentido, para a Análise de Discurso materialista, não é transparente e varia de acordo com as condições de produção e seu relacionamento com a ideologia.

As redes sociais, assim como outros ambientes de circulação de discursos, constituem-se como um espaço simbólico, e o gesto interpretativo do sujeito leitor é determinado por sua relação com a memória. Um material em ambiente virtual sobre o feminismo contém possíveis dizeres que se atualizam e, a partir do efeito de esquecimento, deslocam a memória para significar. A Análise de Discurso, como teoria de base para este estudo, revela-se essencial por nos possibilitar a compreensão do funcionamento dos discursos circulantes sobre o feminismo. São as práticas discursivas que levamos em consideração, colocando o dito em relação

exagerada: um feminismo cheio de “deixa disso [...] Mas por que isso acontece? Porque o feminismo que cabe no capitalismo e no neoliberalismo *não pode* incomodar. **Ele tem que vender, pois se tornou um produto. Por isso, ele precisa conquistar o máximo de consumidores possível**: não só mulheres, que deveriam ser as principais a usufruírem dos frutos dessa luta, mas os homens também.”

ao não dito. Nosso objetivo é mostrar, por meio das análises dos dados coletados, como os sentidos são construídos na e pela linguagem, em práticas discursivas realizadas em ambientes propriamente virtuais e o que é possível dizer e não dizer, o que é da ordem do político e da ordem do tecnológico, que modificam os modos de dizer em um novo espaço, novo tempo e novos lugares digitais.

A tese está organizada em seis seções, seguidas de referências e anexos, sendo a primeira a introdução. Na segunda Seção, intitulada *Para uma análise dos discursos sobre o feminismo: quadro teórico de referência*, discutimos a constituição epistemológica da teoria de base do trabalho, a Análise de Discurso materialista no campo das ciências da linguagem, elencando noções importantes para a análise dos *corpus*, além de uma abordagem sobre a Formação Discursiva em relação à forma-sujeito feminista. Para entender o funcionamento do feminismo na Internet, ainda nessa seção, explicamos como se dão as condições de produção sócio-histórica dos discursos.

Na terceira Seção, intitulada *Feminismo: Interdiscurso, memória e historicidade*, fizemos um percurso histórico dos movimentos feministas e uma reflexão sobre como a memória discursiva é mobilizada para a construção do imaginário social sobre feministas. Retomar alguns aspectos da história das relações de gênero é fundamental para analisar como dizeres dos discursos da época do surgimento do feminismo se relacionam com os discursos atualizados nas redes sociais.

Na Seção 4, *O discurso feminista na web: escolhendo o corpus de análise*, apresentamos uma abordagem sobre o ciberespaço e os lugares dos ativismos na cibercultura, trazendo como teóricos Pierre Levy (1999) e Castells (1999; 2003), para compreendermos os novos lugares de circulação dos discursos. Descrevemos ainda os aspectos metodológicos para a escolha do *corpus*, na Análise de Discurso e os procedimentos analíticos.

Na Seção 5, *Os acontecimentos discursivos do feminismo na Internet e os modos de dizer de feministas no blogue*, fizemos uma análise dos modos de dizer o feminismo na web e os movimentos de sentidos que afetam a memória para significar. Verificamos ainda como o ciberespaço permite circular novas formas de discursividades, desestabilizando sentidos. Analisamos as diferentes vozes do feminismo no ciberativismo e as formas de subjetivação.

Nas *Considerações finais*, refletimos sobre como os novos modos de dizer do feminismo no ciberespaço deslocam trajetos de memória para dar um efeito de legitimidade aos sentidos historicamente interditados sobre feminismo e feminista. Consideramos também que o tecnológico e o político fazem parte do funcionamento dos discursos de divulgação do ciberativismo feminista na disputa por dominância de sentidos.

2 PARA UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O FEMINISMO: QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

No livro *História das Mulheres – Feminismo e Política na Bahia*, Cláudia Andrade Vieira (2015) traça a trajetória do movimento de mulheres no estado, nas quatro primeiras décadas do século XX, e investiga como as ativistas definiam o feminismo, diferentemente da concepção feminista difundida nas décadas de 1970 e 1980, até hoje dominante, que questiona os valores patriarcais da família nuclear¹³. Segundo a autora, a “promoção da mulher como mãe, como educadora e auxiliar médica serviu como ponto de apoio para as principais correntes feministas do século XIX” (VIEIRA, 2015, p. 132). Tal entendimento sobre a mulher enquanto “rainha do lar” predominou nas primeiras décadas do século XX.

As feministas da década de 1930, no Brasil, consideravam a maternidade como “missão mais sublime” e tinham como dever “aperfeiçoar” o lar, engrandecer a família e a humanidade. Tal idealização do sujeito feminista pautava-se na “natureza feminina”, como a mulher tendo maior senso de justiça, generosidade, abnegação e conduta inquestionável (VIEIRA, 2015). A feminista desta década, Edith Gama e Abreu (GAMA e ABREU *apud* VIEIRA, 2015), para esclarecer o que é o feminismo, definiu primeiro o que não é uma feminista, ao classificar dançarinas, torcedoras dos desportos como escandalosas. Segundo ela, o estado civil de subordinação da mulher não poderia ser transformado por algo ainda pior, como um desinteresse pelo lar ou um desequilíbrio educativo da sociedade. Gama e Abreu, em um contexto conservador, com muito menos liberdade para as mulheres que na atualidade, posiciona-se discursivamente definindo que feminista não pode ser escandalosa nem dançarina, pois não condiz com o que se espera de uma mulher “de família” na sociedade patriarcal. A feminista precisa lutar pelos direitos das mulheres, ao mesmo tempo em que assume papéis esperados de uma mulher na sociedade. Tal posicionamento contrasta com os de certas correntes feministas de hoje, que pedem respeito a todas as mulheres, sejam elas dançarinas, trans, negras etc. Vieira (2015), no entanto, conclui que tais ativistas não deixam de ser feministas, pois a luta por direitos está relacionada às condições sócio-históricas ideológicas.

¹³ Na seção 3, traçamos as características das correntes feministas com mais detalhes.

Diante deste cenário, percebemos que os sentidos sobre o feminismo não são estabilizados. Muito antes da década de 1930¹⁴, já havia uma preocupação de se explicar o que é ser feminista, com o intuito de evitar “mal entendido”, em torno do vocábulo. Isso porque o feminismo questiona discursos patriarcalistas e, conseqüentemente, há um contra-ataque aos discursos feministas, definindo as militantes como sendo contra a família e a maternidade. O incômodo por parte de muitas ativistas de se intitularem feministas revela o quanto os sentidos sobre o feminismo têm sido ressignificados.

Ainda hoje, tal incômodo persiste. Em uma pesquisa realizada em 2009/2010¹⁵ (LIMA, 2011), com mulheres que atuavam como representantes na Rede de Atenção às Mulheres de Salvador, a autodenominação de “feminista” era motivo de desconforto para a maioria das entrevistadas, mesmo atuando para a promoção de igualdade de gênero, o termo não lhes “caía” bem. Tal incômodo chamou a atenção da pesquisadora, por se tratarem de mulheres que lutavam por direitos femininos. Como militarem a favor da causa e não se reconhecerem feministas? Neste mesmo período, surgem, nas redes sociais, movimentos de valorização do feminismo. A autoidentificação como feminista alcançou jovens que nunca tinham tido contato com clássicos feministas. Páginas virtuais como “Moça, você é machista” e postagens como “Quem tem medo do feminismo?” convocam a sociedade a desconstruir discursos naturalizados e a se reconhecer como feminista. Em contrapartida, muitas páginas foram criadas sustentando o antifeminismo, como “Moça, não sou obrigada a ser feminista”, “Mulheres contra o feminismo”.

Há um deslizamento de sentidos sobre o que é feminismo, os quais são reformulados ao longo dos anos. Que relação se estabelece entre os posicionamentos sobre o feminismo das feministas da década de 1930, das representantes da Rede de Atenção à Mulher de Salvador, das feministas da Internet e de antifeministas? Não é a superfície linguística que nos dará resposta, mas sim o discurso.

A relação que há entre as palavras “feminismo” e “feminista” em diferentes lugares de dizer revela posições ideológicas em confronto e tensões no próprio movimento feminista. Os discursos que ecoam da década de 1930 impõem lugares.

¹⁴ Na seção 3, fazemos um panorama desses discursos.

¹⁵ Em 2011, a pesquisadora defendeu a dissertação de mestrado intitulada: “A fragmentação da forma-sujeito da mulher contemporânea: um estudo do discurso de trabalhadoras da Rede de Atenção às Mulheres de Salvador”, pelo PPGEL-UNEB.

O que nos interessa neste estudo são os discursos materializados nas postagens do blogue, que fazem eco com discursos já-ditos em outros lugares e os ressignificam; é analisar como funcionam os discursos do ciberativismo feminista de desconstrução dos sentidos patriarcalistas sobre o feminismo.

Cabe aqui analisar as várias maneiras de significar o feminismo, compreendendo “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico” (ORLANDI, 2005, p. 15). A análise se preocupa com os movimentos de interpretação que constroem, sob modos diferentes, o feminismo. É a Análise de Discurso que pode contribuir com este olhar para o discurso feminista sobre o próprio feminismo e o que é ser feminista. Discorreremos a seguir sobre como a Análise de Discurso se estabelece no campo das ciências da linguagem e a especificidade desta teoria que se constitui como nosso dispositivo teórico-analítico.

2.1 A CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA ANÁLISE DO DISCURSO NO CAMPO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

“[...]Independentemente de existir ou não ciência, independentemente de existir ou não filosofias, idealistas ou materialistas, os homens falam, as línguas existem, seu estudo objetivo (científico) é possível e, aliás, parcialmente realizado hoje em dia – declaração pela qual o leitor atesta, de maneira implícita, o caráter espontaneamente materialista da Linguística como prática científica nos limites de seu domínio [...]”
Michel Pêcheux, ([1975] 2009)

A complexidade do fenômeno linguístico vem, há muito, desafiando a compreensão dos estudiosos. Isso porque a língua/linguagem sempre exerceu sobre o homem / a mulher um fascínio, que vem do poder que lhe permite não só nomear/criar/transformar o universo real, mas que também lhe possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu, poderá vir a existir e até mesmo imaginar o que não precisa nem pode existir (PETTER, 2004).

A língua enquanto um objeto observacional desencadeia diferentes olhares, que provocam divergências metodológicas e ontológicas quando passa a ser o objeto teórico (BORGES NETO, 2004). Desde a antiguidade clássica, estudiosos

sugerem interpretações que reflitam a natureza e funcionamento das línguas, a partir de diferentes perspectivas, com um grande número de propostas de tratamentos dos fatos linguísticos.

E a definição do objeto da linguística muito tem a ver com o objetivo, a inquietação do pesquisador. Toda teoria linguística, portanto, na construção de seu objeto teórico, presume uma resposta ao problema ontológico da língua. Sendo assim, “não há objeto natural delimitado anteriormente a qualquer opção – ou trabalho teórico – ‘prontinho’ para ser investigado” (BORGES NETO, 2004).

Há, no entanto, um conjunto de teorias atualmente em concorrência, que opõe, de um lado, os linguistas que homogeneizam o objeto de estudos e “autonomizam” a linguística e, de outro, os linguistas que trabalham com objetos heterogêneos e a interdisciplinam. A partir destas visões divergentes, é possível compreender que as opções teórico-metodológicas não só delimitam o objeto como também determinam a estruturação interna das teorias. Temos, então, dois grandes polos nos estudos linguísticos no cenário atual convivendo em confronto e aproximações. São eles: o formalismo e o funcionalismo¹⁶.

De forma geral, os estudos pautados no formalismo linguístico consideram a língua enquanto autônoma, devendo ser estudada por ela mesma, centrando-se no estudo da forma linguística, sem considerar o seu exterior. Tem como representantes: Bloomfield, Harris, Chomsky e Saussure (este pelo fato de ter privilegiado o sistema). Já as teorias consideradas funcionalistas, como a Sociolinguística, preocupam-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas, pois concebem a linguagem como um instrumento de interação social. Esses dois paradigmas opõem-se nos seus objetos de estudo, constituindo foco de polêmicas, como se os enfoques linguísticos fossem excludentes entre si.

Borges Neto (2004) cria uma metáfora para sintetizar o conflito formalismo x funcionalismo: a questão de se saber qual a origem da forma da lâmina do machado. Para um funcionalista, é a função, o papel a que se destina, o que

¹⁶ Pêcheux (2010, p. 60) comenta: “Ora, o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo a *função* de exprimir sentido; ela se torna um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento* (retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da linguística, diremos que não se deve procurar o que cada parte *significa*, mas *quais são as regras que tornam possível* qualquer parte, que se realize ou não).”

determina a forma da lâmina do machado. Já o formalista vai dizer que a função da lâmina do machado é que é determinada por sua forma. De fato, essa é uma questão que depende do olhar do pesquisador e buscar respostas nos trará a mesma problemática “ovo/galinha”. Embora Borges Neto (2004) encaminhe o seu texto para atribuir um “papel epistemológico superior à abordagem formalista”, faz-se necessário compreender que, em muitos trabalhos, é possível unir os dois polos, considerando a forma e o uso concomitantemente, além de considerar o funcionamento da língua. Sabemos que muitos estudos têm sido realizados, promovendo uma união desses dois paradigmas linguísticos¹⁷, enquanto outros ainda os isolam. Além disso, há também um novo paradigma estabelecido, o materialista, no qual se situa este trabalho, que descreveremos mais adiante. A história da ciência não é linear, não há uma sucessão de fatos para se chegar a um estágio “evoluído”. As teorias nascem em determinados momentos históricos e podem ser transformadas/ressignificadas em outras circunstâncias. Isso não significa que uma disciplina deverá excluir a outra; o que acontece, muitas vezes, é uma ruptura, processo natural do “fazer ciência”. Afinal de contas, há relações de força e de poder que atravessam todos os campos teóricos.

A Análise do Discurso pecheutiana, portanto, não se encaixa em nenhum dos dois paradigmas linguísticos, pois a forma e o conteúdo não se separam nos estudos do discurso. A língua é entendida como acontecimento, não apenas como estrutura, “reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história.” (ORLANDI, 2005, p. 19). Nesta perspectiva, a Análise do discurso é considerada, então, materialista (ORLANDI, 2013), não se constituindo nem formalista nem funcionalista, pois se interessa pela língua em funcionamento. Pêcheux (2009), em *Semântica e Discurso*, questiona as evidências fundadoras da Semântica para elaborar uma teoria materialista. O autor identifica que a Semântica, enquanto parte da Linguística, “constitui o ponto nodal das contradições que a atravessam e a organizam em forma de tendências, direções de pesquisa, ‘escolas linguísticas’ etc.” (PÊCHEUX, 2009, p. 18) que encobrem essas contradições; a Linguística, por esse

¹⁷ Exemplo disso é o da gerativista Mary A. Kato (1988), que, em seu texto “Formas de funcionalismo na Sintaxe”, visa desmistificar a ideia de que os paradigmas são excludentes e demonstrar que há mais de uma forma de funcionalismo, as quais também estão em posições de contraste. A autora faz a distinção entre funcionalismo direcionado a um modelo abstrato de uso da língua (Língua – I) e funcionalismo direcionado à língua tal como ela se manifesta em seu uso efetivo (Língua – E).

motivo, tem a ver com a Filosofia. Pêcheux chama a atenção para a situação da Linguística na época, identificando três tendências: a formalista logicista, com as teorias “gerativas” de Chomsky, a qual é a dominante; a tendência histórica (linguística histórica tradicional e teorias da variação e mudança linguística) e a tendência da “linguística da fala” ou da enunciação, do texto. Esta marca uma transgressão na linguística. As três tendências mantêm uma relação de contradição, pois a língua está ligada contraditoriamente, enquanto sistema, ao mesmo tempo: “à ‘história’ e aos ‘sujeitos falantes’ e essa contradição molda atualmente as pesquisas linguísticas sob diferentes formas, que constituem precisamente o objeto do que se chama a ‘semântica’” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 20). A ideia de Pêcheux não é criar a quarta tendência para resolver a contradição, mas desenvolver a contradição no interior do materialismo histórico sobre uma base material (PÊCHEUX, [1969] 2010).

A tendência formalista não considera a língua histórica, mas um sistema, uma estrutura e é por esse motivo que é o objeto teórico da Linguística. Fazer referência à história só se justifica, segundo Pêcheux ([1975] 2009), pelo viés da análise “materialista do efeito das relações de classe sobre o que se pode chamar as “práticas linguísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 23). Pêcheux pretendeu contribuir para transformar o estudo da linguagem desde que considerasse as contradições como efeitos derivados da luta de classes. O que motivou o autor foi o objetivo de compreender como a “mesma língua” autoriza “funcionamentos do ‘vocabulário-sintaxe’ e de ‘raciocínios antagonistas’” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 24).

A língua tem um funcionamento parcialmente autônomo, pois tem regras próprias, mas funciona a partir de determinadas condições de produção. Apesar de considerar a língua também em seu aspecto formal¹⁸, a Análise do Discurso afasta-se das demais teorias, ao voltar o olhar sobre o discurso e não exclusivamente sobre a língua, sendo esta um acontecimento histórico do significante. Pêcheux (2009) opõe a base linguística do processo discursivo, ao dizer que “todo sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma *autonomia relativa* que o submete a leis internas, as quais

¹⁸ “Existe uma base linguística regida por leis internas (conjuntos de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas) sobre a qual se constituem os efeitos de sentido.” (PÊCHEUX, 1975/1988)

constituem, precisamente, o objeto da Linguística” (PÊCHEUX, 2009, p. 81). E os processos discursivos se desenvolvem sobre a base das leis internas do sistema linguístico. Não se pode confundir, entretanto, a discursividade com a fala, pois não é o uso que está sendo considerado, “muito pelo contrário, a expressão *processo discursivo* visa explicitamente a recolocar em seu lugar (idealista) a noção de fala (*parole*) juntamente com o antropologismo psicologista que ela veicula” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 82).

Ao analisarmos o questionamento “feminismo para quê?”, do ponto de vista discursivo, não estacionamos no formal de uma frase ou numa mera conversação entre indivíduos. Analisamos por que essa pergunta é recorrente em determinadas condições de produção do discurso e quais os sentidos que a sustentam e nos detemos, quais os já-ditos sobre o feminismo que fazem com que o questionamento produza efeitos de sentido. A AD se interessa pelo funcionamento do discurso e não pelo efeito de objetividade prévio. Sendo o funcionamento definido como um discurso determinado por um sujeito histórico, para um interlocutor ou interlocutores que ocupam lugares sociais, em determinadas condições de produção que propiciam o acontecimento discursivo (ORLANDI, 2008).

Esta questão “feminismo para quê?”, que motivou a pesquisa para a tese, deve ser analisada levando em conta que há distintas relações de força a respeito da necessidade, ou não, do feminismo na sociedade. Enquanto há um discurso machista, vinculado a uma formação ideológica patriarcalista de que feminismo é busca por privilégios para as mulheres, há um discurso feminista que reivindica a legitimidade do movimento. É preciso considerar também que a sociedade é estruturalmente patriarcal ao mesmo tempo em que movimentos sociais têm grande expansão com as redes sociais, o que promove um constante debate e recorrência do questionamento “feminismo para quê?”, seja para reafirmar ou refutar o movimento.

Pêcheux (2010, p. 59) relembra que até o marco da ciência linguística, com o *Curso de Linguística Geral* ([1916] 2006), estudar a língua, na maioria das vezes, era estudar textos:

E colocar a seu respeito questões de natureza variada provenientes, ao mesmo tempo, da prática escolar que ainda é chamada de compreensão de texto, e da atividade do *gramático* sob modalidades normativas ou descritivas; perguntávamos ao mesmo tempo: “De que

fala este texto?”, “Quais são as ‘ideias’ principais contidas neste texto?” e “Este texto está em conformidade com as normas da língua na qual ele se apresenta?”, ou então “Quais são as normas próprias a este texto?”. Todas essas questões eram colocadas simultaneamente porque remetiam umas as outras: mais precisamente, as questões concernentes aos usos semânticos e sintáticos colocados em evidência pelo texto ajudavam a responder às questões que diziam respeito ao sentido do texto (o que o autor “quis dizer”). Em outros termos, a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo *ciência da expressão e ciência dos meios desta expressão*, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber, a compreensão do texto, da mesma forma que, no próprio texto, os “meios de expressão” estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer-se compreender). (PÊCHEUX, 2010, p. 59-60)

A conjuntura histórica dos anos 1960 propiciou novamente o interesse pelo estudo do texto, ultrapassando os limites da frase, o que motivou o surgimento de teorias como a Linguística Textual, a Semiótica e a Análise de Discurso. No entanto, a mudança de objeto operada pela Análise do Discurso não foi tranquila como a da Linguística Textual — que apenas mudou o nível de análise, como uma extensão da linguística da frase. As teorias do texto consideram os conhecimentos compartilhados entre interlocutores, o conhecimento de mundo e o leitor como produtor de coerência do texto. A AD entende que o sentido do texto se dá por sua inserção em uma formação discursiva em determinadas condições de produção, relacionando-o com uma memória discursiva e o interdiscurso. Lagazzi (2011) define o leitor como constituído no jogo de sentidos, por isso não é possível considerar um sentido literal, pois o leitor é pego na evidência das interpretações, na materialidade significante do texto. Os sentidos são produção na história em suas condições de produção. O sentido nunca é único, um mesmo texto poderá ter diferentes interpretações em diferentes condições de produção e o texto pode ser dito de outra forma, em processo de paráfrase, mesmo mantendo a mesma interpretação, poderá apontar para outras possibilidades de sentido, pois a interpretação envolve esquecimentos e silenciamento (LAGAZZI, 2011).

Os textos publicados nos blogues feministas, enquanto materialidades discursivas, não podem ser analisados de forma literal. As posições historicamente constituídas pelos enunciadores são posições ideológicas, o que faz relação entre o que se diz e o que já foi dito da mesma posição. O leitor constitui-se no jogo de sentidos sobre o feminismo e sobre feministas, que não são apenas os

dicionarizados, mas aqueles constituídos historicamente. O que faz com que, em determinadas condições de produção, os sentidos de feminismo tenham uma relação de semelhança com o machismo e em outras condições de produção, o feminismo produza um efeito de sentido de oposição ao sistema patriarcal.

A especificidade da Análise de Discurso (doravante AD) está na relação que faz da língua com a ideologia, afastando-se do positivismo da linguagem (ORLANDI, 2013), pois a língua não é transparente. A AD não se aproxima do descritivismo objetivo da língua, mas observa o sujeito no mundo, clivado entre o consciente e o inconsciente, não aceitando o sentido transparente, já estabelecido. Lagazzi (2011) lembra que a nossa sociedade é movida a informação e por isso a evidência do conteúdo é bem presente, o que faz com que perguntas sobre as intenções do autor, ideias principais do texto sejam mais formuladas do que outras, como “o que este texto não discute?”. Esta é uma pergunta que remete o texto para outros percursos de leitura, para fora da questão de sua coesão e da sua coerência, ajudando-nos a desconfiar de tudo o que possa ser afirmado como óbvio (LAGAZZI, 2011, p. 277).

Com as redes sociais, o modo de ler o óbvio, o sentido evidente é uma prática comum na cibercultura. A busca por informações rápidas e a leitura dinâmica fazem parte do processo de subjetivação. Na nossa pesquisa, compreender os gestos de leitura dos discursos circulantes no blogue e as interdições a outros discursos se torna indispensável para analisar o funcionamento dos discursos feministas. Analisar “o que o texto não diz”, o que o texto interdita faz parte da análise do funcionamento do discurso.

Assim funciona o paradigma materialista. Orlandi (2013) considera a formulação do discurso enquanto um novo objeto nas ciências da linguagem como o grande acontecimento teórico nos anos 1960, por relacionar linguagem com ideologia. Isso porque “depois da análise de discurso, nenhuma ciência se pensa sem pensar no discurso. Essa é a força desse objeto discurso e do que pode fazer uma boa teoria. (M. Pêcheux)”. (ORLANDI, 2013, p. 20). Como afirma Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. A ideologia, por sua vez, materializa-se no discurso e este se materializa na língua. Essa interconexão transforma a língua em um objeto muito além da superfície, do formal. A análise dos sentidos torna-se portanto essencial nos estudos discursivos.

O surgimento da AD no campo das teorias da linguagem não aconteceu de forma natural e sem conflitos. Orlandi (2012, p. 21-22) explica que os linguistas

brasileiros “não aceitam que uma forma de conhecimento materialista sobre a linguagem, que ignora que o positivismo se forme contraditoriamente no seu interior”. O que fez com que logo censurassem a análise de discurso, com o contra-argumento de que não era ciência. Orlandi continua:

“Fazer a linguística formal era legitimar-se face aos modelos. Considerar, como diz Pêcheux, que a questão do sentido não é apenas mais um nível de análise linguística, mas o ponto nodal em que a linguística tem a ver com as ciências sociais e com a filosófica, não era sério. [...] Este sempre foi o lugar da ruptura e da polêmica no Brasil: o da materialidade da língua, do sujeito, da história, do sentido, afetados pela relação do inconsciente com a ideologia. Entre o empírico e o abstrato, coloca-se, com a análise de discurso, o lugar do material. Não a evidência, nem a transparência: o material concreto” (ORLANDI, 2012, p. 21-22).

A AD, portanto, não é linguística, pois rompe com o modo de se fazer linguística, constituindo-se como uma teoria de entremeio, relacionando a Linguística às Ciências Humanas e Sociais e ainda a Linguística com o Marxismo e a psicanálise. A AD trabalha as contradições dessas disciplinas, não uma simples junção. A teoria da leitura proposta pela AD afasta-se do modo de leitura concebido pela Análise de Conteúdo, que busca apenas informações linguísticas do texto, afastando-se também da Filologia, quando esta investiga as intenções do autor e pretende fixar sentidos. A AD questiona a língua como unívoca e o sujeito como dono do seu dizer e os sentidos únicos, os dicionarizados. A seguir, retomamos a conjuntura sócio-histórica de constituição da Análise de Discurso materialista, para compreendermos a importância da teoria para o nosso trabalho.

2.2 A ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA

A Análise de Discurso nasce, enquanto disciplina, na década de 1950, com o método distribucional de Zellig Harris, publicado como *Discourse Analysis*, na *Language*, nº28, em 1952¹⁹. Embora avance na análise do texto, ultrapassando a análise da frase para a dos enunciados, Harris não aponta para um estudo que

¹⁹ Segundo Faraco (2003), o artigo de Harris foi publicado posteriormente no livro *The structure of language*, em 1964, editado por Fodor e Katz e publicado na revista *Language* número 13, em 1969, mesmo período em que Pêcheux lança a sua proposta de Análise Automática do Discurso (1969).

considere as condições de produção sócio-históricas do discurso. A análise de discurso, até então, com Harris, tem um velho método que recorta o objeto linguisticamente, o qual é analisado enquanto imanente, este estudo que se distingue das outras teorias apenas em sua extensão. Embora o autor reconheça a relação entre discurso e situação social, considera os estudos desta correlação situados fora da análise linguística (FARACO, 2003). Mesmo sendo ainda uma análise intralinguística, tal método, no entanto, inspirou Pêcheux na criação do dispositivo da Análise Automática do Discurso (AAD).

O projeto da AAD nasce no final dos anos 1960, no período em que o Estruturalismo está no auge, na França, um paradigma de formatação do mundo, das ideias, que inspirou intelectuais de diversas áreas, inclusive da linguística, com o Estruturalismo Linguístico. Este, com Ferdinand de Saussure como grande nome, reúne um conjunto de ferramentas para se estudar a língua no seu aspecto formal, o que credencia a Linguística como ciência-piloto das ciências humanas. Saussure atribuiu o rigor do método, o que, na época, serviu para reconhecimento científico, muito valorizado pelas áreas de maior prestígio acadêmico, como as ciências exatas e naturais. A conjuntura teórico-política centrava-se, além do estruturalismo filosófico, na ideologia e na leitura dos discursos.

O estruturalismo filosófico dos anos 1960 questionava o empirismo da leitura, com bandeiras tais como “leitura de sistemas” e “teoria do discurso” (PÊCHEUX et. al., 2010). Para a construção do dispositivo AAD, Pêcheux tinha como referências (tanto para se inspirar quanto para questionar) teóricos voltados para o estruturalismo filosófico dos anos 1960, em torno da ideologia, tais como: Levi-Strauss, Foucault, Barthes e Althusser. Tais autores problematizavam as ideias dominantes da época:

- Os “restos”, que não estavam tão mal (e que demoram a morrer!), de um espiritualismo filosófico adepto de uma concepção religiosa da leitura: da hermenêutica literária, perseguindo os “temas” através das “obras”, à concepção fenomenológica do “projeto” como projeção de sentido sobre a matéria verbal, pelo poder constituinte do sujeito-leitor...a ideia de que o sentido dos textos é o correlato de uma consciência-leitora instalada numa subjetividade “interpretativa” sem limites.
- Mas também as formas secularizadas, mais cotidianas, daquela prática espontânea da leitura que, sob as múltiplas formas da “análise de conteúdo”, estava invadindo as ciências humanas.

- E, finalmente, o objetivismo quantitativo reagindo aos espiritualismos impressionistas por uma referência ao sério das ciências e, em primeiro lugar, nessas circunstâncias, as teorias da informação: o projeto de tratar os textos como população de palavras, suscetíveis de uma espécie de demografia estatística dos textos (tal como ela se realiza, por exemplo, nos estudos lexicométricos). (PÊCHEUX et al., 2010, p. 251-252)

Para se constituir como ciência, a linguística saussureana diferenciou a língua (sistêmica e abstrata) da fala (variável), optando pelo estudo da língua, por ser objetivamente apreendida. O projeto da AAD combate a automatização da língua e concebe a significação como sendo da ordem da fala, do sujeito, e não da ordem da língua, pois sofre alterações a partir das posições dos sujeitos. Afastando-se da dicotomia saussureana, Pêcheux inclui nos estudos o sujeito, que há muito tinha sido excluído, e entende sujeito e sentido como sendo históricos e ideológicos, ao propor uma semântica do discurso, com as condições sócio-históricas de produção como constitutivas dos sentidos.

A linguística impõe-se com relação às ciências humanas, como uma ciência com leis e regras, por isso, o estruturalismo francês fez da linguística a ciência-piloto. Considerando a língua como relativamente autônoma, ao se fazer um recorte na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo, é possível estudar suas regularidades, pois o exterior, que é irregular, não afeta o sistema. Paul Henry (2010) atenta para o fato de que os estruturalistas tiveram como referência a linguística para definir seus métodos, o que fez com que os conceitos linguísticos fossem utilizados nas ciências humanas e sociais, de tal forma que as análises deveriam seguir como base as análises linguísticas.

Pêcheux se interessava pela atitude não reducionista da linguagem no estruturalismo linguístico. A partir de uma análise da situação teórica nas Ciências Sociais como pré-científicas, Pêcheux, com o projeto da AD, propôs abrir uma fissura no campo das Ciências Sociais (HENRY, 1990), constituindo-a como disciplina de entremeio, na articulação entre três campos do conhecimento: o materialismo histórico (teoria das formações sociais); a linguística (mecanismos sintáticos e de enunciação); e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Todos eles atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2010). É

importante frisar que Pêcheux não apenas fez uma junção dessas teorias, mas as questionou: a linguística, pela historicidade que ela apaga; as ciências sociais, interrogando a transparência da linguagem, e a psicanálise, ao entender a opacidade do sujeito, o qual não é transparente nem para si mesmo (ORLANDI, 2010).

Pêcheux entende que a teoria do discurso não pode ocupar o lugar das teorias citadas, mas pode intervir em seus campos (HENRY, 2010). Estudiosos como Jakobson e Benveniste abrem caminho para Pêcheux se voltar para romper com o modo de se fazer linguística²⁰ até então, com a reformulação do esquema de comunicação, ao propor um quadro das condições de produção, com antecipações e imagens, quando não considera o discurso como mera transmissão de informação. Para Pêcheux ([1988]2009), o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores. Os sentidos do discurso nem sempre serão aqueles pretendidos pelo sujeito, os quais não têm domínio sobre os sentidos do que dizem. Os textos do blogue que compõem o nosso *corpus* não podem ser analisados apenas pelas mensagens enviadas pelos sujeitos do blogue aos leitores, sem interferências, transmitidas e recebidas do modo pretendido, ou seja, uma explicação do feminismo que será simplesmente compreendida pelo interlocutor. Nessa relação entre interlocutores, há uma série de fatores que favorecem a produção dos efeitos de sentido. Por que há um discurso de explicação do feminismo? Que imagem de feminista os sujeitos discursivos criam de si e acreditam que a sociedade cria deles? Todas essas questões analisamos nesta seção, mais adiante. As formações ideológicas postas em jogo, em determinadas condições de produção (CP), interferem no entendimento dos sujeitos para a compreensão/aceitação ou não daquilo que se diz. E não há uma relação linear entre o enunciador e o destinatário.

Pêcheux considera que uma ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia (ou ideologias com as quais ela rompe). A posição filosófica do autor na linha de Bachelard, Canguilhem e Althusser é uma visão crítica em relação à forma tradicional de abordagem da ciência pela filosofia. Por ser Pêcheux um filósofo fascinado pelas máquinas, pelas técnicas, ele acreditava que a tradição filosófica é

²⁰ Embora a AD não possa ser considerada enquanto linguística, Michel Pêcheux, em 1975, faz uma reflexão com a linguista Catherine Fuchs, em “A propósito da Análise Automática do discurso”, atualizando a AAD com novas perspectivas, fazendo relação entre a linguística e a teoria do discurso.

desprovida de sentido, ou simplesmente um fracasso, por se pretender legislar, garantir cientificidade, legitimidade epistemológica etc. A crítica unicamente filosófica das ciências sociais não basta, “mesmo estando convicto de que as ciências não são ciências e não são nada mais que ideologias. Para ele, a única crítica válida a tais ideologias é a ciência ou as ciências, do terreno ou do domínio que elas ocupam” (HENRY, 2010, p. 17-18).

A ligação entre o discurso e a prática política, perpassados pela ideologia, é o interesse principal de Pêcheux, ao propor a AAD. O autor busca em Althusser (1974) base para estudar a ideologia, este que faz uma releitura de Marx, a partir de uma teoria das ideologias com base na história das formações sociais e nos seus modos de produção, considerando as lutas de classe. O modo de produção da sociedade capitalista é a base econômica, que é chamada de infraestrutura, e as instâncias político-jurídicas e ideológicas são denominadas superestrutura.

Althusser (1974) considera que a infraestrutura determina a superestrutura, em outras palavras, a base econômica determina o funcionamento das instâncias político-jurídicas e ideológicas de uma sociedade. A ideologia perpetua a base econômica que a sustenta. Althusser, inicialmente, afirma que a classe dominante gera mecanismos de reprodução das condições ideológicas, políticas e materiais de exploração. Com a concepção materialista, o autor descreve dois mecanismos de manutenção de poder da classe dominante, a que ele dá o nome de aparelhos do Estado, que intervêm para garantir que a classe dominada submeta-se às relações e condições de exploração. São os Aparelhos Repressivos do Estado - ARE, como o governo, o Exército, a polícia etc.; e os Aparelhos Ideológicos do Estado - AIE, com a igreja, a família, o direito etc. Embora tanto o AIE quanto o ARE funcionem também pela repressão e pela ideologia, há certa dominância: os AIE funcionam massivamente pela ideologia e, nos ARE, prevalece a repressão.

Althusser (1974) postula que a reprodução das relações de produção pode ser representada como uma “divisão do trabalho”: o Aparelho Repressivo de Estado tem o papel de assegurar as condições políticas de reprodução das relações de produção por meio da força. Segundo o autor, “não só o aparelho de Estado contribui largamente para se reproduzir a ele próprio (existem no Estado capitalista dinastias de homens políticos, dinastias de militares, etc.) as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1974, p. 55-56).

Na segunda parte do livro, Althusser rompe com a convicção de que a ideologia deve ser estudada como ideias. O enfoque não é mais os AIE, com a ideologia dominante, opondo-se à ideia simplista de ideologia como representação mecânica da realidade. O autor entende que a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência (ALTHUSSER, 1974). A ideologia tem existência material, porque a prática só existe através de uma ideologia, pois esta se materializa nos atos concretos, através do sujeito e para o sujeito. Para Althusser (1974, p. 94), “toda ideologia tem por função constituir os indivíduos concretos em sujeitos”. É sobre esse raciocínio que Pêcheux irá estabelecer relações com a AD, com indivíduos interpelados em sujeitos concretos pela ideologia. O funcionamento da ideologia se dá de tal maneira que os indivíduos são transformados em sujeito, pela interpelação, como um chamado que o indivíduo atende. Althusser compara a interpelação a uma cena em que alguém chama um indivíduo, e o simples fato de ele olhar para o interlocutor já faz dele um sujeito, porque reconheceu o chamado “porque reconheceu que a interpelação se dirigia “efetivamente” a ele, e que “era de facto que ele era interpelado” (e não outro)” (ALTHUSSER, 1974, p. 98, 99, 100).

As mulheres escritoras do blogue aqui visitado são interpeladas ideologicamente em sujeitos feministas e os discursos produzidos nesta relação de interpelação é que consideramos na análise, pois materializam a ideologia ou as formações ideológicas. Na Análise discursiva, não nos interessa saber quem são as autoras, mas de que lugares se posicionam, e como são interpeladas ideologicamente. A ideologia promove, a partir dos processos históricos, um “desconhecimento de sentidos” e não uma ocultação da realidade (ORLANDI, 1990), como se uma palavra ou expressão tivesse apenas um sentido.

No materialismo histórico, Pêcheux se interessa pela superestrutura ideológica, relacionada ao modo de produção dominante na formação social considerada (PÊCHEUX, 2010):

Esta reprodução contínua das relações de classe (econômica, mas também, como acabamos de ver, não econômica) é assegurada materialmente pela existência de realidades complexas designadas por Althusser como “aparelhos ideológicos do Estado”, e que se caracterizam pelo fato de colocarem em jogo práticas associadas a lugares ou a relações de lugares que remetem às relações de

classes sem, no entanto, decalcá-las exatamente. (PÊCHEUX, 2010, p. 163)

Os Aparelhos Ideológicos do Estado como Família, Igreja, Escola, são importantes para entendermos como funcionam os discursos sobre os papéis sociais da mulher e do homem na sociedade patriarcalista e cristã. O Estado, a partir de leis, legitima papéis sociais, a família sustenta dogmas da igreja e a Escola forma as divisões de papéis.

Além do estruturalismo e do materialismo histórico, como bases para o estabelecimento da AD, a psicanálise lacaniana também compõe o quadro epistemológico. Pêcheux se interessa pelo conceito de sujeito, pelo modo como ele se estrutura a partir da relação com o inconsciente. Com a descoberta do inconsciente por Freud, o estatuto do sujeito sofre uma grande transformação, ao ser concebido como entidade não homogênea, mas um sujeito clivado entre o consciente e o inconsciente. A partir de uma releitura de Freud, Lacan interessa-se pelo inconsciente, definindo-o como estruturado como uma linguagem, como uma cadeia de significantes, que interfere no discurso e afirma que o discurso é sempre atravessado pelo discurso do inconsciente (Outro). Embora se apoie no estruturalismo linguístico para desenvolver a tese do inconsciente a partir de uma estrutura discursiva regida por leis, Lacan rompe com o estruturalismo ao questionar a “completude” do sistema e dimensionar o Outro como dominante em relação ao sujeito. Veremos mais adiante a noção de sujeito trabalhada pela AD.

A AD considera, portanto, a língua como acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história, clivado entre o consciente e o inconsciente. A AD não deve ser considerada como interdisciplinar, ou uma disciplina auxiliar, mas uma disciplina de fronteira, como indica Orlandi (2005), uma disciplina de entremeio, que provoca um deslocamento de terreno, na qual os conceitos das áreas de psicanálise, linguística e marxismo se ajustam à especificidade da rede de discurso.

A AD entende que os discursos não têm sentidos estabilizados; os sentidos, os quais deslizam e se transformam, promovendo, muitas vezes, rupturas ideológicas que possibilitam novas discursividades, como é o caso dos sentidos sobre o feminismo, que ora aparecem como “luta por direitos iguais” ora como “busca por privilégios”. Para se produzir um discurso, há uma articulação entre o processo parafrástico e o polissêmico, enquanto fundamento da linguagem. O

parafrástico representa o mesmo sentido em diferentes formas de discurso. O polissêmico possibilita sentidos diferentes para um mesmo termo. No enunciado “ela é uma vadia”, o termo “vadia” estabelece uma relação parafrástica com “puta”, “vagabunda”. Essa palavra historicamente é carregada de sentidos negativos, quando atribuída a uma mulher. Os movimentos feministas têm ressignificando o termo em forma de protesto com a “Marcha das vadias”, estabelecendo um processo polissêmico, ao se subjetivar como “vadia”, a fim de relativizar o termo. Os processos parafrásticos e polissêmicos independem da vontade dos sujeitos. São da ordem do discurso e os efeitos de sentido nem sempre são os esperados.

A relação entre o mesmo e o diferente em tensão constitui as várias instâncias da linguagem. Segundo Orlandi (2008, p.20), a “polissemia é o conceito que permite a tematização do deslocamento daquilo que na linguagem representa o garantido, o sedimentado”. A ambiguidade da linguagem está em ser constituída sócio-historicamente, na mudança, e, ao mesmo tempo, em se manter a mesma. Orlandi (2008, p. 20) acrescenta: “expressa-se assim o conflito entre o garantido, o institucionalizado, o legitimado, e aquilo que, no domínio do múltiplo, tem de se garantir, se legitimar, se institucionalizar”.

A linguística sempre privilegiou o produto, ao invés do processo, por isso o trabalho com paráfrase. Na AD, postula-se que não é possível haver separação entre o produto e o processo. Tanto a paráfrase quanto a polissemia devem fazer parte do estudo da linguagem. Orlandi (2008) abandona a hipótese de sentido nuclear, como é hierarquicamente mais importante que outros, pois o contexto é constitutivo do sentido, “dessa forma, todos os sentidos são de direito sentidos possíveis e, em certas condições de produção, há de fato dominância de um sentido sem por isso se perder a relação com os outros (implícito)” (ORLANDI, 2008, p. 21). Neste trabalho, veremos que o termo feminismo, embora tenha um sentido oficial atribuído pelo feminismo e dicionarizado, outros sentidos fazem parte da história e, muitas vezes, têm relação de dominância com o feminismo enquanto busca por privilégios, numa sociedade patriarcal.

O discurso não é analisado como texto fechado em si mesmo, mas como conjunto de discursos possíveis, um objeto sócio-histórico, “a partir de um estado de condições de produção” (PÊCHEUX, 2010, p. 78). As condições de produção do discurso, veremos a seguir, não se resumem ao contexto imediato de comunicação, envolvem relações de força, formações imaginárias e a historicidade. O contexto

imediatamente interessa para a AD apenas quando funcionam ali condições sócio-históricas de produção.

Em um enunciado como: “Ela é feminista, mas é feminina”, a linguística imanente não pode dar conta desse *mas*, não necessariamente do sentido dicionarizado, de conjunção adversativa, mas de como ele funciona para produzir efeitos de sentido. Qual é a relação entre ser feminista e ser feminina nas condições sócio-históricas de produção deste discurso? Por que discursos como esse circulam e fazem sentido na sociedade? Para analisar o *mas*, não é possível considerar o texto como uma sequência linguística fechada sobre ela mesma, mas relacioná-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de suas condições de produção. O que interessa para a AD é como a conjunção adversativa *mas* funciona na Formação Discursiva Patriarcalista, que permite dizeres de que a mulher feminista é masculinizada, portanto, não feminina²¹.

Conforme Pêcheux,

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto, é, em relação transparente com a literalidade do significante, mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, [1988] 2009, p.146)

A partir do momento em que feministas lutam por direitos iguais e reivindicam lugares historicamente ocupados por homens, produz-se o discurso de que estas desejam ser iguais aos homens, tanto em direito quanto fisicamente, já que o feminismo faz uma crítica ao padrão de beleza imposto às mulheres, como forma de opressão. Tal relação permite dizeres como “ela é feminista, mas é feminina”, pois a ideia patriarcal de feminilidade tem a ver com a estética de frágil, delicada, bonita, curvilínea e vaidosa. Estas características não correspondem ao estereótipo de mulher feminista no discurso da sociedade patriarcal, considerada como masculinizada, macha e feia. Discursos como esse só são produzidos porque há condições de produção que lhes permitem que apareçam e não outros.

²¹ Na seção 3, fazemos uma análise dessa imagem de feminista enquanto masculinizada.

Courtine (2009) identifica três origens das condições de produção (CP): na Análise de Conteúdo, como praticada na psicologia social – indivíduo dentro da sociedade, representação social - para analisar textos, neste caso são as condições de produção dos textos; também na sociolinguística com Guespin (1971), reconhecendo as variáveis sociológicas responsáveis pelas CP do discurso, como o estado social, as condições sociais de comunicação; a terceira origem das CP se dá no texto de Harris (1952). É uma origem implícita, já que o termo “situação” é que aparece correlacionado ao termo discurso, no livro *Discourse Analysis*. Esta noção de “situação”, para a AD, é insuficiente e se aproxima da análise de conteúdo e da sociolinguística.

Courtine (2009) destaca dois conjuntos de definição das CP que vieram depois: a definição empírica, que se confunde com a situação imediata; e a definição teórica, que está intimamente relacionada à formação discursiva, que reformulou a noção perante AD. A noção empírica de CP, criada por Pêcheux, inscreve-se no quadro do esquema transformacional da comunicação montado por Jakobson (1976), na relação das formações imaginárias, como os lugares atribuídos pelos sujeitos e os lugares determinados na estrutura de uma formação social. Os lugares, por exemplo, de feminista, de mãe, de dona de casa, de chefe de família e de profissional são marcados por propriedades diferenciais determináveis, representados nos processos discursivos colocados em jogo, mas transformados, funcionando aí uma série de formações imaginárias que designam os lugares de quem produz o dizer e do outro, a imagem que fazem do lugar que ocupam e do lugar que o outro ocupa (PÊCHEUX, 2010). Courtine (2009), no entanto, considera essa definição empírica caracterizada pela psicologia e sociologia, não rompendo com as origens psicossociológicas da noção.

Pêcheux (2010) propõe designar o conjunto de mecanismos formais para a produção de um discurso, chamando-o de processo de produção:

Propomos designar por meio do termo processo de produção o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em “circunstâncias” dadas. Resulta do que precede que o estudo dos processos discursivos supõe duas ordens de pesquisas:
 - o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o “fundo invariante” da língua (essencialmente: a sintaxe como fonte de coerções universais). [...]

- o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso – que chamaremos daqui em diante suas condições de produção – e seu processo de produção. Esta perspectiva está representada na teoria linguística atual pelo papel dado ao contexto ou à situação, como pano de fundo específico dos discursos que torna possível sua formulação e sua compreensão[...]. (PÊCHEUX, 2010, p. 73)

Em cada processo discursivo, supõe-se a existência de formações imaginárias que interferem na produção dos efeitos de sentido. Pêcheux monta um quadro das formações imaginárias (PÊCHEUX, 2010, p. 82-83). Questionamentos como “Quem sou eu para lhe falar assim?”, “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, “Quem sou eu para que ele me fale assim?”, “Quem é ele para que me fale assim?” fazem parte do processo discursivo que permeiam as formações imaginárias. As representações imaginárias têm a ver com o mecanismo de antecipação que, conforme o autor, são constitutivas de qualquer discurso, “através das variações que são definidas ao mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza o ouvinte” (PÊCHEUX, 2010, p. 76-77).

As formações imaginárias, segundo Pêcheux (2010), resultam de processos discursivos anteriores que funcionaram em outras condições de produção, que dão lugar a novas tomadas de posição. A percepção do outro e de si mesmo é uma condição do discurso, “supomos que a percepção é sempre atravessada pelo “já-ouvido”, pelo “já-dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (PÊCHEUX, 2010, p. 85).

Sendo assim, as condições de produção dos discursos circulantes no blogue podem ser analisadas considerando-se tanto o contexto imediato quanto no sentido amplo. Podemos relacionar a situação imediata ao ciberespaço, o produto de uma sociedade pós-moderna, tecnologizada, como o suporte para a circulação do discurso, o blogue, o espaço para a voz das blogueiras, os sujeitos feministas que assinam as postagens, o período propício para a circulação de discursos feministas (no ano de 2015, o ano do feminismo nas redes sociais). O contexto amplo é a constituição histórica da sociedade no que diz respeito à mulher, aos homens, ao feminismo, o modo como as relações de gênero são percebidas, os sentidos sobre feministas etc.

As condições de produção se relacionam com o interdiscurso, o qual se define como tudo o que foi dito em outros lugares, independentemente. Tudo o que já se disse sobre o feminismo, sobre ser feminista, mulher, mãe e esposa estão significando ali no discurso analisado. Segundo Eni Orlandi (2005, p. 31): “O dizer não é prioridade particular. As palavras não são só “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Quanto maior a ilusão do sujeito em achar que sabe o que está dizendo, menos ele compreende os efeitos de sentido. Há um já-dito sustentando a possibilidade do dizer. Considerar isso é compreender o funcionamento do discurso.

A relação que há entre o já-dito e o que se diz é a mesma entre o interdiscurso e o intradiscurso, já que a constituição do discurso se dá a partir do interdiscurso, que são os já-ditos antes, em outros lugares, logo relacionado à memória, em relação ao intradiscurso, que se traduz em eixo da formulação, isto é, o que é possível dizer no momento em determinadas condições de produção. E essa formulação do discurso acontece a partir da relação estabelecida com a memória discursiva.

Para Orlandi, “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 33). A autora ainda acrescenta: “Só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras” (ORLANDI, 2005, p. 34). Não há um sujeito consciente de todo o processo de produção dos discursos.

Como mencionado anteriormente, Courtine (2009) salienta que a definição empírica de CP não rompe com as origens psicossociológicas e se confunde com a situação imediata. A noção de papel poderia substituir os termos “imagem” e “formação imaginária”. Courtine (2009) chama ainda a atenção para o modo psicologizante que as formações imaginárias possam dar às condições de produção. A relação entre os lugares sociais e a representação subjetiva desses lugares em situação concreta de comunicação pode gerar interpretações nas quais “o *elemento imaginário domina ou apaga as determinações objetivas que caracterizam um processo discursivo*” (COURTINE, 2009, p. 25).

O autor redefine a noção de Condições de Produção, para se afastar da concepção psicossocial, enquanto circunstância de um ato de comunicação. Para

isso, a redefinição acontece pelo conceito de Formação Discursiva (FD), com o objetivo de delimitar uma “forma de *corpus* que preserve, em AD político, a possibilidade de identificar, através das produções e das mudanças discursivas, o efeito inscrito das contradições ideológicas de classe na materialidade dos discursos” (COURTINE, 2009, p. 68).

As condições de produção tornam-se assim dependentes da relação entre uma FD e a pluralidade contraditória do seu interdiscurso (COURTINE, 2009), considerando duas noções como fundamentais: sujeito e interdiscursividade, buscando uma teoria não-subjetiva da constituição do sujeito (COURTINE, 2009).

A AD se reformula em relação às suas noções, passando por três fases²², amadurecendo a sua teoria. Consideramos aqui a terceira fase da AD (AD-3), com a heterogeneidade discursiva trazida para o debate. O sujeito é heterogêneo, clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente. O “Outro”, o inconsciente faz parte da identidade do sujeito. O “Outro” com letra maiúscula, difere-se do “outro” com letra minúscula, o qual tem a ver com exterior, o social. O “Outro” refere-se à manifestação do inconsciente, pela linguagem, do desejo do sujeito. Não há como analisar os discursos do ciberativismo sem considerá-los heterogêneos, condição constitutiva de todo discurso. Os discursos circulantes no blogue estabelecem uma relação entre a memória em sua constituição, e a atualidade, na formulação. Os dizeres sobre feministas, vinculados a outras FDs, compõem os discursos analisados, bem como o inconsciente, que faz determinados discursos aparecerem sem os sujeitos se darem conta do processo discursivo.

O que há em comum nas três fases é que o sujeito não é o senhor de suas vontades. O sujeito é uma posição, a partir da projeção do lugar sócio-histórico do indivíduo para a posição sujeito no discurso. Orlandi (2001) chama a atenção para a constituição do sujeito, que se dá a partir da submissão à língua, não como sistema formal, mas na produção de sentidos pelo jogo da língua na história.

E essa relação entre a língua e a história para a produção de sentidos estabelece o esquecimento do sujeito, que a AD distingue de duas formas. O esquecimento número 1 se dá com a ilusão do sujeito de ser o centro do seu dizer. O sujeito “esquece” de que é assujeitado pela FD com a qual está identificado. No esquecimento número 2, o sujeito crê que pode controlar os sentidos e que é

²² Não vamos aqui detalhar as três fases da AD, para não estendermos a discussão.

totalmente consciente do que diz. Pêcheux chama de esquecimento número 2 a seleção que o sujeito faz, no interior de uma FD com a qual está identificado, de um enunciado e “que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 161).

A voz desse sujeito é um conjunto de várias outras vozes constitutivas do lugar sócio-histórico do qual fala. Na postagem “Ciberativismo feminista. Por que continuar?” (2011), uma das publicações que compõe o nosso *corpus*, é possível perceber como funciona tal esquecimento:

Boa parte daquilo que penso é compartilhada na web através das redes sociais ou de blogs. E tenho percebido que desta forma, consegui aprender e ensinar muita coisa. É tão gratificante quando alguém chega até mim dizendo que refletiu sobre alguma questão depois de ter lido um texto meu, ou algum tuíte. Saber que tem gente repensando seus conceitos ou procurando entender outros pontos de vista. [...] Contudo, assim como há um retorno positivo em relação a isto, sempre surgem os já conhecidos *trolls*. Pessoas que não buscam pelo debate mas sim agredir, desmerecer ou desqualificar posturas ou pensamentos que divergem daquilo que acreditam ser uma verdade absoluta. Foi difícil e desgastante lidar com el@s no começo, mas nada que não pudesse ter sido rebatido com muita paciência e com muito embasamento e capacidade para argumentação. (BLOGUEIRAS FEMINISTAS, 2011)

O trecho “boa parte daquilo que penso é compartilhada na web através das redes sociais ou de blogs” revela a ilusão de um sujeito dono do seu dizer e dos discursos, o qual concebe a linguagem como transmissão de pensamento. O sujeito remete para o lugar ocupado de feminista na formação social, o qual se projeta na FD feminista. A ideologia fornece um efeito de evidência de que o discurso é único, é seu e oculta outras vozes e outros dizeres, já-ditos em outros lugares, que compõem o seu discurso, como diz Pêcheux ([1975] 2009, p. 145), “sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’ [...], há o processo de interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio.” Os sujeitos discursivos dos blogues feministas produzem dizeres de divulgação do feminismo a fim de interditar sentidos que não correspondam às filiações ideológicas feministas. No entanto, os sujeitos não controlam os sentidos a serem produzidos e há debates intensos nas redes sociais.

O discurso não é individual, pois, para a AD, o sujeito não é dado *a priori*, mas resulta do assujeitamento do indivíduo à língua e às formações ideológicas postas em jogo. Para Althusser, a ideologia “representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1974, p. 85). Uma das instâncias em que a ideologia se materializa é o discurso. A ideologia funciona a partir da reprodução das relações de produção, ou seja, interpelação, um assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. O sujeito tem a ilusão de ser dono do seu dizer, ter liberdade de escolha, mas é convocado a ocupar o seu lugar em determinadas posições.

Ao analisarmos o funcionamento do discurso, precisamos compreender que as discursividades são produzidas ao mesmo tempo em que os sujeitos e o sentido. Não há como separá-los, pois o sujeito não é exterior ao discurso. No blogue analisado, não foram objeto de estudo informações relativas à vida da blogueira “a” ou “b”. Consideramos quais posições sujeito tal blogueira assume, em determinadas condições de produção. É a imagem que o sujeito discursivo do blogue faz de si mesmo e a representação que a sociedade, os leitores, fazem daquilo que a blogueira lhes designa, de acordo com os já-ditos e as formações discursivas com as quais estão relacionados, que é o principal do discurso. Essas imagens são projetadas a partir dos lugares sociais em que os sujeitos ocupam, vinculados às FDs com as quais estão identificados, os pré-construídos, já-ditos etc. Cabe à AD verificar “a ligação entre as relações de força e as relações de sentido que se manifestam nesta situação, colocando sistematicamente em evidência as variações de dominância” (PÊCHEUX, 2010, p.86).

A ideologia em geral funciona como a interpelação dos indivíduos em sujeitos, a partir do complexo das formações ideológicas que “fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 149).

A noção de ideologia é retomada criticamente por Pêcheux, pois as lutas de classe são travadas nos Aparelhos Ideológicos do Estado, os quais não são puros instrumentos da classe dominante. A ideologia não representa simplesmente a “mentalidade” de uma época, como se fosse homogênea e se manifestasse de maneira uniforme, sem conflitos. Segundo Pêcheux, as classes não têm ideologia própria, as ideologias não surgem previamente independentes da luta de classes, “sendo a luta de classes ideológica o encontro de dois mundos distintos e pré-

existentes, cada um com suas práticas e suas ‘concepções de mundo’, seguindo-se a esse encontro a vitória da classe “mais forte”, que imporá, então, sua ideologia à outra” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 130).

A ideologia da classe dominante não é independente, os AIE não são simplesmente seus instrumentos. A ideologia é realizada nos AIE, não dada *a priori*; os AIE são o palco para uma dura luta de classes (ALTHUSSER, 1974). As lutas de classe acontecem, em uma conjuntura histórica, como afrontamento de posições políticas e ideológicas, nos aparelhos, as quais não são individuais, mas formações ideológicas, que mantêm relações de aliança, antagonismo ou dominação. Por isso, neste trabalho, não polarizamos as formações ideológicas feminista e patriarcalista, pois estas se relacionam em confronto com até outras FDs.

Segundo Pêcheux ([1975]2009), a ideologia produz evidências “que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’ o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 146). Quando há um enunciado de que *mulher musculosa é feia, porque se parece com um homem*, tal discursividade é tão naturalizada a ponto de ser evidente, como se fosse inquestionável. As formações ideológicas produzem esse efeito de evidência de que o corpo feminino não pode ter músculos, que músculo quem tem é homem e se parecer fisicamente com um homem é ser masculinizada. Tais discursividades produzem uma relação de sentido com “feminista é masculinizada e feia”. A estética feminina é discursivizada de modo que o padrão social seja naturalizado a ponto de os sujeitos não se darem conta que há um processo ideológico ali funcionando, que só funciona a partir de posições de classe, de sujeitos, não separadamente, *a priori*.

A materialidade concreta da ideologia são as formações ideológicas, que comportam posições de classe. Entendendo, no entanto, que as posições de classe não existem de modo abstrato para serem aplicadas em determinados momentos. Pêcheux *et al.* definem formação ideológica como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (HAROCHE; PÊCHEUX *et al.*, 1971, p. 102). Quando há um posicionamento como *sou mulher independente, mas não sou feminista*, tal discursividade não é única. A imagem de feminista enquanto masculinizada, que se relaciona com mulher “mal-cuidada”, não feminina, histórica e radical faz parte da

produção desse discurso. Outros ditos sobre feminista estão constituindo tal dizer, o qual não é universal, pois há outras discursividades sobre feministas que se afastam dessa imagem.

Para Pêcheux (2009),

Quanto ao sujeito ideológico que o reduplica, ele é interpelado – constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a “norma” identificadora: “um soldado francês não recua”, significa, portanto, “se você é um *verdadeiro* soldado francês, o que, de fato, você é, então você não *pode/deve* recuar. Desse modo, é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso, está designando, ao mesmo tempo, o *que é* e o *que deve ser*, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009, p.146)

Para se compreender o funcionamento dos discursos, é importante considerar que há uma relação entre o já-dito e o que se diz. Dizeres produzidos em outros lugares, em outros contextos sócio-históricos, retornam em outros discursos ressignificando-os. Os sentidos das palavras, assim como o sujeito, são constituídos simultaneamente, na articulação da língua com a história em que entram o imaginário e a ideologia (ORLANDI, 2005, p.99). A ideia de que feminismo é algo ultrapassado, de que feministas não têm por que lutar mascara um discurso patriarcalista de embate ao feminismo.

Como um dos aspectos materiais da ideologia é o discurso, necessariamente, as formações ideológicas são compostas por “uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura” (HAROCHE; PÊCHEUX et al, 1971, p. 102). Segundo Pêcheux ([1975] 2009, p.161), a FD é “espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer...”. Nos discursos de divulgação do feminismo, os posicionamentos das blogueiras sobre a explicação do

feminismo passam pelo mecanismo de antecipação, colocando-se no lugar do outro, imaginando qual seria o efeito de sentido produzido. Como dito acima, contudo, esse controle dos sentidos não é possível totalmente, pois o sujeito é tomado por saberes de formações ideológicas, muitas vezes, opostas. O que funciona discursivamente é a posição de sujeito feminista produzida pelas formações imaginárias e não simplesmente a blogueira feminista enquanto indivíduo. Consideramos a imagem que se faz das feministas em suas posições e também a imagem que elas fazem dos seguidores.

A ideologia não se realiza “em geral”, mas através de um conjunto determinado de formações ideológicas, que são complexas. A formação ideológica patriarcalista, no modo de produção capitalista, enquanto ideologia dominante, interpela os indivíduos em sujeito através de Aparelhos Ideológicos do Estado patriarcal, que instituem o homem como chefe de família, a partir do casamento, do trabalho, da heteronormatividade etc. Diversas formações discursivas intervêm nessa formação ideológica.

Em trabalho anterior (LIMA, 2011), nomeamos a formação discursiva (FD) patriarcalista e a formação discursiva feminista para ficar mais clara essa relação do sujeito com a ideologia. Duas FDs antagônicas, as quais, em determinadas condições de produção, permitem que o sujeito produza alguns dizeres e não outros. De forma didática, discutimos como as formações discursivas se manifestam:

Os sujeitos do movimento feminista, a partir de lutas contestatórias, questionaram a FD patriarcalista e houve um processo de desidentificação com os saberes desta FD, possibilitando o surgimento de uma nova FD, a formação discursiva feminista. [...] A FD feminista surge para se contrapor à FD patriarcalista. Essas duas FDs constituem dois domínios do saber antagônicos, cujos sentidos são opostos sobre a questão das relações de gênero. Diante desse acontecimento discursivo e do surgimento da FD feminista, desde então muitas lutas em defesa dos direitos das mulheres marcaram meio século de circulação de discursividades feministas. (LIMA, 2011, p. 32)

É importante lembrar que a Formação Discursiva patriarcal, que é dominante, não é dada *a priori*. A Formação ideológica não existe independente das práticas sociais e o surgimento da FD feminista também não ocorre independente dos modos de produção. Elas fazem parte de um processo de disputas e lutas de classe.

Discursos como “Feminista é feia, mal-amada e quer privilégios”, pertencente ao domínio da FD patriarcalista, são negados pela FD feminista, quando esta permite dizeres, entre outros, como “feminista cuida de si, pode casar e lutar por direitos iguais”. Na publicação “Cinco mitos sobre o Feminismo” (ANEXO T), Thayz Athayde (2011) desconstrói dizeres da postagem sobre o feminismo e aqui nós fizemos o quadro 1 e elencamos os discursos pertencentes à FD patriarcalista (mitos sobre o feminismo) e a contraposição dos discursos no domínio de saber da FD feminista na postagem. São eles:

Quadro 1 - Discursos pertencentes à FD patriarcalista e à FD feministas de acordo com a postagem da blogueira Thayz Athayde (2011)

Posicionamentos sobre o feminismo vinculados à FD patriarcalista	Discursos de desconstrução dos mitos sobre o feminismo vinculados à FD Feminista
Feminista odeia homem	[...]Deixo vocês com Simone Beauvoir (que é muito mais fina que eu): “... Assim como cabe ao pobre tomar o poder do rico, também cabe às mulheres tirar o poder dos homens. Significa estabelecer igualdade. Assim como o socialismo, o verdadeiro socialismo, estabelece igualdade econômica entre todos os povos, o movimento feminista aprendeu que ele teria que estabelecer igualdade entre os sexos tirando o poder de classe que liderava o movimento, isto é, dos homens.”
Toda feminista é lésbica	O que acontece é que dentro do movimento feminista existem homossexuais e heterossexuais, não é necessário ser lésbica para ser feminista, é necessário apenas querer a igualdade entre os sexos e a liberdade de escolha. Chocante, né? E qual o problema de ser lésbica? Desde quando isso é defeito ou doença? Não vou refutar esse tipo de “acusação”, para mim não há problema nenhum ser confundida com pessoas que se amam e, que pelo simples fato de amar pessoas do mesmo sexo são taxadas de tudo que é ruim.
Antes do feminismo, as mulheres eram mais felizes.	Bem, não vou discutir aqui o que é felicidade, mas, acredito que ser feliz passa pela questão da liberdade, de ter a chance de escolher e efetivar essas escolhas. Felicidade é querer estudar, ter uma profissão e não poder realizar isso pelo simples fato de ser mulher? Ser feliz é querer namorar, sair, morar sozinho e não poder fazer isso porque seu pai ou irmão mais velho não deixam? Triste é ter a liberdade de lutar dentro de movimentos? É ruim ter o direito de votar e entrar na história do seu país, conquistar sua liberdade sexual? O feminismo luta para que a mulher esteja exatamente no lugar que ela deseja estar. Se isso não é

	felicidade, não sei o que é. Como diria Clarice Lispector: <i>“liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”</i>
Feminista quer ser homem, invade áreas masculinas, não gosta de maquiagem, quer ter aparência masculina, etc.	Não vou entrar (ainda) na questão da construção de gênero. Afinal, o que é coisa de mulher e o que é coisa de homem? Definitivamente, as feministas não querem ser homens, o feminismo quer justamente que a mulher se valorize por ser mulher, tirando essa questão de que certas atividades são masculinas e outras femininas. Isso nada tem a ver com ser homem ou ser mulher, tem a ver com escolhas (de novo). E, já deixamos bem claro aqui que feminista usa maquiagem. O problema não é usar ou não, é não ser taxada de ter aparência masculina por não usar maquiagem ou coisas do tipo.
Machismo não existe mais, as feministas lutam contra um inimigo invisível.	Machismo não existe? Ok. Então, vamos ignorar que mulheres são tratadas como mercadoria, que não existe igualdade profissional e salarial entre homens e mulheres. Vamos ignorar também que há um mercado de consumo feito apenas para as mulheres ficarem perfeitas, fora isso, elas estão fora do padrão. Vamos deixar para lá o fato da mulher ser violentada fisicamente e moralmente dentro e fora de casa, por ser tratada como sexo frágil. Eu poderia passar o dia inteirinho aqui falando de tantas coisas, de todos os nossos “inimigos”, fazer uma construção da violência contra a mulher. O fato é que o machismo está aí na nossa sociedade, disseminando preconceitos, causando desconforto e gerando violência. A pergunta é: você quer fazer parte de uma guerra que não foi criada pelo Feminismo? Insistem em dizer que as feministas fazem uma guerra, mas entender que machismo não é só bater em mulher, que existe uma série de efeitos dominós por trás disso, parece difícil, não é?

Na publicação dos “Cinco mitos sobre o feminismo”, há uma disputa de sentidos sobre o que é ou não o feminismo de acordo com duas FDs diferentes e os discursos ali circulantes são filiados a FDs opostas. A posição-sujeito feminista gerencia gestos de leitura ao dizer que os discursos pertencentes à FD patriarcalista são mitos, ao mesmo tempo em que produz dizeres com discursos vinculados à FD feminista para desconstruir tais mitos. Os discursos e os sentidos se constituem nessa relação de polêmica para fazerem sentido. Conforme Pêcheux (2009, p. 148 e 149), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”. É importante notar que as formações discursivas não são homogêneas e as fronteiras

entre elas são porosas, pois os discursos estão em complexa relação com o interdiscurso, chamado por Pêcheux de “todo complexo com dominante”.

Os sujeitos descentrados identificam-se com a formação discursiva a partir da forma-sujeito, a qual, segundo Althusser (1974), é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo. A tomada de posição da forma-sujeito feminista, por exemplo, se dá a partir da relação entre o sujeito da enunciação, no caso a blogueira, e o sujeito histórico, feminista. Essa tomada de posição não é tão simples e tranquila. O discurso de identificação com feminista e de valorização do feminismo ganhou coro a partir das redes sociais, a forma-sujeito que há muito foi interdita, pois se dizer feminista na sociedade era algo negativo, até para quem se identificava com o movimento, tem agora um modo de existência. Isso não quer dizer que ainda hoje tais estereótipos sobre feminismo não permaneçam na sociedade.

Em dissertação de mestrado (LIMA, 2011), produzida anteriormente, foram entrevistadas mulheres representantes de instituições que compõem a Rede de Atenção à Mulher de Salvador²³. Nos dados analisados, revelou-se certa resistência por parte de algumas mulheres em se declararem como feministas, em decorrência do sentido negativo circulado na sociedade. E, ainda, os sentidos produzidos pelos sujeitos do discurso entrevistados mobilizam para uma concepção do termo feminista como uma nomenclatura de muita responsabilidade, ao fazerem uma distinção entre o feminismo de ontem e o feminismo atual. Ser feminista nos dias de hoje, muitas vezes, não tem o mesmo significado daquele sentido do começo do movimento. É como se o feminismo de mais de cinquenta anos atrás estivesse em um passado tão distante e que servisse apenas como referência para esse novo momento.

O sujeito se identifica com a FD pelo viés da forma-sujeito, a qual se constitui como o sujeito do saber universal e/ou histórico que é responsável pela ilusão do sujeito de que é a origem do seu dizer. A forma-sujeito é heterogênea em relação a si mesma, abre espaço não só para o semelhante, mas para o diferente. Nesse conjunto de posições-sujeito uma delas se constitui como dominante na forma-sujeito, em relação às outras. Considerando que o feminismo não é homogêneo e

²³ A REDE de Atenção às Mulheres de Salvador é um conjunto de instituições feministas que atuam em parceria para fazer valer os direitos das mulheres. Fazem parte da REDE a Superintendência de Políticas Públicas de Salvador, o Centro de Referência Loreta Valadares que trabalha na prevenção e atenção a mulheres vítimas de violência; a delegacia de mulher (DEAM), Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher, Centro Humanitário de Apoio à Mulher, além de outros órgãos.

que o que existe são feminismos, o feminismo radical, denominado por muitos de “feminismo branco”, é constituído por mulheres de classe média. Muitas mulheres não se sentem representadas, por serem mulheres negras, periféricas, mulheres transexuais, pois suas vozes são silenciadas no movimento. Os discursos dessas mulheres são apagados. Para isso, novos feminismos surgem, como feminismo negro, Transfeminismo e feminismo interseccional.

Segundo Pêcheux ([1975] 2009), a forma-sujeito é veiculada pela formação discursiva dominante e “as formações discursivas que constituem o que chamamos de seu interdiscurso *determinam a dominação da formação discursiva dominante*” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 151). A forma-sujeito não comporta apenas uma posição de sujeito, pois tem a capacidade de se dividir em diferentes posições de sujeito. Cada posicionamento indica diferentes e divergentes modos de se relacionar com a forma-sujeito e com a ideologia. O sujeito do discurso se identifica antes com uma das posições-sujeito da FD para, a partir daí se identificar com a forma-sujeito histórica. O efeito-sujeito, ou o *bom* sujeito se dá quando o sujeito se identifica com a posição-sujeito dominante, não necessariamente a todos os saberes da FD. Cabe neste trabalho analisar qual posição sujeito é dominante no ambiente virtual.

O sujeito, a partir do discurso do Outro, o qual é a materialização do inconsciente, funciona devido à presença do “Sujeito” universal. O desdobramento do sujeito se dá como tomada de consciência, de forma a se tornar “responsável” das suas atitudes, das suas posições de sujeito falante (PÊCHEUX, 2009).

[...] o “ato de linguagem” traduz, de fato, o desconhecimento da determinação do sujeito no discurso. Permite, ainda, dizer que, na verdade, a *tomada de posição* não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 159-160)

Há uma relativização da “reduplicação da identificação” que Pêcheux (2009) distingue como modalidades da identificação. Na primeira modalidade, cria-se uma ilusão de unicidade do sujeito, produzindo um efeito-sujeito, que acredita ser o centro do dizer. A unidade do sujeito é efeito do imaginário, por haver uma

superposição entre o sujeito discursivo e o Sujeito universal da FD que o sustenta, o que caracterizaria um “bom-sujeito”, identificado totalmente com os saberes da FD.

Na segunda modalidade de “tomada de posição”, o sujeito distancia-se e questiona os saberes da FD com a qual se identifica e, ao mesmo tempo, contraidentifica-se com a forma-sujeito histórica, o que produz uma tensão na forma-sujeito. É o que chamamos de mau sujeito.

A forma-sujeito não se divide apenas em bom (aquele que se identifica com todos os saberes da FD) e mau sujeito (o que se desidentifica totalmente com os saberes da FD), mas tem a capacidade de se dividir em um número maior. A forma-sujeito feminista é composta por diferentes posições-sujeitos, que muitas vezes se distanciam. Um posicionamento que provoca muita tensão na FD feminista é o de ser a favor do aborto. Um sujeito pode não se identificar com esse saber, por ser afetado pela FD cristã, mas se identificar com outros saberes da FD feminista.

A terceira modalidade representa a desidentificação com os saberes da FD e se identifica com outra FD, pois nunca se está fora de ideologia. Isso porque a ideologia não desaparece, “ao contrário, ela funciona de certo modo às avessas, isto é, *sobre e contra si mesma*, através do ‘desaranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo)” (PÊCHEUX, [1975]2009, p.202).

O acontecimento discursivo que deu origem à FD feminista instaurou novos saberes na sociedade. No entanto, são diferentes maneiras de os sujeitos sociais se relacionarem com as FDs disponíveis que constituem os posicionamentos discursivos e fazem com que haja esses novos perfis de sujeitos sociais. Quando o sujeito produz dizeres em oposição às formações ideológicas que está filiado, assim o faz justamente por estar inserido em um contexto sócio-histórico, o qual faz parte das condições de produção desse discurso, como ilustra bem Orlandi, quando afirma que o discurso vem pela história, pela memória, pelas filiações de sentido em outros dizeres, vozes, marcado pela ideologia, independente da vontade do sujeito, este que “diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2005, p. 32).

Orlandi (2007b) chama a atenção para a relação do simbólico com o político para a constituição do sujeito e acrescenta à formulação de Pêcheux, a inscrição da língua para o sujeito ser interpelado em sujeito pela ideologia, o que resulta na forma-sujeito histórica, que a autora nomeia de sujeito do capitalismo, o sujeito

contemporâneo. É o Estado que individualiza a forma-sujeito histórica, em um novo processo identitário. As instituições, as relações contribuem para a produção dos diferentes efeitos de sentido, “portanto o indivíduo, nesse passo, não é a unidade de origem, mas o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado”. (ORLANDI, 2007b, p. 4)

Isso quer dizer que, nesse processo simbólico, o indivíduo, enquanto sujeito, tem sua forma individual concreta, enquanto sujeito capitalista, o sujeito responsável e livre, com direitos e deveres diante do Estado. Isso mascara a sua constituição simbólica, pela ideologia, do sujeito, criando uma ilusão de origem e centro do seu dizer. Orlandi acrescenta que pensar a questão do sujeito ideológico e a resistência do sujeito é pensar no “caráter irrecorrível do assujeitamento e a possível resistência do sujeito aos modos pelos quais o Estado o individualiza” (ORLANDI, 2007b, p. 5). A autora questiona se é possível o sujeito resistir aos processos de individualização afetando a forma-histórica, atingindo até o seu modo de interpelação. Orlandi, a partir de dois exemplos (ORLANDI, 2007b), conclui que, nesse caso, as formas de resistência podem “apenas afetar a forma de individualização do sujeito e não atingir a forma histórica do sujeito. Para isso é preciso que ecoe na história e deixe de ser apenas uma repetição para ser uma ruptura” (ORLANDI, 2007b, p. 14).

Para a análise de discursos feministas no ciberespaço, uma noção da AD que é importante ser considerada é a da memória discursiva. Courtine ([1981] 2009, p. 105-106) introduz a noção como “a *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Interessa ao autor entender como o trabalho de uma memória coletiva, no âmbito de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber que são os enunciados.

Para entender o conceito de memória, faz-se necessário relacioná-lo ao conceito de interdiscurso, que é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente, disponibilizando dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. O pré-construído enquanto elemento do saber do interdiscurso representa todo elemento de discurso que é produzido anteriormente em outro discurso e independentemente. O interdiscurso, portanto, representa uma memória ampla de todos os dizeres já-ditos em todas as FDs. O

pré-construído, quando passa por uma FD, apresenta um sentido específico. Esse sentido determinado pela FD passa por uma memória discursiva.

Os textos presentes nas redes sociais constituem-se como um espaço simbólico, e o gesto interpretativo do sujeito leitor é determinado por sua relação com a memória. Um material sobre o feminismo contém possíveis dizeres que se atualizam e, a partir do efeito de esquecimento, deslocam a memória para significar. A memória discursiva faz parte de um processo histórico que resulta várias possibilidades de interpretações para determinados discursos. Assim, o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória (já-dada, que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos).

Nos discursos materializados nos blogues²⁴ e nas páginas das redes sociais, existem dizeres que não tiveram origem ali: “Não acredite nas revistas, você é linda”; “Nosso corpo, nosso território”; “Essa hipocrisia dá hemorragia, legalizar o aborto, direito ao nosso corpo”; “Não é crime passional, é feminicídio”. Os discursos provêm de outros discursos, que fazem parte da memória social, relacionada às formações ideológicas que se identificam. Para desconstruir a imagem do feminismo enquanto movimento desarticulado e sem razão, é preciso mobilizar pré-construídos, que são implícitos necessários para a compreensão do discurso. Os discursos se repetem e é a partir de retomadas que os sentidos se constituem. Há uma relação de parafraseagem no interior das FDs, onde alguns sentidos são legitimados e outros dizeres interditados. A repetição se dá no interior de práticas discursivas, possibilitadas por uma memória social. Mais do que uma simples repetição, os sentidos se estabelecem no encontro /confronto com outros sentidos.

Os discursos patriarcalistas são repetidos ao longo da história de forma a se regularizar fazendo parte da nossa memória discursiva, contudo, essa série de repetições é “sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 52). Os dizeres feministas já promoveram essa oposição, a desidentificação com o discurso patriarcalista, mas não apagaram os sentidos, apenas confrontaram, propuseram outros sentidos aos já existentes.

²⁴ Os discursos são materializados em formato de artigo, vídeos de instrução, cartazes informativos etc.

Outra noção importante para a análise das interdições e apagamentos de discursos que compõem o nosso *corpus* é a de silêncio. Orlandi (2007a) convoca para a reflexão da incompletude como constitutiva da linguagem, como algo que não se fecha, como o dizer, que está sempre em curso. O silêncio, sempre deixado de lado nos estudos de linguagem, ganha na AD um estatuto de fundador, pois não há sentido sem silêncio, que “atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz” (ORLANDI, 2007a, p. 14).

Orlandi (2007a) distingue duas formas de analisar o silêncio: o primeiro diz respeito ao modo de estar em silêncio, que tem a ver com o modo de estar no sentido, pois as palavras transpiram silêncio, já que, quando se diz, silenciam-se outros dizeres; o segundo é o estudo do silenciamento, um modo de “pôr em silêncio”, são os não ditos, interditados, que nada tem a ver com o “implícito. Orlandi (2007a, p.101) acrescenta que: “o silêncio, como dissemos, não é transparente. Ele é tão ambíguo quanto as palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar”. Na nossa análise, nos interessa observar o funcionamento do silêncio enquanto interdição de outros dizeres, pois há um modo de se dizer que direciona o gesto de leitura dos interlocutores sobre o que é o feminismo e conseqüentemente apaga outros sentidos, “com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que, ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007a, p.73).

Há outra especificidade no nosso trabalho que é o funcionamento dos discursos no ciberespaço. E para entender as condições de produção do discurso sobre o feminismo na web, na subseção seguinte, fizemos um apanhado histórico sobre os movimentos feministas e uma explanação do que é o ciberespaço e a cibercultura, para destacarmos como esse ambiente legitima dizeres silenciados em outros espaços de circulação.

Analisar um discurso não é simplesmente fazer uma compreensão linguística considerando a situação de comunicação. Para isto, as teorias da enunciação nos serviriam. A AD vai mais além desta interpretação. Para se estudar o funcionamento do discurso, é preciso identificar as suas condições de produção, incluindo os interlocutores e a situação, tanto as circunstâncias imediatas de enunciação quanto no contexto sócio-histórico, ideológico, por um sujeito afetado pela história.

Os discursos circulados nas redes sociais são dinâmicos, muitas vezes, se referem a acontecimentos imediatos ou respondem a questionamentos postados em páginas antifeministas ou em jornais e revistas de grande circulação. No entanto, tais discursos não nascem ali, há um contexto sócio-histórico que dá condição de produção. Todo discurso se relaciona com outros, não se pode identificar o começo e o fim. Há uma dispersão, que não dá possibilidade de delimitar, pois há uma continuidade discursiva, de forma que os sentidos são resultados dessas relações.

Os discursos sobre o feminismo na Internet não podem ser considerados apenas como postagens de divulgação, mas como discursos históricos e ideológicos. É porque há na história um já-dito sobre a não necessidade do feminismo, ancorado em uma formação discursiva patriarcalista, que se torna possível criar páginas explicando as ideias do movimento.

Nesta tese, veremos que as materialidades presentes no blogue revelam posições-sujeitos projetadas nos discursos, a partir do jogo das formações imaginárias. Isso significa dizer que a imagem que a blogueira faz de si enquanto feminista tem relação com a imagem que ela faz dos seus leitores, seguidores e com a imagem que ela faz das suas postagens, enquanto objetos de divulgação. Essas imagens projetadas dizem respeito aos interlocutores. As blogueiras, enquanto sujeito do discurso, colocam-se na posição de seus seguidores, no mecanismo de antecipação, experimentando dizeres. No material analisado, verificamos que há uma recorrência de discursos sobre o que é feminismo. Geralmente, os títulos das postagens antecipam, retomam pré-construídos sobre o feminismo que compõem as formações imaginárias. Para desconstruir tais sentidos, é necessário, antes de tudo, falar sobre eles, retomando dizeres para produzir efeitos de sentido. A projeção social da feminista é o que importa aqui nesse trabalho. Qual é a imagem que se tem de feminista e como o discurso é permeado pelo imaginário. Para entendermos como esse imaginário do lugar social de feminista foi construído, convém fazermos um percurso histórico sobre o movimento feminista até o feminismo contemporâneo da Internet.

3 FEMINISMO: INTERDISCURSO, MEMÓRIA E HISTORICIDADE

Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *statis*, a desordem. Sua fala em público é indecente.
Michelle Perrot (2015, p.17)

“Para que serve o feminismo em pleno século XXI?” Questionamentos como esse costumam circular na sociedade, inscritos em uma memória filiada a uma rede heterogênea de formações discursivas, que permitem dizeres como: “as mulheres já conquistaram tudo”, “o feminismo busca apenas privilégios”, relacionados a formações imaginárias sobre os lugares sociais de feministas como aquelas que desejam ser melhores que os homens, as que são feias, lésbicas e masculinizadas²⁵ e são contra a família tradicional. Daí a rejeição ao termo feminismo e a consequente não identificação de muitas mulheres enquanto feministas²⁶.

A rejeição ao *feminismo* é tanta que chamar alguém de feminista pode ter a conotação de um insulto, pois, neste caso, é atribuído um sentido negativo ao termo, vinculado à FD discursiva patriarcalista. Rago (1996, p.11) questiona: “como explicar que as feministas continuem sendo associadas a um estereótipo que vem de longa data, e não apenas dos anos 1970, definindo-as como ‘machas, feias e mal-amadas’?”. A opressão patriarcal à mulher se dá pelo interesse de que permaneça submissa, sem atitude para mudar. Ser uma Amélia²⁷, bem-amada, casada, mulher sábia, passiva, que agrada o homem é corresponder à imagem de uma mulher

²⁵ Rodrigo Constantino, no blog da Veja, publica um artigo intitulado: “Feminismo: a guerra contra os homens”: “O movimento feminista não quer direitos iguais, tampouco luta por mais opções para as mulheres. Não importa o quanto as feministas tentem embalar sua agenda com eufemismos: Venker está convencida de que se trata de uma simples guerra contra os homens.” (CONSTANTINO, 2014) Leandro Narloch, em um artigo em sua coluna da Veja, intitulado “Por que tantas feministas são doidas?”, assim define as feministas: “O que me intriga é seguinte: por que, fora uma ou outra exceção, as militantes que defendem essas causas legítimas são tão histéricas, voláteis, estridentes, paranoicas, desatualizadas, chatas, intolerantes, enfim, totalmente doidas?” (NARLOCH, 2015).

²⁶ Como relata a reportagem de Monique Oliveira (2014) para a Folha de São Paulo: “Mulheres usam redes sociais para contestar bandeiras do feminismo”. “Conheça a origem e o significado da #hastag na Internet” (CONHEÇA..., 2014).

²⁷ O samba “Ai que saudade de Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves, representa bem o discurso patriarcal, com dizeres como “Amélia que era mulher de verdade, Amélia não tinha menor vaidade”.

feminina, para a sociedade patriarcal. A ideologia produz um efeito de evidência, como se fosse da natureza feminina tais características agradáveis ao patriarcado e que a mulher que se distanciasse desse estereótipo seria caracterizada como masculinizada. Daí a não identificação de mulheres com o feminismo. As construções sociais de que a mulher, desde criança, deve encontrar um “bom partido” para se casar, de que o homem deve escolher aquela que é “para casar”, a bela, recatada e do lar, e não a “mulher rodada”, ainda são muito presentes na sociedade e constituem discursos de que feminista é aquela mulher infeliz, que ainda não encontrou um homem e que, provavelmente, ficará para “titia”, já que os seus questionamentos são vistos pela sociedade patriarcal como histerias, radicalismo etc.

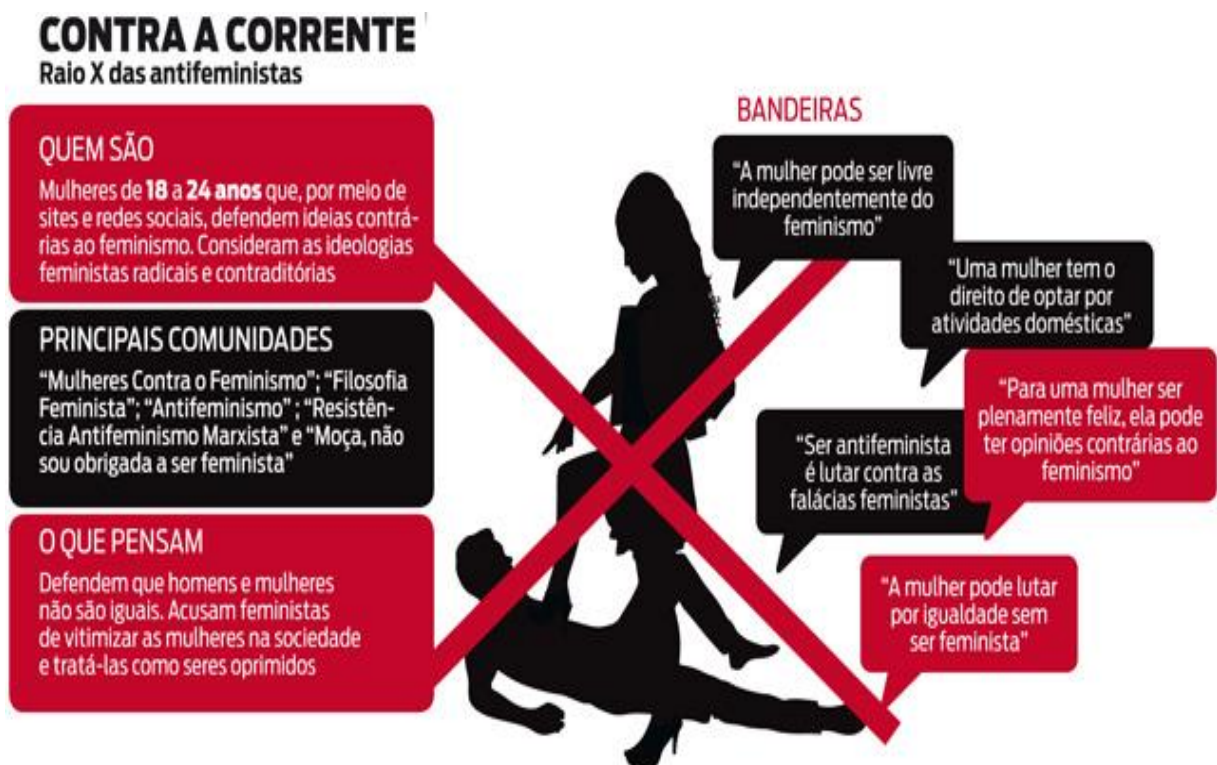
A jornalista Susan Faludi (2001), em seu livro *Backlash – O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, faz um importante levantamento dos posicionamentos da imprensa nos Estados Unidos, do cinema, da indústria de beleza, os quais apontam o feminismo como o pior inimigo da mulher. Ao analisar tais reportagens, a autora desconstrói esse discurso e revela que, desde a década de 1980, há um contra-ataque às conquistas feministas, ao fomentar a baixa autoestima feminina para desviar o foco pela luta por direitos iguais. Faludi (2001) chama atenção para a falácia de que a luta por direitos iguais já foi vencida, que as mulheres já conseguiram a sua autonomia, esconde uma mensagem de que a mulher pode ser livre, mas nunca se sentiu tão infeliz. Esse posicionamento ideológico aparece em jornais, na televisão, nos comerciais, filmes, nas publicações científicas etc.

O New York Times revela: as mulheres sem filhos andam "deprimidas e confusas" e cada vez em maior número. A Newsweek afirma: as mulheres não-casadas estão "histéricas" e prostradas numa profunda crise de "falta de confiança". Os manuais médicos informam: mulheres em altos cargos executivos estão sofrendo como nunca de "distúrbios provocados pelo estresse", queda de cabelo, nervosismo, alcoolismo e até enfartes. Os livros de psicologia advertem: a solidão da mulher independente representa hoje em dia "um dos mais graves problemas de saúde mental". (FALUDI, 2001, p. 9)

Tais discursividades percorrem os noticiários dos países ocidentais e criam um efeito de evidência de que o feminismo prejudica a mulher pelo “excesso de

liberdade”. Nas redes sociais, páginas antifeministas se opõem ao ativismo; a imprensa convencional, revista Isto É, em 2014, na seção Comportamento, publica a matéria “O movimento das anti-feministas”, na qual descreve as comunidades de mulheres que consideram o feminismo ultrapassado, radical e desnecessário, nos dias de hoje. A repórter Fabíola Perez (2014, p.1) ilustra (figura 01) o antifeminismo da web, a partir de entrevistas com as mulheres:

Figura 1 – Ilustração da revista Isto É sobre o antifeminismo



Fonte: Revista Isto É (<http://istoe.com.br>)

A materialidade significativa da ilustração evidencia os discursos que circulam nas redes sociais que se opõem à formação discursiva feminista. Sentidos de que feministas são radicais e contraditórias, que se fazem de vítima, que produzem falácias são frequentes na sociedade, constituídos por um trabalho de rede de memória, e são evidenciados no ciberespaço. Nesta figura, verifica-se também um apagamento da valorização das conquistas feministas: “mulher pode ser livre independente do feminismo”. O desenho, que é uma materialidade discursiva, representa uma mulher pisando em um homem, produzindo um efeito de sentido,

juntamente com o material verbal, de que feministas querem ser superiores aos homens e de que as mulheres antifeministas rejeitam esse posicionamento. Páginas no Facebook²⁸ como “Mulheres contra o feminismo” (Anexo A), “Antifeminismo” (Anexo B), “Resistência Anti-feminismo Marxista” (Anexo C) e “Moça, não sou obrigada a ser feminista” (Anexo D) têm muitos seguidores, sendo a última com o maior número, cerca de 550.000 curtidas, e visam a contestar as bandeiras feministas. É importante ressaltar que, para que tais discursos tenham sentido, é necessário que já façam sentido (ORLANDI, 2005).

Há de se perguntar, no entanto, como tais sentidos sobre o feminismo e sobre definições de feminista têm tamanha força na sociedade, mesmo não estando presentes nos dicionários. Orlandi (2005) considera que o interdiscurso e a historicidade determinam aquilo que é relevante para as discursividades em certas condições de produção. Os sujeitos, ao falarem, se filiam a uma rede de sentidos, mas não têm consciência de como o fazem, pois se relacionam com a ideologia e o inconsciente. Alguns sentidos são evocados e não outros.

Partindo-se do pressuposto de que o discurso é um objeto teórico, no qual, se pode ver a relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, considerando o que é dito em um discurso, o que é dito em outro, relacionando-o ao não dito, nesta seção, faremos uma abordagem em torno à constituição de discursos sobre o feminismo e a circulação dos efeitos de sentido sobre feministas. Analisamos a seguir como a memória discursiva funciona para a discursivização sobre o feminismo e sobre as feministas.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE FEMINISTAS COMO MULHERES MASCULINIZADAS

O que querem as feministas? Por que feministas gritam? Por que são históricas, paranoicas? Sempre que as mulheres se manifestam contra a opressão

²⁸ Facebook é uma rede social criada em 2004, nos EUA, por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin, que permite conversar com amigos e compartilhar conteúdos na Internet, como vídeos, imagens, notícias etc. Mais do que uma interação de amizade, o Facebook serve como instrumento político, organizacional, quando empresas, políticos e movimentos sociais utilizam a ferramenta para difundir ideias e compartilhar conceitos. Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/>

do patriarcado, tais sentidos predominam na sociedade. A partir do momento em que mulheres reivindicam espaços públicos, a sociedade patriarcal recusa-se a conceder-lhes estes lugares. A autora do livro *Minha história das mulheres*, Michelle Perrot (2015), chama a atenção de que as mulheres são hostilizadas quando ocupam espaços públicos, pois o lar sempre foi o reduto feminino, o que faz com que os homens sintam-se desconfortáveis:

[...]Eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, de donas de casa, de guardiãs de víveres etc. Usam-se de estereótipos para designá-las e qualificá-las. Os comissários de polícia falam de “megeras” ou de “viragos” (mulheres de aspectos e atitudes masculinizadas) para designar as manifestantes, quase sempre taxadas de “histéricas” caso soltem o menor grito. A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria. (PERROT, 2015, p.21)

Quando as feministas rompem com esse paradigma e querem participar da vida pública, da política, há uma difusão de imagens negativas sobre elas, a fim de desencorajá-las. Ao caricaturar uma feminista enquanto histérica, feia, masculinizada, tola, mal-amada, produz-se um efeito de despersonalização e “a descaracterização e a diluição do caráter político do movimento” (FERREIRA, 1995/1996, p. 158).

Essas imagens estereotipadas de feminista são o que afasta as mulheres da militância, pois nem todas querem esse rótulo para si, pois estão vinculadas a saberes da FD patriarcalista. Tais caracterizações produzem efeitos de sentido de que mulher não pode se manifestar, pois não age com a razão. Qualquer reivindicação é relacionada com descontrole emocional ou com histeria. À mulher é reservado o lugar da delicadeza e o dom de ser mãe, imagem que contribui para afastá-la da vida pública.

Uma das pioneiras do feminismo, Mary Wollstonecraft, em 1792, já questionava o contra-ataque às mulheres que assumiam papéis historicamente masculinos, vistas como masculinizadas. Wollstonecraft posiciona-se, aproximando-se do discurso patriarcal de que as mulheres não devem caçar, atirar ou jogar, atribuindo tais atividades exclusivamente ao homem, mas afasta-se da FD

patriarcalista, quando reivindica virtudes historicamente consideradas masculinas para as mulheres. O imaginário social sobre as feministas é construído a partir de imagens patriarcalistas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Os dizeres sobre a mulher, historicamente, são pautados em imagens de fragilidade, passividade e potencial reprodutivo como mãe por natureza, já os dizeres sobre os homens fazem referência às características biológicas como força, virilidade e inteligência (FERREIRA, 1995/1996).

No início do século XX, com a entrada da mulher no espaço público, o mito de fragilidade feminina foi questionado, o que provocou uma instabilidade nos padrões de masculinidade e feminilidade (FERREIRA, 1995/1996, p. 157). Como feministas criticam os papéis sociais impostos às mulheres pela sociedade, a rejeição ao feminismo fundamenta-se numa “masculinização” da mulher, como se os papéis masculinos fossem naturais e não construídos historicamente. Sendo assim, a soberania do perfil de rainha do lar e da maternidade, em detrimento dos papéis sociais da vida pública, ainda faz parte do cotidiano das mulheres²⁹. À mulher, é delegado o papel de cuidar da casa, da família e dos filhos. Ser mãe é um dom elevado a um *status* de divindade, na sociedade patriarcal, o que faz com que a responsabilidade recaia mais sobre seus ombros.

Ainda que muitos homens admitam que a mulher não é um ser inferior, há uma recorrência do discurso da função “natural” de ser mãe e dona de casa. Tanto que mesmo o feminismo é discursivizado até então como busca por aperfeiçoamento em prol da família, vinculado à formação discursiva patriarcalista. Verônica Ferreira (1995/1996) atenta para o fato de que o discurso masculino traça o “lugar da mulher” como o lar, mas não impede de a mulher trabalhar e estudar, com a condição de aprimorar as funções de mãe e dona de casa. Na visão patriarcalista, o feminismo tinha como objetivo instruir a mulher “para que esta melhor educasse o homem do futuro e ensinar a ela uma profissão que a afastasse dos vícios, da prostituição e da miséria em casos de desamparo ou viuvez ou que trouxesse mais conforto ao lar” (FERREIRA, 1995/1996, p. 157).

²⁹ Em 2016, a revista *Veja* publicou uma matéria com Marcela Temer, esposa do então presidente interino Michel Temer, cuja chamada da capa era “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar” (LINHARES, 2016). A reportagem gerou uma polêmica muito grande, pois valorizava estas características como modelo de feminilidade. A publicação ocorre bem no momento em que a primeira mulher presidente do Brasil é afastada do cargo, num processo de impeachment, um cargo público historicamente ocupado por homens.

Ferreira (1995/1996) chama a atenção para a construção das imagens de feministas, que podem variar de acordo com o modo que afetam o sistema patriarcal. Quanto mais desestabilizam a sociedade patriarcal, negando os papéis impostos para as mulheres, como mãe, esposa e rainha do lar, e se envolvem na política, mais são rejeitadas, consideradas feministas más. Aquelas que não criticam a instituição familiar tradicional são mais aceitas pela sociedade, as chamadas boas feministas.

Diversos artigos de revistas destinadas ao público feminino, tais como *Eu Sei Tudo* e *A Cigarra* e de revistas de cultura como *Revista do Brasil*, *Kosmos*, etc., por outro lado manifestavam uma certa aprovação àquilo que identificavam como o feminismo ou, melhor dizendo, ao que era considerado pelos autores um bom feminismo: a mulher que estuda, a mulher que trabalha, a esportista, a mãe instruída, as mulheres que obtiveram direito ao voto e, uma vez eleitas proibiram o consumo de bebidas alcoólicas e fomentaram a caridade. A imagem da feminista ideal, segundo essas revistas, seria a mulher moderna; possibilitar à mulher tornar-se moderna, como já foi dito, deveria ser a meta do feminismo. Em contraposição ao bom feminismo, havia o mau feminismo, o feminismo das mulheres que se envolvem demais na política, alvo de críticas e sarcasmo, principalmente nas páginas de *Eu Sei Tudo*. Como exemplo desse sarcasmo, pode-se citar o artigo "A república feminina de Santo Ambrósio - Um país sem homens". O artigo conta a história de um grupo de mulheres que resolveu se rebelar e fundar um país totalmente feminino e que fez um manifesto público desprezando o sexo masculino. O autor do artigo afirma não acreditar na notícia, pois algo tão absurdo só poderia ser pilhéria. (FERREIRA, 1995/1996, p. 161)

Se a feminista apenas estuda, trabalha, pratica esportes e é uma mãe dedicada e uma esposa fiel, não ameaça o patriarcado, mas se entra na política e quer tomar decisões de cunho público, constitui-se como má feminista, aquela que expõe sua sexualidade. Estas características são tão fortes na sociedade que, na imprensa feminista, na virada do século (1980-1910), as feministas construíram as imagens de si como relacionadas ao "bom feminismo", ao mesmo tempo em que são fortes, educadas e participantes da vida social, não abrem mão de serem mães dedicadas à família. Por que os discursos sobre os cuidados dos filhos e da família só circulam em relação à mãe, à mulher? Embora haja uma contra-identificação com a formação discursiva patriarcalista, as feministas continuam identificadas com os

saberes da FD patriarcalista de que a obrigação exclusiva de cuidar dos filhos e da família é da mulher.

Nesse mesmo período, no entanto, na Primeira República (1889-1930), as feministas anarquistas questionaram “a relação homem/mulher, o amor, a maternidade, a sexualidade, a família, o controle da natalidade, entre outros” (FERREIRA, 1995/1996, p. 166) e foram classificadas como feministas más para o patriarcado, por não se enquadrarem nos perfis de feminilidade. Sardenberg e Costa (1994) chamam a atenção para os estereótipos que oprimem as mulheres. A imagem de que ser feminina é aquela bem-amada, não contestadora, submissa segue um modelo patriarcal que submete a mulher ao homem. As autoras atentam para o fato de que os estereótipos de mulher feminina e de feminista são produzidos ao mesmo tempo como opostos, pois um não faz sentido sem o outro. Para que seja um instrumento de subordinação da mulher, só se pode construir a imagem de “bem-amada” construindo a de “mal-amada”, aquilo que ninguém quer ser.

O feminismo sempre incomodou e pouco foi aceito até por intelectuais e pessoas de partidos de esquerda. Rago (2003) constata o preconceito histórico às feministas, desde Oswald de Andrade, que ridicularizava as sufragetes no início do século XX, até o jornal de esquerda Pasquim, cujos jornalistas se diziam assustados. A estética de Betty Friedan era rejeitada e as feministas eram chamadas de feias, mal-amadas, infelizes. Ainda hoje mulheres e homens reafirmam esse discurso. Rago acrescenta que há ainda uma associação com “o lesbianismo, a histeria, o “furor uterino”, a incapacidade de ser amada por um homem, o tipo físico característico, enfim, com todas as misóginas concepções vitorianas sobre sexualidade feminina” (RAGO, 2003, p. 1-2).

A década de 1960 é marcada por um movimento muito forte de feminismo organizado, porém o discurso antifeminista está muito presente também nos partidos de esquerda. O discurso de esquerda até aceitava mulher emancipada, mas não feminista, pois, para eles, política não era para as mulheres, o que as tornava chatas e ameaçadoras, como se quisessem trocar de lugar com os homens. O jornal de esquerda Pasquim reproduzia um discurso machista ao classificar feministas como aquelas que querem ser melhores que os homens. O discurso de que mulher se mete onde não deve, de que as feministas queriam inverter os papéis sexuais e, portanto, as crianças se tonariam homossexuais, circulou na edição número 34. Um discurso sexista e homofóbico.

A capa do Pasquim, número 314, de 1975, (figura 02) no ano em que a ONU declara ser o ano da mulher, faz uma chamada sobre o congresso feminista no México e critica de maneira avacalhada as feministas:

Figura 2 - Capa do Jornal Pasquim n. 314



Fonte: Pasquim, n. 314, julho de 1975, capa

Os discursos materializados na imagem de capa representam uma família com os papéis sociais invertidos, segundo a formação ideológica patriarcalista, na qual a mulher está em pé, com roupas masculinas, representando o papel de chefe da família, o que indica poder; e o homem, sentado com vestes femininas e com as pernas semi-fechadas para não deixar à mostra as partes íntimas, é quem cuida do bebê. As palavras descrevem cada imagem, inclusive a referência ao “sapatão” que a mulher calça, produzindo um efeito de sentido de mulher lésbica. A boneca comenta: “Que futuro, meu Deus”. Tais posicionamentos discursivos sobre

feministas produzem efeitos de sentido sobre elas como masculinizadas, que querem ser melhores que os homens, que rejeitam a maternidade etc. e ainda de que os homens não têm interesse de assumir os papéis domésticos. A imagem produz um efeito de sentido de que os papéis sociais destinados à mulher não são confortáveis para os homens e que tal inversão de papel seria uma tortura. Cabe salientar que o feminismo é representado aí como troca de papéis sociais. Ao mesmo tempo em que a charge valoriza o papel social masculino, de chefe de família, menospreza o papel social atribuído às mulheres, de mãe e de dona de casa.

Em outra edição de O Pasquim, Ziraldo produz uma charge que debocha do lema das feministas, amplamente divulgado em cartazes e panfletos para mulheres de classes populares: “Nosso corpo nos pertence”. Na figura 3, ao colocar duas mulheres pichando uma parede, descreve uma feminista com roupas masculinizadas e cabelos curtos escrevendo o lema do feminismo “Nosso corpo nos pertence”, ao lado, uma mulher que representa a sensualidade e feminilidade no padrão patriarcal pichando a frase “nossos corpos nus pertencem”.

Figura 3 - Charge “O Piche” publicada no jornal O Pasquim



Fonte: O Pasquim, n. 588, Rio de Janeiro, 3 a 9 out. 1980, p.8.

O trocadilho entre o “nos” e “nus”, aliado às imagens opostas entre feminista e uma mulher feminina, produz efeitos de sentido de que feministas são masculinizadas e de que mulher precisa ser feminina segundo o padrão de beleza patriarcal, além de direcionar a quem pertence o corpo feminino.

Outra imagem construída é de feminista “perua”, como “a mulher emancipada que só quer exibir o corpo e pregar a liberdade sexual” (FERREIRA, 1995/1996, p. 184). Tais sentidos negativos são tão impactantes que, quando as feministas entram para a área acadêmica, preferem nomear o grupo de “estudos sobre a mulher” em detrimento de estudos feministas, como comenta Zirbel (2007):

Havia, na sociedade brasileira, uma simpatia à causa das mulheres mas uma rejeição ao termo *feminismo*. Nos meios religiosos, entre as CEBs, mais abertas, as feministas eram aceitas parcialmente, enquanto articuladoras das causas das mulheres de camadas econômicas mais desfavorecidas. Nas alas mais conservadoras das igrejas, eram rejeitadas. Dentre os grupos de esquerda, eram aceitas nos mesmos termos da ala progressista católica: enquanto militantes da transformação econômico-social do país, mas não como defensoras de causas ligadas às mulheres (ainda que estas questões tocassem à totalidade da sociedade). Na mídia, eram “defendidas” (o que já denota a existência de “ofensivas”), por alguns jornais alternativos e revistas femininas, e ridicularizadas e agredidas por outra parcela de jornais alternativos. Junto ao Movimento de Mulheres a situação era, igualmente, dúbia. As feministas eram aceitas enquanto parceiras de discussão e movimento; no entanto, a grande maioria das mulheres preferia se identificar como *mulher*, *feminina* e não como *feminista*. (ZIRBEL, 2007, p. 111)

Os já-ditos que constituem os dizeres sobre o feminismo fazem parte do interdiscurso e afetam o imaginário social. O eixo vertical, da constituição do dizer, e o eixo horizontal, que é o da formulação, se cruzam para fazerem sentido (COURTINE, 2009). A memória, no eixo vertical, sustenta o dizer, a partir do conjunto de formulações já feitas. Conforme Orlandi (2010, p. 21), “quando enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formulam o eixo de constituição do nosso dizer”. Como são dizeres já-ditos e esquecidos, a autora conclui que “a memória discursiva é constituída pelo esquecimento”. A retomada dos sentidos revela posicionamentos vinculados a formações ideológicas contrárias ou não ao feminismo. Da negação do termo, por

estar identificada com uma memória vinculada a uma FD patriarcalista, à reapropriação do termo nas redes sociais atuais, as definições do feminismo são ressignificadas por feministas.

3.2 A HISTORICIDADE DOS DISCURSOS DO/SOBRE O FEMINISMO

Quantos sentidos a palavra feminismo pode ter em relação à sociedade, às feministas, aos homens, à família tradicional, às antifeministas etc.? Para a AD, os sentidos não são dados a *priori*, conforme Pêcheux ([1975]2009, p. 146-147), “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...] ao passar de uma formação discursiva para outra”. Embora a AD não considere que há um sentido nuclear, um centro e suas margens, mas apenas margens, pois todos os sentidos são possíveis, há uma dominância de sentido, em certas condições de produção, que faz relação com outros não-ditos. Esta sedimentação do sentido se dá historicamente, legitimando e institucionalizando o sentido dominante (ORLANDI, 2008).

Há um sentido institucionalizado sobre o feminismo, presente nos dicionários, enquanto “luta por direitos iguais”, mas há também outros sentidos marginais como “movimento que busca privilégios para as mulheres”, ou “movimento de mulheres que querem ser melhores que os homens”. Tais sentidos, em alguns momentos, são dominantes, fazendo parte do imaginário social. Na reportagem da folha, intitulada: “Mulheres usam redes sociais para contestar bandeiras feministas” (OLIVEIRA, 2014), é possível perceber como os sentidos sobre o feminismo se opõem ao sentido dicionarizado, produzindo debates, “a expressão virou página no Tumblr e no Facebook, hashtag no Twitter [...]: ‘não sou feminista porque acredito em igualdade para homens também’, ‘eu não sou vítima’ e ‘não preciso culpar o patriarcado por minhas inseguranças’” (OLIVEIRA, 2014).

Já o ciberfeminismo³⁰ pretende apagar esses sentidos negativos sobre o feminismo, atribuindo-lhe outros. Entretanto, tais sentidos não eliminam os demais. Na dispersão do ciberespaço, o discurso feminista não poderia ser homogêneo, pois a heterogeneidade é constitutiva do discurso. É possível perceber o discurso do outro constituindo os discursos presentes nos títulos dos artigos: “Dominar os

³⁰ Ciberfeminismo é o ativismo feminista no ciberespaço.

homens? O impacto de uma mentira sobre o feminismo” (SEMÍRAMIS, 2011); “Porque somos todas paranoicas, né?” (FAUST, 2011); “Feminismo: uma luta ultrapassada?” (FAUST, 2011). A negação do sentido de que feminismo quer dominar os homens, que feminista é paranoica e que a luta é ultrapassada se torna presente nessas postagens. As palavras fazem sentido porque estas fazem parte da história, já foram ditas em outros momentos e em outros lugares e retornam com novos sentidos.

Precisamos, então, compreender como os discursos sobre feminismo circulam na sociedade e em que condições de produção sócio-históricas certos sentidos tornam-se hegemônicos, colocando sempre o linguístico em relação com o ideológico. Lembrando que “a história dos sentidos cristalizados é a história do jogo de poder da/na linguagem” (ORLANDI, 2008, p. 21).

Segundo o Houaiss (2009), etimologicamente, feminismo é uma palavra originária do francês *féminisme*, cujo significado é 'doutrina que visa à extensão dos papéis femininos'. Outras acepções constam no dicionário como: doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade; movimento que milita neste sentido; teoria que sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos; atividade organizada em favor dos direitos e interesses das mulheres; interesse do homem pela mulher; presença de caracteres femininos no homem. Já o Minidicionário Aurélio define o feminismo como um “movimento favorável à equiparação dos direitos civis políticos da mulher aos do homem” (FERREIRA, 2010, p. 45).

Quando uma palavra é dicionarizada, produz-se um efeito de legitimação de sentidos aí presentes. Como afirmam Petri e Scherer (2016, p. 361):

Em primeiro lugar, é preciso levar em consideração que a produção de instrumentos linguísticos (neste caso, os dicionários) se sustenta por um real – imaginário – para que o processo de gramatização de uma língua se efetive, e isso se dá sempre sob certas condições de produção, ou seja: os saberes instados nos dicionários são produzidos por sujeitos falantes da língua (não podemos esquecer do trabalho do inconsciente), em um certo momento sócio-histórico (portanto, sempre interpelados por uma ideologia e, sobretudo, pela dominante em causa no momento histórico). [...] Em segundo lugar, sabemos, também, que não há neutralidade na produção dicionarística; da mesma forma, não há um real absoluto quando da produção linguística por parte do sujeito falante. O que temos é uma produção de efeitos de sentido que vão auxiliar o leitor, quando de sua busca por verbetes x, y ou z, na constituição de um imaginário

sobre a língua, tendo a significação do e no dicionário como unidade (texto) passível de estar em uma completude e em uma quimera de totalidade.

Os sentidos dicionarizados revelam posicionamentos ideológicos em determinadas condições de produção, mas representam apenas um recorte dos sentidos circulantes na sociedade. O que significa dizer que, conforme Orlandi (2008, p. 21), “a literalidade é produzida historicamente, enquanto efeito de discurso. Portanto, o sentido literal não deve ser estabelecido *a priori*”. Neste caso, as definições de feminismo estão sempre voltadas para a ampliação, extensão dos papéis sociais, produzindo um efeito de sentido de acúmulo de deveres, sem abrir mão dos papéis domésticos ou como organização em favor dos direitos e interesses das mulheres, podendo produzir efeitos de sentido de que mulheres buscam privilégios, entre outros. Não há como dicionarizar, porém, todos os sentidos e muitos chegam a certa hegemonia, independente dos dicionários, isso porque há uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer. Não queremos, no entanto, cometer o que Orlandi (2007a) chama de perfídia da interpretação, que é o de considerar o suposto conteúdo das palavras em detrimento do funcionamento dos discursos. A autora acredita que “levando em conta esse funcionamento é que podemos perceber que o sujeito que produz linguagem e a exterioridade que o determina marcam (isto é, estão presentes em) toda a produção de sentidos (ORLANDI, 2007a, p.95-96).

Levando em consideração a exterioridade constitutiva do discurso, notaremos que os sentidos sobre o feminismo são carregados de historicidade. É preciso, no entanto, entender que a história em si não pode ser considerada como pano de fundo para uma AD, não é independente da língua, mas constitutiva da produção de sentidos. Não cabe aqui seguirmos cronologias específicas do feminismo, objetivas e desvinculadas. Como afirma Paul Henry (2010): “não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências” (HENRY, [1984]2010, p. 47).

O percurso que fazemos para traçar a constituição dos discursos do/sobre o feminismo tem a ver com essa historicidade constitutiva dos discursos, o que coloca a língua em relação com a história produzindo sentidos. Como lembra Orlandi (2008, p. 23), “o sentido do texto não se aloja em cada um dos interlocutores

separadamente, mas no espaço discursivo criado pelos (nos) dois interlocutores”. Importante para compreendermos como feminismo é discursivizado de maneiras diferentes por feministas e antifeministas em distintos momentos. Nas subseções a seguir, traçamos os trajetos de sentido sobre o feminismo. Subdividimos as seções identificando os discursos universalizantes, que são dominantes, sobre a mulher e a feminista, que muito têm a ver com as posições sujeitos de feministas brancas de classe média e discursos de resistência, que dão voz às feministas negras. Tentamos aqui destacar posicionamentos conflitantes sobre o feminismo para mostrar como a heterogeneidade constitui os discursos.

3.2.1 Percorrendo os caminhos de sentidos sobre discursos universalizantes sobre o feminismo

Embora saibamos que não podemos resgatar a origem dos discursos, pois há sempre um já-dito em outros lugares, o marco do feminismo é traçado a partir das reivindicações promovidas por mulheres pela igualdade de direitos durante a Revolução Francesa, em 1789.

Costa e Sardenberg (2008, p. 24) afirmam que “o feminismo, como doutrina que preconiza a igualdade entre os sexos e a redefinição do papel da mulher na sociedade, é certamente a expressão máxima de consciência crítica feminina”. As autoras constatarem que essa consciência é forjada na Europa setecentista, no momento de muitas mudanças na França e na Inglaterra com um novo sistema econômico, o capitalismo. Segundo elas, “por um lado, suas raízes se atrelam aos ideais liberais de igualdade, trazidas pela revolução democrática burguesa, que teve seu auge na Revolução Francesa de 1789” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p.24). Isso porque o conceito limitado de igualdade, traduzido no lema “*égalité, liberté, fraternité*”, na prática, só se instaura entre as classes dominantes e entre os homens, como estabelece o título da “Declaração dos Direitos do Homem”. As mulheres da burguesia se beneficiavam da igualdade e da fraternidade só entre elas, no espaço doméstico, sendo ainda vigiadas. Seus direitos eram os de boa esposa, boa mãe e boa filha (COSTA; SARDENBERG, 2008, p.24). Por esse motivo, Costa e Sardenberg (2008) acreditam que a criticidade e rebeldia das mulheres surgem entre as da classe média de países europeus.

Muitas mulheres, em diferentes partes do mundo, e até muito antes da revolução francesa, lutaram contra os padrões estabelecidos e, muitas delas, foram apontadas como bruxas e queimadas vivas. Fazer um recorte a partir da Europa e da Revolução Francesa, como a maioria das estudiosas faz, é também uma tomada de posição vinculada a uma FD eurocêntrica, que invisibiliza outros discursos. Tentamos aqui destacar os posicionamentos conflitantes sobre feminismo para mostrar as diferentes posições de sujeito.

O documento fundador do feminismo³¹ foi publicado por Mary Wollstonecraft, em 1792, denominado *Vindication of the rights of women* (Reivindicações dos direitos da mulher), denunciando os prejuízos causados pela submissão ao marido, pais ou irmãos, imposta pela exclusão da mulher à educação formal, ao enclausuramento na vida doméstica. O livro materializa discursos, vinculados à formação discursiva feminista, que são contrários à Constituição Francesa de 1791, por esta não considerar a mulher como cidadã³². Segundo Maria Quartim Moraes (2016), Olympe de Gouges (1748-1793), contemporânea de Mary Wollstonecraft (1759-1797), também contesta o discurso dominante, valorizando a educação e a universalidade de direitos. Olympe dirigia o jornal *L'Impatient*, em 1793, funda a Sociedade Popular das Mulheres e lança uma nova proposta, em 1791, com a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*. Ela vai além das *Reivindicações dos Direitos da Mulher*, ao cobrar direito ao voto e à propriedade privadas etc. (MORAES, 2016).

O silenciamento feminino, na sociedade patriarcal, produz sentidos a ponto de a mulher não ser considerada enquanto cidadã e de este posicionamento ser naturalizado na sociedade, porque não havia espaço para sentidos de mulher igual ao homem. E isso se dá pelo viés das formações discursivas, que interdita sentidos sobre o sujeito mulher. Orlandi (2007a, p. 53), em seu livro *As formas do silêncio*, analisa como a política de silenciamento funciona: “Como o sentido é produzido sempre de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer ele estará, necessariamente, não dizendo outros sentidos”. Como os discursos de resistência convivem em conflito na sociedade, em uma época em que mulher não

³¹ Não buscamos aqui a origem dos discursos, pois entendemos que há sempre um já-dito em outros lugares, mas podemos identificar um acontecimento histórico que faz circular discursos sobre o feminismo.

³² Por ter Wollstonecraft vivido um amor livre e ter tido filhos fora do casamento, foi renegada, por isso, pelas sufragistas (SARDENBERG; COSTA, 1994).

tinha voz, não participava da vida política, os textos de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges materializavam discursos, vinculados à FD feminista, que rompiam o silêncio que tornava a mulher invisibilizada.

Tais discursos de resistência, entretanto, não interrompem a política de silenciamento da mulher ao longo da história. Michele Perrot (2015), no livro *Minha história das Mulheres*, descreve a dificuldade de se traçar uma história feminina, por haver um déficit, uma falta de vestígios. Há uma ausência de registros, com estatísticas assexuadas, no plano econômico, industrial e de mercado de trabalho, principalmente porque as mulheres perdiam seus sobrenomes ao se casarem. Margareth Rago (2008), por sua vez, comenta a dificuldade de resgatar na história elementos que descrevessem as trabalhadoras no início da industrialização, porque o historiador, ao buscar os documentos disponíveis, encontrava os olhares de homens sobre as mulheres: “Frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e “indesejáveis” para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e ‘degeneradas’ para os médicos e juristas” (RAGO, 2008, p. 579).

Pêcheux (2009, p. 146) já dizia que “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc.”, e neste caso, a ideologia patriarcal mascara o caráter material dos dizeres sobre a mulher. Se os documentos que descrevem a mulher foram escritos por homens, partindo de estereótipos produzidos por discursos filiados a uma FD patriarcalista, só se corrobora a ideia de que o silenciamento das mulheres tem sido algo recorrente e precisou-se traçar outras rotas para buscar vestígios sobre elas, nos arquivos privados. É neles que as mulheres se expressavam, com ricos detalhes (PERROT, 1989). São “*Livres de raison* (livros de razão) nos quais elas preservam os anais do lar, correspondências familiares cujos escribas habituais são elas, diários íntimos cujo emprego é recomendado às jovens solteiras pelos confessores” (PERROT, 1989, p. 12). Ainda assim, outra dificuldade se fazia porque muitas mulheres destruíam esses arquivos. Os lugares de dizer das mulheres, até então, são lugares do privado, do íntimo. O não poder dizer fazia com que muitas mulheres destruíssem seus arquivos, antecipando as reações na posteridade. Uma forma de adesão ao silêncio imposto.

Já os discursos de resistência feminista começam a circular com mais força e dispersão em momentos distintos da história, motivados por questões peculiares de cada período. Muitas mulheres, em diferentes países, já se manifestavam pela

regulamentação do divórcio, pelo direito à educação, ao trabalho, à herança, de participar de associações políticas (GONZÁLES, 2010). Mas a reivindicação que mobilizou muitas manifestações nos EUA e Reino Unido, do final do século XIX ao início do século XX, e se espalhou pelo mundo, foi, entre outras propostas, o sufrágio universal³³, um marco indispensável para a conquista dos demais direitos. Para Costa e Sardenberg (2008), uma das características da corrente sufragista do movimento feminista foi a moderação:

a corrente do movimento feminista internacional identificada como sufragista caracterizou-se por sua moderação e reformismo, apesar de algumas vezes assumir táticas mais violentas, como foi o caso do sufragismo inglês. Em geral, porém, essa corrente limitava-se a reivindicar uma série de reformas jurídicas quanto ao *status* da mulher, com base na noção de que a igualdade nas leis bastaria para solucionar todos os problemas de caráter discriminatório que as mulheres sofriam. Em nenhum momento questionam o papel de mãe e de esposa, como considerados pelas sociedades patriarcais, em termos das obrigações esperadas das mulheres, inclusive na utilização desses papéis como argumentos para as reivindicações, que, a serem atendidas, dariam maiores possibilidades às mulheres de desenvolverem sua “principal” tarefa na sociedade: a de ser mãe. As sufragistas jamais se preocuparam em analisar a contradição entre a incorporação da mulher ao mercado de trabalho e a tarefa principal que tanto defendiam, e as conseqüências que trariam à operária, obrigada a arcar com dupla jornada. (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 27-28)

Mesmo as sufragistas não questionando visões tradicionais a respeito da mulher enquanto destinada ao lar, a ser mãe e a desempenhar papéis domésticos, os efeitos de sentido produzidos na sociedade a respeito da luta sufragista eram de mulher que deixariam suas “obrigações” de lado para participar das decisões políticas, como se um papel anulasse o outro ou como se os papéis domésticos fossem de exclusividade feminina³⁴. A conquista do direito ao voto representa, antes de tudo, a entrada da mulher na vida pública e a tomada de posição nas decisões

³³ No Brasil, a conquista do direito feminino ao voto se deu apenas em 1932, após décadas de lutas, sendo concedido pelo novo governo da Revolução de 30, com Getúlio Vargas. Uma nova estratégia de dominação. Sardenberg e Costa (1994) constatam que: “As primeiras manifestações feministas ainda serão voltadas para a conquista do direito à educação e profissionalização da mulher. Uma luta que será travada a princípio por Nísia Floresta em toda sua obra e, só mais tarde, pela emergente Imprensa Feminina: ‘O Jornal das Senhoras’ (1852), ‘O sexo feminino’ (da combativa Francisca Diniz), as revistas *A Família* (1980) e *A Mensageira* (1889)” (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 98).

³⁴ Marcelo Rubens Paiva, no jornal *Estadão*, apresenta uma série de propagandas em cartões postais que ridicularizavam as sufragistas (PAIVA, 2016).

políticas, o que promoveu uma série de campanhas anti-sufragistas, pois, no imaginário social, à mulher é destinada a zona do privado. Os sujeitos discursivos sufragistas, com posicionamentos de reivindicação dos direitos da mulher ao voto, contra identificam-se com a FD Patriarcalista, mas continuam identificados com os posicionamentos de que a mulher deve cumprir os papéis domésticos de boas mães, esposas e donas de casa sem questioná-los, não rompendo totalmente com os saberes desta FD.

D'Incao (2008) reflete que a consolidação do capitalismo, ascensão da burguesia e a vida urbana reforçaram o discurso da relação da mulher com o privado, no cuidado dos filhos, como se fosse o papel integral da mulher a dedicação aos filhos, o que passou a ser muito valorizado na época; “ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influências de amas, negras ou “estranhos”, “moleques da rua” (D'INCAO, 2008, p. 230). Tal perfil de mulher é privilegiado a fim de interditar tomadas de posições sufragistas e feministas. A ideia de felicidade feminina estava intimamente ligada ao casamento, pois só assim para garantir posição social, estabilidade econômica (SAFFIOTI, 2013).

Os sujeitos sufragistas contra identificavam-se com a FD patriarcalista, ao reivindicarem os espaços públicos, mas, ao mesmo tempo, identificavam-se com os saberes de que a família tradicional estava em primeiro lugar e não poderia ser destituída. A entrada maciça da mulher no mercado de trabalho (RAGO, 2003), por conta dos avanços tecnológicos da Revolução Industrial, permitiu que as reivindicações ficassem mais intensas, a respeito das imposições da sociedade capitalista e patriarcal. Vale salientar que as mulheres pobres, a maioria negra, sempre ocuparam postos de trabalho, independente dos tipos de sociedade, como afirma Saffioti (2013):

A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas; nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças

desempenharam um papel econômico fundamental. (SAFFIOTI, 2013, p. 61-62)

Como forma de conter manifestações, as mulheres iam sendo desencorajadas a trabalhar. As fábricas eram descritas como um antro de perdição, representando uma ameaça à família, o que direcionava as mulheres para retornar à esfera do privado (RAGO, 2008). Apesar de grande parte do proletariado, no início do século XX, ser constituído por mulheres, Rago (2008) salienta que não houve uma progressiva conquista do mercado de trabalho, o que acontece é uma expulsão das mulheres das fábricas, com o avanço da industrialização e o retorno dos homens. Eram muitas barreiras a serem enfrentadas, independente da classe social a que pertenciam, como diferença salarial, assédio moral e sexual, em um ambiente historicamente masculino.

Foi a corrente das feministas socialistas que questionou a opressão feminina como consequência da propriedade privada. As socialistas feministas acreditavam que as desigualdades de gênero seriam sanadas se conseguissem estabelecer uma sociedade sem classes (COSTA; SARDENBERG, 2008). Como sofreram preconceitos por parte do movimento operário, que as viam como concorrência no trabalho e não as aceitavam em sindicatos, as feministas socialistas tendiam a universalizar a luta pela libertação de classes. Para as socialistas, a inserção da mulher na produção “criará as bases para esta libertação, porque além de possibilitar uma independência econômica, rompendo com os laços de dominação do homem e da família, tirará a mulher do isolamento do lar e a integrará na luta comum de todo o proletariado” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 28). Questões específicas femininas não eram reconhecidas pelas feministas socialistas, por acreditarem que tais reivindicações dividiam o movimento proletário internacional, o que abria mais espaço para a influência das feministas burguesas, “o medo de romper com a “unidade proletária” impossibilitou as socialistas de levarem adiante uma luta mais conseqüente em defesa dos interesses das mulheres” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 28).

Durante pouco mais de um século, as feministas burguesas, que lutaram pelo sufrágio universal, e as feministas socialistas, com lutas pacifistas, predominaram na sociedade. Sem muitas rupturas em relação aos discursos de opressão de gênero, em alguns momentos houve uma grande desarticulação, da década de 1940 até

uma parte da década de 1960. A ideologia produz um efeito de evidência de que a conquista feminista já tinha sido alcançada com o sufrágio universal. No entanto, uma das obras feministas mais conhecidas foi publicada por Simone de Beauvoir em 1949, *O segundo Sexo*, na qual a célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, faz parte de uma série de questionamentos sobre as raízes da opressão feminina e abre caminho para uma nova fase do feminismo. Em 1963, Betty Friedan publica o livro “*A mística feminina*”, dialogando com Simone de Beauvoir e denunciando a opressão da mulher na sociedade industrial.

É na década de 1960, quando há um forte embate entre o socialismo e o capitalismo, na disputa pela hegemonia política entre os Estados Unidos e a União Soviética, em nível ideológico, que um “novo” feminismo surge. Era um momento efervescente em que havia uma onda contestatória e de um movimento de ruptura de regras morais. A onda libertária de 1968³⁵ foi muito importante e necessária para “que cada vez mais amplas camadas de oprimidos passassem a ter um espaço, a procurar sua identidade, a reivindicar seus direitos” (MORAES, 1981, p. 45).

O contexto histórico é de muita transformação em vários aspectos. Há um crescimento científico e tecnológico, devido à corrida espacial, novos estilos de música, surgimento do anticoncepcional, dos *hippies*, dos Beatles, do amor livre, da Ditadura Militar, do movimento pelos direitos dos negros, nos EUA (SOUZA, 2012). O “novo” feminismo vai além das lutas por igualdade jurídica. Luta pela transformação nas relações humanas (família, trabalho e sociedade) e questiona as “velhas práticas machistas também presentes no próprio cotidiano desses movimentos” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 29).

Lídio Souza (2012) comenta que a cultura autoritária, associada geralmente à direita, fazia parte também das organizações de esquerda, o que evidenciava contradições e ambiguidades. As mulheres não tinham espaço para liderar ou assumir postos de direção. Até as relações amorosas eram controladas nas organizações, inclusive nos partidos de esquerda e “um aspecto que parece ser fundamental destacar é que as estratégias de fuga, no caso de ameaça de prisão pelos órgãos de repressão, só existiam concretamente para os dirigentes, que não por acaso eram homens” (SOUZA, 2012, p. 19).

³⁵ “Foi uma movimentação radical de jovens, estudantes, operários, mulheres, negros, contra o autoritarismo do patrão, do Estado, da empresa, da escola, do partido, da família – movimento que se deu em diversos países europeus, nos Estados Unidos e, em grande medida, também na América Latina”(MORAES, 1981, p. 45).

Por sofrerem muitos preconceitos e serem taxadas de comunistas avançadas demais, como se fossem prostitutas, as militantes dos partidos reafirmavam valores tradicionais: “eram militantes, ‘mas de família’, não se confundindo com ‘as galinhas’, termo pejorativo que indicava a liberdade sexual de um grupo de mulheres da época” (SOUZA, 2012, p. 19). Tal posicionamento discursivo identifica-se com saberes da FD patriarcalista, de que uma mulher de família tradicional é uma mulher de respeito e as que não são “de família” não são dignas. O machismo continuava sendo intenso dentro e fora dos partidos, o que fez com que muitas mulheres se desiludissem com a militância, pois perceberam que estavam sendo usadas apenas para somar em papel coadjuvante. Em 1966, as militantes começaram a se reunir para discutir experiências dentro dos grupos políticos e experiências femininas, são os chamados “grupos de reflexão”, como estratégia de luta, com troca de experiência e vivência femininas (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 93). A afirmativa o “pessoal é político” vem da “constatação de que os problemas que as mulheres vivenciam enquanto indivíduos, no seu cotidiano, têm raízes sociais e requerem, portanto, soluções coletiva” (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 93).

O feminismo, então, se organiza. Segundo Rago (2003, p. 2), as feministas “em luta contra a ditadura militar defrontavam-se com o poder masculino dentro das organizações de esquerda, que impediam a sua participação em condições de igualdade com os homens nos movimentos então construídos”. Havia uma necessidade de fazer um movimento que não se subordinasse aos movimentos políticos pela redemocratização no país, para que o machismo não se diluísse nas mobilizações.

As mulheres sempre participaram das ações coletivas³⁶, muitas vezes como protagonistas, em redes associativas, em organizações, em bairros, comunitárias, assistenciais, empresariais, a partir de políticas de responsabilidade social, em

³⁶ Os primeiros movimentos sociais, surgidos entre os séculos XIX e XX (movimento operário e movimento revolucionário) e também os dos anos 1960 aos anos 1980, lutavam pelo “direito de ter direitos”, direitos vistos como universais e não direitos de categoria. Gohn (2014) salienta a diferença com os movimentos sociais de hoje: “Na atualidade, muitos dos movimentos, ou ações civis denominadas movimentos, não têm mais o universal como horizonte, mas sim o particular, os interesses imediatos, o direito de sua categoria ou grupo social. E as ações coletivas que são movimentos sociais de fato tiveram de alterar suas práticas e reivindicações para não ficar à margem da História, atuando segundo certas condicionalidades pautadas pela nova institucionalidade criada pelas políticas públicas – em casos raros, partiram para ações de resistência via desobediência civil”. (GOHN, 2014, p. 12)

fóruns, movimentos sociais etc. (GOHN, 2014, p. 133-134). As mulheres são maioria em grupos de mobilização, segundo a temática de gênero, nos movimentos populares, nos fóruns transversais, nas entidades associativas. O problema, no entanto, é que as mulheres ainda assim são invisibilizadas nessas ações, mesmo sendo, muitas vezes, maioria, isso porque elas estiveram sempre em situação de exclusão socioeconômica na sociedade. Dificilmente são consideradas como protagonistas, mesmo nos movimentos sociais, que são discriminados pela sociedade (GOHN, 2014).

É na década de 1970³⁷ que grupos feministas criam associações que defendem questões envolvendo “corpo” e “sexualidade”. O chamado feminismo rebelde (RAGO, 1995-1996), da década de 1970, denunciou a dominação sexista na sociedade e dentro dos partidos de esquerda e questionou radicalmente as relações de poder no interior dos grupos políticos. O feminismo evidenciou a dominação machista, que estava sendo preterida pela ideia de Revolução. As feministas definiram como preocupação principal as trabalhadoras, quando surgem os jornais *Brasil Mulher* (1975-1980) e *Nós mulheres* (1976-1978)³⁸, os quais “visavam a conscientizar as trabalhadoras pobres, respaldando-se numa linguagem marxista inicialmente destinada a pensar a luta entre as classes sociais, e não precisamente a guerra entre os sexos” (RAGO, 1995-1996, p. 34).

A partir da repercussão dos movimentos feministas pelo mundo, desde a década de 1960, em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabelece o ano de 1975 como Ano Internacional da Mulher. Segundo Pedro (2006, p. 250),

Uma das narrativas fundadoras do feminismo da Segunda Onda no Brasil informa que, graças à definição, pela ONU – Organização das Nações Unidas, de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, e como ano de início da Década da Mulher, aconteceu no Brasil o ressurgimento do movimento feminista ‘organizado’. Este teria sido inaugurado com uma reunião, ocorrida em julho de 1975, na ABI – Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, e com a constituição do Centro da Mulher Brasileira, também naquela cidade.

³⁷ A retomada do feminismo na década de 1970, como movimento organizado, tem narrativas entrecruzadas (PEDRO, 2006). Joana Maria Pedro (2006, p. 257) destaca: “Essas narrativas que colocam 1975 como ano inaugural do feminismo no Brasil são, entretanto, contestadas por outras participantes.” Rose Marie Muraro intermediou a publicação, no Brasil, em 1971, do livro “A mística feminina” da norte-americana Betty Friedan, publicado nos Estados Unidos em 1963, um congresso de mulheres foi promovido em 1972, Romy Medeiros lutou pela aprovação do Estatuto da Mulher Casada, aprovado em 1962 (PEDRO 2006).

³⁸ Discorremos sobre a importância da imprensa feminista mais adiante.

A partir de então, teria ocorrido o aparecimento de outros espaços de união e movimento feminista em outros lugares do Brasil. Essa narrativa fundadora informa, também, que o ressurgimento do movimento de mulheres e feminista em 1975, com o apoio da ONU, teria representado para diversos partidos e grupos políticos ainda clandestinos, que tentavam se reorganizar em meio à repressão, uma possibilidade e, ao mesmo tempo, uma ameaça. Inicialmente a possibilidade aberta pelo Ano Internacional da Mulher foi considerada como um espaço autorizado para fortalecer a luta contra a ditadura, e, portanto, entre os partidos clandestinos, uma possibilidade de reuniões e atuação sob proteção da ONU, sem que se sentissem ameaçados pela repressão. Entretanto, o fato de 1975 ser o Ano Internacional das Mulheres, tendo resultado de uma luta feminista que recomeçava, foi, também pensado como uma ameaça ao projeto político de muitos desses grupos, pois poderia significar a ‘dispersão’ daquilo que consideravam uma luta prioritária.

Os anos 1980 marcaram uma nova etapa para o feminismo, o qual, se antes lutava para não se afastar dos discursos de esquerda, colocou na pauta questões mais voltadas para o universo feminino (corpo, sexualidade e saúde). Vários grupos feministas surgem com novas temáticas e linguagens próprias³⁹, cujas integrantes eram ex-militantes de esquerda, marxistas, novas gerações de feministas, que reivindicavam autonomia em suas pautas (RAGO, 1995-1996).

Após a afirmação do feminismo como movimento social, intercalando entre a luta pelos direitos das mulheres e a redemocratização do país, novos temas da esfera privada foram abordados como prioritários, rejeitando a ideia de que são questões secundárias (RAGO, 1995-1996). As temáticas de mobilização eram voltadas para o direito ao corpo, ao prazer, para o questionamento sobre os padrões de família. A palavra de ordem era “o pessoal é político”, já que as relações familiares eram baseadas em relações de poder, daí a violência doméstica como exemplo. Há aí um movimento de sentidos sobre as temáticas do feminismo. Tal posicionamento discursivo promove uma ruptura com discursos de que questões relativas à intimidade devem ser apagadas. Essa tomada de posição dos sujeitos feministas marca uma nova discursividade e desloca a memória para produzir sentidos. A afirmativa “o pessoal é político” questiona “a concepção do político tradicionalmente limitado à descrição das relações dentro da esfera pública, tidas

³⁹ Grupos como o Centro Brasileiro da Mulher, no Rio de Janeiro; a Associação de Mulheres, de São Paulo; o Coletivo Feminista do Rio de Janeiro; o Coletivo Feminista de Campinas; o SOS Violência, de São Paulo; o SOS Campinas; o SOS Corpo, no Recife; o Maria Mulher, em João Pessoa; o Brasília Mulher; o Brasil Mulher; o Grupo “Sexo Finalmente Explícito”; o Centro de Informação da Mulher ou CIM, de São Paulo, entre outros. (RAGO, 1995-1996)

então como supostamente diferentes em conteúdo e teor, das relações e interações na vida familiar, na vida “privada” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 30).

O universo feminino teve mais visibilidade, o que antes era recusado, agora faz parte das pautas feministas. Temas-tabus como sentimentos, emoções, sexualidade e moda faziam parte das reuniões das militantes e das discussões acadêmicas (RAGO, 1996). Tais temáticas eram discutidas de forma crítica aos ideais de beleza veiculados pela mídia. Rago (1995-1996) constata que as feministas começaram a valorizar os assuntos ditos femininos, aumentando o campo conceitual, para assim criticar a sociedade burguesa. Ao voltar o olhar para si mesmas, as feministas davam visibilidade ao que fora silenciado, recusado, levando a uma “radicalização da potencialidade transformadora da cultura feminina/ista em contato com o mundo masculino. Tratava-se, então, não mais de recusar o universo feminino, mas de incorporá-lo renovadamente na esfera pública [...]” (RAGO, 1995-1996, p. 37).

O movimento feminista pode ser considerado o mais subversivo até então por questionar todo um sistema político excludente não só das mulheres, como de outras minorias, como negros e homossexuais. Os discursos feministas ultrapassam a esfera jurídica das sufragistas para uma visão ampla da vida social e individual da mulher (RAGO, 2008). A luta ampliou as discussões sobre opressão e exploração feminina, pois são culturais, sendo preciso, portanto, promover uma revolução cultural nos costumes e práticas. (RAGO, 2008).

É no final dos anos 1980 que há um crescimento dos estudos de gênero no país, compreendendo-o como uma construção social do sexo. Há uma desnaturalização do gênero e a negação do discurso universalizante, com a autora Judith Butler, nos anos 1990. O termo “gênero” surgiu entre as feministas estadunidenses, que concebiam o caráter social nas distinções baseadas no sexo, o que indicava um abandono do termo sexo. Havia uma preocupação de não isolar as discussões somente para as mulheres, pois não se pode estudar o sexo oprimido sem estudar o sexo opressor, tal como o historiador das classes, que não estuda apenas os camponeses, mas os senhores. Para Joan Scott (1991), o objetivo principal de estudar gênero é compreender a importância dos sexos dos grupos de gênero na história, “é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la” (SCOTT, 1991, p. 2).

Scott (1991) chama a atenção para o uso mais recente de gênero como sinônimo de mulher. As estudiosas mudaram títulos de livros e artigos de mulher para gênero, para ter uma aceitabilidade maior, pois produz um efeito de sentido de cientificidade, de neutralidade, distanciando-se da política do feminismo: “este uso do “gênero” é um aspecto que poderia ser chamado de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 80” (SCOTT, 1991, p. 3).

Veremos a seguir novas discursividades sobre feminismo, que reivindicam lugares de fala e como se dá essa disputa de narrativas feministas.

3.2.2 A reivindicação de novos lugares de fala no feminismo

Por muito tempo, o feminismo esteve preso a uma visão eurocêntrica da mulher. Após longo período sendo “repetidamente rechaçadas pelo racialmente homogêneo movimento pelos direitos das mulheres, as mulheres negras formaram seu próprio movimento associativo” (DAVIS, 2017, p. 15). Era preciso combater a universalização da categoria mulher, para não deixar de fora diversas outras mulheres.

No final da década de 1970, as pesquisas acadêmicas incorporaram a relação sexo/classe para as discussões, contemplando assim as mulheres operárias, rurais, donas de casa etc. (DAMASCO, 2009). E o movimento de mulheres negras surge na década de 1980 para alterar esta perspectiva universalizante, enegrecendo o feminismo (CARNEIRO, 2003). Com demandas específicas, os grupos de mulheres negras e de mulheres indígenas não podem ser tratados com as mesmas especificidades, mas com práticas diversas, ampliando a visão de protagonismo feminista. Sueli Carneiro (2003) explica que a expressão *Enegrecendo o feminismo* tem sido utilizada para marcar a trajetória de mulheres negras no interior do movimento feminista. A ideia é revelar a insuficiência teórica da formulação tradicional feminista branca e ocidental, que não integra as outras formas de expressão do feminino multirracial e pluricultural. A autora acrescenta: “afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil” (CARNEIRO, 2003, p. 118)

O questionamento ao feminismo tradicional foi incorporado pelas feministas negras no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, cujo marco foi o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, em 1988, em Valença, no Rio de Janeiro. O movimento de mulheres negras surge a partir de dois movimentos: o movimento negro e o movimento feminista, para redefinir as ações para a mulher negra. Conforme Sueli Carneiro:

A necessidade existencial e política que impulsiona o esforço organizativo das mulheres negras evidencia os limites da ação política desses dois movimentos sociais que são suas matrizes geradoras. Isso implica que a afirmação política de um Movimento de Mulheres Negras ou a configuração da mulher negra como uma nova força política significa, ao mesmo tempo, a afirmação de uma crítica política a esses dois movimentos. Crítica esta decorrente do caráter subordinado que a questão mulher negra tem tido na pauta de reivindicações ou nas propostas gerais encaminhadas tanto pelo Movimento Negro como pelo Movimento Feminista, atitude que vem se modificando nos últimos anos em virtude da cobrança cada vez mais efetiva das mulheres negras. Na medida em que não se sentiam contempladas nas propostas do movimento feminista, desenvolveu-se em expressivas parcelas de militantes negras uma atitude de certa rejeição das teses deste movimento. (CARNEIRO, 1993, p.14)

O racismo rebaixa o *status* dos gêneros, pois a mulher negra está em uma escala social abaixo da mulher branca. Além de sofrerem opressão sexista, as mulheres negras sofrem opressão racial, econômica e sexual (DAVIS, 2017). A consciência de gênero, no entanto, não determina necessariamente uma solidariedade racial, o que faz com que mulheres negras sofram com o racismo no próprio movimento. As pautas dos movimentos abarcam algumas questões e apagam outras, o que requer uma nova narrativa.

Angela Davis (2017) elucida como a luta das mulheres negras de classe trabalhadora beneficia as irmãs brancas de classe média a partir de uma pirâmide horizontalmente dividida em raça e classe social de grupos diferentes de mulheres:

As mulheres brancas se situam no alto – primeiro, as mulheres da burguesia, sob as quais colocamos as das classes médias e, depois, as da classe trabalhadora. Na parte mais baixa estão localizadas as mulheres negras e outras mulheres oprimidas racialmente, que em sua grande maioria vêm da classe trabalhadora. Quando aquelas no ponto mais alto da pirâmide obtêm vitórias para si mesmas,

geralmente a condição de todas as outras mulheres permanece inalterada. [...] Mas, ao contrário, se aquelas do ponto mais baixo da pirâmide conquistam avanços para si mesmas, é praticamente inevitável que seu progresso empurre o conjunto da estrutura para cima. O avanço das mulheres de minorias étnicas quase sempre dá início a mudanças progressistas para todas as mulheres. (DAVIS, 2017, p. 36)

O silenciamento da mulher negra nos movimentos feministas provoca uma mobilização para se mudar posicionamentos políticos. O conjunto de direitos reivindicados pelo feminismo para a plena autonomia da mulher não leva em consideração outros fatores. Sueli Carneiro (1993) questiona de que mulher se está falando quando se fala de romper com o mito da fragilidade feminina, da rainha do lar, da musa dos poetas, entrada da mulher no mercado de trabalho, etc., pois as mulheres negras nunca foram tratadas como frágeis, foram escravizadas e sempre tiveram que trabalhar, não são rainhas de nada, não são musas, porque o padrão de beleza é o europeu, os anúncios de emprego não contemplam a estética negra, quando estampam: “exige-se boa aparência”. A autora chama a atenção para o fato de que “o discurso clássico sobre a opressão da mulher não dá conta da diferença qualitativa da opressão sofrida pelas mulheres negras e o efeito que ela teve e tem ainda na identidade das mulheres negras”.

A luta feminista deve também abarcar na construção da cidadania para mulheres negras brasileiras, lutando contra os mecanismos de discriminação racial, em todas as esferas da sociedade, como no mercado de trabalho, criminalização do racismo e luta por uma equivalência das diferenças e não inferioridade (CARNEIRO, 1993).

Com o crescente número de grupos de feministas, entre elas as negras, transexuais, indígenas, etc., nesse período, há também uma institucionalização e profissionalização do feminismo, mediante as Organizações Não Governamentais (ONGs), diferenciando-se dos grupos feministas dos anos 1970. O feminismo ampliou sua atuação em grupos políticos, sindicatos e “movimentos de mulheres”, os quais se diferem do movimento feminista, por significar ações organizadas para reivindicação de direitos e melhores condições de vida. Teles (1993, p. 12) indica que o “movimento feminista refere-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e a subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que

as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e história (TELES, 1993, p. 12).

Esta relação entre os dois movimentos femininos ampliou a rede do feminismo e as bandeiras de luta, incluindo a violência contra as mulheres e dos direitos reprodutivos (RAGO, 1995-1996)⁴⁰. As mulheres da periferia também ampliaram suas reivindicações, como o direito à liberdade sexual feminina, ao corpo etc. É nesse período também que há uma abertura para o relacionamento com o Estado. Em 1983, formam-se conselhos estaduais da condição feminina. Foram criados planos de assistência à mulher, mas institucionalização dividiu opiniões entre feministas. Algumas achavam que era uma ameaça de serem absorvidas pelo Estado “pós-autoritário” (RAGO, 1995-1996). Não há de se negar que houve ganhos para as mulheres no mercado de trabalho, conscientização de trabalhadoras. Cresceram os grupos de feministas negras, como Geledés – Instituto da Mulher Negra, ONGs feministas, grupos de pesquisa sobre a mulher nas universidades, mulheres na política. Rago (1995-1996) alerta que essas conquistas ainda não estão garantidas, pois há uma pressão da sociedade machista e conservadora, como “as discussões trazidas por certos parlamentares, que defendem a incorporação do ‘direito à vida desde a concepção’ na constituição”⁴¹.

A história do feminismo é marcada por diversas conquistas, como vimos acima. Papéis sociais nunca antes imaginados para a mulher tornaram-se realidade e foram naturalizados na sociedade. Aos poucos, houve um efeito de apagamento dos movimentos sociais. A partir dos anos 1990, momento após o ápice do feminismo, criou-se uma ideia de que tudo já havia sido alcançado, não haveria nada a se reivindicar. Uma onda conservadora tomou conta da sociedade. As mulheres já estavam inseridas no mercado de trabalho e era preciso retornar aos papéis sociais femininos, buscar a feminilidade. Suzan Faludi (2001) alerta para a estratégia da mídia e dos demais segmentos de desprestigiar o feminismo, a partir de reportagens sobre a “infelicidade” da mulher independente.

A partir do surgimento das novas tecnologias, os discursos feministas têm um alcance globalizado. Isso faz com que haja uma tentativa de desnaturalização dos sentidos patriarcais sobre o que é ser feminista, o que não significa que o sujeito

⁴⁰ Em 2006, foi criada a Lei Maria da Penha, para punir autores de violência doméstica.

⁴¹ O projeto do Estatuto do Nascituro (PL 478/2007) privilegia os direitos do feto desde o momento da concepção e que transforma o aborto em crime hediondo (OLIVEIRA, 2017).

controla os sentidos do que se diz. Fazendo uma relação com o nosso *corpus*, observamos que a necessidade de ganhar adesão da população, com os blogues de divulgação do feminismo, não é característica somente de agora. As estratégias já vinham sendo pensadas desde o início, para que o feminismo fosse aceito, inicialmente dentro dos partidos e a escrita foi uma ferramenta importante. Com as redes sociais, a divulgação foi ampliada, o que não quer dizer que o sujeito não seja afetado ideologicamente, tendo a ilusão de origem do seu dizer. Veremos a seguir como o discurso de resistência feminista circulou na sociedade a partir da escrita e como as mulheres percorreram um longo caminho de letramento para que hoje pudessem escrever nas redes sociais.

3.3 DA POLÍTICA DE SILENCIAMENTO DO FEMINISMO À RESISTÊNCIA DAS VOZES DA IMPRENSA FEMINISTA

A língua, enquanto produto cultural, é marcadamente característica de poder. É por ela que ficam registrados conhecimentos, relações históricas, ideologias, transformações políticas e nela materializam-se os discursos. Roger Chartier (2004), no artigo *Práticas de escrita*, chama a atenção para uma questão importante, de que a entrada das sociedades ocidentais no mundo da escrita seria uma das mais importantes mudanças da Idade Moderna, período que vai do século XVI ao século XVIII. Isso porque, ao considerar os progressos da alfabetização, a maior circulação da escrita à mão ou impressa e a difusão da leitura silenciosa e na intimidade, transformações importantes que dimensionavam as fronteiras do foro íntimo e os da vida pública são reconhecidas. Consequentemente, surgem, então, novas formas de manifestação de comportamentos femininos.

A leitura e a escrita, historicamente, distinguem o indivíduo na sociedade, já que há um acesso desigual a novos saberes. Ainda hoje, na contemporaneidade, constatamos que a prática de escrita é destinada a poucos, mesmo com a progressiva difusão desta habilidade. E esse privilégio ainda é majoritariamente masculino. Seja por desempenharem papéis de destaque na sociedade ou pela facilidade de publicação. Chartier (2004) destaca que essa desigualdade, desde a Antiguidade, visa o controle do gênero feminino:

De fato, nas sociedades antigas a educação das meninas inclui a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino. Na *Escola de mulheres*, Arnolphe quer que Agnès leia e absorva as "Máximas do casamento", porém se desespera com o fato de ela escrever — sobretudo a Horace, seu apaixonado. Mais ainda que para os homens, as taxas de assinaturas de mulheres não podem indicar, portanto, a porcentagem de "leitoras" do Antigo Regime, pois muitas nunca aprenderam a escrever — e isso não se restringe aos meios populares.

(CHARTIER, 2004, p. 118)

Chartier (2004) faz ainda uma abordagem da escrita no Antigo Regime, destacando como o domínio desta habilidade era desigual quando considerados os aspectos de atividade econômica, condição social, cidade, campo e relações entre homem e mulher. Importa aqui concentrar a discussão nas diferenças seculares entre homens e mulheres tanto na aquisição da escrita quanto na sua difusão. Isso porque constata-se que há um grande temor histórico de que as mulheres tomem a palavra, principalmente com a difusão da escrita.

Em uma sociedade patriarcal, o apagamento dos discursos feministas atravessa décadas e os sentidos sobre o feminismo geralmente são negativos. Ainda hoje é possível constatar as interdições patriarcalistas. Entretanto, com o advento das novas tecnologias, o mundo virtual constitui-se como um lugar discursivo que dá voz às mulheres e possibilita a propagação de outros sentidos sobre o feminismo, em confronto aos dizeres cristalizados. As escritas presentes nessas novas formas de mobilização indicam o quanto o feminismo é um assunto recorrente na sociedade e como ainda há diversas temáticas a serem amplamente discutidas. Como o discurso não se constitui sozinho, há, no entanto, uma tentativa de silenciamento das vozes feministas, nos confrontos e debates ideológicos que ocorrem nas redes sociais.

De um lado, há um efeito ideológico de apagamento do discurso feminista na sociedade – devido a uma tentativa de controle do gênero feminino –, e de outro, um movimento intenso de valorização feminista, que ganha espaço na Internet, o que promove uma frequente circulação de textos escritos em blogs e redes sociais, a exemplo do Twitter e do Facebook, os quais servem como meio propício para a

ocorrência de milhares de protestos ao redor do mundo e possibilitam o crescimento do ciberativismo feminista.

É indispensável considerar que as discussões a respeito dos novos espaços da escrita feminista estão intimamente relacionadas ao estudo da escrita numa perspectiva social. Isso porque, se for feito um panorama, compreende-se que esta escrita de divulgação feminista não se deu de repente. Até a primeira metade do século XIX, a participação escrita das mulheres na imprensa era mínima. Apenas na segunda metade que o *Jornal das Senhoras* surge, no Rio de Janeiro, como o primeiro jornal regido e dirigido por uma mulher, neste caso, dirigido por Joana Paulo Manso de Noronha, em 1852. Vários jornais e revistas com características feministas surgiram na década de 1870, como *O Sexo Feminino (1873-1878)*, dirigido pela professora Francisca Motta Diniz. As temáticas principais nesses periódicos era a reivindicação do direito da mulher à instrução.

Compreender esse processo de inserção das mulheres nos espaços políticos por meio da escrita é voltar o olhar para a importância de se considerar não apenas o que se escreve, mas quais são os usos sociais da escrita, quem escreve e por que escreve, destacando, principalmente, as transformações socioculturais desta escrita nas sociedades.

Constância Lima Duarte (2016), em seu dicionário ilustrado da imprensa feminina e feminista no Brasil do século XIX, constata que a consciência feminista está intimamente relacionada ao acesso ao letramento. A leitura levou as mulheres à escrita e à crítica:

E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência. (DUARTE, 2016, p. 14)

Em 1832, no Rio de Janeiro, periódicos femininos começam a surgir como *A Filha Unica da Mulher do Simplicio (1832)* e *A Mineira no Rio de Janeiro (1833)*. Em

Porto Alegre, Maria Josefa Barreto (1786-1734) publicou *Belona Irada contra os Sectários de Momo* (1893-1834) e *Idade d'Ouro* (1833). A política de silenciamento da sociedade patriarcal é de tal forma que leva estudiosos a trocarem nomes da publicação, como por exemplo, *O Mineiro no Rio de Janeiro*, o que não é de se estranhar que esses primeiros periódicos não discutiriam questões relativas a gênero (DUARTE, 2016).

O *Jornal das Senhoras* (1852), de Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), reivindicava uma emancipação moral da mulher e uma instrução mais consistente. Duarte (2016) elenca os múltiplos periódicos, que se diferenciam quanto aos posicionamentos. Havia os assumidamente feministas, os conservadores e os que não se assumiam, os para jovens, aqueles para entretenimento e os com temas específicos⁴².

No ano de 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho, Dom Pedro II assina o Decreto 7.242, de 19 de abril, que conferia à mulher a liberdade e o direito de frequentar os cursos das faculdades e obter títulos acadêmicos (LOBO e OLIVEIRA, 2013, p. 627).

Ferreira (1995/1996) destaca que, na virada do século (1890-1910), o feminismo liberal questionou os mitos de inferioridade feminina, mas com discursos patriarcalistas sobre a natureza feminina e sobre a maternidade de forma acrítica. Duas revistas representavam o feminismo liberal: *A Mensageira* (1897-1900) e *Revista Feminina* (1914-1936). A maioria dos homens e mulheres que escreviam para estas revistas era contra o sufrágio feminino. As feministas aí presentes precisavam ser “boas” ao patriarcado.

⁴² “Em 1862, surgiu também no Rio de Janeiro *O Bello Sexo*, fundado por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, que pretendia “provocar a manifestação feminina na imprensa, a favor do progresso social”. Em Minas Gerais, o primeiro que veio a público em 1873, em Campanha das Princesas, foi editado por Francisca Senhorinha da Mota Diniz e nomeado *O Sexo Feminino*. Em 1875, ela se transfere com o jornal para o Rio de Janeiro e intensifica a reivindicação do acesso à educação e da necessidade das mulheres se emanciparem da tutela “eterna e injusta” que pesava sobre o gênero. [...] Muitos dos editados por mulheres foram usados para que elas se posicionassem politicamente a favor ou contra a monarquia, a Revolução Farroupilha, a Constituinte, a abolição ou a república, tais como *Idade d'Ouro* (1833), *República das Moças* (1879), *O Abolicionista do Amazonas* (1884) e *Ave Libertas* (1885). Ou para divulgarem o ideário feminista, contestar o mandonismo patriarcal e o comportamento domesticado das mulheres, como *O Sexo Feminino* (1873-1889), *A Mulher* (1881-1883), *A Mensageira* (1897-1900), *O ESCRINIO* (1898-1910), entre outros”. (DUARTE, 2016, p. 22-23).

O discurso anarquista ou libertário circulou em diversos periódicos como *Aurora*, com publicações a respeito do controle de natalidade, maternidade como escolha feminina e “greve dos ventres” (FERREIRA, 1995-1996). Em 1923, a revista *Renascença* tinha um caráter anticapitalista, fazia uma crítica mais radical ao patriarcado e enfatizava a emancipação feminina. O anarquismo, no entanto, foi muito reprimido e perseguido durante as décadas seguintes, na maioria dos países (FERREIRA, 1995-1996). Com tantas interdições, houve um período de arrefecimento do feminismo e da escrita, nos anos seguintes. A escrita feminina continuava sendo de difícil acesso.

Na década de 1960, há um índice mais recorrente de ingresso de mulheres de classe média urbana nas universidades brasileiras. Diante de tantas conquistas, hoje a mulher tem direito igualitário de aprender a ler e a escrever e de entrar no ambiente acadêmico. Em algumas áreas, o número de mulheres é superior ao do homem.

O grande entrave, no entanto, é que ainda permanece uma tentativa de interdição da escrita feminina na sociedade. E foi na década de 1970, com a imprensa feminista, que o movimento criou nova forma de resistência. Fazia-se necessário criar revistas e jornais escritos por mulheres para desconstrução dos papéis sociais. Os jornais feministas que tiveram destaque foram “Brasil Mulher” (1975-1980), “Nós, mulheres” (1976-1978), “Mulherio” (1981-1988). Na década de 1970, o feminismo já buscava estratégias políticas para reconhecimento social do movimento e buscar alianças de esquerda (RAGO, 2003). É importante lembrar que as condições de produção de um discurso envolvem relações de força. Quem é quem para produzir tal discurso? Se as vozes feministas eram apagadas nos próprios movimentos de esquerda, era preciso priorizar o conceito marxista de classe em relação ao de sexo para que houvesse aceitação, como já discutido anteriormente.

As mulheres presentes nas capas das revistas acima citadas nada representavam o padrão de mulher de revistas como *Nova* e *Cláudia*. A ênfase era para a mulher trabalhadora, das camadas sociais menos favorecidas. Sem maquiagem, com as linhas de expressão, sem corpo escultural ou qualquer elemento que sugerisse a estética do que se convencionou ser feminina. A ideia era questionar os meios de comunicação com propagandas de padrões de beleza que pouco condiziam com a realidade da população brasileira. Só que ao invés de

desnaturalizar os papéis pré-estabelecidos, criou-se uma imagem, vinculada à FD patriarcalista, de mulheres masculinizadas em relação à mulher feminista a ponto de se causar certo incômodo entre mulheres e às próprias feministas.

Revistas como Nova, Mais e Cláudia desejavam mudar o estereótipo de feminista recorrendo a padrões de beleza de modelos magras, altas, brancas etc. isso porque a imagem que mais vigorou de feminista no Brasil foi de mulher masculinizada e sem vaidade⁴³.

Já discorremos na seção anterior como a imagem de feminista é constituída pelos jornais, inclusive pelo jornal Pasquim. O jornal Brasil Mulher (BM) surgiu em 1975. Inicialmente não se definia como jornal exclusivamente feminista. Antes de tudo, queria lutar pela transformação da sociedade, como um todo. O jornal era direcionado para as mulheres das camadas populares (FERREIRA, 1995-1996). As capas eram compostas por imagens de mulheres trabalhadoras, sofridas, envelhecidas e pobres (FIGURAS 04, 05 e 06), bem diferentes dos padrões femininos que as revistas Nova e Cláudia apresentavam.

Figura 4 - Capa Brasil Mulher, n.0



Fonte: DEBÉRTOLIS (2002)

⁴³ “Desde os tempos de *Eu Sei Tudo* e *Careta* – revistas do começo do século – caricaturas de mulheres-homem (leia-se, feministas) já faziam rir o público leitor. Essa tradição foi mantida, nos anos 70, por *O Pasquim*. Charges se prestaram bem a este tipo de caricatura, como podemos observar num desenho que, sobre a legenda “Mulheres do mundo, uni-vos!”, mostrava duas mulheres de mãos dadas, sendo que uma vestia enormes sapatos e óculos escuros (10/07/75, p. 14); ou, em outro, que trazia um homem, apreensivo, cobrindo com as mãos seu pênis porque ouvia o grito “Mulheres, precisamos quebrar o pau!” bradado por feministas (10/07/75, p. 14)” (CORRÊA E CASTRO (1995-1996, p. 114).

Figura 5 - Capa Brasil Mulher, n. 1



Fonte: DEBÉRTOLIS (2002)

Figura 6 - Capa Brasil Mulher, n. 3



Fonte: DEBÉRTOLIS (2002)

O surgimento do jornal *Nós Mulheres*, em 1976, privilegiou o tema “mulher”. As jornalistas, desde o primeiro volume, proclamavam-se como feministas. Composto por ex-exiladas, pretendia-se lutar por uma sociedade socialista feminista, pois tais feministas entendiam que o “inimigo principal” não era apenas o patriarcado, ao contrário das feministas francesas, mas o capitalismo também (PEDRO, 2006).

Durante o tempo de publicação dos jornais *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*, uma tensão é instaurada: qual publicação seria suficientemente feminista? Para a Análise do Discurso, os sentidos mudam de acordo com as posições discursivas postas em jogo. Os sentidos sobre o feminismo para os sujeitos do *Brasil Mulher* correspondem a reivindicar a transformação da sociedade geral para a consequente libertação da mulher. Já para os sujeitos do discurso do *Nós Mulheres*, era preciso uma luta específica para a mulher. Como comenta Pedro (2006):

Este foi um dos argumentos usados: o *Nós Mulheres* foi considerado mais direcionado ao feminismo, ao passo que o *Brasil Mulher* estaria mais preso às lutas consideradas gerais. Por seu lado, o *Nós Mulheres* era acusado de “dividir a luta dos trabalhadores”, de ser uma luta burguesa, porque somente a burguesia é que se interessava na “luta da mulher”. Perguntavam, ainda: “de que maneira a mulher vai se libertar se é o capitalismo que oprime?”. E era preciso primeiro lutar pelo fim da ditadura, para depois buscar os direitos da mulher. Evidentemente, essa disputa discursiva promoveu respostas de parte a parte. O jornal *Brasil Mulher* incorporou, progressivamente, temáticas específicas do feminismo, e, desse modo, o *Nós Mulheres*, em vários momentos, reforçou seu comprometimento com a luta pela democracia. O jornal *Nós Mulheres* circulou somente até 1978, tendo como jornalista responsável Marisa Correa. (PEDRO, 2006, p.268)

Fazendo um paralelo com os *corpora* desta tese, verificamos que a tensão no discurso sobre o que é feminismo e o que vem a ser feminista está presente desde a constituição dos movimentos de mulheres. Mesmo quando não se proclamavam enquanto feministas, havia um parâmetro do que era ser feminista. Nos blogues analisados, há uma tentativa de explicação do que é ser feminista e discursos vinculados a formações discursivas diversas permeiam tais espaços.

As redes sociais virtuais constituem-se com um espaço para feministas fazerem campanhas de valorização do movimento. Explicar o que é o feminismo é

uma motivação principal da maioria dos blogues para desconstrução dos sentidos estereotipados, pois estes ocupam um lugar radicalmente rejeitado pela ordem de valores morais legitimados. Postagens como “Eu não preciso do feminismo. Mesmo?” (FAUST, 2015); “Juntas contra o anti-feminismo: uma leitura crítica do evento ELLA” (BLOGUEIRAS FEMINISTAS, 2015) percorrem diferentes lugares na web e chama a atenção da mídia: “Blogueiras impulsionam causas feministas na mídia” (BRITTO, Folha, 2014); “A nova luta das mulheres” (OLIVEIRA; KORTE, 2014). Se novos sentidos sobre o feminismo fazem parte do imaginário social em conflito com os discursos patriarcalistas, possibilitados pela Internet, faz-se necessário compreender o funcionamento do discurso feminista no ambiente virtual. Para tanto, fizemos uma abordagem sobre a Análise de Discurso materialista, teoria de base da tese, a qual serviu como dispositivo teórico-analítico indispensável para compreensão dos sentidos.

O feminismo da Internet constitui-se a partir de novos modos de dizer, muitas vezes, próprios do ambiente virtual. Neste trabalho, não investigamos apenas o que se diz nas redes sociais, mas como se diz sobre o feminismo para a compreensão do modo de funcionamento dos efeitos de sentido. Considerando a não-transparência da linguagem, destacamos alguns sentidos que podem ter as palavras *feminismo* e *feminista* em relação à sociedade, às feministas, aos homens, à mídia etc. sem esgotá-los e como os discursos nas redes sociais provocam o deslizamento e interdição de sentidos.

4 O DISCURSO FEMINISTA NA WEB: ESCOLHENDO O *CORPUS* DE ANÁLISE

Um novo mundo está a tomar forma neste final de milênio. Tem origem mais ou menos no fim dos anos sessenta e meados da década de setenta na coincidência histórica de três processos independentes: revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e do estatismo e a conseqüente reestruturação de ambos [...] A interação entre esses processos e as reações por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real.

Castells (1999, p. 411)

Os movimentos sociais têm ocupado novos espaços, nos últimos anos, com o advento da Internet. As novas redes democráticas possibilitam calorosos debates no ambiente virtual, já que as redes sociais tornaram-se indispensáveis para os ativismos contemporâneos pelo poder de mobilização, dando alternativas para a difusão da informação sem o crivo das grandes mídias e com uma característica de denúncia. O ciberespaço possibilita novas formas de produção e de circulação dos discursos, que geralmente são interditados pelos que detêm o poder.

A difusão rápida e dinâmica de ideias, possibilitada pelas redes sociais, permite que os movimentos sociais espalhem-se pelo mundo todo (CASTELLS, 2013). A socialização da comunicação produz sentidos e amplia o alcance dos discursos dos movimentos sociais para os diferentes domínios da vida. Castells (2009) aponta que o processo de construção de significado é diversificado, mas com uma característica em comum: os processos de construção simbólica “dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação e multimídia” (CASTELLS, 2013, p.15).

Solange Mittmann (2010) constata que as redes possibilitam circular os mesmos embates discursivos de fora da Internet entre os movimentos sociais e a sociedade capitalista:

Diante do poder capitalista, o discurso dos movimentos sociais aparece como discurso outro, como discurso contra, agregado a um discurso tido como primeiro, visto que é este o que domina a grande

mídia: o do *establishment*. Assim, na rede, circulam os mesmo conflitos da história, as mesmas relações de dominância entre grupos ou classes sociais. Ocorrem os mesmo enfrentamentos entre a reprodução e a transformação dessas relações de dominância e, portanto, das condições de existência. (MITTMANN, 2010, p. 92)

As novas tecnologias criadas para sustentar a economia capitalista, contraditoriamente, são utilizadas pelos movimentos sociais como meio de lutar contra os discursos hegemônicos desta mesma sociedade, fazendo circular outras vozes. Os movimentos sociais adaptam-se às novas mídias, e a Internet, por sua vez, ajusta-se às características deles (MITTMANN, 2010). O uso das redes sociais como plataformas de comunicação marca a mudança fundamental dos movimentos sociais, pelo seu poder de comunicação de massa cujo alcance de receptores é imensurável. E a comunicação digital é mais uma autocomunicação, pois há uma autonomia entre os interlocutores, dificilmente controlável pelos governantes.

A entrada dos movimentos feministas nas redes sociais propiciou um novo direcionamento dos dizeres no ciberespaço. Por ser um ambiente aberto e múltiplo, a circulação dos discursos alcança novos lugares, novos sujeitos que o ativismo localizado tem dificuldade de alcançar, como adolescentes, pessoas de religiões distintas, homens etc. e permite construções de imaginários sociais sobre o feminismo, mas também desperta confrontos ideológicos. Neste trabalho, questionamos como a dispersão do ciberespaço possibilita a mobilização da memória para a produção, a atualização e a interdição de sentidos sobre o feminismo e sobre o que é ser feminista. Para responder a esta questão, cabe explicitar os gestos de interpretação dos discursos que circulam no blogue, para entendermos a relação do sujeito feminista com a memória em determinadas condições de produção. Partimos do princípio de que são as perguntas da pesquisadora que a conduzem a uma análise de discurso. Nesta seção, convém explicamos os procedimentos analíticos e os procedimentos metodológicos para a escolha e análise do *corpus*. Antes de tudo, faremos um percurso sobre o ciberespaço e a cibercultura para compreendermos os novos modos de dizer dos movimentos feministas.

4.1 PARA COMPREENDER A COLETA DE DADOS NA INTERNET: NOÇÕES SOBRE CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA

Em dezembro de 2015, a justiça de São Paulo determinou o bloqueio do aplicativo do *WhatsApp*⁴⁴ por 48 horas em todo o Brasil, pois os donos não forneceram informações ao Ministério Público, para colaborar com uma investigação criminal. O bloqueio afetou a vida de 100 milhões de pessoas que usam diariamente a ferramenta para se comunicar. A rotina de enviar mensagens e conversar pelo *WhatsApp*, durante todo o dia, ao acordar até antes de dormir, dá uma sensação de que o aplicativo sempre existiu. Com um bloqueio apenas por um dia, já que a empresa conseguiu autorização da justiça para desbloqueá-lo, as pessoas não sabiam mais como proceder⁴⁵, o que gerou muita preocupação entre os usuários. É como se o aplicativo fizesse sempre parte da vida em sociedade.

O modo como nos relacionamos com o virtual está cada vez mais inseparável do mundo real, difícil de dissociar. Felipe Thomaz (2012) entende que:

A rede mundial de computadores estende sua mão a mais de 2 bilhões de pessoas ao redor do globo. Em paralelo à difusão da banda larga, o acesso à internet não mais se limita ao uso do computador como suporte à rede, mas, devido ao avanço no campo das mídias móveis (a exemplo de telefones, *tablets*, *laptops*, entre outros dispositivos), a presença do mundo virtual garante um espaço mais comum na vida de todos. Já não “entramos na internet”, mas estamos na internet e somos pensados por ela, como defende Jean Baudrillard. (THOMAZ, 2012, p. 65)

O *WhatsApp* permite que os usuários formem grupos de acordo com características comuns: grupos de família, grupos de amigos de infância, de colegas de trabalho, grupos de movimentos sociais, de políticos, de pais de alunos etc. Esta interação em rede com pessoas que fazem parte do círculo social parece se confundir com a própria vida real. As pessoas já acordam conferindo a mensagem

⁴⁴ *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas por meio de *smartphone*, criado em 2009. Tal aplicativo mudou a forma de se relacionar entre muitas pessoas, pois a facilidade de se comunicar por meio de mensagens de voz, de texto e de vídeos, além de compartilhamento de fotos, tem tornado obsoleto o uso do celular para telefonema.

⁴⁵ Bloqueio do *WhatsApp* afeta 100 milhões de brasileiros (BLOQUEIO..., 2016).

no *WhatsApp* e escrevendo “bom dia” para os contatos, postam fotos do café da manhã, de um lugar interessante e até não interessante. Tal sociabilidade impõe que os usuários fiquem cada vez mais dependentes de estarem “conectados”. Para além do cotidiano individual, a Internet promove mudança também nos modos de se comunicar entre movimentos sociais, políticos e empresas. Manifestações são planejadas no ciberespaço, eleições são decididas com a interferência da mídia virtual e vendas são fechadas *on-line*. As novas redes sociais criaram outras formas de se comunicar e de se relacionar que modificam os modos de vida e, ao mesmo tempo, o ciberespaço é moldado pela sociedade, que interfere no desenvolvimento das novas tecnologias (CASTELLS, 1999).

Manuel Castells (1999) comenta que a Internet surge como um mecanismo de defesa,

Como se sabe, a Internet originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 60 pelos guerreiros tecnológicos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (a mítica DARPA) para impedir a tomada ou destruição do sistema norte-americano de comunicações pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear. (CASTELLS, 1999, p. 25-26)

Mesmo sendo criada para um determinado fim, a Internet tem sido modificada pelas necessidades sociais, ou anseios. O autor compara a importância da Internet na sociedade contemporânea com a importância da eletricidade na Era Industrial. Num mundo com tantas mudanças, “a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60” (CASTELLS, 1999, p. 25). Desde então, a Internet tem sido expandida para diferentes países, em diversos meios de aplicações, inovando e transformando rapidamente as tecnologias:

A Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim chamou de a “Galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet. O uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da world wide web,

havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões. (CASTELLS, 2003, p. 8)

Esse número aumentou consideravelmente com a mobilidade do acesso em *smartphones*. Em 2016, já havia 4,2 bilhões de usuários na Internet, 2,3 bilhões de usuários ativos nas redes sociais. Um usuário tem em média 5,5 contas nas redes sociais. O Facebook é a rede social mais acessada, com 1,71 bilhões de usuários, seguido do Youtube, mais de 1 bilhão de usuários. Cerca de 89,3% de todas as buscas na Internet são realizadas pelo *Google* (EVANDRO, 2016). Os brasileiros lideram o ranking de tempo gasto nas redes sociais; são em média 650 horas por mês na Internet, 290 horas em portais de notícias e entretenimento (OTONI, 2015).

A sociedade em rede está se proliferando em todos os domínios, desbancando corporações verticalmente organizadas. Castells (2003) define rede como um conjunto de nós interconectados, conceito este que não surge com o advento da Internet, mas ganha nova visibilidade a partir da popularização das redes sociais: “as redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação” (CASTELLS, 2003, p. 7). É na interação com o ambiente natural e social que os sujeitos dão sentido, conectando suas “redes neurais, com as redes da natureza e com as redes sociais” (CASTELLS, 2013, p. 15). As redes constituem-se pela comunicação, ao compartilharem e trocarem informações.

Nos últimos anos, tem sido realizada a autocomunicação, a qual se configura como a mudança fundamental no domínio de comunicação, caracterizada pelo uso da Internet e das redes sem fio (CASTELLS, 2013). Neste canal de comunicação dinâmico e autônomo, o alcance das ações pode chegar a uma proporção global. Esta facilidade de interagir com internautas de diferentes lugares, crenças e interesses possibilita que movimentos sociais aproveitem o ciberespaço para difundir suas ideias e ampliar o número de seguidores.

O Estado pode tanto impulsionar o desenvolvimento da Internet quanto sufocá-lo. Isso vai depender da habilidade ou não de a sociedade dominar a tecnologia:

O processo histórico em que esse desenvolvimento de forças produtivas ocorre assinala as características da tecnologia e seus entrelaçamentos com as relações sociais. Não é diferente no caso da revolução tecnológica atual. Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional. (CASTELLS, 1999, p. 31)

Na sociedade contemporânea, vimos o quanto as redes sociais tiveram uma expansão significativa nos modos de relação entre as pessoas. Com os *smartphones*, não é preciso estar conectado a um computador para acessá-las. Aplicativos para *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, entre outros, podem estar a uma palma da mão. Esta facilidade criou um hábito cotidiano de conectividade. No Brasil, o livre acesso à Internet trava uma batalha judicial, pois operadoras querem limitar os dados de usuários, para que possam tarifá-los, quando atingirem determinado limite. Isso afeta diretamente quem utiliza a Internet para assistir a vídeos, a filmes, jogar *on-line* e a interagir de diferentes maneiras. A intervenção do Estado é decisiva para garantir, ou não, a democratização do acesso para todos (OLIVEIRA, 2016).

O impasse para este livre acesso ocorre porque as mudanças que acontecem na sociedade, por conta da Internet, dividem opiniões a respeito dos modos de interação social. Castells (2003) constata que o surgimento da Internet como novo meio de comunicação provoca debates. Isso porque muitos acreditam que as comunidades virtuais, que se comunicam *on-line* são a culminação de um processo histórico de novos padrões de relações sociais que antes eram limitadas. Outros criticam a Internet por acreditarem que esta está causando um isolamento social, um conflito na comunicação social e familiar, já que há um abandono da comunicação face a face.

Além desse aspecto, há também interesses políticos empresariais para abafar manifestações, críticas à sociedade capitalista. Embora esse debate não se esgote, há de se acreditar que o ambiente virtual abre caminhos para discussões,

construção de identidades e circulação de discursos polêmicos. Pierre Levy (1999) define-o como ciberespaço, que é:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso. (LEVY, 1999, p. 92)

O ciberespaço constitui-se como um dispositivo de comunicação interativo e comunitário, que abrange novas formas de comunicação virtuais pela Internet e todos os arquivos de informações constantes nele, sendo possível serem acessados em qualquer lugar do mundo (LEVY, 1999).

Duas décadas depois da publicação de *Cibercultura*, por Pierre Levy (1999), a sua discussão mostra-se muito atual, por refletir o impacto da tecnologia sobre a construção da inteligência coletiva, que trazendo para o campo da AD, diremos uma memória, um imaginário social. O ciberespaço permite que postagens em blogues, vídeos de palestras, fotos e reportagens sejam compartilhados e, a depender da popularidade, da polêmica sobre o assunto, em pouco tempo, as visualizações possam chegar a milhões de pessoas.

O vídeo "*We should all be feminist*" (todos deveríamos ser feministas) (YOUTUBE, 2013), postado no *Youtube*, sobre a palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em pouco tempo, teve mais de 2 milhões de visualizações. Por ter se espalhado pelas redes, adolescentes conhecem o feminismo através desta escritora e se interessam por ele, sem ao menos terem lido textos antes sobre a história do feminismo, como o popular livro *O Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir (1980). O ciberespaço faz circular outros discursos não hegemônicos e permite se fazerem conhecidos, tanto o do feminismo, quanto vozes, muitas vezes apagadas dentro do próprio movimento, as vozes do movimento de mulheres negras, como é o caso de Chimamanda Ngozi Adichie e das blogueiras negras.

Em *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, André Lemos (2004, p. 68) destaca que “essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação”, onde a circulação passa de um-todos para todos-todos. Os canais de televisão têm se adaptado à linguagem das redes e inserido elementos como interação com o *Twitter*, vídeos mais vistos, reportagens sobre temáticas debatidas na Web.

A cibercultura desenvolve-se com o crescimento do ciberespaço. Os modos de interagir, de se relacionar derivados desse ambiente constituem a cibercultura. Para Levy (1999, p. 17), o neologismo cibercultura: “especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. O autor afirma que o digital não é estável e está em constante mudança. Essa velocidade de transformação é “uma constante – paradoxal – da cibercultura” (LEVY, 1999, p. 27). Os sentidos, as informações e os modos de se comunicar no ciberespaço são dinâmicos. A cibercultura desenvolve um modo próprio de interação com as pessoas. O Orkut, uma das primeiras redes sociais, teve seu período de popularização, com dinâmicas próprias, até desaparecer. Agora é a vez do Facebook e do Instagram, já houve o auge dos blogues⁴⁶, e há muitas redes sociais disputando popularidade. Postar uma foto instantaneamente, transmitir um vídeo ao vivo para o mundo se torna cada dia mais comum. O virtual faz parte do mundo real e as pessoas não conseguem, muitas vezes, distinguir o real do virtual, se é que é possível haver um limite.

Levy (1999) compreende que a nova face da informação é constituída pela *virtualidade*. A cibercultura é complementar à tendência da virtualização. Como virtual, Levy (1999) entende que há três definições que, muitas vezes, se confundem: uma ligada à informática, uma do uso corrente e uma filosófica. Segundo o autor:

⁴⁶ Os blogues têm uma característica importante no desenvolvimento das redes sociais por permitir o compartilhamento dos conteúdos em outras plataformas, o que faz com que seus acessos sejam muito maiores.

Na acepção filosófica, é virtual *aquilo que existe apenas em potência e não em ato*, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma *atualização*. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está *virtualmente* presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar irrealidade – enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. (LEVY, 1999, p. 47)

O virtual é real, pois existe, mas é uma entidade “desterritorializada”, que pode gerar diversas manifestações em diferentes momentos e locais, sem estar presa a um determinado lugar. As atualizações podem ser diferentes, pois “o virtual é uma fonte indefinida de atualizações” (LEVY, 1999, p. 48). A cibercultura liga-se ao virtual direta e indiretamente:

Diretamente, a digitalização da informação pode ser aproximada da virtualização. [...] No centro das redes digitais, a informação certamente se encontra *fisicamente situada* em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está *virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida*. [...] Um mundo virtual – considerado como um conjunto de códigos digitais – é um potencial de imagens, enquanto uma determinada cena, durante uma imersão do mundo virtual atualiza esse potencial em um contexto particular de uso. [...] Indiretamente, o desenvolvimento das redes digitais interativas favorece outros movimentos de virtualização que não o da informação propriamente dita. Assim, a comunicação continua, com o digital, um movimento de virtualização iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone. (LEVY, 1999, p. 49)

O ciberespaço, assim como o telefone e a carta, permite um relacionamento independente dos lugares geográficos e do tempo real. O que diferencia o ciberespaço é a possibilidade de que os sujeitos se organizem, cooperem em uma memória comum, praticamente em tempo real, mesmo estando a quilômetros de distância. Esta virtualização das organizações deixa-as menos dependentes de lugares determinados, e horários pré-estabelecidos (LEVY, 1999).

Entre as funções mais importantes do ciberespaço está a do acesso a distância aos recursos de um computador, o que hoje chamamos de acesso à nuvem com um conteúdo de banco de dados, pois os dados não ficam armazenados

no dispositivo físico que possuímos, mas em um computador central, que várias pessoas têm a possibilidade de acesso. Outra função é a transferência de dados ou *upload*, o que permite a distribuição mais rápida de arquivos, otimizando a comunicação entre computadores e a pesquisa de informação (LEVY, 1999).

A cibercultura, portanto, corresponde às formas de socialização que se adequam ao ciberespaço. Com a popularização das redes sociais, a cibercultura tem crescido e possibilitado novas maneiras de se relacionar com grupos sociais distintos, seja debatendo ou convivendo. Analisamos, a seguir, como os movimentos sociais estão inseridos na cibercultura.

4.1.1 Os lugares de ativismo na cibercultura: novos espaços de produção e circulação dos discursos feministas

Manuel Castells (2013) questiona “de onde vêm os movimentos sociais? E como são formados? Para responder a esta pergunta, o autor constata que suas raízes estão na injustiça social, na busca pela justiça. Os movimentos sociais têm motivos estruturais e motivos individuais para lutar contra a dominação social, pois são a fonte da mudança social. Castells (2013) indaga:

[...]como esses indivíduos constituem uma rede conectando-se mentalmente com outros indivíduos e por que são capazes de fazê-lo, num processo de comunicação que, em última instância, leva à ação coletiva; como essas redes negociam a diversidade de interesses e valores presente em cada uma delas para se concentrar num conjunto de objetivos comuns; como essas redes se relacionam com a sociedade em geral e como muitos outros indivíduos; e como e por que essa conexão funciona em grande número de casos, estimulando indivíduos a ampliar as redes formadas na resistência à dominação e a se envolver num ataque multimodal a uma ordem injusta. (CASTELLS, 2013, p. 21-22)

Os movimentos sociais são emocionais, não nascem de estratégias políticas. Têm a ver com uma ação individual e/ou coletiva motivada pela emoção, e o gatilho pode ser a raiva, que aumenta a percepção de injustiça. Toda emoção transforma-se

em ação conectada a outros indivíduos e deve haver mecanismos de comunicação, como as redes digitais da nossa época (CASTELLS, 2013).

Ao longo da história, as ações sociais sempre geraram impactos na sociedade. Algumas mais decisivas que outras ganham visibilidade enquanto fenômenos históricos (GOHN, 2014). Os modos de ativismo sofrem transformações de acordo com as tecnologias desenvolvidas em cada conjuntura sócio-histórica, no entanto, há algumas características comuns para os movimentos sociais, as quais Maria da Glória Gohn (2014) define:

“Um movimento social é sempre uma expressão de uma ação coletiva e decorre de luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações –; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustenta e encaminham suas reivindicações”. (GOHN, 2014, p. 14)

É na década de 1960 que movimentos de contracultura⁴⁷ e estudantis tiveram grandes repercussões em uma sociedade com valores tradicionais em crise e em um país sob uma ditadura militar. Os movimentos sociais tomam novas formas na sociedade, com reivindicações por melhores condições de trabalho e luta por direitos iguais entre homens e mulheres, por combate ao preconceito contra negros, indígenas e demais minorias. A difusão dos movimentos sociais, por outro lado, expõe uma marginalização histórica. Os primeiros manuais de ciências sociais abordavam os movimentos “no contexto das mudanças sociais, e os viam como fontes de conflitos e tensões, fomentadores de revoluções, revoltas e atos considerados anômalos no contexto dos comportamentos coletivos vigentes” (GOHN, 2014, p. 24).

As mobilizações causam incômodo na sociedade, por parte de setores conservadores. Na verdade, desde as primeiras manifestações, as ações sociais são consideradas distúrbios populares, instintos selvagens de natureza humana, comportamento irracional das massas etc. (GOHN, 2014). Ainda hoje, a imagem dos

⁴⁷ A contracultura é caracterizada por um espírito libertário e questionador da racionalidade ocidental, com apelo a uma juventude de camada média urbana, constituía-se como um movimento bastante catalisador e questionador, em diferentes países. (PEREIRA, 1983)

movimentos sociais não é muito diferente⁴⁸. A tentativa de criminalizar tais movimentos leva a um apagamento das manifestações sociais na grande mídia, estas geralmente controladas por políticos e grandes empresas, criando-se uma ideia de que os movimentos sociais tenham se tornado desmobilizados⁴⁹.

É a partir dos anos 1990, com a globalização, que as lutas sociais ultrapassam as fronteiras locais (SCHERER-WARREN, 1998). As novas tecnologias de comunicação ampliam significativamente os movimentos. Para Castells (2003, p. 24), “a sociedade passa a se movimentar de um sistema *mass media* para um sistema multimídia especializado e fragmentado”. A popularização da Internet possibilita que os discursos dos movimentos sociais tenham mais evidência, pois as redes sociais promovem significativas transformações nos ativismos.

Castells (2003) acredita que a liberdade nunca é uma dádiva, mas fruto de uma constante luta, porque possibilita redefinir a autonomia e pôr em prática a democracia. O cidadão tem poder de se expressar com a Internet e reivindicar seus direitos, “a Internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento” (CASTELLS, 2003, p. 135).

Foi nos anos 1990 que o movimento zapatista, no México, conseguiu apoio para a sua causa pela Internet, em conexão com redes eletrônicas, numa estrutura descentralizada. Nesta origem, também estava a La Neta, uma rede de mulheres mexicanas, uma ONG (CASTELLS, 2003). Segundo Castells (2003), a década de 1990 foi marcada pela organização de movimentos sociais pela Internet⁵⁰.

⁴⁸ Segundo Figueiredo (2008), “Em reportagem na edição 492 da revista *Carta Capital*, o presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Cezar Britto, manifestou que ‘há um sentimento generalizado de que todo trabalhador é inimigo’. Tal constatação decorre de uma crescente tentativa de criminalização dos movimentos sociais e sindicais por parte de setores conservadores de nossa sociedade, traduzido no descrédito do sistema democrático para com o povo brasileiro, resultante do ideário neoliberal aplicado em nosso país desde a década de 90, que prega o Estado Social Mínimo, porém um Estado Penal Máximo.”. (FIGUEIREDO, 2008, p. 1)

⁴⁹ Volanin (2014, p. 2) discute que o objetivo dos meios de comunicação é criminalizar os movimentos sociais: “A Revista Veja de 26 de junho de 1985, em uma de suas manchetes “Férias ameaçadas – a supergreve nas escolas altera calendário”, apresenta negativamente a greve de professores para a população, omitindo, no entanto, dados fundamentais que os levaram a greve, como a desvalorização salarial do professor, o desgaste humano devido a quantidade de atividades que o professor se vê na contingência de realizar e afetivo, entre outros.”

⁵⁰ Ao longo da década de 1990, no mundo todo, importantes movimentos sociais se organizaram com a ajuda da Internet. Talvez o caso mais notório tenha sido/seja o Falun Gong, um movimento político

Em 2010, por exemplo, uma onda de manifestações começou na Tunísia e se espalhou de modo viral pelo mundo árabe (CASTELLS, 2013) e novos movimentos foram sendo difundidos para outros continentes motivados pela Internet⁵¹. Através de comunidades virtuais, blogs⁵² pessoais e páginas no Facebook⁵³, testemunhamos diversos tipos de intervenções *on-line* com debates coletivos e tomadas de decisões.

Castells (2003) chama a atenção para o fato de que os movimentos sociais do século XXI têm seu campo de atuação na e pela Internet, “o ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p.114). O autor atenta para a ideia de que as sociedades se modificam por meio de conflitos e são administradas por políticos. Tanto os movimentos sociais quanto os políticos utilizam a Internet como meio essencial de comunicação, para atuar, informar, dominar e contradominar. Ao mesmo tempo, a disputa pelo ciberespaço ganha força com as ações políticas. Há, entretanto, também os “protestos hacker-ativistas”, que se aproveitam da vulnerabilidade tecnológica para fazerem protestos em sites de empresas, do governo, que geralmente representam opressão e exploração (CASTELLS, 2003).

Os movimentos sociais do século XXI estão imersos nas redes sociais e seus modos de ativismos estão intimamente ligados à Internet. Não podemos considerar, entretanto, a Internet como um mero instrumento utilizado pelos ativistas, pois há um

espiritualista chinês com dezenas de milhões de partidários que ousou desafiar o poder do Partido Comunista. O líder do movimento, Li Hongzhi, embora morasse em Nova York, mantinha-se em contato com uma rede nuclear de seus partidários via Internet, e era também pela Internet que milhares de resolutos membros do Falun Gong encontravam o apoio espiritual e a informação que lhes permitiam convergir pessoalmente, num dado lugar e hora, numa série de protestos bem-organizados que enfrentavam severa repressão por causa da preocupação do governo chinês com a influência potencial desse movimento (CASTELLS, 2003, p. 115)

⁵¹ Segundo Castells (2013, p. 12), “Os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias. Começaram no sul e no norte, na Tunísia e na Islândia, e de lá a centelha acendeu o fogo numa paisagem social diversificada e devastada pela ambição e manipulação em todos os recantos deste planeta azul.”

⁵² O blogue constitui-se como sendo uma página da Internet, de fácil interface, na qual qualquer pessoa, grupo, empresa pode criar uma conta e publicar textos pessoais, políticos ou institucionais com imagens e espaço para comentários do leitor. Embora originalmente escrito em inglês como Blog, aqui adotamos a forma em português, blogue, conforme consta no dicionário Houaiss (2009).

modo de ajuste tanto dos movimentos quanto das mídias digitais. Os movimentos são modificados e também modificam os ambientes virtuais.

A Internet é indispensável para os movimentos emergentes na sociedade em rede por três razões que Castells (2003) elenca: primeiro, por serem mobilizados em torno de valores culturais, pois é através da Internet que conseguem mais adesão aos seus valores, em busca de uma consciência geral da sociedade; segundo porque os movimentos sociais em rede completam uma lacuna das organizações verticalmente integradas, pois movimentos desencadeados por algo que a mídia abordou, que focam no emocional, fazem mais sentido hoje para mudança social que as reuniões locais em ONGs⁵⁴. Castells (2003) constata a importância da Internet para a expressão e organização de manifestações, “que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública” (CASTELLS, 2003, p. 117). O diferencial é que tais movimentos buscam conquistar não o poder sobre o Estado, mas sobre a mente (CASTELLS, 2003).

A terceira razão para ser a Internet indispensável para os movimentos sociais em rede é a necessidade de se igualar ao alcance dos grandes poderes, a ponto de impactar a mídia com o seu poder simbólico. Há uma necessidade de globalizar os movimentos sociais, mesmo com a ajuda de grupos locais, sem permanecerem localizados, para conseguir agir na transformação social, formando coalisões globais. Décadas atrás, a ideia de se pensar os movimentos sociais globalmente e agir localmente era o mais bem aceito. A partir do advento da Internet, os novos movimentos sociais tornam-se dependentes do ciberespaço e invertem esse mote para “os movimentos sociais devem pensar localmente [...] e agir globalmente” (CASTELLS, 2003). E a Internet fornece base material para a transformação social, mesmo que não seja aquela específica de determinado grupo.

Os movimentos sociais surgidos na Internet têm algumas características em comum: são conectados em rede *on-line* e *off-line*, ao mesmo tempo em que são locais são globais. Começam em locais específicos, com demandas próprias, mas

⁵⁴ Em 2016, a notícia do vídeo de estupro coletivo a uma adolescente, postado nas redes sociais por um dos envolvidos, viralizou na Internet e gerou um protesto nas redes sociais contra a cultura do estupro (ADOLESCENTE...,2016). Tal pauta é abordada pelos movimentos feministas há muito tempo, pois a cada 11 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil (AGÊNCIA SENADO, 2016), mas o protesto gerou tamanha repercussão por conta das redes sociais.

se conectam com o mundo, tornando-se globais. Os movimentos são virais, pois os protestos inspiram mobilizações, há autonomia dos movimentos, sem líderes demarcados, por serem as redes horizontais, há uma cooperação e solidariedade e são autorreflexivos e não programáticos (CASTELLS, 2013).

O ciberativismo, a utilização da Internet por movimentos sociais com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003), contribui para a organização de manifestações feministas nas ruas. Diversas marchas reivindicatórias têm sido organizadas em vários estados pelas redes sociais. A “Marcha do parto em casa”⁵⁵ reuniu mulheres de 21 cidades do país pelo direito de grávidas decidirem se querem ter seus filhos em casa ou no hospital; a “Marcha contra a mídia machista”⁵⁶ protestou por mais respeito na mídia e em campanhas publicitárias, para que as mulheres não sejam retratadas apenas como objetos sexuais. A “Marcha das Vadias”⁵⁷ reuniu militantes de todo o Brasil em atos públicos de protesto pelo fim da violência contra a mulher e pela luta por direitos iguais aos dos homens.

Seios à mostra, corpos pintados, cartazes com mensagens⁵⁸ que se opõem ao discurso patriarcalista e aos dogmas religiosos: “nem santa, nem puta, livre”; “sou minha, só minha e não de quem quiser”; bonita é mulher que luta”; “meu corpo, minhas regras”; eu não vim da sua costela, você que veio do meu útero”; “meu corpo me pertence e abortar é uma decisão minha”; somos feministas porque somos

⁵⁵ A “Marcha do Parto em Casa” começou a ser organizada nas redes sociais após o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) pedir à entidade paulista, o Cremesp, a punição do obstetra Jorge Francisco Kuhn, que defendeu o direito de mulheres saudáveis optarem pelo parto domiciliar (MELO, 2012).

⁵⁶ Segundo Cyntia Semírames (2013), “a Marcha Contra a Mídia Machista se insurgiu contra a imagem das mulheres na mídia, seja na abordagem jornalística (especialmente em relação ao jornalismo das Olimpíadas, que ignorava o desempenho das atletas para se focar nos seus atributos estéticos), seja por anúncios publicitários que perpetuam estereótipos ofensivos e por vezes legitimam assédio e estupro.”

⁵⁷ Segundo o blogue da Marcha das Vadias, “apesar da polêmica do nome, o movimento ganhou força, pois as mulheres refletiram sobre os usos e o poder da palavra “vadia”. Há muito tempo os homens têm usado a palavra “vadia” para justificar diferentes tipos de agressão. Afirmam que apanhamos porque somos “vadias”, que merecemos ser estupradas porque somos “vadias”. Que um decote ou uma minissaia nos tornam “vadias”. O termo “vadia” oprime nossa sexualidade, pois nos torna um mero objeto de satisfação sexual. Desta forma, usamos a força da polêmica da palavra “vadia” para ressignificá-la. ‘Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias’ tornou-se o lema do movimento.” (MARCHA DAS VADIAS, 2011).

⁵⁸ Fotos da marcha das vadias foram publicadas em diversos sites, inclusive no da Folha de São Paulo (MARCHA DAS VADIAS, 2011).

vadias de família, somos uma família de vadias”. Mobilizações como estas nos trazem à memória as manifestações dos anos 1960, quando as feministas foram às ruas queimar sutiãs e brigar por direitos iguais. O feminismo reapareceu⁵⁹ e agora é possível alcançar mais pessoas com a ajuda das redes sociais. O discurso contestador da imprensa alternativa feminista dos anos 1980 parece ganhar um novo terreno no ciberespaço, nos formatos de blogues e páginas virtuais nas redes sociais. São vozes do passado (re)significando o presente.

O alcance do feminismo na rede é imensurável. Muitos atos começam na Internet e tomam uma proporção global⁶⁰. Há uma nova forma de o discurso circular. Expor sua vida nas redes sociais e denunciar um assédio que aconteceu ainda na sua infância não é algo muito confortável para as mulheres. A culpabilização das vítimas é naturalizada na nossa sociedade. O que fica guardado por anos, como segredo, por medo do julgamento das pessoas, encontra nas redes um espaço para se manifestar. O ciberespaço possibilita que novos discursos sejam ditos e transformados e que as manifestações sejam mais frequentes e causem certo impacto na sociedade, isso porque se cria uma “rede de indignação e de esperança” (CASTELLS, 2013).

Segundo Luíse Bello, em entrevista a Mariana Diniz para o site Agência Brasil,

A internet ajudou muito o feminismo a ganhar o apoio de mulheres que não eram iniciadas. O movimento ganhou uma nova roupagem e se tornou mais palatável. É o mesmo feminismo que sempre existiu, mas a internet aproximou as causas feministas da realidade das mulheres, mostrou como ele pode ser útil e faz parte de coisas que as mulheres já vivem, mas não refletiam que eram problemas de igualdade de gênero. É muito poderoso o que tem acontecido nos últimos dois anos. O assunto tem se tornado cada vez mais comum e isso ajuda a tirar o estereótipo negativo da feminista. Ideias como “feminista parece homem”, “não tem nenhum tipo de vaidade”, ou são agressivas e violentas perderam o sentido. Hoje a gente

⁵⁹ O feminismo enquanto movimento social não tinha desaparecido, mas restringia-se a determinadas organizações, o que limitava o campo de atuação e sua popularização. Por sua vez, o ciberativismo promove a visibilidade das mobilizações feministas, por possibilitar um alcance muito maior de pessoas.

⁶⁰ Em 2015, a organização (Think Olga) lançou a hashtag #primeiro assédio, após uma explosão de comentários sexistas a respeito de uma menina de 12 anos, que participava de um programa de televisão. A hashtag foi usada mais de 100 mil vezes no Twitter e fez milhares de mulheres relatarem o primeiro caso de assédio sexual ocorrido com elas. A média de idade relatada no primeiro abuso foi 9 anos. Durante a campanha, foram feitas mais de 11 mil buscas no Google sobre o que é assédio”. (DINIZ, 2016)

consegue ter mulheres famosas que se declaram feministas e mulheres comuns que falam sobre isso com suas famílias e amigos. O feminismo é simplesmente uma luta por direitos iguais. Isso muda a visão dos que viam as feminista de maneira negativa e ajuda a tirar o movimento dos círculos mais elitizados e de ambientes acadêmicos. Tem esse lado positivo dessas grandes campanhas na internet, de todo esse momento de popularidade do tema que estamos vivendo, porque ele empodera a mulher ao mostrar que não há problema em ser feminista e lutar por direitos iguais e que toda reação negativa advinda disso deve ser combatida.

(DINIZ, 2016, p.2)

A ativista Luíse Bello acredita que determinadas ideias sobre o feminismo deixaram de existir por conta do ciberfeminismo. Para a AD, os discursos não desapareceram, mas convivem em posição de polêmica na sociedade. Pode-se dizer que os discursos machistas naturalizados na sociedade perdem espaço para discursos feministas, mas continuam em debate. Enquanto tais sentidos predominavam no imaginário social, com o advento da Internet e a popularização do ativismo digital, sentidos que desconstróem esses convivem em relação de polêmica. Os discursos simplesmente não desaparecem, se confrontam. O embate ideológico é muito intenso. Prova disso são as páginas antifeministas criadas para descaracterizar o feminismo, descritas na seção 3.

O modo como as redes da Internet influenciam diz muito mais respeito ao uso que ao número de usuários (CASTELLS, 2003). E é nesse contexto em que os novos movimentos sociais do século XXI se constituem (CASTELLS, 2013, p. 162). Daí a constatação de que o feminismo na Internet virou um fenômeno de dimensões nunca antes assistido. O alcance que as redes sociais promovem com o discurso feminista atual é tão grande que muitas adolescentes se descobrem feministas apenas por seguirem blogues e páginas sobre o assunto e se identificarem com palavras de ordem como “Lugar de mulher é onde ela quiser”; “Meu corpo, minhas regras”. Esses *slogans*⁶¹ já fazem parte do imaginário social sobre feministas, graças à circulação de dizeres como esse na internet. Tal popularização provoca também reações opostas, o que não impede de se visualizar um crescimento das chamadas *hashtags* #feminismo. Seja “curtindo” ou “descurtindo”, as redes sociais possibilitam a circulação dos discursos sobre o movimento.

⁶¹ O Houaiss (2009) define slogan como “um bordão, uma expressão concisa, fácil de lembrar, utilizada em campanhas políticas de publicidade, de propaganda, para lançar um produto, marca etc.”.

Um dos blogues feministas mais acessados e também pioneiros nessa temática é o “Escreva Lola Escreva”, criado em 2008, pela professora de Literatura em Língua Inglesa Lola Aronovich, que também ganhou muitos inimigos. A blogueira já foi alvo de vários ataques e ameaças de morte devido a uma falsa página criada em seu nome com discursos contra os direitos humanos⁶². Alguns dos responsáveis pelos ataques à professora foram presos. O antifeminismo na web cresce em escala global para conter a onda de avanços feministas.

O blogue “Escreva Lola Escreva”, inicialmente criado para falar de literatura, política e mídia, ganhou novos rumos com a crescente visita de seguidoras que se identificaram com uma postagem no Dia Internacional da Mulher “Toda mulher tem uma história de horror para contar”(2008). Este artigo rendeu diversos comentários com tons de desabafos de leitoras sobre o que já passaram por ser mulher⁶³.

Além do blogue acima citado, verificamos inúmeros outros presentes na Internet: *Think Olga* (2013), “Lugar de mulher” (2014), “Transfeminismo” (2014), Blogueiras Feministas (2010), Blogueiras Negras (2013). Foram criados também espaços em jornais e revistas para dar voz às mulheres, como o “Ativismo de sofá” (Revista Fórum, iniciado em 2012), Questão de gênero (Revista Fórum, iniciado em 2013), Escritório feminista (Carta Capital, iniciado em 2014).

⁶² Segundo reportagem da Fórum, “Tudo começou quando uma página misógina do Facebook chamada “Esquerdismo é doença mental” divulgou uma montagem com o seu perfil no Twitter, como se ela tivesse dito que Alckmin também “deveria ter morrido”. O filho do governador de São Paulo morreu num trágico acidente de helicóptero na quinta-feira passada.[...]Lola, no entanto, estava viajando e sem acesso à internet. Quando voltou do feriado levou um susto como o boato tinha se espalhado entre perfis e páginas misóginas, machistas, homofóbicas. Ou seja, páginas que pregam tudo aquilo que Lola combate em seu blog”. Blogueira feminista é ameaçada após ser alvo de montagem falsa sobre filho de Alckmin (BLOGUEIRA..., 2015)

⁶³ A autora constata, em entrevista, o que a fez continuar a escrever sobre o tema: “Parecia haver necessidade de se discutir feminismo na internet. Blogs feministas já existiam, claro, mas as leitoras que chegavam ao *Escreva Lola Escreva* sentiam-se acolhidas, apreciavam a simplicidade da abordagem, nada acadêmica, e gostavam do meu senso de humor ao tratar de temas horríveis. Além do mais, não era comum um blog ser atualizado diariamente. Nos primeiros meses, havia três posts por dia, um número insano para ser produzido por uma só autora. [...] Mas tanta dedicação começou a colher resultados: em meados de abril de 2008, o blog alcançou as primeiras 10 mil visitas e 23 mil *page views* (visualizações de páginas). Em agosto, o *Escreva Lola Escreva* chegou às 50 mil visitas, e 130 mil visualizações de páginas. Das cem visitas diárias do início, o blog já passava das 400 visitas por dia a partir de junho de 2008. No final de novembro daquele ano, o blog contava com 100 mil visitas, o que já o colocava entre os maiores blogs feministas do Brasil. Nos anos seguintes, o *Escreva Lola Escreva* chegou a 300 mil visitas por mês. Hoje o blog já ultrapassou a marca dos 13 milhões de visitas, 20 milhões de *page views* e 220 mil comentários publicados”(A EXPERIÊNCIA..., 2015).

Partindo-se do princípio de que o modo de funcionamento dos discursos tem se transformado com a Internet e que os movimentos feministas estão cada vez mais integrados às redes sociais, justifica-se, então, a escolha do ciberespaço como ambiente para a coleta dos dados. Os discursos do/sobre feminismo transformam e são transformados pelo ciberespaço e analisamos mais adiante as novas formas de discursivização e circulação, identificando o que é da ordem do político e o que é da ordem da tecnologia. Cabe agora delimitarmos o *corpus*, a partir dessa infinidade de possibilidades na Internet.

4.2 A DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Quando a pesquisadora finalizava o mestrado, o blogue Blogueiras Feministas estava sendo criado como espaço de discussão sobre o feminismo. Isso chamou bastante atenção, porque ia de encontro aos dizeres sedimentados sobre o feminismo na sociedade patriarcal e tomavam um posicionamento oposto ao dos sujeitos pesquisados no *corpus* do mestrado, em relação a se assumirem como feministas. O blogue reivindica vozes na sociedade e o ciberespaço possibilita a circulação de sentidos sobre feminismo interditados em outros meios de comunicação.

Um dos espaços de circulação pioneiros na Internet, que permite a discussão autônoma pelos sujeitos, pois qualquer pessoa pode criar um e escrever sobre os mais variados assuntos, o blogue é o suporte para os textos que compõem o nosso *corpus*, porque se caracterizam como um arquivo digital de discursos, neste caso, discursos sobre o feminismo, e porque permite que os discursos que lá se encontram possam ser compartilhados na dispersão do ciberespaço, tanto em Facebook, Twitter, e-mail etc.

Diante dessa pluralidade de feminismos na web, o *corpus* tem uma especificidade: é um blogue independente, não faz parte de revistas ou jornais; tem, no mínimo, dois anos de existência, é coletivo de mulheres e recebe textos de diferentes lugares. O blogue Blogueiras Feministas (figura 07), um dos primeiros blogues de coletivos feministas a serem criados (2010), constitui-se, portanto, o nosso *corpus*.

Figura 7- Endereço eletrônico Blogueiras Feministas



BLOGUEIRAS FEMINISTAS
De olho na web e no mundo

Editorial Sobre o Blog Como Participar Contato

Com a Gestão Dória, Prefeitura de São Paulo corta atendimento a vítimas de violência doméstica e protetores de animais

Desquisar ...

REDES SOCIAIS

Receba os posts por email:

ASSINE

ASSUNTOS + PROCURADOS

- Aborto e Direitos Reprodutivos
- Capacitismo
- Estatuto do Nascituro
- Feminismo Interseccional
- Lei Maria da Penha
- Marcha das Vadias
- Mulheres Indígenas
- Mulheres Lésbicas
- Mulheres Negras
- Mulheres Trans
- Voto Feminino

DESTAQUES

- 16 Dias Pelo Fim Da Violência Contra a

Texto da Equipe de Coordenação das Blogueiras Feministas.

Movimentos de Mulheres e Protetoras de Animais Independentes denunciam o fim de programas essenciais em São Paulo.

Logo no começo de seu mandato, o "gestor de São Paulo", João Dória, extinguiu a Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres. A partir daí já sabemos que as mulheres de São Paulo iriam ter problemas.

O atendimento a mulheres vítimas de violência doméstica aumentou 31% nos centros de defesa e convivência da capital paulista, no primeiro

Blogueiras Feministas
20/09/2017
Política e Estado
animais, João Dória,
políticas públicas,
Prefeitura, retrocesso, São
Paulo, trabalho voluntário,
violência contra a mulher

Fonte: Blogueiras Feministas (www.blogueirasfeministas.com)

O blogue é dividido em seções, que versam de diferentes categorias relacionadas à mulher. No Blogueiras Feministas, as seções são: Comportamento e Relacionamentos, Cultura e Mídia, Direitos Humanos e Inclusão social, Educação e História, Feminismo e Movimentos sociais, Gênero e Diversidade, Política e Estado, Raça e Etnia, Saúde e Corpo, Sexismo e Violência, Sexo e Sexualidade, Trabalho e Economia.

Consideramos para compor o nosso *corpus* apenas a categoria *Feminismo e Movimentos sociais*, do Blogueiras Feministas, com 43 postagens de 2010 a 2015. Dessa seção, fizemos um recorte das 22 sequências discursivas que definem o que é feminismo e o que é ser feminista, analisando os modos de dizer dos feminismos para a construção da imagem de feminista, considerando noções da Análise de Discurso como Memória Discursiva, Formações Discursivas e Formações Ideológicas.

Hoje a notícia circula de forma mais rápida, instantaneamente, com o ciberespaço e os textos percorrem diferentes lugares, modificando a temporalidade do discurso, que permanecem em arquivo, podendo ser acessado em qualquer

momento, num processo de leitura que se costura a outros textos, como chama atenção Mittmann (2010):

A preparação, pelos movimentos sociais, de textos para circulação, que se dava geralmente diante de um fato específico, trabalhando discursivamente e graficamente para caber em um panfleto, agora mistura-se a muitos outros discursos – do presente, do passado e até do futuro – no site do movimento. A circulação, antes realizada da noite para o dia, agora é simultânea ao acontecimento, e um texto percorre diferentes sites ao mesmo tempo. [...] Por outro lado, a postagem faz o texto permanecer em arquivos, podendo ser acessado em qualquer tempo, como se fosse simultâneo à leitura, e quando é costurado a outras postagens, provoca outros efeitos de sentido. Também a dimensão do público imaginado mudou: o leitor de um texto específico agora é um público-internauta variado, que pode ter buscado a discursivização do fato, mas também pode ter caído na página por acidente, a partir de um link em outra página. O imaginário do internauta leitor e o imaginário do internauta do movimento social a respeito dos discursos presentes no site podem não coincidir. É a partir do lugar social em que cada um se encontra, das posições que cada um assume, do espaço-tempo que cada um ocupa que se configura o imaginário. (MITTMANN, 2010, p. 94).

Faz-se necessário, então, antes de tudo, conhecer a especificidade de um blogue, enquanto arquivo, pois o leitor imaginário pressupõe novos discursos e novos efeitos de sentido, pois atravessam aí o que é da ordem do discurso e o que é da ordem das tecnologias da comunicação (MITTMANN, 2010).

4.3 O BLOGUE ENQUANTO ARQUIVO

O blogue⁶⁴ constitui-se como sendo uma página da Internet, na qual qualquer pessoa pode criar uma conta e publicar textos pessoais, políticos ou institucionais

⁶⁴ Segundo Duarte Eiras (2007, p. 76), “a palavra *weblog* foi usada pela primeira vez em Dezembro de 1997 por Jorn Barger. Em Abril do mesmo ano, nasceu aquele que é considerado o mais antigo *weblog* que ainda se mantém activo: *Scripting News*, da autoria de Dave Winer. Em 1999 surge a primeira lista de *weblogs*, compilada por Cameron Barret, autor de um dos *b l o g s* mais antigos e cuja publicação tem sido ininterrupta desde Julho de 1997. Ainda em 1999, Peter Merholz terá sido o primeiro a utilizar a abreviatura do termo *weblog: blog*. A realidade dos *blogs* alterou-se por completo quando, ainda em 1999, várias empresas desenvolveram e apresentaram ao público *softwares* com vista a automatizar a criação, edição e publicação de *blogs*. Um dos *softwares* mais conhecidos, o *Blogger* apresentava grande facilidade para publicação de conteúdos na Internet; estava assim ultrapassada a exigência de conhecimentos técnicos para gerir um *blog*.

com uma organização cronológica, mas sem a obrigatoriedade de postar todos os dias. A blogosfera mudou a forma de comunicação ao dar voz aos sujeitos que são silenciados cotidianamente pelas grandes mídias. Esta facilidade de publicação permite que qualquer pessoa possa ter um blogue sobre os mais variados assuntos.

Os blogues pessoais têm uma semelhança com um diário íntimo, quando descrevem em ordem cronológica o dia a dia, o que faz muitos estudiosos limitarem a definição de blogue a esse gênero textual. Primo (2008) critica esta visão reducionista:

Apesar de sabermos que novos meios “remediam” meios anteriores (Bolter, 2001), diários pessoais e blogs apresentam características muito distintas que prejudicam sua equiparação. Sim, ambos são formas de registro escrito que seguem uma explícita organização cronológica. Uma parcela de blogs de fato baseia-se na escrita de percepções e reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do autor. Contudo, essa prática não se aplica a tantos outros blogs, que apresentam estilos e objetivos diversos. A principal distinção entre diários e blogs os opõem de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. Blogs, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal. (PRIMO 2008, p. 122)

Nosso *corpus*, portanto, não se aproxima da definição de blogue como diário íntimo, mas como blogue coletivo, que é usado como recurso estratégico pelos movimentos feministas para legitimação do seu discurso, ao divulgar o feminismo à sociedade.

Alex Primo (2008) diferencia os blogues coletivos:

Os blogs coletivos também apresentam diferenças entre si. Aqueles grupais podem ser escritos por um conjunto de amigos, onde cada um expressa suas opiniões em posts escritos individualmente, mas vinculados a alguns temas acordados. Um blog grupal pode também ser produzido por um grupo de apoio, dando suporte online sobre temas que podem variar de informática a uma determinada doença. Ou ainda, funcionar como um registro dos avanços e problemas de um grupo de pesquisa ou trabalho, como também de um conjunto de estudantes. Os blogs organizacionais, por outro lado, apresentam funcionamento bastante diferente. Podem ser simplesmente um veículo de divulgação de releases (até mesmo sem serviço de comentários) ou um espaço de interação com clientes e fornecedores. (PRIMO, 2008, p. 126)

Como os blogues feministas são criados para a divulgação do movimento, o político mistura-se ao tecnológico, que também impõe, a partir da disposição das imagens, a hierarquização das informações, o destaque de determinados assuntos. Tudo para conquistar o leitor. Mittmann (2010, p. 95) observa: “Há sempre um jogo de forças entre as duas ordens discursivas, uma se sobrepondo à outra, acionando pré-construídos diversos para sustentar os sentidos e, portanto, fazendo com que estes deslizem ora em uma direção, ora em outra”.

Os blogues do movimento feminista tornam-se outros arquivos. Tem-se um imaginário de totalidade, cujo efeito é entender que tudo o que é preciso saber sobre o feminismo está presente ali, que dá um efeito de legitimidade. Mittmann (2010) faz essa relação com o site, que podemos relacionar com o blogue,

[...]tomar o site como um arquivo implica considerar um imaginário de totalidade, em que tudo o que é importante deve ali constar, ao mesmo tempo em que tudo o que não cabe, ou não convém, deve ficar de fora das fronteiras. Afinal, é preciso algo ficar de fora para que algo entre, é preciso não dizer para que se possa dizer. Ou, pelo menos, é preciso que se lance para outro lugar aquilo que se deve dizer mas que não cabe ali. Sempre há um mecanismo de articulação interna ao arquivo, que regula a inserção e a exclusão de elementos, além de uma hierarquização. (MITTMANN, 2010, p. 96)

Muito mais do que publicar para as próprias integrantes, publicam para outros leitores, sejam homens ou mulheres. As postagens não são livres, possuem uma temática feminista e passam por análise de mais de uma blogueira. Como o discurso do feminismo não é homogêneo, cabe neste trabalho analisarmos quais são os posicionamentos discursivos presentes nas plataformas.

Quando os movimentos sociais encontram no ambiente virtual novos espaços para se mobilizar, isso não quer dizer que apenas se apropriam da ferramenta digital para se manifestar. Na verdade, como já mencionado, essas formas sociais já fazem parte de cotidiano e o feminismo insere-se nelas. Mittmann (2010) ainda ressalta:

Sob os efeitos de transparência, evidência, universalidade e naturalidade é que se dá a construção do arquivo como um projeto de fomento aos novos discursos. E se dentro do próprio arquivo exerce-se controle, obviamente o mesmo controle é esperado no retorno dos saberes até os novos discursos, e na articulação desses

saberes nesses novos discursos. Dessa forma, seria preciso dominar pela escrita o dizer anterior para melhor controlar o novo dizer. Desfazendo-se a imagem atordoante do caos, o mundo de saberes (o que pode e deve ser dito numa formação discursiva) parece organizado naturalmente, numa estrutura aparentemente capaz de repetir a si mesma infinitamente pela renovação dos discursos. É claro que não há jamais controle absoluto, sempre algo escapa – e a lincagem é uma das formas de escape -, mas há um jogo de forças que tenta conter tais escapes. Daí a importância dos links que remetem a sites com os quais o movimento estabelece aliança, formando uma rede de parceiros pela mesma causa. (MITTMANN, 2010, p. 97-98)

A partir desse grande arquivo de discursos, a seguir, caracterizamos o blogue que compõem o nosso *corpus*.

4.3.1 Blogueiras feministas

O Blogueiras Feministas nasce em 2010, com o objetivo de discutir políticas relacionadas à mulher. Inicialmente forma-se um grupo de discussão por e-mail, para trocar informações e debater assuntos do universo feminista. Com o crescente diálogo, há o interesse de criar um blogue para expandir os debates, pois viram na ferramenta um espaço propício para novos ativismos, divulgando o feminismo. Daí percebemos como os gêneros discursivos fazem parte das interações sociais e as mudanças vão acontecendo “naturalmente” na forma de se comunicar. A ideia é divulgar o feminismo e mostrar a pluralidade do movimento. Conforme Tica Moreno, na seção do blogue Nossa Memória:

Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer vídeos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa idéia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade.

(BLOGUEIRAS FEMINISTAS – NOSSA MEMÓRIA)

As primeiras postagens são links para textos de outros blogs (figura 08) a respeito do mesmo tema. O blogue constituía-se apenas enquanto uma reunião de texto das blogueiras publicados em outros lugares, nos dois primeiros meses (outubro e novembro de 2010). Tal controle do que é válido ser lincado, ou não, faz parte do imaginário dos sujeitos feministas que selecionam as publicações. A página cria uma relação de aliança com outros blogs feministas, ainda que remeta o discursivo e o tecnológico para fora do blogue, com links, delimita o espaço com uma temática comum. A figura 8 apresenta a primeira temática das blogueiras “Critizando o rodeio de gordas”, em outubro de 2010.

Figura 8 – Primeira publicação do Blogueiras Feministas

The image shows a screenshot of the website 'BLOGUEIRAS FEMINISTAS'. The logo features a red target symbol with a female symbol below it, and the text 'BLOGUEIRAS FEMINISTAS' in red, with the tagline 'De olho na web e no mundo' below. The navigation menu includes: Home, Contato, Editorial, Como Participar, Quem Somos, Sobre o Blog, and Biblioteca. The main content area displays a post titled 'Critizando o “rodeio de gordas” da Unesp' by Cynthia Semíramis, dated 28/10/2010. The post includes a list of links: 'Borboletas nos olhos', 'Só lida liberdade', 'Garrafa ao mar', 'Escreva Lola Escreva', 'Humor pelas palavras', and 'contracultura'. Below the post are social media sharing icons for Facebook, Twitter, Google+, YouTube, and Email. A profile box for Cynthia Semíramis is shown, identifying her as a Ph.D. in Law at UFMG and a feminist researcher. The sidebar on the right, titled '+ Lidos', lists several articles: 'Anatomia do prazer: clitóris e orgasmos', 'Copa do Mundo e objetificação dos jogadores', 'Prostituição: por que seguimos ignorando o que elas estão nos dizendo?', '“Feminismo Interseccional”: Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar)', 'Você sabe o que é um estupro?', and 'Sobre o suicídio de Viviane Alves Guimarães Wahbe'. At the bottom right, there is a section 'Receba os textos por email' with an input field for an email address.

Fonte: Blogueiras feministas (www.blogueirasfeministas.com)

A autoria não é única. Como é um coletivo, o blogue é composto por várias vozes que se encontram e se harmonizam de certa forma, portanto a responsabilidade do que é dito é descentralizada. Não podemos deixar de mencionar a função-autor para a AD. Segundo Orlandi (2008, p. 77):

O autor é uma função que o *eu* assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares.

Há um apagamento constitutivo do sujeito, ao se colocar socialmente como sujeito-autor. O que faz com que, na função-autor, haja uma cobrança maior pela ilusão da origem do seu dizer e, conseqüentemente, o sujeito clivado torna-se opaco. Segundo Orlandi (2008, p. 78), “é nessa função que sua relação com a linguagem está mais sujeita ao controle social”.

O Blogueiras Feministas, enquanto arquivo, toma uma nova forma, com textos inéditos, escritos exclusivamente para o blogue, o qual também abre espaço para que os leitores participem da produção de conteúdo. É possível escrever um texto para publicação no blogue ou mesmo participar da lista de discussão por e-mail. As regras para publicação são as seguintes:

Quadro 2 - Regras para publicação no Blogueiras Feministas

<u>Recomendações:</u>
– Evite generalizações no texto;
– Faça uma busca no blog e veja se já não temos outros textos sobre o mesmo assunto que digam as mesmas coisas;
– Procure trazer novidades sobre o assunto tratado.
<u>As regras para publicação são:</u>
– O texto deve ser inédito na Internet. Não pode estar publicado em seu blog pessoal, por exemplo. Valem textos que foram publicados apenas como <i>status</i> do Facebook;
– O texto deve ter ligação com o tema feminismo;
– Se o texto tiver citações ou dados estatísticos, tudo tem que estar referenciado;
– O texto passará pela avaliação de um grupo de pessoas que fazem parte da administração do blog, que decidirá pela publicação ou não;
– Textos muito curtos ou que fujam do formato que costumamos publicar (como depoimentos e desabafos), talvez sejam publicados em nossa página do Facebook ou em nosso Tumblr .
– Caso seja aprovado, o texto entrará na fila de publicação do blog, portanto, talvez não seja publicado imediatamente;
– Caso não seja aprovado, explicaremos as razões.
Mais informações em: Sobre o Blog e nosso Editorial.

Fonte: Blogueiras feministas (www.blogueirasfeministas.com)

Verifica-se que há um direcionamento dos discursos, um modo de controle dos sentidos. Algumas regras formais devem ser seguidas para dar credibilidade ao blogue (evitar generalizações, repetição de assuntos; é preciso referência etc.).

Por se tratar de um blogue político, as publicações passam por análises, nas quais dizeres podem ser interditados se não estiverem de acordo com a política do movimento. Analisando discursivamente, sabemos, no entanto, que a formação discursiva é heterogênea e que há tensões dentro da FD feminista. Neste trabalho, veremos alguns posicionamentos feministas que são interditados neste blogue.

Não há uma periodicidade fixa de postagens. Nos dois primeiros meses, apenas houve duas publicações. Com a crescente necessidade de se falar sobre o feminismo, as postagens ficaram mais frequentes, chegando a cerca de 20 postagens por *mês*. Todas fazem parte desse processo de discussão. Os sujeitos dos discursos posicionam-se, com a ilusão de que são plenamente conscientes dos seus discursos, mas a ideologia produz um efeito de evidência de que há um controle de sentidos.

Tudo que aqui está publicado é responsabilidade nossa, como coletivo. A proposta atual é fazer um espaço virtual mais amplo e democrático. Entendemos que mesmo buscando a pluralidade erramos em alguns momentos. Portanto, vasculhando os arquivos é possível encontrar textos com vestígios racistas, gordofóbicos, transfóbicos, classistas, capacitistas, lesbofóbicos, bifóbicos, homofóbicos, entre outros preconceitos tão arraigados em nós. Há também a questão da invisibilidade, na maioria de nossos textos damos voz a mulher branca, heterossexual, cissexual, de classe média. (BLOGUEIRAS FEMINISTAS – EDITORIAL)

Tomando como base a AD, questionamos por que tal discurso aparece em evidência no editorial. Uma seção fixa e que geralmente introduz o blogue. Para fazer sentidos, outros ditos sobre a página já circularam em outros lugares.

O Blogueiras Feministas possui uma interface acessível. É possível identificar as temáticas facilmente e as fotos das publicações convidam o leitor para o interesse da temática, pois tais semioses também são como discursos (figura 09). As fotos nem sempre fizeram parte das publicações. Nos primeiros anos do blogue, não se discursivizava a partir de imagens. Com a dinâmica da Internet, o blogue pode sofrer modificações a todo momento.

Figura 9 – Publicações de textos com imagem

Quem tem medo do Feminismo?



Texto de Ticiane Figueiredo. De todos os tipos de intolerâncias existentes em nossa sociedade, a que se impõe contra o Movimento Feminista é uma das que mais me incomodam. Não porque sou feminista ou porque não aceito a opinião alheia, mas pelo simples fato de tal relutância estar embasada em puro preconceito e alienação. Então ... [Continue lendo](#)

Ticiane Figueirêdo / 18/09/2013 / Educação e História, Feminismo e Movimentos Sociais / bibliografia, estereótipo, feminista, medo, movimento feminista / 13 comentários

Invisibilidade Lésbica: uma reflexão sobre a lesbofobia e o descaso do Estado



Fonte: Blogueiras feministas (www.blogueirasfeministas.com)

Quanto à sua estrutura, o que chama a atenção é como são dados os destaques. No campo superior direito, há um destaque para os textos mais lidos (figura 10), que o leitor poderá clicar e acessar outra página. É um modo de gerenciamento de gestos de leitura, em que o tecnológico intervém no discurso. É

um processo não-linear da leitura, no qual se permite uma leitura fragmentada, costurada e também produz efeitos de sentido que funcionam no processo de leitura do arquivo.

Figura 10 – Destaque para os textos mais lidos do Blogueiras feministas



Fonte: *Blogueiras feministas* (www.blogueirasfeministas.com)

Mais abaixo, há um campo característico de blogues que é o espaço para assinar a *newsletter* para receber textos por e-mail (figura 11). Na mesma figura, é possível observar novos destaques sobre os assuntos mais procurados e sobre temáticas que os sujeitos discursivos acham importante destacar. Essa tomada de posição não é ingênua e revela como a ideologia produz um efeito de transparência que faz com que os sujeitos se “esqueçam” de que há outros discursos. Nos destaques, cada link leva o leitor para outros links agrupados pela mesma temática: 16 dias pelo fim da violência contra a mulher; blogagens coletivas; coberturas de eventos; depoimento e desabafos, dicas de filmes, de livros, de seriados etc. Há um discurso de coletividade, de aproximação com o sujeito internauta, ao mesmo tempo

em que os destaques induzem os leitores a permanecerem por mais tempo no blogue, pois criam uma relação de interesse.

Figura 11 - Campos de rápida localização de assuntos do Blogueiras Feministas

Receba os textos por email

Colunas

-  Coluna BlogFem – Transfeminismo
-  Coluna BlogFem – Mulheres e Política

Assuntos + Procurados

- [Aborto e Direitos Reprodutivos](#)
- [Capacitismo](#)
- [Estatuto do Nascituro](#)
- [Feminismo Interseccional](#)
- [Lei Maria da Penha](#)
- [Marcha das Vadias](#)
- [Movimento Feminista](#)
- [Mulheres Indígenas](#)
- [Mulheres Lésbicas](#)
- [Mulheres Negras](#)
- [Mulheres Trans](#)
- [Voto Feminino](#)

Destaques

- [16 Dias Pelo Fim Da Violência Contra a Mulher](#)
- [Blogagens Coletivas](#)
- [Cobertura de Eventos](#)
- [Depoimentos e Desabafos](#)
- [Dicas de Filmes](#)
- [Dicas de Livros](#)
- [Dicas de Seriados](#)
- [Entrevistas](#)
- [Especial 8 de Março](#)
- [Série Açougue](#)
- [Série Mulheres e TI](#)
- [Traduções](#)

Ajuda e Denúncias

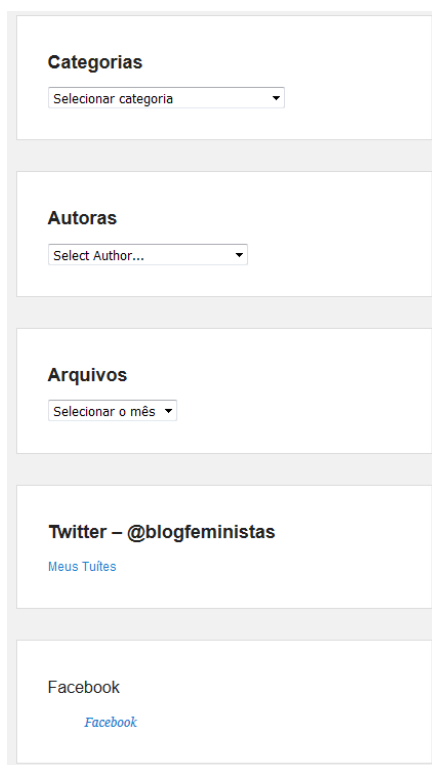
- [Atendimento ao Aborto Legal: Perguntas e Respostas](#)
- [Cartilha: Chega de Fiu-Fiu](#)
- [Como Denunciar Casos de Violência Sexual](#)
- [Disque 100 – Direitos Humanos](#)
- [F.A.Q. Jurídico: Violência Virtual](#)
- [Guia de Defesa das Mulheres Contra a Violência](#)
- [Humaniza Redes](#)
- [Ligue 180: Central de Atendimento à Mulher](#)
- [O Que Fazer Em Caso De Violência Doméstica](#)
- [Ouvidoria Interna da SPM](#)
- [Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher](#)

Fonte: Blogueiras feministas (www.blogueirasfeministas.com)

No campo de ajuda e denúncias, o político do movimento social está imbricado ao tecnológico, pois a listagem de temas e informações para ajudar o leitor contém discursos típicos de um movimento político, como cartilha, denúncias à ouvidoria, ligue 180, Rede de enfrentamento, Guia de defesa etc. Já em relação ao tecnológico, temos a F.A.Q., que são perguntas frequentes. A ordenação dos links para o acesso a outras informações produz efeitos de sentido diferentes de um movimento social físico, fora do virtual.

Na figura 12, o leitor pode buscar os textos por categorias, por autoras e por data de publicação do artigo. O tecnológico aqui intervém no político, produzindo sentidos, de acordo com a busca do sujeito-leitor.

Figura 12 – Campos para busca rápida por categoria, por autoras e por arquivos



The image shows a vertical stack of search filters on a website. It includes three dropdown menus for 'Categorias', 'Autoras', and 'Arquivos'. Below these are links for 'Twitter - @blogfeministas' and 'Facebook'.

Categorias
Selecione categoria

Autoras
Select Author...

Arquivos
Selecione o mês

Twitter – @blogfeministas
[Meus Tuites](#)

Facebook
[Facebook](#)

Fonte: *Blogueiras feministas* (www.blogueirasfeministas.com)

Tais características de organização e de apresentação vistas acima são recorrentes nos gêneros do discurso blogue. A aproximação com o leitor cria

condições de produção, em sentido imediato⁶⁵, de forma que os discursos tenham um tom de aproximação com os sujeitos. Se os textos são os mais populares, é importante que tenham destaque. Lembramos que não é objetivo da AD analisar as intenções dos sujeitos, mas estes destaques produzem efeitos de sentido de que há uma motivação nos discursos para se fazer compreendido.

Diante da apresentação das características do blogue, selecionamos as postagens com os termos feminismo / feminista em seu título, mais precisamente da seção *Feminismo e movimentos sociais*. Verificamos que há 48 publicações explicando o que é feminismo no período de 2010 a 2015. No início do blogue, a média de postagem chegou a ser de uma por mês (de 2010 a 2011). Em 2012, houve apenas 3 postagens. Em 2013 e 2014, as publicações voltaram a crescer: foram 9 e 7 respectivamente. Já em 2015, o número de postagens foi a maior até então: 17, mais de uma por mês. Esta recorrência de discursos sobre o feminismo é o que nos chama atenção aqui. Abaixo um quadro dos títulos das publicações durante os cinco anos.

Quadro 3 - Lista de publicações sobre o feminismo no Blogueiras Feministas de 2010 a 2015

Título da postagem	Autora	Data
Feminista? Eca!	Georgia Faust	20/12/2010
Feminismo? Pra quê?	Bia Cardoso	27/02/2011
Porque somos todas paranóicas, né?	Georgia Faust	28/02/2011
Cadê meu blush feminista?	Bia Cardoso	28/03/2011
Cinco mitos sobre o Feminismo	Thayz Athayde	07/04/2011
Feminismo: uma luta ultrapassada?	Georgia Faust	25/04/2011
Feminismo? Já era!	Thayz Athayde	28/04/2011
Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre feminismo	Cynthia Semíramis	05/06/2011
Feminista não tem vida pessoal?	Cynthia Semíramis	03/07/2011
Feminista só sabe falar sobre feminismo?	Cynthia Semíramis	24/07/2011
Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista	Thayz Athayde	25/07/2011
Blogagem Coletiva: #Mitofeminismo	Blogueiras Feministas	29/07/2011
Ciberativismo feminista. Por que continuar?	Cláudia Gavenas	30/10/2011
Feminista e Cristã?	Denise Rangel	28/12/2011

⁶⁵ É importante lembrar que as condições de produção do discurso não se resumem ao contexto imediato, como vimos na seção 2, mas não podemos ignorar este contexto para a adequação dos discursos e produção de sentidos.

O feminismo das batalhas cotidianas	Priscilla Caroline	18/07/2012
O feminismo quer acabar com a família	Iara Paiva	17/09/2012
Ser mulher, candidata e feminista!	Xênia Mello	27/09/2012
Feministas pró-vida não existem	Deh Capella	28/02/2013
Feminismo: formação, informação e experiência	Talita R da Silva	30/05/2013
Feminismo(s): uma discussão sobre política(s)	Talita R da Silva	25/06/2013
Feminismo e justiça social: as lutas das mulheres negras não cabem em uma única palavra	Autoras Convidadas	25/07/2013
O novo feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia	Luka Franca	21/08/2013
Como explicar o transfeminismo?	Autoras Convidadas	26/08/2013
Quem tem medo do Feminismo	Ticiane Figueirêdo	18/09/2013
Por um feminismo que liberte todas as mulheres	Autoras Convidadas	26/12/2013
Feminismo em crise?	Priscilla Caroline	22/01/2014
Por um feminismo transformativo	Catarina Corrêa	16/04/2014
É difícil não acreditar em feminismo	Autoras Convidadas	20/05/2014
'Feminismo Interseccional'. Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar)	Blogueiras Fem	24/07/2014
Funk e Feminismo	Bia Cardoso	04/08/2014
Desgenitalizar o feminismo!	Thayz Athayde	01/09/2014
O feio conflito interno de feminismo: porque o seu futuro não depende das mulheres brancas	Blogueiras Feministas	08/10/2014
Feminismo e Resistência	Blogueiras Feministas	26/01/2015
Não devemos nada ao feminismo?	Autoras Convidadas	12/03/2015
Feministas ameaçadas	Blogueiras Feministas	07/04/2015
Feminismo interseccional explicado por meio de pizzas	Blogueiras Feministas	14/04/2015
Feminismo não é para as mulheres certas	Autoras Convidadas	21/04/2015
Para acabar com o dogma feminista e o pensamento único	Blogueiras Feministas	20/05/2015
Juntas contra o antifeminismo: uma leitura crítica do evento ELLA	Blogueiras Feministas	25/05/2015
O falso feminismo interseccional ou o que importa é representar	Autoras Convidadas	23/07/2015
Vamos pensar sobre o feminismo e feminilidade?	Autoras Convidadas	12/08/2015
O feminismo na internet também é importante	Autoras Convidadas	21/09/2015
O feminismo brasileiro se espalha e resiste	Bia Cardoso	03/11/2015
Todas as pessoas precisam do feminismo	Autoras Convidadas	11/11/2015
Por que ser feminista?	Autoras Convidadas	12/11/2015
A tentativa frustrada de combate à militância feminista na internet	Autoras Convidadas	23/11/2015
Quando o feminismo é uma marca	Blogueiras Feministas	30/11/2015

Feminismos, hashtags e um elefante chamado Horton	Liliane Gusmão	03/12/2015
---	----------------	------------

As publicações não são analisadas na sua totalidade, mas há um recorte dos títulos e das sequências discursivas que mencionam o que é feminismo e o que é ser feminista, que é considerado nesse trabalho, como veremos mais adiante.

4.4 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A AD, dispositivo teórico desta tese, está vinculada ao procedimento analítico em sua constituição. Não se trata de uma metodologia definida por critérios empíricos positivistas. O analista deve olhar para o seu objeto para daí partir para a análise, portanto os caminhos podem variar conforme os objetivos. A AD considera que a noção de funcionamento norteia os procedimentos de análise e se faz necessário observar os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos (ORLANDI, 2005), como objetos simbólicos produzem sentidos. Além de descrever os gestos de interpretação, o analista deve atravessar o efeito de transparência da linguagem, do sentido e do sujeito. Segundo Orlandi (2005), o analista do discurso não interpreta, mas trabalha nos limites da interpretação:

A construção desse dispositivo resulta na alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é seu alvo. Ele pode então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação.
(ORLANDI, 2005, p.61)

O objeto de análise não é pronto, o *corpus* é instável e provisório e resulta da construção do analista (ORLANDI, 2005). Não se busca a exaustão do material linguístico, ou seja, “a exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não ao material linguístico empírico” (ORLANDI, 1998, p. 10). O texto é a materialidade do discurso, mas a relação não é direta entre o material linguístico e as discursividades, então, é o trabalho do analista através do dispositivo elaborado

que permite o estudo do funcionamento do discurso e os processos e os mecanismos de instauração dos sentidos.

É importante distinguir o objeto de análise, que, no nosso caso, são as postagens dos blogues nas colunas já anunciadas, e o objeto teórico, que são os discursos sobre o feminismo nessas postagens. Há de se fazer uma des-superficialização, passando-se do material linguístico ao objeto discursivo. Para isso, é preciso ir da superfície linguística para o objeto teórico, para que assim seja possível uma compreensão dos processos de produção de sentidos. Orlandi (2005) salienta:

o analista, no contato com o texto, procura ver nele suas discursividades e incidindo um primeiro lance de análise – de natureza linguístico enunciativa – constrói um objeto discursivo em que já está considerado o esquecimento número 2 (da instância da enunciação), desfazendo assim a ilusão de que aquilo que foi dito só poderia sê-lo daquela maneira. Desnaturaliza-se a relação palavra-coisa. (ORLANDI, 2005, p. 77)

É nesta etapa que o analista identifica as formações discursivas. O trabalho se dá em torno das paráfrases, das famílias parafrásticas, da sinonímia, que se faz uma relação do que foi dito com o que não foi dito e o que se poderia dizer. Tais processos indicam a historicidade da língua.

Já com o objeto discursivo, na segunda etapa, o analista relaciona as FDs com as formações ideológicas, revelando os processos de constituição de sentidos. O analista deve se atentar, durante toda a análise, aos efeitos metafóricos, os deslizamentos de sentidos. Orlandi (2005, p. 78) compreende que “a definição do efeito metafórico permite-nos, pondo em relação discurso e língua, objetivar, na análise, o modo de articulação entre estrutura e acontecimento.”

Há sempre outro sentido possível constituindo o processo de produção de sentidos, que fazem parte da historicidade, “o que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem” (ORLANDI, 2005, p. 80). A língua e a história ligam-se pelo equívoco, lugar dos deslizamentos de sentido.

Não cabe aqui procurar nas postagens do blogue o sentido verdadeiro sobre o feminismo e sobre o que é ser feminista, mas analisar os gestos de interpretação que constituem sentido sobre o que é o feminismo. São gestos de leitura dos sujeitos do blogue sobre o feminismo frente às postagens, que resultam em

interpretações autorizadas para os seguidores. Procuramos não apenas identificar o que é dito, mas como é dito e de que forma tal discurso está circulando no ambiente virtual, conforme as formações ideológicas postas em jogo. A construção do dispositivo de análise permite ao analista atravessar o efeito de transparência da linguagem, passando do lugar de leitor para o lugar de analista. Orlandi (2005) salienta:

A exaustividade almejada – que chamamos de vertical – deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a consequências teóricas relevantes e não trata os “dados” como meras ilustrações. Trata de “fatos” da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva. (ORLANDI, 2005, p. 63)

Não há caminho já dado para a construção do *corpus*, mas caminhos a serem trilhados a partir das pistas colocadas na superfície linguística dos materiais que serão analisados. O analista constrói o dispositivo analítico a cada análise. Sendo assim, Orlandi (2005) indica as etapas metodológicas possíveis a serem realizadas numa pesquisa em AD: a constituição do *corpus*; a delimitação do objeto discursivo; a investigação do processo discursivo.

A construção do dispositivo de análise permite ao analista atravessar o efeito de transparência da linguagem, passando do lugar de leitor para o lugar de analista. O analista trabalha nos limites da interpretação. Passemos, então, para a análise do nosso *corpus* de pesquisa.

5 OS ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS DO FEMINISMO NA INTERNET E OS MODOS DE DIZER DE FEMINISTAS NOS BLOGUES

“Feminista não tem vida pessoal?”; “Um guia para você que tem vergonha de se assumir feminista”; “Você é feminista e não sabe”. Discursos como esses atualizam sentidos sobre feminismo e rejeitam posicionamentos patriarcalistas que desfazem de ativistas, num movimento de memória possibilitado pelo ciberativismo, o qual permite que dizeres historicamente silenciados circulem em espaços como o Blogueiras Feministas, num ambiente em que se inscrevem sentidos outros, que normalmente são interditados pela mídia e não aparecem em outros lugares.

Nesta seção, problematizamos a rede de sentidos sobre o feminismo com o ciberativismo e como essa nova forma de mobilização permite o deslocamento de trajetos de memória para a construção de um novo imaginário sobre o feminismo. O interesse aqui é analisar como se dá a disputa de sentidos sobre as definições do feminismo no blogue, entre feministas e a sociedade patriarcal. O que é possível dizer e não dizer no blogue analisado? Na materialidade significativa, há uma incompletude do discurso, na qual não é possível se dizer tudo. Há sempre um já-dito, um não dito significando. O esquecimento faz parte dessa relação de incompletude, já que, quando se diz, esquece-se de dizer outras coisas.

Para os discursos circulantes em blogues feministas fazerem sentido, outros discursos já-ditos, filiados, ou não, a FDs diferentes, devem compor a produção dos efeitos de sentido. Se há uma recorrência de discursos explicando o que é ser feminista é porque há outros ditos que questionam a validade de tal movimento. Nesse caso, há um pré-construído de que o feminismo é algo ultrapassado e que já não serve para o século XXI; que feministas são históricas, mal-amadas, masculinizadas etc. Esses não ditos permanecem como uma relação de sentido que abre espaço para os dizeres de explicação do feminismo. Orlandi (2005) destaca que “o que já foi dito, mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva” (ORLANDI, 2005, p. 82-83).

As formações ideológicas com as quais o sujeito se identifica produzem uma matriz de sentido, como salienta Pêcheux (2009), que palavras, “expressões,

proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às posições ideológicas” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Os sentidos sobre o feminismo são sustentados historicamente a partir da produção de um imaginário que muito tem a ver com as relações sociais de poder de uma sociedade patriarcal. Com a popularização das redes sociais, outros sentidos, que fazem parte do interdiscurso, irrompem em outro modo de circulação e constroem outros imaginários em confronto com os já estabelecidos, pois o feminismo faz parte das discussões no ciberespaço com o ciberativismo, o que possibilita o movimento de sentidos. Nesse “desentendimento recíproco”, que Maingueneau (2008) chama de interincompreensão generalizada, os enunciados do outro só são “compreendidos” a partir de um simulacro dele construído, na FD com a qual os sujeitos estão identificados.

Solange Gallo (2011, p. 255) considera a Internet uma “instância propulsora de ‘acontecimentos enunciativos/discursivos’, ou seja, nesse espaço, o encontro de sentidos heterogêneos tem produzido novas textualidades, novos efeitos de sentido e novas discursividades”. A rede é um espaço de acontecimentos enunciativos, pois os discursos que dão origem à nova textualidade se constituem fora da Internet, “[...] isso acontece porque essa discursividade, uma vez transposta para a rede, adquire uma outra temporalidade, uma outra memória e um outro futuro latente. Em uma palavra, uma outra textualidade, na qual os seus sentidos se deslocam” (GALLO, 2011, p. 256).

A autora ainda constata que a Internet produz acontecimentos discursivos, quando o espaço discursivo é próprio da rede, como os blogues, pois há uma desestabilização dos espaços estabilizados, de um modo particular, além de haver desidentificação, porque as discursividades e as textualidades nascem nesse ambiente. Pêcheux (1990) define acontecimento discursivo como um ponto de encontro de uma memória e uma atualidade. O autor conclui que as discursividades “trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y etc.) e formulações irremediavelmente equívocas.” (PÊCHEUX, 1990, p. 28).

Segundo Gallo (2011), “o gesto de interpretação, próprio do blog, provoca um acontecimento discursivo, na medida em que textualiza de uma forma própria e particular e, ao mesmo tempo, produz um gesto de interpretação também particular

e novo” (GALLO, 2011, p. 264). E é no espaço disperso da web que buscamos aqui compreender a produção de acontecimentos discursivos e de efeitos de sentidos outros sobre o feminismo.

Há no blogue feminista uma maneira peculiar de se dizer do feminismo, que está associada a um modo próprio da Internet. A convocação para blogagem coletiva sobre mitos feministas, o tom de conversa, o discurso didático compõem esse modo de dizer das feministas. Enquanto arquivo, o blogue reúne discussões sobre uma mesma temática, neste caso, o feminismo, e faz parte de um imaginário de completude, pois se cria um efeito de legitimidade sobre dizeres feministas. É como se constituísse um lugar de fala autorizado pelas feministas.

Como o blogue é um espaço discursivo inteiramente virtual, os discursos ali presentes materializam gestos de leitura de diversos dizeres originados fora do ciberespaço, mas que mantêm uma dinâmica própria da Internet, que possibilita que dizeres de valorização do feminismo sejam compartilhados em outras plataformas digitais. Isso porque os gestos de curtir uma publicação, comentar, compartilhar são mobilizados por sujeitos que se identificam com os discursos de autoridade, a partir do modo de dizer do ciberativismo.

A postagem⁶⁶ no blogue faz o texto permanecer em arquivo, podendo ser acessado em qualquer tempo, criando-se um efeito de simultaneidade e completude, que muitas vezes é complementado por outras semelhantes ou até opostas, modificando os efeitos de sentido. O blogue analisado agrupa discursos vinculados a à FD feminista, que orientam o leitor a uma espécie de inventário sobre o feminismo, onde é possível dizer e não dizer. Embora o texto seja direcionado para um público determinado, o leitor-internauta pode ser levado àquela publicação por acaso, por fazer link⁶⁷ com outra página, por isso a importância do título na publicação do ciberespaço. Diferente do jornal impresso, no qual o título compõe um todo, o título na postagem pode funcionar como palavra-chave para buscadores ou compor determinadas postagens com links. O *Google*, por exemplo, reordena dizeres e, assim, conduz o leitor a encontrar textos sobre o feminismo, de acordo com acessos anteriores. Quanto mais um texto é buscado na Internet, mais ele terá prioridade nos

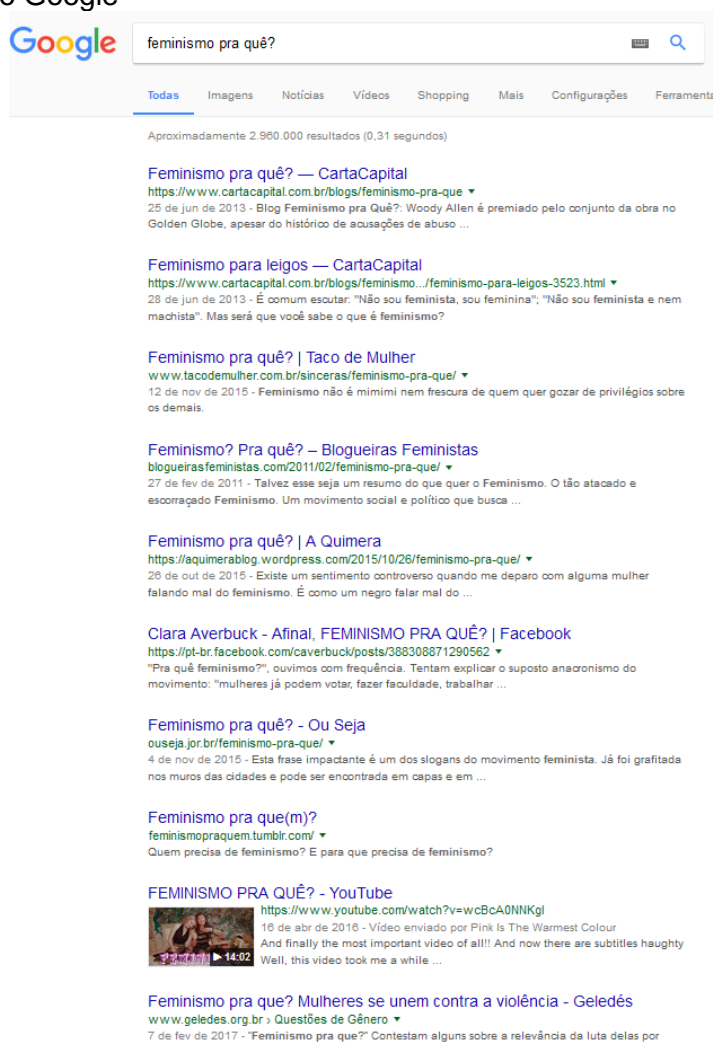
⁶⁶ No ciberespaço, uma postagem é uma publicação *on-line* de algum texto, mensagem, artigo.

⁶⁷ O link é um “elemento de hipermídia formado por um trecho de texto em destaque ou por um elemento gráfico que, ao ser acionado (ger. mediante um clique de *mouse*), provoca a exibição de novo hiperdocumento.” (HOUAISS, 2009).

resultados de busca. Essas buscas não se dão ao acaso. Se há condições de produção para que dizeres sejam atualizados, conseqüentemente, aparecerão mais nas buscas. Os discursos circulantes nesse espaço afetam a memória para significar.

O questionamento sobre a importância do feminismo é recorrente nas conversas do cotidiano, por fazer parte de um processo histórico de deslegitimação do movimento. Quando tal pergunta é transportada para a Internet, a temporalidade do discurso “feminismo pra quê?” é modificada, pois a palavra-chave “feminismo” permite que o buscador *Google* elenque inúmeros posicionamentos (figura 13), em disputa de sentidos.

Figura 13 - Resultados da pesquisa sobre o questionamento “Feminismo pra quê?” no Google



Fonte: www.google.com.br . Acesso em: 20 maio 2017.

O *Google* recorta o arquivo e direciona o gesto de leitura, o qual, para a AD, é um processo ideológico, pois lemos de um lugar, de uma posição construída sócio-historicamente. Embora se tenha o mesmo questionamento, nos links da figura 1, as respostas podem mobilizar sentidos diferentes. Sendo assim, o “feminismo pra quê?” inscreve-se na Internet como novo acontecimento discursivo. Quando o enunciado é buscado no blogue, há uma aproximação de sentidos.

Nesta seção, analisamos como o discurso de definição do feminismo e de feminista funciona para a construção da imagem de feminista no ciberespaço e como os elementos virtuais interferem ou modificam o discurso de si. Não cabe aqui fazer um estudo do *ethos* discursivo, pois o nosso interesse é compreender os modos de dizer do ciberativismo feminista para a mobilização de outros sentidos sobre o feminismo.

Na nossa análise, inscrita no quadro teórico da AD materialista, adotamos um ponto de vista especificamente discursivo, assim como Courtine (2009, p. 31), que salienta que se deve evitar “reduzir o discurso à análise da língua ou dissolvê-lo no trabalho histórico sobre as ideologias”, mas considerar a materialidade discursiva, que não é apenas o que está dito, e sim a relação do real com o imaginário (ORLANDI, 2012). Não nos interessa aqui buscar a definição correta para feminismo, mas o funcionamento do discurso do ciberativismo feminista sobre as definições de feminismo, bem como as tensões discursivas evidenciadas pelo ciberespaço.

A heterogeneidade é constitutiva do discurso, pois dizeres são retomados de outros lugares, seja enquanto negação, transformação ou reprodução. Quando destacamos o discurso feminista para análise, não estamos considerando-o como bloco homogêneo, mas como um discurso heterogêneo que é produzido a partir de tensões e contradições na formação discursiva feminista.

Na seção 4, fizemos um levantamento das publicações sobre o feminismo no blogue pesquisado entre 2010 e 2015, totalizando 48 publicações no *Blogueiras Feministas*. Nosso *corpus* discursivo parte de um universal discursivo (DUBOIS, 1969) feminista para estabelecer um campo discursivo de referência, ou o *corpus* empírico, que é o discurso feminista na Internet, mais especificamente no *Blogueiras Feministas*, entre 2010 e 2015.

Esse espaço discursivo no campo discursivo de referência é necessário para a delimitação do *corpus*, pois, a partir do *corpus* empírico, recortamos as sequências

discursivas que se relacionam com o campo discursivo de análise, as quais têm natureza e forma variáveis e podem ter dimensões superiores à frase (COURTINE, 2009). É nesse sentido que Orlandi (1983) chama de recorte discursivo, que distingue o gesto do linguista do gesto do analista de discurso, pois o recorte é uma unidade discursiva de análise e não pode estar dissociado das condições de produção, diferentemente do recorte linguístico, o qual se concentra apenas no interior da língua.

Para analisar os modos de dizer sobre o feminismo, nos textos que compõem o nosso *corpus*, faz-se necessário entender que o discurso de divulgação do feminismo nas redes sociais revela-se um discurso de aliança na relação com feministas, com mulheres que não se identificam como tal e com a sociedade patriarcal, o seu outro, o que permite a elaboração de uma nova imagem. Os discursos circulados no *Blogueiras feministas* pressupõem destinatários que ocupam lugares na estrutura de uma formação social, os quais podem ser homem, uma mulher antifeminista ou até feministas de outras correntes. E as formações imaginárias representam as imagens que fazem dos lugares atribuídos pelos sujeitos blogueiras sobre feministas e sobre os interlocutores, assim como os lugares atribuídos pelos interlocutores sobre os sujeitos blogueiras.

Nesta seção, analisamos a relação de sentido que as explicações de feminismo/feminista mantêm nas formulações do blogue, considerando que discursos historicamente apagados repercutem com mais força na Internet, pois nela se constituem redes de aliança. Concordando com Pêcheux (2009), a palavra, ou a expressão não tem um sentido próprio. Por isso, não estamos aqui buscando a literalidade, pois os sentidos são constituídos em uma FD, em relação com outras palavras, se esta palavra mudar de formação discursiva, seu sentido será outro. É a partir desse princípio que analisamos o nosso *corpus*.

As análises estão agrupadas segundo os modos de dizer das feministas no ciberespaço, com o objetivo de responder às perguntas da tese. Analisamos aqui como a memória é mobilizada na formulação dos discursos. Nossas análises, portanto, constituem-se em um levantamento das discursividades dos títulos enquanto mobilizadores de sentidos e nas suas postagens correspondentes. Na subseção 5.1, destacamos como os dizeres convocam para o debate sobre o feminismo e materializam discursos de explicação do que não é feminismo / feminista, antes de tudo, para fazer sentido. Como os discursos pressupõem

destinatários, o recorte realizado foi dos discursos circulantes nos títulos direcionados à sociedade patriarcal, os quais funcionam como uma convocação para uma disputa de sentidos sobre as definições de feminismo. Na subseção 5.2, consideramos as materialidades significantes dos títulos direcionados às feministas, de forma a analisar as reivindicações por dominância de sentidos sobre o feminismo e como tais discursos ganham voz no ciberespaço. Como discursos interrompem um processo de reformulação parafrástica, o processo de identificação é contínuo na história.

5.1 PARA EXPLICAR O FEMINISMO À SOCIEDADE PATRIARCAL

O modo de dizer do ciberativismo feminista nos chamou a atenção no que diz respeito à divulgação possibilitada pelo ciberespaço, por deslocar trajetos de memória num movimento polissêmico. Fizemos um levantamento das discursividades presentes nos títulos das postagens e as agrupamos a partir das formações imaginárias que dão condições à produção do discurso. Qual é a imagem que o sujeito feminista faz do seu lugar e pressupõe que o destinatário (sujeito não não feminista) faz do lugar de feminista? Há um jogo de relações que direciona a circulação dos discursos, que não é imediato, mas compõe as condições de produção.

Partimos do pressuposto de que os títulos funcionam como um convite para a leitura dos textos, enquanto materialidade significativa, nos quais circulam dizeres que suscitam gestos de leitura que definem se o sujeito-leitor clicará ou não na postagem para ler, de acordo com as FDs com as quais está identificado. Esta situação imediata, entretanto, não sustenta sozinha as condições de produção dos discursos circulantes no ciberespaço, mas produz um efeito de evidência dos sentidos, pois o funcionamento dos discursos se dá por um mecanismo histórico de relações de força, formações imaginárias, já-ditos e pré-construídos, que fazem com que os títulos façam sentido no ciberespaço.

Embora tenhamos selecionado os títulos das postagens, não nos concentraremos neles enquanto textos, mas enquanto discursos que produzem sentidos, de acordo com as condições de produção. Desta maneira, não mais os chamaremos de títulos, mas de sequências discursivas (SD), para que façamos uma

relação com as formações ideológicas postas em jogo. É importante, no entanto, dizer que o discurso que circula no título de uma publicação na Internet produz efeitos de sentido que entrelaçam o tecnológico com o discursivo. O modo de se dizer em uma “chamada” de publicação afeta o modo de comunicação com os leitores. Geralmente impacta a forma de pesquisar nas redes sociais, pois os buscadores ordenam por título (palavra-chave) mais procurado. O que faz com que o título seja notado, pesquisado é o discurso que circula nele. O quanto tal discurso tem força na sociedade, o quanto aquele dizer é naturalizado, questionado ou polemizado é o que faz com que a publicação seja mais ou menos lida, curtida e/ou compartilhada. A relação discursiva de polêmica configura-se num modo de fazer circular os discursos no ambiente virtual.

O nosso *corpus* faz parte de uma rede de discursos no ciberespaço que monta um arquivo sobre o feminismo. Como a característica principal dos textos enquanto materialidade significativa é a de divulgação do feminismo, a chamada para o texto em formato de título faz circular uma memória sobre o movimento na dispersão do ciberespaço. O modo como o sujeito feminista instaura sentidos nos títulos das postagens entrecruza-se com o digital para direcionar gestos de leitura.

Nesta subseção, agrupamos aqui as sequências discursivas que se relacionam a uma rede de sentidos sobre o questionamento da importância do feminismo e de ser feminista na sociedade contemporânea. Quando necessário, analisamos também as sequências discursivas que compõem as postagens a que os títulos se referem. Selecionamos 22 sequências discursivas em formato de título, que têm um tom de explicação à sociedade sobre o feminismo e sobre o que é ser feminista, a partir de formações imaginárias que os sujeitos feministas fazem da imagem que a sociedade faz do feminismo e de feministas. São estas:

SD1: Feminista? Eca! (BF⁶⁸, 2010)

SD2: Porque somos todas paranoicas, né? (BF, 2011)

SD3: Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre o feminismo (BF, 2011)

SD4: O feminismo quer acabar com a família (BF, 2012)

SD5: Quem tem medo do Feminismo? (BF, 2013)

SD6: Feminismo não é para as mulheres certas (BF, 2015)

SD7: Não devemos nada ao feminismo? (BF, 2015)

SD8: Cadê meu blush feminista? (BF, 2011)

SD9: Feminista não tem vida pessoal? (BF, 2011)

SD10: Feminista só sabe falar sobre feminismo? (BF, 2011)

⁶⁸ Blogueiras Feministas.

- SD11: Vamos pensar sobre o feminismo e feminilidade? (BF, 2015)
 SD12: Feminismo? Pra quê? (BF, 2011)
 SD13: Feminismo: uma luta ultrapassada? (BF, 2011)
 SD14: Feminismo? Já era! (BF, 2011)
 SD15: Feminismo em crise? (BF, 2014)
 SD16: Cinco mitos sobre o feminismo (BF, 2011)
 SD17: Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista (BF, 2011)
 SD18: Blogagem Coletiva: #Mitofeminismo (BF, 2011)
 SD19: É difícil não acreditar em feminismo (BF, 2013)
 SD20: Todas as pessoas precisam do feminismo (BF, 2015)
 SD21: Por que ser feminista? (BF, 2015)
 SD22: Feminista e Cristã (BF, 2011)

Agrupamos as sequências discursivas selecionadas em quatro eixos temáticos: *Feminismo para quê?*; *O que é feminismo / feminista*; *Feminismo e feminilidade*; *Você pode ser feminista*. Tais eixos temáticos (ET) revelam como o discurso do outro afeta as posições-sujeito feminista. O sujeito discursivo feminista posiciona-se a partir da formação imaginária que constrói lugares sociais de seu leitor-internauta, como alguém que se identifica com FDs opostas, sejam patriarcalista ou cristã, que questiona a importância do feminismo, despreza feministas, definindo-as como feias e mal-amadas. Todos os eixos temáticos reúnem sequências discursivas com um tom de explicação ao sujeito-leitor não-feminista, o primeiro para responder à pergunta “para que serve o feminismo?”, o segundo para explicar o que é feminismo e feminista, o terceiro para desconstruir estereótipos de feministas como masculinizadas e o último para encorajar as mulheres a serem feministas. Analisamos a seguir como tais discursos funcionam.

ET1: Feminismo para quê?

O primeiro eixo temático diz respeito a respostas ao questionamento sobre o que é feminismo, que faz parte das conversas do dia a dia. Nas redes sociais, nota-se uma grande circulação de discursos que respondem ao enunciado “feminismo para quê?”, tão polemizado na sociedade patriarcal. Diante de tantas discursividades, em resposta a essa questão, no blogue, fazemos a primeira pergunta: por que há uma recorrência de discursos de explicação à sociedade sobre o que é o feminismo? Quais os não ditos que constituem tais discursos? Com quais FDs se relacionam?

Como dito na Seção 3, há um contra-ataque ao feminismo promovido pela mídia e grandes corporações, o que faz com que circulem discursos de que o feminismo não é mais necessário e de que as mulheres já conquistaram tudo (FALUDI, 2001). A ideologia produz um efeito de evidência dos sentidos, justificando tais discursos. É como se o feminismo fosse algo já resolvido e que não seria necessário sobreviver. A disputa de sentidos sobre o feminismo no blogue estabelece o lugar do movimento na sociedade. A retomada desses questionamentos nos títulos produz um debate e direciona os sentidos em novas condições de produção.

Nas sequências discursivas analisadas, a tomada de posição de explicação é bem recorrente nas postagens, por conta dos sentidos estereotipados de feminismo, que circulam nas redes sociais. É o que Maingueneau (2008) chama de interincompreensão generalizada, que não diz respeito a um mal-entendido linguístico, porque “cada Formação Discursiva tem uma forma própria de interpretar o seu outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 104). O posicionamento discursivo de explicação nasce dessa interincompreensão possibilitada pelas FDs antagônicas.

Para Pêcheux (2009), “os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 147). O posicionamento discursivo de explicar, ou não, já provoca uma tensão na FD feminista, pois algumas posições-sujeito de ativistas do movimento não são favoráveis a disputar sentidos com a sociedade patriarcal. A memória discursiva torna possível que a FD feminista faça circular formulações patriarcalistas já sedimentadas para deslocar trajetos de sentidos.

A deslegitimação do movimento, vinculada à FD patriarcalista, provoca dizeres como os das sequências discursivas 12, 13, 14 e 15.

SD12: Feminismo? Pra quê? (BF, 2011)

SD13: Feminismo: uma luta ultrapassada? (BF, 2011)

SD14: Feminismo? Já era! (BF, 2011)

SD15: Feminismo em crise? (BF, 2014)

Quando os sujeitos feministas se apropriam do discurso do outro para fazer parte do discurso feminista de questionamento, as condições de produção são modificadas e sentidos outros são produzidos. Todas as quatro SDs se iniciam com

o termo *feminismo*, que sozinho, nestas condições de produção, já mobiliza diferentes sentidos, para em seguida retomar questionamentos sobre o movimento. Os discursos em formato de pergunta produzem um efeito de desestabilização de sentidos sedimentados na sociedade, quando fazem parte de um blogue feminista. Essa retomada da discussão, produzindo novos modos de dizer sobre o feminismo, é possibilitada pela cibercultura, que permite que amplos debates ocorram no ciberespaço e que posicionamentos, antes interditados, possam circular e fazer sentido para sujeitos que até então não se identificavam com a FD feminista, deslocando trajetórias da memória. Os discursos nos títulos instauram a polêmica discursiva e convocam a sociedade para o debate.

Sabemos que há sempre um já-dito compondo os discursos. No caso dessas sequências, vimos que há um jogo de forças para desprezar e rejeitar o feminismo. Conforme Pêcheux (1990, p. 56),

“o discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas só por sua existência, ele marca a possibilidade de uma desestruturação, reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio-históricas de identificação e, ao mesmo tempo, um trabalho de deslocamento no seu espaço”.

E é o posicionamento discursivo dos sujeitos feministas que sustenta a valorização do termo em debate com discursos estereotipados. Analisamos alguns recortes das publicações referentes a esses títulos, pois as postagens correspondentes fazem circular discursos que respondem ao questionamento inicial “feminismo para quê?”. Tais respostas pressupõem que há uma pergunta, que não é ocasional, mas discurso histórico, com historicidade.

A SD12a⁶⁹, que completa o discurso da SD *Feminismo? Pra quê?*, produz um efeito de sentido de protesto, na inclusão do “a gente” para designar a voz coletiva feminista que exige direitos iguais como lema do feminismo.

SD12a: A gente não quer só comida. A gente quer direitos iguais, uma sociedade justa e pessoas com mais respeito. Talvez esse seja

⁶⁹ Nomeamos os recortes das postagens correspondentes aos títulos, acrescentando uma letra à SD, obedecendo a ordem alfabética. Neste caso, a SD12a corresponde à postagem referente ao título da SD12 “Feminismo? Pra quê?”.

um resumo do que quer o Feminismo. O tão atacado e escorraçado Feminismo. Um movimento social e político que busca empoderar as mulheres e propor medidas igualitárias de gênero na sociedade. (BF, “Feminismo? Pra quê?”, 2011 - ANEXO E)

A retomada do trecho da canção de Arnaldo Antunes “Comida”⁷⁰ remonta a uma memória discursiva de luta pela redemocratização do país, que, para além do sentido imediato, revela uma tomada de posição de reivindicação por direitos iguais. Essa referência atualiza a memória para responder ao questionamento da sociedade “feminismo para quê?” como *a gente quer direitos iguais, uma sociedade mais justa* (SD12a). Tal posicionamento produz um efeito de sentido de que o feminismo ainda é necessário e nega o dizer de que “as mulheres já conquistaram tudo”.

Na posição-sujeito de que o feminismo é *tão atacado e escorraçado* pelo outro, sujeito identificado com saberes de FDs opostas, produz-se um efeito de sentido de que o feminismo é injustiçado. O advérbio de intensidade *tão*, modificando os adjetivos *atacado e escorraçado*, revela uma formação imaginária de que o movimento é constantemente desacreditado, numa relação de força, que relega ao feminismo um lugar à margem da sociedade, por ser desprezado.

Tal discurso mobiliza pré-construídos que questionam a validade do feminismo para defendê-lo enquanto *um movimento social e político que busca empoderar as mulheres e propor medidas igualitárias de gênero na sociedade* (SD12a). Esta definição do feminismo aponta para um posicionamento de justiça social, para igualdade entre homens e mulheres. Ao dizer que é um movimento social e político, nega um discurso de que o feminismo é individualista, sem razão. Chama-nos atenção para a ênfase à busca por empoderar as mulheres. A definição poderia ter suprimido esta parte, ficando *um movimento social e político que propõe medidas igualitárias de gênero na sociedade* (SD12a), mas não o fez e enfatizou a busca pelo empoderamento das mulheres. Por que tal dizer aparece aí? Considerando que o sujeito feminista acredita ser atacado e escorraçado, o posicionamento que reafirma a busca por “empoderamento das mulheres” pode produzir efeito de sentido de que feministas buscam privilégios para as mulheres, a partir de uma interincompreensão, quando sujeitos de FDs opostas “traduzem” certos dizeres a partir das FD com as quais estão identificados. Ao mesmo tempo, a

⁷⁰ Comida – “A gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte” (ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sérgio, 1987)

busca por empoderar as mulheres, associada a medidas igualitárias de gênero na sociedade desassocia tal sentido de busca por privilégios, quando vinculada à FD feminista.

As SD13 (*Feminismo? Uma luta ultrapassada?*) e SD14 (*Feminismo? Já era!*) revelam a formação imaginária que se tem de que a sociedade faz do feminismo, como algo já superado, que não é importante para os dias de hoje, ao mesmo tempo em que questiona discursos como esse, ao colocarem interrogação. Na publicação referente a esse título, a SD13a, veremos como esse discurso funciona.

SD13a: Tem alguma coisa de maldoso no discurso das pessoas que pregam contra o feminismo. Tem sim. Pois elas simplesmente NÃO SABEM DO QUE ESTÃO FALANDO. Entretanto, se você falar isso para elas ficarão profundamente ofendidas. Claro que sabem. Elas sabem tudo contra o qual as feministas lutam: lutam contra a família, a favor do infanticídio (odiamos crianças), a favor da promiscuidade, mas a verdade é que a solução final para nós é o extermínio de todos os homens da face da terra. (BF - Feminismo: uma luta ultrapassada? 2011, ANEXO F)

Na SD13a, observamos a construção discursiva da imagem do sujeito que prega contra o feminismo: perverso, ignorante e dono da razão. Tais características mantêm relação parafrástica com *Tem alguma coisa de maldoso no discurso das pessoas que pregam contra o feminismo. Tem sim. Pois elas simplesmente NÃO SABEM DO QUE ESTÃO FALANDO. Entretanto, se você falar isso para elas ficarão profundamente ofendidas* (SD13a). Tais dizeres apontam para um posicionamento discursivo que põe em lados opostos dois sujeitos: o sujeito feminista e o sujeito não-feminista, o outro de quem se refere em terceira pessoa (as pessoas, elas), que não é o seu interlocutor, para o qual o discurso é direcionado (você) e que pode se identificar com os discursos feministas. A separação entre o outro do discurso e o interlocutor revela um distanciamento do sujeito ao qual critica e uma aproximação com o interlocutor, sujeito não-feminista, que assume uma posição de aliado, que pode vir a se subjetivar como feminista, identificando-se com a posição-sujeito dominante da FD feminista.

A imagem que o sujeito discursivo supõe que o outro faz de feministas é daquelas que *lutam contra a família, a favor do infanticídio (odiamos crianças), a favor da promiscuidade, mas a verdade é que a solução final para nós é o*

extermínio de todos os homens da face da terra (SD13a). A retomada de dizeres vinculados a FDs opostas sobre feministas mantém relação parafrástica com dizeres de que feminista quer acabar com a família, que rejeita a maternidade, que é promíscua e odeia homem.

Tal formação imaginária direciona discursos de desconstrução de dizeres de oposição ao feminismo, apontando para uma disputa de sentidos, a partir da formulação *Tem alguma coisa de maldoso no discurso das pessoas que pregam contra o feminismo. Tem sim. Pois elas simplesmente NÃO SABEM DO QUE ESTÃO FALANDO* (SD13a). O sujeito, ao mesmo em que se posiciona como quem tem autoridade para falar de feminismo, desautoriza dizeres do outro, atribuindo-lhe responsabilidade, ao dizer que há certa malícia a fim de desacreditar o feminismo. O modo de dizer textualizado em caixa-alta - *NÃO SABEM DO QUE ESTÃO FALANDO* (SD13a) – produz um efeito de sentido que estabelece lugares de fala, cujo lugar do sujeito não-feminista é de quem desconhece o movimento.

A SD13b responde ao questionamento da SD13 *Feminismo: uma luta ultrapassada?*

SD13b: Deixa eu contar um segredo para vocês: o que nós, feministas, queremos é igualdade. Só. Aí eu posso pegar exatamente a mesma lista acima e dizer o que nós, feministas, realmente queremos (e que ainda não temos!): queremos ser iguais, ter os mesmos direitos, receber os mesmos salários, ser tratadas como gente, poder andar desacompanhadas sem sermos abordadas agressivamente, queremos não apanhar, não ser estupradas, violentadas, agredidas, queremos receber promoções pela nossa competência, queremos que nossa capacidade intelectual seja valorizada, ser donas de nossos próprios corpos, queremos defender nossas idéias sem sermos acusadas de sermos histéricas. É só isso. (BF - Feminismo: uma luta ultrapassada? 2011, ANEXO F)

O posicionamento discursivo que revela que o feminismo não é ultrapassado está na sequência: *o que nós, feministas, realmente queremos (e que ainda não temos!)* (SD13b). O advérbio *realmente* modifica o verbo *querer*, o que produz um efeito de sentido legitimador. O sujeito aí responde a um discurso vinculado à memória social: “o que querem as feministas?”. O discurso de que o que as feministas reivindicam ainda não foi alcançado é retomado aí e vai de encontro ao dizer que diz que o feminismo é ultrapassado, partindo-se do pressuposto que já se

conquistou tudo. Para justificar tal posicionamento, o sujeito discursivo elenca o que ainda falta para as feministas: igualdade de direitos, de salário, segurança, respeito e valorização (*queremos ser iguais, ter os mesmos direitos, receber os mesmos salários, ser tratadas como gente, poder andar desacompanhadas sem sermos abordadas agressivamente, [...] É só isso - SD13a*). O que vem a ser querer ser igual ao homem? Para a FD patriarcalista, ser igual ao homem é se parecer fisicamente e desempenhar papéis sociais tipicamente masculinos, o que produz uma imagem estereotipada de feminista. O sujeito feminista posiciona-se na SD13b como quem quer ser igual ao homem, não esteticamente, mas nos mesmos direitos, os mesmos salários, ser respeitada etc. Todos esses desejos elencados revelam uma memória discursiva de que o feminismo não teve muito êxito nas conquistas. Muitos enunciados sobre o feminismo são resumidos em “luta por direitos iguais”. O discurso aqui analisado não se restringe aos direitos jurídicos, mas moral e social, como não ser violentada, ser dona do próprio corpo etc., o que convoca pré-construídos de que mulheres são desrespeitadas, desvalorizadas, violentadas por serem mulheres.

A inclusão do nós, enquanto coletivo feminista, revela um nós-político que permite um posicionamento de união, uma voz coletiva, produzindo um efeito de legitimidade ao movimento. O posicionamento de dizer que feministas querem igualdade “só” simplifica as reivindicações para que seu interlocutor “compreenda a mensagem”. O “só” produz um efeito de sentido de que o que se reivindica é o direito básico, que não estão pedindo nada demais, nada que não possa ser realizado. O “só” fecha e recorta os sentidos sobre o feminismo e interdita sentidos pré-construídos de que feminista busca privilégios.

A SD14a relaciona-se com a SD13a, quando questiona o discurso de que feminismo já era, numa relação de sentido com “feminismo ultrapassado”.

SD14a: Quantas vezes (só hoje) você já ouviu/leu que o feminismo já era? Mulher pode tudo, não precisa de mais nada. O vídeo trata de uma forma bem humorada a grande contradição desse discurso, será que a mulher tem liberdade de escolha mesmo?[...] (BF - Feminismo? Já era! (ANEXO G)

A formulação *Quantas vezes (só hoje) você já ouviu/leu que o feminismo já era? Mulher pode tudo, não precisa de mais nada* (SD14a) desloca a memória

discursiva de dizeres como “o feminismo já não precisa existir porque as mulheres já conquistaram tudo” para questionar tais sentidos. *Quantas vezes (só hoje)* (SD14a) produz um efeito de sentido de recorrência desse dizer e aponta para um posicionamento discursivo de que tal sentido deve ser interdito, pois afeta a validação do movimento.

A SD14a questiona o discurso de que *mulher pode tudo, não precisa de mais nada com será que a mulher tem liberdade de escolha mesmo?* (SD14a). Tal posicionamento discursivo revela que há uma justificativa para existência do feminismo, que é justamente porque a tal liberdade de escolha não funciona. O sujeito discursivo feminista desloca os sentidos de que as mulheres já podem tudo, ao questionar se as escolhas da mulher são realmente livres. Tal posicionamento mobiliza uma rede pré-construídos sobre a mulher na sociedade patriarcal para significar: mulher sofre violência doméstica, mulher é educada para ser mãe, esposa e dona de casa. Esses já-ditos sustentam o efeito de sentido de questionamento da liberdade de escolha.

Na SD15, (*Feminismo em crise?*), o título mobiliza sentidos que se relacionam com as SDs 12, 13 e 14, que têm a ver com respostas ao questionamento de superação do movimento feminista, da não necessidade de ativismo. A SD15a, no entanto, desloca esse sentido para além dessa discussão.

SD15a: Não falo de uma crise como ideia ou como movimento, mas algumas feministas estão vendo a terra ruir debaixo de seus pés. Sem recursos para manter equipe e projetos, várias organizações feministas no Brasil vem travando uma luta árdua para se manterem existindo e resistindo às inúmeras possibilidades de retrocessos nos direitos das mulheres. (BF – Feminismo em crise? 2014, ANEXO H)

O sujeito aí se posiciona a partir da negação de pré-construídos de que o movimento está perdendo a razão de existir (*Não falo de uma crise como ideia ou como movimento* – SD15a) produzindo um efeito de sentido de que esse discurso não é nem considerado, mas, ao retomá-lo, revela que faz parte da memória discursiva. Ao iniciar desta forma, interdita tais sentidos pré-construídos para se posicionar a respeito da falta de recursos das organizações para os projetos no Brasil. A crise aí é retomada com o sentido de falta de recurso para manter o

movimento, não enquanto objetivo, mas em termos financeiros, de ação. Esse deslizamento de sentido aponta para um posicionamento para além da motivação do feminismo, mas para a manutenção, retomado por feministas. O feminismo aí tem um sentido de organização, não de movimento universal.

No Eixo temático “feminismo pra quê?”, analisamos quatro publicações que respondem a tal questionamento. A recorrência desses discursos revela o quanto o imaginário social sobre o feminismo afeta os sujeitos feministas discursivizados nos blogues. A tomada de posição de explicação da importância do feminismo aponta para um movimento de deslocamento da memória para a estabilização dos sentidos de valorização. A relação de sentido entre feminismo e igualdade de direitos se faz presente aí para responder ao questionamento inicial da sociedade patriarcal, mas amplia os sentidos para a busca por respeito, empoderamento, por valorização e contra a violência. O sujeito do feminismo assume um lugar de quem está autorizado a falar do feminismo, ao mesmo tempo em que desautoriza o outro a falar do movimento, por não dominar o assunto, seja por ignorância ou por maldade mesmo.

ET2: O que é feminismo/ feminista: contestando estereótipos

O posicionamento patriarcalista de que feminista é um ser repugnante, uma mulher paranoica, que pretende dominar os homens, destruir a família e que, portanto, as mulheres de família devem se afastar do feminismo faz parte do interdiscurso, o já-dito patriarcalista, retomado pelo movimento feminista em negação polêmica para ser desmistificado e afetar a memória social.

Como o discurso é constitutivamente heterogêneo, outros discursos são ditos antes, em outros lugares, e retornam como pré-construídos para fazerem sentido. Em certos discursos, a heterogeneidade é mostrada, tornando-se evidente para fazer sentido. Authier-Revuz (1990, p. 26), nos estudos da enunciação, chama de heterogeneidade mostrada as “formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. A autora considera a existência da heterogeneidade marcada mostrada e a heterogeneidade marcada não-mostrada.

Nas publicações 1, 2, 4 e 6 do Blogueiras Feministas, verificamos heterogeneidade mostrada nos títulos das postagens, em um jogo de marcação e

não marcação do discurso do outro, com o recurso da ironia. Ao mesmo tempo, os sujeitos retomam discursos patriarcalistas para negá-los, como é possível notar nas formulações linguístico-discursivas das sequências em análise. Nas SDs 1, 2, 4 e 6, os títulos das postagens materializam o discurso da FD patriarcalista em forma de ironia.

SD1: Feminista? Eca! (BF, 2010)

SD2: Porque somos todas paranoicas, né? (BF, 2011)

SD4: O feminismo quer acabar com a família (BF, 2012)

SD6: Feminismo não é para as mulheres certas (BF, 2015)

Os sujeitos dos discursos das SDs acima citadas, que chamamos aqui de sujeitos feministas, opõem-se à FD patriarcalista, a qual permite dizeres que deslegitimam feministas. A negação polêmica, como entendida por Maingueneau (2009), faz com que o sujeito refute um elemento do saber de outra FD. Na SD1, a expressão “Feminista? Eca!”, inscrita no título da postagem, revela o quanto o discurso de aversão ao feminismo faz parte da memória social e é naturalizado na sociedade. O efeito de sentido de ironia nesta expressão se dá pelas suas condições de produção, pois o enunciado isolado, em outras condições de produção, poderia produzir outros efeitos de sentido. Tal recurso discursivo é recorrente no ciberespaço, que produz efeitos de sentido divergentes em sujeitos-leitores vinculados tanto à FD feminista quanto a outras FDs, como a FD patriarcalista. Isso porque os títulos percorrem diferentes lugares no ambiente digital e, muitas vezes, é tomado isoladamente, sem a leitura do texto ao qual está vinculado.

Pêcheux (1969) considera que o sujeito produz um dizer pressupondo um destinatário, que ocupa um lugar social determinado. É a partir das formações imaginárias que esses lugares são representados. Sendo assim, os lugares de uma feminista, de uma mulher não feminista, do homem machista, de um homem desconstruído⁷¹ são lugares que todos esses sujeitos se atribuem mutuamente. Os sujeitos feministas produzem dizeres a partir da imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar pelo qual acreditam que o outro faz de si. Essas formações

⁷¹ Homem desconstruído é um termo usado pelo feminismo, que representa para a AD o indivíduo interpelado em sujeito que se identifica com saberes da FD feminista.

imaginárias não são individuais, mas sócio-históricas e estão relacionadas com o interdiscurso. Discursos de rejeição ao feminismo e de caricaturização de feministas enquanto paranoicas circulam há anos na sociedade de forma naturalizada. Na Seção 3, fizemos o levantamento dessas discursividades. Enquanto na SD1 (Feminista? Eca!), há um questionamento seguido de uma interjeição no título, que pode causar certo estranhamento na leitura imediata, ao mesmo tempo desafia o leitor para uma disputa de sentidos do discurso. Não está dito, mas o sentido de que feminista é algo desprezível compõe esse discurso, pois faz parte do interdiscurso que é resgatado pela memória discursiva. A posição-sujeito põe em xeque esse discurso polêmico, por falar de um lugar social feminista no Blogueiras Feministas.

Na SD1a, a posição-sujeito atribui ao homem o desejo de desqualificar as feministas.

SD1a: Os homens têm especial interesse em desqualificar as feministas. Como suas esposas se contentariam com a falta de talento na cama, a inutilidade masculina nos assuntos domésticos, a ausência paterna na criação dos filhos se fossem feministas? Os homens teriam que crescer, amadurecer se as mulheres fossem feministas. É muito mais fácil ter uma Barbie dentro de casa que uma mulher feminista. É bem mais fácil ser uma marionete pois assim não se é questionada. (BF - Feminista? Eca!, 2010 – ANEXO I)

No segmento discursivo *Os homens têm especial interesse em desqualificar as feministas* (SD1a), o sujeito feminista atribui ao homem certo interesse de desfazer de feministas, devido às formações imaginárias dos lugares sociais que o homem ocupa, o qual não divide tarefas domésticas nem assume papéis paternos: *inutilidade masculina nos assuntos domésticos, a ausência paterna na criação dos filhos* (SD1a). O sujeito feminista, ao posicionar-se com uma crítica ao outro, atribui sentidos a partir de pré-construídos sobre um homem machista, a inutilidade masculina nos assuntos domésticos, imaturidade, assume uma posição sujeito que desaprova tais atitudes. Neste jogo de sentidos, a feminista é definida como aquela que não aceita a dupla jornada de trabalho, uma vida sexual insatisfatória e manipulação pelo homem, por isso que acredita ser do interesse masculino manter essa relação de poder ao desprezar feministas. O sujeito discursivo ainda cria uma diferença entre mulher feminista e mulher não-feminista, sendo esta comparada a uma boneca *Barbie* (*É muito mais fácil ter uma Barbie dentro de casa que uma*

mulher feminista – SD1a). Ao fazer essa diferenciação, a mulher não-feminista é caracterizada como uma marionete, que é manipulada, que faz tudo o que o homem quer, ao assumir a dupla jornada, portanto, não valorizada por uma mulher feminista.

Na formulação *Os homens teriam que crescer, amadurecer se as mulheres fossem feministas* (SD1a), a posição-sujeito aqui parte do pré-construído de que homens demoram a amadurecer, o que produz um efeito de sentido de que o interesse de desqualificar feministas tem a ver com sua imaturidade. Tal posicionamento está vinculado a uma formação discursiva patriarcalista, que permite dizeres que desresponsabilizam os homens devido à sua imaturidade, ao mesmo tempo que responsabiliza garotas a partir do dizer que “meninas amadurecem mais cedo”.

A SD2 caracteriza-se por uma expressão *Porque somos todas paranoicas, né?*, quando o advérbio de negação (não) com o verbo ser (é), em sua forma contracta *né*, convoca o interlocutor para uma reflexão. Esta reflexão revela uma posição-sujeito que questiona o perfil de paranoica e ironiza tal assertiva, que vai muito além de uma pergunta retórica. Ser feminista paranoica, segundo a FD patriarcalista, é “ver machismo onde não tem”. A materialidade discursiva aponta para um posicionamento que ironiza tal dizer e desliza sentidos para construir a imagem de feminista como coerente. Ao formular o enunciado “Porque somos todas paranoicas, né?”, o sujeito discursivo se inscreve num coletivo “somos todas” que produz um efeito de sentido de generalização, que por sua vez questionado o sentido de paranoica.

A FD feminista permite dizeres que fazem com que o sujeito marque o discurso do outro para assim desconstruí-lo e ressignificá-lo, a partir de questões referentes à formação imaginária “quem sou eu para lhe falar assim?” e “quem é ele para que eu lhe fale assim?”. O lugar social de produção desse discurso é de um blogue feminista. E por ser uma sociedade que rejeita questionamentos e enfrentamentos femininos, por ser patriarcal e opressora, tal expressão mobiliza pré-construídos para significar, pois há o deslizamento do simbólico e da história, no jogo de sentidos materializados pela pergunta no título.

A SD4, vinculada à FD feminista, também reproduz o discurso do outro em forma de ironia “O feminismo quer acabar com a família” (SD4). A recorrência de tal recurso discursivo nos títulos reflete o modo como o discurso do outro funciona na constituição do discurso feminista e como a Internet possibilita tal problematização,

ao possibilitar a emergência de postagens com discursividades que levantem polêmicas, por pertencerem a um domínio de memória diferente da FD feminista, o que permite que sujeitos não identificados com tal FD sejam afetados ideologicamente. Discursos como esses circulam com mais recorrência e promovem uma disputa de sentidos, que modifica os trajetos de sentido.

O que é família para a sociedade patriarcal e para as feministas? A FD Patriarcalista, assim como a FD cristã, permite dizeres de que *o feminismo quer acabar com a família* (SD4). Isso porque há um discurso feminista que questiona a família patriarcal tradicional, a qual oprime a mulher, delegando-lhes papéis de submissão ao homem, como já dito na seção 3, o que faz com que circulem na sociedade discursos que reservam às feministas a posição de inimigas da família e da moral. Ao retomar o pré-construído sob forma de ironia, a SD4 promove esta negação do discurso do outro e atualiza os sentidos, ao interromper um processo de reformulação parafrástica.

A SD4a, que é um recorte da postagem a que o título correspondente à SD4 se refere, é um posicionamento contrário aos discursos de que feministas querem acabar com a família.

SD4a: Não há entre feministas nenhum discurso que reprove a manutenção de uniões bem sucedidas de longa data. Ninguém é menos feminista porque é casada há 30 anos. Mas o que o temos em conta é que uniões duradouras muitas vezes são baseadas na anulação da individualidade de um dos cônjuges que, na imensa maioria dos casos, é a mulher. [...] Sabemos também que essa família de comercial de margarina é, muitas vezes, o cenário de abusos violentos. Abusos emocionais, verbais e sexuais que são potencializados pela falácia de que a casa é sempre um lugar seguro. Por fim, acreditamos que é possível ser muito feliz no modelo heterossexual, monogâmico, com crianças. Mas essa não vai ser a escolha de família de muita gente. E, mais ainda, algumas pessoas vão descobrir que não se realizam no modelo conservador e buscar outras possibilidades. O que nós apoiamos também, claro. Então, desprezamos sim a obrigatoriedade de um modelo conservador para todas as pessoas como única possibilidade aceitável. A família como obrigação conservadora e pesada não tem nosso endosso. (BF - Feminista quer acabar com a família, 2012, ANEXO J)

O dizer de que feminismo quer acabar com a família, circulado na sociedade, apaga sentidos de questionamentos da estrutura de dominação patriarcal e desloca

o problema social para o movimento feminista. Ao rejeitar tal trajeto de memória, o sujeito discursivo da SD14a inicia negando a assertiva: *Não há entre feministas nenhum discurso que reprove a manutenção de uniões bem sucedidas de longa data* (SD14a). As negações *não há / nenhum discurso* produzem um efeito de sentido de que tal dizer não tem fundamento, pois não há feminista que o legitime. O que revela um gerenciamento de gesto de leitura, ao delegar apenas às feministas a autoridade para falar sobre o feminismo, pois, se não há discurso entre feministas, é porque não pode ser considerado verdade, segundo esse posicionamento discursivo. Aparece também aí a formulação *uniões bem sucedidas de longa data* (SD14a). Poderia ser apenas uniões de longa data, mas o *bem-sucedidas* demarca a condição para a aprovação de casamentos longos. O que retoma pré-construídos de que casamento duradouro não é garantia de felicidade. Em *Ninguém é menos feminista porque é casada há 30 anos* (SD14a), o pré-construído de que feminista quer acabar com a família sustenta esse dizer para produzir sentido de negação.

A SD14a prossegue evidenciando as críticas à família tradicional patriarcal: *Sabemos também que essa família de comercial de margarina é, muitas vezes, o cenário de abusos violentos. Abusos emocionais, verbais e sexuais que são potencializados pela falácia de que a casa é sempre um lugar seguro* (SD14a). Os comerciais de TV são mobilizadores de discursividades que, muitas vezes, são vinculadas a FDs patriarcais. A referência a uma família de comercial de margarina aponta para um posicionamento de que a família tradicional representada por pai, mãe e filho, em quase todos os comerciais de margarina, como uma família feliz, muitas vezes esconde vários tipos de violência à mulher. A SD também aponta para um deslizamento de sentidos de *feminista quer acabar com a família* para “feminista quer acabar com a opressão da mulher na família patriarcal”, vinculado à FD feminista, ao elencar as reivindicações de liberdade, individualidade, não violência etc⁷².

Outro efeito de sentido que pode ser atribuído com a continuidade da postagem é “o feminismo quer acabar com o estatuto de família tradicional como única forma de família”. Na formulação: *Então, desprezamos sim a obrigatoriedade de um modelo conservador para todas as pessoas como única possibilidade aceitável* (SD14a), há aí uma negação polêmica do discurso do outro. O

⁷² Na década de 1970, a lei do divórcio promoveu a possibilidade de dissolução de uniões civis, o que possibilitou que mulheres não mais sustentassem uma relação de opressão.

posicionamento que questiona o modelo de família patriarcal se sobrepõe à ideia de extinção da família tradicional.

Esses discursos surge porque tais posicionamentos são constantemente tomados em uma sociedade patriarcalista e cristã. O modo de dizer do ciberativismo feminista, ao mobilizar sentidos e promover um debate com sujeitos de outra FD, produz um efeito de ambiguidade do discurso sobre família.

A SD6 *feminismo não é para mulheres certas* se aproxima dos sentidos retomados pela SD anterior. Enquanto circulante no título de uma postagem que percorre diferentes redes sociais, a SD6 produz um efeito de sentido diferente se combinado com sua publicação. Os sujeitos identificados com os saberes da FD patriarcalista têm um posicionamento discursivo de que feminista não é mulher certa. O adjetivo “certa” caracterizando “mulher” retoma dizeres do interdiscurso, os quais direcionam para a interpretação de mulher enquanto recatada, aquela que se dedica à família e que não se envolve em discussões sobre papéis sociais. Não está dito, mas está constituindo o sentido de “mulher certa”. A língua não é transparente. Não é um jogo de substituição literal, que, no final, as palavras, ao mudarem o gênero, farão o mesmo sentido. Nas condições de produção, em uma sociedade patriarcal, na qual os papéis sociais de homem e de mulher estão bem definidos, ainda cristalizados, dizer “homem certo” não produz o mesmo efeito de sentido de “mulher certa”, que muito tem a ver com o desempenho dos papéis femininos que se espera em uma sociedade patriarcal. Ser mulher certa é ser casada, mãe, recatada e viver para a família. Quanto mais a mulher se afastar desse padrão, menos ela é certa, de acordo com os sentidos mobilizados pela FD patriarcal.

Quando o discurso da SD6 “Feminismo não é para mulheres certas” é retomado pelo sujeito discursivo feminista, tal formulação produz um efeito de sentido de questionamento ao saber da FD patriarcal de que feminismo é para mulheres erradas. O que seria o certo e o errado segundo a FD patriarcalista e/ou FD cristã e segundo a FD feminista? A formação ideológica cristã dá à família o *status* de sacramento. A chamada família estruturada é aquela cuja esposa é submissa ao seu marido, é quem edifica a sua casa, enquanto mulher sábia, é quem faz de tudo para a harmonia do lar. O casamento é considerado uma instituição indissolúvel. A formação discursiva feminista permite dizeres que questionam tais princípios em prol da liberdade feminina e da autonomia, mas isso não interdita

discursos de que feministas possam construir uma família tradicional e escolham se casar e ter filhos, como circulado na SD4, *O feminismo quer acabar com a família*.

Tomando a SD6 com a postagem, notamos um deslizamento de sentido para “mulheres certas”.

SD6a: *Feminismo não é para mulheres certas, mais verdadeiras, mais revolucionárias que outras. Feminismo não é sobre estabelecer uma divisão estanque e apriorística entre diferentes mulheres, aquelas que estariam mais libertas das amarras de gênero e aquelas que estariam ainda alienadas. Feminismo não deveria servir para corroborar o discurso da legitimação de mulheres mais verdadeiras que outras através de um vetor cisnormativo.* (BF – FEMINISMO NÃO É PARA MULHERES CERTAS, 2015, ANEXO L).

O “certa” aqui se refere a um jeito certo de ser feminista, produzindo um efeito de sentido de que no feminismo não deve haver um ranking de mulheres certas ou não, no qual há sempre uma mais “verdadeira, mais revolucionária”. O equívoco, que é a “falha da língua na história”, segundo Orlandi (2001), é constitutivo da linguagem. O funcionamento do discurso permite diferentes interpretações. É na negação do posicionamento de que há um modo feminista de ser correto, mais verdadeiro, mais revolucionário de feminista que o discurso produz efeito de sentidos. A negação revela uma tensão na formação discursiva feminista, o que faz com que os posicionamentos sobre o feminismo sejam questionados e reinterpretados. Ao aparecer no título, o discurso “Feminismo não é para mulheres certas”, o sujeito discursivo desloca trajetos de memória para desmontar posições sujeitos na FD feminista e dá como superadas questões patriarcalistas sobre o que é ser uma mulher certa.

O discurso não é independente da memória, do social. Pêcheux (2008) define que todo discurso:

marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido

“performativo” do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto de identificação. (PÊCHEUX, 2008, p. 56-57)

Outro recurso discursivo importante para a desnaturalização do discurso patriarcalista é o da retomada do discurso do outro com uma pergunta, o qual convoca o interlocutor a questionar discursos já estabelecidos e naturalizados. Tal posicionamento discursivo produz um efeito de sentido que põe em xeque as certezas estabilizadas sobre o feminismo e reivindica outros sentidos, outros gestos de leitura para fazer parte da memória social. A SD3 (Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre o feminismo), a SD5 (Quem tem medo do feminismo?) e a SD7 (Não devemos nada ao feminismo?) evidenciam questionamentos que estão em constante debate ideológico. Há de se perguntar por que tais questionamentos aparecem nesses títulos e não outros, ou simplesmente uma negação direta? Perguntas retóricas funcionam como polêmica. Para a AD, nenhum discurso circula livremente, pois a língua não é transparente, já que os sujeitos se posicionam a partir de lugares sócio-históricos. Os discursos de que feminista quer ser melhor do que o homem, de que as mulheres não precisam ser feministas e de que o feminismo é ameaçador fazem parte do imaginário social e sustentam os efeitos de sentido. Há certa hegemonia de sentidos na sociedade, pois tais discursos são naturalizados e a retomada desses dizeres no discurso feminista afeta a memória para significar, pois os interlocutores, enquanto sujeitos que já naturalizam tais discursos, concordando ou não, interessam-se para clicar em tal citação.

Na SD3, a polissemia é controlada, pois, ao questionar o discurso do outro *Dominar os homens?*, já na mesma sequência, o sujeito posiciona-se contradizendo tal assertiva *o impacto de uma mentira sobre o feminismo*. Por que aparece tal discurso? Por que é preciso desmentir? Qual é o impacto desses discursos patriarcalistas? O discurso de dominação é questionado porque é muito recorrente no cotidiano. “Dominar os homens” contradiz com a submissão feminina, esperada em uma sociedade patriarcal, tão naturalizada na sociedade, a qual delega ao homem o papel de chefe da família. Tais sentidos se afastam e se opõem. O efeito de sentido produzido pela SD6 anterior, de que “mulheres certas” não são feministas, do qual se conclui que mulheres submissas, recatadas não são

feministas, porque feministas querem dominar os homens, revela o quanto o sujeito feminista é afetado pela memória discursiva que retoma dizeres de rejeição ao feminismo. Maingueneau (2008) chama a atenção para o fato de que a polêmica não é um jogo gratuito:

a polêmica é necessária porque “sem essa relação com o Outro, sem essa falta que torna possível sua própria completude, a identidade do discurso correria o risco de se desfazer. É inegável, mas a essa se junta outra razão, a saber, a necessidade de mascarar a invulnerabilidade do discurso. (MAINGUENEAU, 2008, p. 113)

Na publicação da continuação da SD3 *Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre o feminismo*, o sujeito feminista posiciona-se na “revelação da verdade”, pois a ideologia interdita posicionamentos contrários ao feminismo, que fazem parte de uma rede de formulações anteriores que estão vinculadas a FD antagônicas.

SD3a: Consequências da mentira: “feministas querem subjugar os homens”

Quando meios de comunicação falam de feminismo, a ilustração clássica é a mulher mais poderosa que o homem (ex: bem maior que um homem, comendo um homem com garfo e faca, humilhando, batendo ou mandando em um homem). Raramente vemos uma imagem colocando mulheres e homens no mesmo patamar. O problema é que acabam divulgando uma mentira sobre feminismo, como se feministas quisessem subjugar os homens. Na verdade, homens ainda têm mais direitos e poder do que mulheres. Feministas querem **igualdade** de poder, oportunidades e direitos, equilibrando a balança entre homens e mulheres. [...]O estereótipo da feminista que quer subjugar homens interfere na minha vida o tempo todo, especialmente quando a fama de feminista chega antes da minha presença. São pessoas que *avisam* ao meu marido pra tomar cuidado pra eu não mandar nele (decisões conjuntas e relacionamento igualitário são impensáveis, pelo visto), são pessoas que *acham* que não sei contextualizar as situações, agindo agressivamente e procurando qualquer pretexto para literalmente destruir tudo ligado ao mundo patriarcal que aparecer na minha frente.[...] (BF - Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre o feminismo, 2011 – ANEXO M)

A imagem que o sujeito feminista acredita que a sociedade faz do lugar social que ocupa afeta o seu posicionamento para “desvendar uma mentira”. Na SD3a, a

formação imaginária é de quem quer ser mais poderosa que o homem (*a ilustração clássica é a mulher mais poderosa que o homem / O estereótipo da feminista que quer subjugar homens*- SD3a), que manda no marido (*São pessoas que avisam ao meu marido pra tomar cuidado pra eu não mandar nele* - SD3a), que é agressiva (*agindo agressivamente*- SD3a) e que quer destruir o mundo patriarcal (*destruir tudo ligado ao mundo patriarcal* - SD3a). A partir dessa formação imaginária e da imagem do lugar que ocupa o outro na sociedade, enquanto sujeito não-feminista que acusa feminista de querer dominar o homem, o sujeito feminista posiciona-se para construir uma imagem de quem quer igualdade de oportunidades e de direitos, decisões conjuntas, relacionamento igualitário (*feministas querem **igualdade** de poder, oportunidades e direitos, equilibrando a balança entre homens e mulheres* - SD3a). Esse efeito de “estabilização dos sentidos” não leva em consideração a opacidade dos discursos e dos sentidos. Como diz Maingueneau (2008), nenhum discurso convence o outro, só é capaz de “convencer” os sujeitos que já têm certa relação de aproximação com os saberes de certa FD.

O sujeito discursivo posiciona-se recusando imagem de que feminista quer dominar o homem, em: *raramente vemos uma imagem colocando mulheres e homens em um mesmo patamar* (SD3a). O discurso de “direitos iguais” é materializado também em *Feministas querem igualdade de poder, oportunidades e direitos, equilibrando a balança entre homens e mulheres* (SD3a).

No trecho *O estereótipo da feminista que quer subjugar homens interfere na minha vida o tempo todo, especialmente quando a fama de feminista chega antes da minha presença* (SD3a), a inclusão do pronome possessivo *minha*, em *minha vida*, estabelece um efeito de aproximação do “eu” com o movimento, no qual a função-autor é marcada. O posicionamento de que o estereótipo de feminista que quer subjugar o homem interfere na vida aponta para a constituição de um sujeito, cujo trabalho simbólico dos estereótipos desestabiliza sua vida em sociedade, pois os lugares ocupados de esposa, mãe, amiga são afetados por dizeres patriarcalistas de que feminista só quer subjugar o homem (*São pessoas que avisam ao meu marido pra tomar cuidado pra eu não mandar nele* - SD3a). A inclusão do “eu” feminista que tem “marido” já aponta para um posicionamento que vai de encontro com dizeres de que feminista é lésbica, mal-amada. Em *A fama de feminista chega antes da minha presença* (SD3a), o posicionamento discursivo aí revela um incômodo com o

estereótipo, pois “fama de feminista” produz um efeito de sentido de imagem negativa de feminista.

A SD também revela um posicionamento que desconstrói a imagem de feminista enquanto aquela que quer dominar o homem, que se relaciona com a imagem de feminista em boa parte da sociedade. O formato de blogue afeta a formulação desses dizeres com certa “pessoalidade” característica de blogues pessoais, o que produz um efeito de sentido de conversa.

Neste Eixo temático, analisamos os discursos que contestam estereótipos do feminismo e que interditam discursos como “feminista é repugnante e paranoica”. Em alguns momentos, o sujeito feminista responsabiliza o homem pelo estabelecimento desse estereótipo, em outros, a sociedade em geral. Vimos também que, ao mesmo tempo em que o sujeito posiciona-se contra a imagem de que o feminismo quer acabar com a família, direciona o discurso para criticar o estabelecimento como certo tipo de família. O título da postagem funciona para o efeito polissêmico do discurso, pois convoca os sujeitos leitores que se identificam com o dizer de que “feminismo quer acabar com a família” e direciona para outros sentidos.

ET3: Feminismo e feminilidade

Feminismo e feminilidade são dois termos linguisticamente próximos, mas que, em determinadas condições de produção, os efeitos de sentido podem ser opostos. Numa sociedade patriarcal, que atribui à feminilidade aspectos que estão relacionados ao padrão social de mulher que precisa ser magra, gostar de se maquiar, de cozinhar, ser dócil, mãe etc. de acordo com a sociedade de consumo. Ser feminina torna-se compulsório, como se fosse inato, inerente à sociedade. Qualquer variação dessas características provoca discursividades como: “mulher de cara lavada parece homem”; “mulher peluda é porca”; “uma mulher prendada está pronta para casar”; “mulher tem que ser dócil, meiga”; “toda mulher nasceu para ser mãe”. Quando o movimento feminista considera esses saberes como opressores, a formação ideológica patriarcal produz um efeito de evidência de que feminista rejeita a feminilidade e quer ser igual ao homem. Tal formulação provoca certa rejeição ao feminismo, pois a valorização do discurso do cuidado com a beleza mantém uma

relação de distanciamento aos dizeres de questionamento dos discursos da feminilidade como valorização de um padrão de mulher.

Os sentidos de feminilidade para a FD discursiva patriarcal não se aproximam do estereótipo de feminista, pois ser feminista é ser mulher-macho. Quando os sujeitos ciberativistas posicionam-se a favor da feminilidade, produz-se um efeito de sentido de adequação aos padrões impostos pela sociedade patriarcal, sociedade de consumo, o que faz com que os discursos circulantes nos títulos alcancem diferentes sujeitos leitores no ciberespaço.

As sequências discursivas a seguir evidenciam essa polêmica discursiva sobre o que é feminilidade.

SD8: Cadê meu blush feminista? (BF, 2011)

SD9: Feminista não tem vida pessoal? (BF, 2011)

SD10: Feminista só sabe falar sobre feminismo? (BF, 2011)

SD11: Vamos pensar sobre o feminismo e feminilidade? (BF, 2015)

A questão da pesquisa nos mobiliza a responder à pergunta: o que é ser feminina para a sociedade patriarcal e o que é ser feminina para o feminismo? Sabemos que diferentes discursos compõem uma FD, mas analisamos os jogos de formações imaginárias nas sequências discursivas selecionadas do blogue, que compõem o nosso *corpus*. Nas sequências discursivas anteriores, verificamos que os discursos retomados da FD patriarcalista revelam que o sujeito discursivo feminista cria imagens do lugar social do sujeito patriarcalista, as quais são historicamente construídas a partir do interdiscurso, que reúne tudo o que já foi dito sobre o feminismo ao longo da história. Tais discursos têm historicidade.

Nos títulos das postagens, a recorrência dos discursos sobre feminista enquanto feminina é analisada. Os dizeres “Cadê meu blush feminista?” (SD8); “Feminista não tem vida pessoal?” (SD9); “Feminista só sabe falar de feminismo?” (SD10) e “Vamos pensar sobre o feminismo e feminilidade?” (SD11) produzem um efeito de sentido de que é preciso desconstruir a imagem de feminista enquanto “mulher-macho” e “antissocial” na sociedade e de que é necessário explicar que ser feminista não significa rejeitar padrões sociais de feminilidade. Isso porque o não-dito também faz parte da produção de sentidos. O discurso de que feminista é

mulher masculinizada⁷³, que não consegue ser sociável e de que vive em função do movimento não está dito, mas constrói o sentido. Não é apenas um discurso voltado para os sujeitos feministas, mas para sujeitos não-feministas, por ser o sentido de feminista masculinizada o dominante e que esteticamente é parecida com um homem, perfil rejeitado para uma mulher na sociedade patriarcal, como se os padrões fossem naturais e não construídos simbolicamente.

Em “Cadê meu blush feminista?” (2011), o *blush* tem uma relação metafórica com a feminilidade, pois representa uma metonímia de maquiagem, a qual pertence a uma rede de sentidos de mulher nos padrões patriarcais. Há um dito de que feminista usa maquiagem para contradizer o pré-construído de que feminista é masculinizada, que não se cuida. Esta posição sujeito revela um efeito discursivo de preocupação com o olhar do outro sobre o feminismo e uma busca pela aprovação do movimento. Há um efeito de completude, de saturação dos sentidos, como se fossem evidentes, únicos. O surgimento desse discurso revela posicionamento discursivo de aproximação com a sociedade patriarcal, que espera que a mulher se encaixe nos padrões e papéis sociais femininos.

A representação de feminista enquanto aquela que gosta de maquiagem, que se depila, que é sociável, portanto feminina, é um simulacro construído a partir da imagem que o sujeito discursivo supõe ser a imagem que a sociedade exige de uma mulher e que vai de encontro com o estereótipo feminista de mulher masculinizada. O dizer “masculinizada” produz um efeito de sentido de que características sociais masculinas são biológicas, portanto, exclusivas aos homens, como não se depilar, não se maquiar, ter cabelo curto etc. A depilação tem alcançado homens também, nos últimos anos, mas ainda assim, ser feminista tem sido sinônimo de mulher que não se depila, portanto, mulher suja, que não se cuida. Essa relação de sentido revela a imposição da sociedade capitalista às mulheres.

Quando o sujeito ciberativista feminista se aproxima das características femininas patriarcais, cria-se uma empatia com os sujeitos identificados com a FD patriarcalista. Há aí uma identificação com a formação discursiva capitalista, que permite dizeres que perpassam por questões de consumo e da indústria de beleza.

Na publicação da SD8a, analisamos como isso funciona.

⁷³ Tal discurso afeta o modo de se relacionar com os saberes da FD feminista, pois os efeitos de sentido como “masculinizada” estão se sobrepondo.

SD8a: Preciso contar uma coisa para vocês, mas é segredo, tá? Existe feminista que usa maquiagem. Uau, né? E ainda vou te contar outra coisa: [Feminista gosta de várias coisas](#). Tem [feminista que faz ótimos cupcakes](#), tem feminista que adora jardinagem, tem [feminista que tem blog de esmalte](#), tem feminista que luta kung fu, tem [feminista que acorda seis da manhã pra nadar](#), tem feminista que gosta de futebol, tem [feminista que fez o layout deste blog](#), tem feminista que anda de moto, tem [feminista que faz tricô](#), tem feminista que é dona-de-casa, tem [feminista que ficou super feliz porque comprou um avental de cozinha bonito](#). [...]Feminista é gente como você, mas gente que quer que as pessoas percebam o quanto as mulheres ainda sofrem sem direitos, oportunidades e respeito plenos. Então, é claro que tem feminista que gosta de maquiagem. (BF – Cadê meu blush feminista?, 2011 – ANEXO N)

A SD8a se inicia com um recurso retórico de aproximação com o leitor-internauta: *preciso te contar uma coisa, mas é segredo, tá? Existe feminista que usa maquiagem. Uau, né?* (SD8a). Esse modo de dizer é possibilitado pelo ciberespaço, quando o digital interfere no discursivo. Tal formulação com linguagem informal, como conversa de modo a confidenciar não tem condições de produção em outros lugares feministas, como publicações acadêmicas, coletivos feministas etc. Esse modo de circulação é possibilitado pelo ciberespaço, que, diferente de uma conversa informal, cria uma rede de aliança com outros sujeitos. Os links nos dizeres das postagens revelam como a interferência do tecnológico funciona para produzir um efeito de autoridade, já que os discursos circulam em outras publicações.

A primeira oração seguida de pedido de confidência - *preciso contar uma coisa para vocês, mas é segredo, tá?* (SD8a) - produz um efeito de sentido de algo que não pode ser compartilhado com mais ninguém. Na continuidade - *Existe feminista que usa maquiagem. Uau, né?* (SD8a) - produz-se um efeito de sentido de ironia. A ironia em “uau, né?” direciona para um gesto de leitura que questiona o motivo de espanto, de surpresa com a informação. Se há um dizer - *Existe feminista que gosta de maquiagem* (SD8a) - é porque há um pré-construído que diz que feminista não usa maquiagem, o que se relaciona com o dizer de que feminista é masculinizada etc. Isso faz com que a formulação tome um ar de confidencialidade.

A enumeração dos gostos das feministas sempre iniciando com: “Tem feminista que gosta...” produz um efeito de sentido de diferença, não homogeneiza as feministas. Não é o mesmo que dizer “feminista é...”. As características elencadas

estão relacionadas a uma imagem de feminista que desconstrói o estereótipo de feminista masculinizada. Gostar de fazer *cupcake*, de jardinagem, que tem blog de esmalte, que faz tricô, que compra avental, dona de casa são características historicamente atribuídas às mulheres, que se distanciam da imagem que se tem de feminista como aquela que rejeita papéis sociais femininos. Tal formulação também traz elementos historicamente masculinos para justificar o feminismo: lutar kung fu, andar de moto, nadar, gostar de futebol. Esse posicionamento discursivo produz um deslocamento nos trajetos de memória para desmistificar o feminismo. Embora o posicionamento discursivo de que feminista pode ser de diferentes formas, há um apagamento de dizeres que incluem feministas da periferia. Dizeres que contemplem tais mulheres são silenciados, como “tem feminista que coloca filho em creche, que é empregada doméstica”. Faremos uma abordagem dessas outras vezes mais adiante.

Na formulação *Feminista é gente como você* (SD8a), perguntamos: o que é ser gente como você? Quais os pré-construídos que compõem tal discurso? Os discursos de que feminista é um ser fora da realidade são muito comuns. Dizer que feminista é igual a qualquer pessoa, inclusive o leitor-internauta, é criar um tom de aproximação e posicionar-se metaforicamente *Então, é claro que tem feminista que gosta de maquiagem* (SD8a) na relação ser gente como você – ser normal – ser feminina – gostar de maquiagem, já que usar maquiagem é uma característica de uma mulher feminina. O sujeito aí se posiciona de modo que se aproxima dos discursos de que ser feminista que não usa maquiagem é estar fora do padrão, não é gente como o sujeito leitor. O oração subordinada - *mas gente que quer que as pessoas percebam o quanto as mulheres ainda sofrem sem direitos, oportunidades e respeito plenos* (SD8a) – é uma posição-sujeito que coloca o sujeito-leitor em relação de aliança com o sujeito-feminista, ao completar o sentido da oração principal *feminista é gente como você* (SD8a). Essa formulação aparece porque a formação imaginária que se tem do sujeito-leitor é de quem compartilha com saberes da FD feminista, mas não sabe se se identifica com o termo feminista.

A SD9a tem uma relação de sentido com a SD8a, ao rejeitar sentidos de que feminista é um ser antissocial, alheia ao convívio em sociedade. Há nesta SD uma marcação do “eu” em relação ao “nós feministas”, que produz um efeito de sentido de personalidade.

SD9a: Antes de sermos feministas, somos seres humanos. Temos vida pessoal, vida sexual, amig@s e relacionamentos afetivos de todos os tipos (e alguns dão certo, outros não). No entanto, a maioria das pessoas prefere ignorar isso, inventando que feministas são eremitas ou mártires isoladas do mundo. Com isso, negam a feministas o direito à autonomia para decidir como devem agir em sua vida privada. [...] É impressionante a quantidade de gente que acha estranho me encontrar em um buteco, restaurante, shopping ou na seção de limpeza do supermercado. [...] Pra essas pessoas, eu sou alguém que só pode viver sozinha (ou apenas com meus gat@s), sem consumir nada (viver de luz?) e só deveria sair de casa pra ir em manifestações feministas. Bizarro demais... afinal, sou ser humano, tenho que cuidar da minha casa (pois ela ainda não é auto-limpante) e dos meus gat@s, adoro encontrar amig@s, cozinhar ou sair para jantar, me divertir, namorar o marido, e tudo o mais que qualquer pessoa comum faz. Não é porque sou feminista que tenho de viver alheia ao mundo. (BF- Feminista não tem vida pessoal? 2011 – ANEXO O)

Na formulação *Temos vida pessoal, vida sexual, amig@s e relacionamentos afetivos de todos os tipos* (SD9a), a posição-sujeito de que se tem relacionamentos afetivos de todos os tipos, por um lado, convoca pré-construídos de que feministas podem ser lésbicas, rejeitando posicionamentos negativos sobre a homossexualidade, por outro, assume também um lugar de heterossexual, com relacionamentos masculinos, que aproxima feminista do padrão patriarcal de feminilidade. A função-autor, com a história pessoal, representa o lugar social de feminista. O sujeito discursivo posiciona-se do lugar de pessoa comum para feminista. A imagem que o sujeito feminista faz de si, enquanto sujeito que tem vida pessoal e pessoa comum, contrasta com a imagem que acredita que a sociedade tem de feminista, enquanto aquela alheia ao mundo, por questionar os padrões impostos na sociedade. Essas imagens sociais fazem parte da memória e o posicionamento de reivindicação gerencia os gestos de leitura sobre o feminismo.

Na SD9a, o sujeito do discurso acredita que o sujeito não-feminista atribui às feministas o lugar de alguém que é isolada do mundo, que não tem vida pessoal e não é capitalista. Ao rejeitar essa imagem, o sujeito aí identificado cria uma imagem de feminista enquanto mulher feminina que vai a um restaurante, shopping, ao supermercado e também cozinha, é casada, ao mesmo tempo como uma mulher fora dos padrões patriarcais, que vai ao boteco, lugar historicamente masculino. O posicionamento de que feminista vive em uma sociedade capitalista revela um sujeito identificado com a FD capitalista, por se identificar com esse lugar.

Na formulação *adoro [...]namorar o marido, e tudo o mais que qualquer pessoa comum faz*, surge aí *namorar o marido*, não apenas *namorar* (SD9a). Ao marcar o lugar de heterossexual, esposa, o sujeito discursivo feminista desloca os sentidos sobre feminista, delegando o espaço de feminista na família tradicional da sociedade patriarcal, pois é uma atividade que *qualquer pessoa comum faz*. Ser uma pessoa comum, nesse posicionamento, é namorar o marido, qualquer outra formulação não seria comum (namorar mulher, namorar outras pessoas).

Se há um posicionamento discursivo entre os sujeitos ciberativistas feministas que valoriza a feminilidade patriarcal, há outras posições-sujeito que rejeitam essa aproximação. A SD11a revela uma tensão na FD feminista, no posicionamento sobre feminilidade.

SD11a: Há um certo feminismo que se intitula radical que se promove fazer uma crítica às relações de poder patriarcais apontando a necessidade de abolição de gênero. Nesta perspectiva, a feminilidade aparece tão somente como uma forma de amarra às mulheres, o poder enquanto tão somente dominação e opressão. [...] Acho válido e necessário criticar padrões hegemônicos de feminilidade? Sim, com certeza. Acho válido estabelecer critérios demarcatórios entre aquelas mulheres que conseguiriam serem “mais críticas” da feminilidade, supostamente mais livres, do que outras mulheres? Não, temos aí um grave problema. [...] Há muito tempo vejo neste feminismo a construção da imagem mulher errada e equivocada, a mulher alienada, enganada e “burra” que escolheria a feminilidade em contraposição a mulher “livre” do gênero e das amarras da feminilidade porque encontrou a “verdade” ou até mesmo se reencontrou com a “natureza”. Verdade ligada a natureza que tão somente o feminismo radical poderia proporcionar. [...] A mulher errada ou iludida é aquela que supostamente reproduz os estereótipos de gênero. A mulher trans talvez seja o exemplo mais extremo da forma como o feminismo radical necessita posicionar mulheres em posição de Outras para se constituir. (Vamos pensar sobre feminismo e feminilidade? 2015 – ANEXO P)

O sujeito discursivo se opõe a uma posição-sujeito que considera a feminilidade como algo negativo, patriarcal, *como forma de amarra às mulheres, o poder enquanto tão somente dominação e opressão* (SD11a). O sujeito posiciona-se deslocando a ideia de homogeneidade do movimento feminista, ao demarcar outro perfil de feminista que se diferencia do sujeito ciberativista: a feminista radical. Feminista radical aí enquanto corrente feminista, que se autointitula assim, não uma denominação estereotipada de radicalismo. A posição-sujeito se distancia do

posicionamento de feministas radicais, que caracterizam a feminilidade como reprodução a estereótipos de gênero, mas marca a aproximação com saberes desta posição-sujeito que acha *necessário criticar padrões hegemônicos de feminilidade*. A tensão na formação discursiva se dá por haver uma imagem do sujeito feminista radical com o posicionamento de hierarquização de feministas: *Há muito tempo vejo neste feminismo a construção da imagem mulher errada e equivocada, a mulher alienada, enganada e “burra” que escolheria a feminilidade em contraposição a mulher “livre” do gênero e das amarras da feminilidade porque encontrou a “verdade” ou até mesmo se reencontrou com a “natureza”* (SD11a).

Nesse eixo temático, analisamos SDs que aproximam dois termos historicamente opostos: feminismo e feminilidade. Pré-construídos de que feminista é masculinizada fazem parte da memória social, ao mesmo tempo em que posições-sujeitos vinculados à FD feminista produzem dizeres de que feminilidade é um modo de opressão patriarcal e que, portanto, feminista deve ser crítica à feminilidade. Discursividades sobre feminilidade em um blogue que monta um arquivo sobre o feminismo desloca trajetórias de memória para a construção da imagem de feminista que agrada à sociedade patriarcal. A imagem de feminista masculinizada afasta, assim, os sujeitos não feministas e produz uma tensão da subjetivação feminista. Feminista e feminina, de acordo com a posição-sujeito aqui analisada, não são termos mais excludentes.

Feminilidade é discursivizada aí como um conjunto de características estéticas que se aproximam do padrão de mulher de uma sociedade capitalista (que usa maquiagem), que assume papéis sociais de uma sociedade patriarcal (cozinhar, fazer tricô...). Não há espaço aí para discursividades que problematizem a feminilidade e deslizem os sentidos que contemplam mulheres que não se enquadram no padrão de mulher feminina de uma sociedade patriarcal, mas que não deixam de ser femininas. Num espaço discursivo de ciberativismo, tais discursividades não encontram condições de produção para significar, os sentidos de feminilidade são bem recortados e outros efeitos de sentido são interditados.

ET4: Você pode ser feminista

O ciberespaço possibilita um modo de dizer que direciona os discursos do ciberativismo. O discurso didático de ensinamento gerencia gestos de leitura para

deslocar trajetos de memória. Já vimos que há discursos que respondem ao questionamento “feminismo pra quê?”, que explicam o que é ser feminista e feminina e analisamos a seguir um discurso didático de como ser feminista. As sequências discursivas de 16 a 22 reproduzem dizeres de que feminismo precisa ser ensinado e que é possível aprender a ser feminista.

SD16: Cinco mitos sobre o feminismo (BF, 2011)

SD17: Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista (BF, 2011)

SD18: Blogagem Coletiva: #MitosFeminismo (BF, 2011)

SD19: É difícil não acreditar em feminismo (BF, 2013)

SD20: Todas as pessoas precisam do feminismo (BF, 2015)

SD21: Por que ser feminista? (BF, 2015)

SD22: Feminista e Cristã (BF, 2011)

Em um tom pedagógico, que revela um confronto discursivo entre a FD patriarcalista e a FD feminista e uma disputa por hegemonia de sentidos direcionando para um gesto de leitura de que feminismo se aprende. Os dizeres da FD feminista produzem efeitos de sentido de que ser feminista é uma descoberta. É preciso ensinar o que é feminismo, que se distancia da noção patriarcalista.

Inicialmente, analisamos o gerenciamento do gesto de leitura para a desconstrução do discurso hegemônico da definição de feminismo. A palavra “mito” aparece nas SD16 e SD18, produzindo um efeito de sentido de que o que é dito sobre o feminismo precisa ser desmistificado, pois não é verdadeiro (são mitos sobre feminismo). O termo mantém uma relação parafrástica com “mentira”, mito sobre o feminismo aparece para marcar o posicionamento de disputa de sentidos sobre o movimento, pois a negação dos sentidos historicamente naturalizados interdita tais formulações e proporciona o estabelecimento de novos sentidos.

Na SD16, a enumeração de “cinco mitos sobre o feminismo” direciona para um gesto de leitura de que o que é dito sobre o feminismo e naturalizado pela sociedade não deve ser considerado, pois “mito” produz um efeito de sentido de algo que não é real, ao mesmo tempo em que parte de um imaginário da sociedade que não deve ser levado a sério. Tal direcionamento não é automaticamente aceito, pois os sentidos são construídos ideologicamente e o leitor lê a partir de uma posição. Ao elencar cinco mitos, o sujeito discursivo posiciona-se a partir de discursividades que o afetam, são elas: feminista odeia homem, toda feminista é lésbica, antes do

feminismo as mulheres eram felizes, as feministas querem ser homem e machismo não existe. Tais formulações são rejeitadas na publicação e revelam o quanto essas imagens circulam na sociedade a ponto de fazerem parte dessa seleção, que não é à toa. Os dizeres mantêm relação de sentido com os outros eixos temáticos que analisamos anteriormente.

Na SD18, “Blogagem Coletiva: #MitosFeminismo”, a ordem do discurso das tecnologias da informação atravessa o que é da ordem do discurso dos movimentos sociais para produzir efeitos de sentido. O uso da *hashtag* para agrupar publicações semelhantes, que reproduzem discursos também semelhantes sobre a mesma temática, é algo próprio da tecnologia, do ciberespaço. A *hashtag* gera uma rede de aliança fora do blogue. O termo *blogagem*, que se refere a publicações postadas nas redes sociais, também é próprio do ambiente virtual. E a *blogagem* coletiva agrupa discursividades semelhantes, que dão um efeito de legitimidade aos discursos. Os sujeitos discursivos do blogue gerenciam o gesto de leitura dos seguidores para desconstrução dos discursos patriarcalistas sobre o feminismo.

As sequências discursivas SD19 (“É difícil não acreditar em feminismo”) e SD20 (“Todas as pessoas precisam do feminismo”) produzem um efeito de sentido de apelo emocional. O surgimento dos verbos *acreditar* e *precisar* revela um posicionamento discursivo de que o feminismo é algo a ser levado a sério e a ser seguido, o que produz um efeito de verdade. Tal posicionamento retoma dizeres do interdiscurso para produzir sentidos, como “feminismo pra quê?”; “feminismo é a busca de privilégios para as mulheres”. Ao responder/negar discursos como esses, as SD19 e SD20 mobilizam a memória para produzir efeito de constatação de que tais discursos, que se sustentam há séculos dominando os sentidos, não podem ser levados a sério.

A SD20a vai de encontro a pré-construídos de que feminista busca privilégios e odeia homem, ao defender que o homem tem os mesmos direitos de expressar suas dores e temores.

SD20a: O feminismo é um movimento social e político que propõe não desprezar a dor, especialmente das mulheres, mas também dos homens. O feminismo, por meio do desejo de criar uma sociedade mais igualitária, diz que os homens tem o mesmo direito de expressar suas dores e temores. [...] O feminismo está aí para aliviar os ombros dos homens da pose ridícula que o machismo obriga

todos eles a ter e, é claro, empoderar as mulheres. (BF – Todas as pessoas precisam do feminismo, 2015 – ANEXO Q)

Tal discursividade mobiliza a memória para produzir sentidos. Há na sociedade um discurso vinculado à FD patriarcalista de que homem não chora, de que é o protetor, o chefe da casa. O posicionamento do sujeito na SD20a desloca a responsabilidade masculina para a sociedade patriarcal. Na formulação *o feminismo está aí para aliviar dos ombros de homens a pose ridícula que o machismo obriga todos eles* (SD20a). O sujeito discursivo posiciona-se a favor dos homens e contra o machismo, retirando a culpa deles, ao mesmo tempo em que desconstrói o discurso de que “feminismo é guerra aos homens”.

A SD22 “Feminista e Cristã” compõe o eixo temático que indica que o sujeito leitor que se identifica com saberes da FD religiosa cristã pode ser feminista. A formulação faz um jogo de aproximação de dois termos historicamente opostos. Ser feminista e cristã, em uma posição sujeito dominante da FD religiosa cristã, é inconcebível, pois os saberes da formação discursiva feminista se opõem aos saberes da formação discursiva religiosa. O posicionamento discursivo na postagem revela uma aproximação de sentidos opostos, o que desconstrói sentidos excludentes entre feminista e cristã. Isso porque os já-ditos sobre uma mulher cristã são de “mulher sábia que edifica sua casa, mulher submissa ao marido e mulher recatada etc.” De acordo com a FD cristã, uma mulher feminista contradiz em tudo o que se espera de uma mulher cristã. A aproximação, portanto, entre os sentidos de feminista e cristã promove um deslocamento de sentidos e convoca a mulher cristã a ocupar esse lugar.

Há indivíduos que são interpelados em sujeito pela formação ideológica feminista, mas se identificam com apenas alguns saberes da FD. Circula na sociedade um discurso de que ser feminista é algo negativo, que a rejeição ao termo acontece também com mulheres ativistas. A SD17, *Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista*, menciona a importância de ser uma mulher feminista. A ideologia funciona de forma que se produz um efeito de evidência, de natural. Os termos “vergonha” e “assumir” revelam um posicionamento discursivo cuja formação imaginária do lugar ocupado pelo outro é de rejeição ao feminismo, motivado pelos estereótipos de feminista que circulam na sociedade, embora

estejam identificados com a FD feminista. Na SD17a, o sujeito discursivo mobiliza uma rede de sentidos para desconstruir a imagem negativa de feminista:

SD17a: [...]O objetivo dessa campanha é mostrar o que é o feminismo para que o movimento deixe de ser algo estranho para as pessoas e mostrar a que veio o feminismo, mostrando que mudanças são bem-vindas e que podem beneficiar a tod@s. O que fazer para desmitificar, para fazer com que as pessoas entendam que feministas são seres humanos acima de qualquer coisa e por isso tem escolhas individuais? O fato de ser feminista não me faz ter obrigação de não me depilar, não passar maquiagem ou não assistir novela e me divertir. Ser feminista não me faz ter ódio de homens ou ser uma mal comida. Enfim, ser feminista me faz ter uma visão de mundo que vai de encontro à igualdade entre as diferenças não só das mulheres, mas dos homens também. (BF - Um guia para você que tem vergonha de se assumir feminista, 2011 – ANEXO R)

Na formulação da SD17a, o sujeito discursivo posiciona-se a partir da imagem que acredita que a sociedade faz do feminismo, como um movimento pouco compreendido - *O objetivo dessa campanha é mostrar o que é o feminismo para que o movimento deixe de ser algo estranho para as pessoas (SD17a)*. O pré-construído de que feministas buscam privilégios para as mulheres sustenta o dizer de que o feminismo pode beneficiar a todas as pessoas - *mostrando que mudanças são bem-vindas e que podem beneficiar a tod@s (SD17a)*. A sequência discursiva revela um sujeito que acredita que o seu interlocutor cria imagem de feminista enquanto masculinizada, antissocial, lésbica e mal-amada. Seu posicionamento constrói a imagem de feminista como feminina, sociável, que luta por direitos iguais entre homens e mulheres. Na formulação que feminista *vai de encontro à igualdade entre as diferenças não só das mulheres, mas dos homens também (SD17a)*. A ênfase ao salientar “mas dos homens também” provoca uma desestabilização da memória e desloca trajetórias de sentido ao rejeitar pré-construídos de que as feministas odeiam homens. Essa sequência discursiva revela que a convocação para o feminismo é para sujeitos femininos e masculinos, pois o feminismo é bom para toda a sociedade.

A interpretação está em toda manifestação de linguagem (ORLANDI, 1996). Nos discursos analisados, quando há um posicionamento discursivo sobre o que é o feminismo, há sempre uma interpretação dos discursos do outro. Nesta subseção, vimos que das 22 SDs que são direcionadas aos leitores “não feministas”, 14

retomam o discurso do outro para produzir efeitos de sentido. Mais da metade significa que há uma recorrência muito grande de circulação do discurso do outro, enquanto retomada, ressignificando-o. Nenhum discurso é natural ou por acaso. Se discursos vinculados a FD opostas à da FD feminista se fazem presentes é porque tais dizeres têm força na sociedade e são naturalizados a ponto de os sujeitos feministas retomarem para desconstruí-los. Há um embate de sentidos, numa “tradução” do enunciado do outro a partir das FDs com as quais os sujeitos estão identificados, o que promove uma interincompreensão polêmica generalizada, pois tais discursos traduzem a partir de um simulacro que constrói do outro. Há um discurso polêmico, no qual a polissemia é controlada e os sentidos são disputados entre os interlocutores.

Observa-se também que, das 22 SDs, 15 são compostas por enunciados interrogativos. Questiona-se o discurso do outro para se produzir sentido. Se há questionamento é porque existe naturalização de um discurso. É um modo de dizer que mobiliza sentidos, que desperta interesse do interlocutor sobre o assunto proposto. A adesão ou não àquele discurso dependerá das formações ideológicas com as quais estão identificados e da memória que sustenta determinados sentidos.

É possível observar que, em cada posição-sujeito, há aproximação e deslizamentos de sentido. O discurso do feminismo na Internet, como materialidade ideológica, opera por meio da FD feminista, produzindo imagens sobre a feminista que atraem o interlocutor filiado a FDs opostas. Há uma nova relação de tempo/espço/circulação possibilitada pela Internet. Já dissemos na seção 3 que o feminismo que não incomoda o patriarcalismo é aquele que não interfere nos papéis sociais de homem e de mulher e que não ameaça a estrutura dominante. Quanto mais o feminismo vai de encontro a padrões estabelecidos, mais discursos de deslegitimação circulam, pois há um confronto de posições de sujeito filiadas a FDs opostas. Há um jogo de aproximação possibilitado pelas posições sujeitos.

Nos discursos circulantes no Blogueiras Feministas, há um jogo entre a paráfrase e a polissemia, quando é construída a imagem de feminista que se contrapõe ao imaginário de boa parte da sociedade, para a qual a feminista é masculinizada, feia, paranoica, etc. São imagens de feministas enquanto aquelas que são femininas, equilibradas e necessárias. O mesmo termo feminismo inserido em FDs diferentes produz sentidos opostos. A polissemia provoca uma tensão no dizer sedimentado para um rompimento. Há um conflito entre o mesmo e o diferente

(ORLANDI, 1978), entre paráfrase e polissemia. Tais sentidos se constituem a partir da relação entre expressões diferentes.

5.1.1 O gerenciamento dos gestos de leitura no discurso didático de definições de feminismo/feminista

Na seção anterior, analisamos as discursividades que circulam nas postagens do ciberativismo feminista direcionadas à sociedade patriarcal. Nesta seção, recortamos sequências discursivas dos textos dos blogues para analisar os modos de dizer sobre o feminismo, a partir de posições-sujeito de aproximação com o sujeito-leitor. Consideramos nas análises o tom didático de explicação do movimento feminista para os leitores e o modo de gerenciamento dos gestos de leitura sobre as definições de feminista.

Analisamos os modos de o sujeito contemporâneo se posicionar na atualidade em um ambiente digital, que transforma os modos de dizer. Selecionamos materialidades significativas de publicações no blogue que delimitam o espaço de dizer da função-autor e da função-leitor. A seguir, fizemos um quadro das sequências discursivas que evidenciam a função-autor no jogo de aproximação com o sujeito-leitor.

Quadro 4 – Sequências discursivas que recortam dizeres de aproximação

SD65: [...] **Conheço** muitas mulheres que são feministas, mas que não se declaram feministas. Porque a palavra ganhou um estigma com o passar dos anos. Porém, a grande maioria das mulheres que conheço são feministas, basta **você** fazer um checklist na [lista](#) elaborada pela [Cynthia](#). E este é um espaço de [Blogueiras Feministas](#), o que significa que o Feminismo está aí querendo valer o nosso suor. [...] (**grifo nosso**, BF – Feminismo? Pra quê?, 2011 – ANEXO E)

SD66: Então, o que **proponho** a **você** hoje é sentar e ler um pouco sobre feminismo. **Esqueça** os estereótipos de que feminista é o bicho-papão que quer enfiar um salto alto na sua goela. **Abra o olho e conheça** um movimento social que perpassa diversas relações como [Maternidade e Feminismo](#), [História e Feminismo](#), [Violência e Feminismo](#), entre outros. (**grifo nosso**, BF – Feminismo? Pra quê?, 2011– ANEXO E)

SD67: Aqui no blog **você** tem muitos posts sobre o assunto, além do blogroll aí do lado esquerdo. Na rede **você** encontra diversos textos acadêmicos e informações que podem enriquecer seus conhecimentos acerca do Feminismo. Aqui **vão algumas dicas do que andei lendo recentemente** [...] (**grifo nosso**, BF – Feminismo? Pra quê?, 2011– ANEXO E)

SD69: Então quer dizer agora que todas as mulheres são obrigadas a serem feministas? Não, não são. [...] Ainda que **eu** cultive esperanças de que todas as pessoas tenham a consciência de que o Feminismo é necessário para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e, que acima de tudo é preciso militar, isso não quer dizer que todas as mulheres são obrigadas a serem feministas. Isto porque, **para mim**, as pessoas devem ser livres para serem o que quiserem, como quiserem e quando quiserem. [...] O problema é que sendo do gênero feminino, a sua liberdade é limitada e suprimida, seja pelos valores culturais machistas que “justificam” o estupro, o abuso, as cantadas indecentes, a passada de mão no ônibus ou metrô lotado; seja pela rua escura que te amedronta e te inibe de ocupar o espaço público, pelo(a) chefe que sabe que você precisa do emprego e te assedia moral/sexualmente ou pela violência doméstica. A sua liberdade é sufocada simplesmente pelo fato de **você** pertencer ao gênero feminino, ao “sexo frágil”, de ser mãe solteira, de não arrumar um marido, de se vestir como uma biscate, de “não se dar o devido respeito”, de estar acima do peso, de ter celulite... [...] Por estes e tantos outros motivos é que eu acho que sem o Feminismo **você** não é livre, ainda que não concorde comigo. (**grifo nosso**, BF - Quem tem medo do feminismo? 2013 – ANEXO S)

SD70: Ouvimos tantas coisas sobre o que é Feminismo, não é mesmo? Que tal desvendar certos mitos? Será que tudo que você ouve ou lê é verdade? (**grifo nosso**, BF – Cinco mitos sobre o feminismo, 2011 – ANEXO T)

Na análise do nosso *corpus*, algo que nos chamou bastante a atenção foi o modo de se dizer sobre o feminismo ao leitor-internauta não-feminista. Um modo didático, de intimidade, pauta os recortes selecionados. O primeiro recurso é a utilização da primeira pessoa do singular (eu) para determinar um modo de aproximação. Nas sequências discursivas abaixo, analisamos como isso funciona.

SD 65: *Conheço muitas mulheres que são feministas, mas que não se declaram feministas.* (ANEXO E)

SD66: *Então, o que proponho a você hoje é sentar e ler um pouco sobre feminismo.* (ANEXO E)

SD69: *Ainda que eu cultive esperanças de que todas as pessoas tenham a consciência de que o Feminismo é necessário para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e, que acima de tudo é preciso militar, isso não quer dizer que todas as mulheres são obrigadas a serem feministas. Isto porque, para mim, as pessoas devem ser livres para serem o que quiserem, como quiserem e quando quiserem.* (ANEXO S)

A primeira pessoa do singular “eu”, representada tanto enquanto sujeito oculto (conheço, proponho), quanto pronome pessoal do caso oblíquo (para mim) revela uma função-autor presente aí quando o “eu” produz um efeito de sentido de unidade do sujeito, o que produz um efeito de intimidade com o outro. Orlandi (2005) chama a atenção para a relação do discurso, disperso, com o texto, lugar de unidade. Nesse lugar de unidade é que o sujeito se constitui, com sua completude imaginária, enquanto autor.

O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido. De outro lado, a nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, na instância do imaginário. É por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona. É também dessa natureza a distinção (relação necessária) entre discurso e texto, sujeito e autor. (ORLANDI, 2005, p. 74)

Analisamos que condições de produção marcam a autoria em seu texto. Segundo Orlandi (2001, p. 75), na função-autor, “o sujeito falante está mais afetado pelo contato com o social e suas coerções, sendo visíveis nelas, os procedimentos disciplinares”. A relação metonímica que o *eu* representa nesta autoria revela um *eu* feminista, que fala em nome das feministas à sociedade patriarcal representada por *você* (*o que proponho a você...*). Todas as sequências discursivas do quadro anterior remontam a um interlocutor que não se identifica com o feminismo, o sujeito não-feminista, este representado por *você*, como está destacado em negrito em todas as SDs. Em alguns casos, o *você* não se refere a qualquer pessoa, mas especifica a mulher não feminista. A SD69 representa bem essas delimitações:

SD69: *A sua liberdade é sufocada simplesmente pelo fato de **você** pertencer ao gênero feminino, ao “sexo frágil”, de ser mãe solteira, de não arrumar um marido, de se vestir como uma biscate, de “não se dar o devido respeito”, de estar acima do peso, de ter celulite... [...] Por estes e tantos outros motivos é que **eu** acho que sem o Feminismo você não é livre, ainda que não concorde comigo.* (ANEXO S)

O *eu* feminista reporta-se para *você* mulher não feminista: *eu acho que sem o Feminismo você não é tão livre* (SD69). O sujeito posiciona-se discursivamente a partir de pré-construídos sobre os papéis sociais da mulher: *A sua liberdade é sufocada simplesmente pelo fato de **você** pertencer ao gênero feminino, ao “sexo frágil”, de ser mãe solteira, de não arrumar um marido, de se vestir como uma biscate, de “não se dar o devido respeito”, de estar acima do peso, de ter celulite....* (SD69). Tais pré-construídos fazem parte da Formação discursiva patriarcal que permite dizeres que determinam o que é ser mulher. O sujeito discursivo, ao ir de encontro a tais discursos, constrói a imagem do sujeito-leitor feminino como aquele que rejeita esses papéis sociais e, portanto, deve se reconhecer feminista. Há aí um discurso de aliança, que convoca o seu outro para identificação com a FD feminista.

Mônica Zoppi-Fontana (2017, p.17) chama a atenção: “o poder de convocação das redes sociais e de outras plataformas tem se mostrado como um novo espaço de construção de coletivo de identificação”. O digital interfere no discursivo, quando há links que direcionam o leitor a outros textos, o que produz outro efeito de sentidos, como observamos nas SD65 e SD 66:

SD65: Porém, a grande maioria das mulheres que conheço são feministas, basta **você** fazer um checklist na [lista](#) elaborada pela [Cynthia](#). E este é um espaço de [Blogueiras Feministas](#), o que significa que o Feminismo está aí querendo valer o nosso suor. (ANEXO E)

SD66: Então, o que **proponho** a **você** hoje é sentar e ler um pouco sobre feminismo. **Esqueça** os estereótipos de que feminista é o bicho-papão que quer enfiar um salto alto na sua goela. **Abra o olho e conheça** um movimento social que perpassa diversas relações como [Maternidade e Feminismo](#), [História e Feminismo](#), [Violência e Feminismo](#), entre outros. (ANEXO E)

Há aí links que direcionam para uma lista, nos quais o sujeito-leitor pode clicar e fazer um *checklist* . Tal posicionamento, possibilitado pelo tecnológico, produz efeitos de sentido de legitimação, pois há um modo de se reconhecer feminista, que está elencado na lista de dizeres autorizados por sujeitos feministas. Os sentidos do discurso são produzidos nessa reunião de outros discursos e no recorte de discursividades. A rede é o suporte para a desnaturalização. O modo imperativo também é marcado (*basta você fazer um checklist; proponho a você hoje é sentar e*

ler um pouco sobre feminismo. Esqueça; abra o olho e conheça), o que produz um efeito de sentidos não de ordem, mas de conselho. O sujeito discurso posiciona-se de modo a considerar que a leitura de textos e o conhecimento do feminismo produz uma conscientização e quebra de estereótipos. Maingueneau (2008), no entanto, alerta para o fato de que o discurso não é capaz de convencer o outro que não está identificado com a FD do sujeito discursivo. O que acontece aqui é que o sujeito-leitor a quem se direciona o sujeito-discursivo pode já estar identificado com certos saberes da FD feminista e o modo de dizer no ciberespaço contribui para uma tomada de posição feminista.

Esse modo de dizer como uma conversa afeta a memória de que feminista é histórica, não sabe dialogar e desloca trajetos de memória para feminista sociável. Isso é possibilitado pelo ciberespaço, que permite um lugar que dialogue com o seu outro num ambiente disperso. Tais discursos não têm uma possibilidade de circulação livre em outros ambientes, porque há um contra-ataque dos discursos antagônicos. O que acontece no ciberespaço é uma possibilidade de alcançar o seu outro, pela dispersão do discurso na web, quando há uma circulação em diferentes plataformas.

Dentre a rede de discursos que fazem parte do interdiscurso, a memória discursiva permite, interdita e transforma dizeres históricos. A memória discursiva possibilita que a FD faça circular os já-ditos e o ciberespaço permite o deslocamento de trajetos de memória. Nesta seção, analisamos como a memória se inscreve no ciberespaço produzindo subjetividades e as novas formas de inscrição do sujeito autor feminista na Internet, concordando com Orlandi (2005) que o autor “é a representação de uma unidade e delimita-se na prática social como uma função específica do sujeito” (ORLANDI, 2005, p. 73). Verificamos que há um modo de se dizer sobre o feminismo no ambiente do blogue, e a aproximação com o leitor-internauta produz um efeito de sentido de intimidade, de amizade e de interesse de desconstrução de estereótipos. Esse modo de dizer é possibilitado pelo gênero discursivo blogue, que permite que haja um efeito de sentido de diálogo, rompendo com o imaginário da sociedade de que feminista é histórica e raivosa.

A interpretação não é única. É recortada por esquecimento e silenciamento (LAGAZZI, 2011). Analisamos, nessa seção, um modo de dizer de feministas que é direcionado para a sociedade patriarcal. Se nesta Subseção, os dizeres sobre o feminismo e sobre feminista produzem um efeito de sentido de homogeneidade, ao

falar sobre feminismo no singular, na próxima subseção, selecionamos as postagens direcionadas aos próprios sujeitos feministas para analisar como os discursos são heterogêneos e como funciona a tensão na FD feminista.

5.2 DE FEMINISTA PARA FEMINISTA: O CIBERESPAÇO E A REIVINDICAÇÃO DOS LUGARES DE FALA

O sujeito não tem domínio sobre os sentidos dos seus discursos. Nas redes sociais, é possível compreender como isso funciona, como os gestos de leitura se materializam nos comentários, nos compartilhamentos, já que, na dispersão do ciberespaço, os textos⁷⁴, enquanto materialidade significativa, podem circular por diferentes ambientes e os efeitos de sentido variam de acordo com as Formações Discursivas com as quais os sujeitos estão identificados.

Ainda assim, há um modo de se dizer do feminismo direcionado às próprias feministas, que revela uma tensão na FD, com reivindicação de vozes no processo de deslocamento de trajetórias de memória. Há uma especificação do feminismo nas postagens, com o adjetivo, que é uma classe de palavra que caracteriza o substantivo. Não nos preocupamos em fazer uma análise da superfície linguística, pois aqui analisamos como esses adjetivos funcionam para produzir sentido ao substantivo “feminismo”. Tal caracterização revela um posicionamento de diferenciação, de delimitação de espaços. Os adjetivos para o feminismo funcionam como uma rede de sentidos que aponta para uma heterogeneidade nos posicionamentos discursivos de denominação. Selecionamos a seguir as adjetivações destacadas em negrito nos títulos do nosso *corpus*.

SD23: O **novo** feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia (BF, 2013)

SD24: Por um feminismo **transformativo** (BF, 2014)

SD25: 'Feminismo **Interseccional**'. Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar) (BF, 2014)

SD26: Feminismo **interseccional** explicado por meio de pizzas (BF, 2015)

SD27: O **falso** feminismo **interseccional** ou o que importa é representar (BF, 2015)

SD28: Como explicar o **transfeminismo**? (BF, 2013)

⁷⁴ É importante lembrar que os textos do blogue materializam discursos, por isso, não cabe aqui analisarmos a linearidade na continuidade e completude do texto, pois o discurso é disperso e perpassa diferentes textos em diferentes lugares. O nosso recorte se faz necessário para pensarmos o funcionamento do discurso feminista no ciberespaço.

SD29: Feministas **pró-vida** não existem (BF, 2013)

SD30: O feminismo **brasileiro** se espalha e resiste (BF, 2015)

Diante das discursividades nos títulos selecionados, analisamos o funcionamento da denominação de feminismo/feminista e da delimitação de correntes, de tipos de feminismo, nos quais transitam sentidos. A denominação é um gesto de leitura que implica em atribuição de sentidos na opacidade da linguagem sujeita a equívocos. Os discursos das blogueiras feministas sobre o feminismo apresentam posicionamentos diferentes. Analisamos as tensões e as aproximações.

Nesta análise, delimitamos 2 grandes eixos temáticos (ET) nos títulos direcionados a outras feministas. O primeiro é formado por discursividades que completam o sentido de “o feminismo precisa ser...”; o segundo perpassa por discursividades que abarcam: “o feminismo precisa deixar de ser...”. Tais eixos temáticos revelam as formações imaginárias a respeito do feminismo e a disputa de dominância de sentidos entre posições-sujeitos de feministas.

ET1: O feminismo precisa ser...

O termo *feminismo*, quando vinculado à FD feminista, pressupõe um movimento de transformação dos papéis sociais. Na SD24, *Por um feminismo transformativo*, ao defini-lo como transformativo, os sentidos de feminismo deslocam trajetos de memória para significar. Tal adjetivo não produz o mesmo efeito de sentido que feminismo transformado, feminismo novo, como na SD23 (*O novo feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia*). É o feminismo com a capacidade de mudar e de transformar, o que produz um efeito de sentido de que nem todo feminismo é transformador e que é preciso lutar para que o feminismo seja transformativo. Há de se perguntar por que aparece uma definição de feminismo transformativo. Tal caracterização remete a outros discursos de que o objetivo do feminismo é transformar, é mudar. Há um pré-construído vinculado a FDs antagônicas de que os movimentos sociais, não só feministas, propagam o vitimismo. A partir dessas imagens, há um discurso que relativiza os ativismos sociais, fazendo com que haja uma rejeição. Ao definir o feminismo como transformativo, o sujeito discursivo interdita tais dizeres, pois a situação de vítima é de inércia, oposta ao ato de transformação.

As SDs 25 e 26 caracterizam o feminismo como interseccional: SD25 “*Feminismo interseccional*”: *Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar)* e SD26 *Feminismo interseccional explicado por meio de pizzas*. Se a denominação de feminismo gera bastante polêmica, como visto na subseção anterior, que evoca posições-sujeito de explicação, o termo interseccional caracterizando o feminismo provoca um estranhamento. A expressão *Que diabos é isso?*, muito presente na sociedade diante de algo que é difícil de entender, revela um posicionamento discursivo de que é preciso explicar a diferença, pois não é algo de fácil entendimento, o que é possível perceber também na SD26, que explica o feminismo interseccional por meio de pizzas. Ainda na SD25, a expressão entre parênteses *E porque você deveria se preocupar* surge porque há discursos de que não é importante segmentar o feminismo, porque há um efeito de homogeneização. O modo de dizer imperativo produz um efeito de sentido de urgência, de responsabilidade. Cria-se, então, um efeito de sentido de que o feminismo é heterogêneo, mas que é possível conviver com as diferenças interseccionalmente.

O sujeito discursivo na SD25a nomeia um feminismo majoritário e outro feminismo interseccional, estabelecendo uma diferença:

SD25a: A principal coisa que a ‘interseccionalidade’ está tentando fazer, eu diria, é evidenciar que o feminismo, que é excessivamente branco, classe média, cisgênero e capacitista, representa apenas um tipo de ponto de vista — e não reflete sobre as experiências de diferentes mulheres, que enfrentam múltiplas facetas e camadas presentes em suas vidas.[...] (BF- “Feminismo interseccional”: *Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar)*, 2014 – ANEXO U)

O feminismo branco aí é discursivizado como o feminismo majoritário. Tal posicionamento elenca características que representam certa elitização do feminismo (branco, classe média, cisgênero⁷⁵ e capacitista), quando se considera que existem diferentes mulheres e suas especificidades. O sujeito discursivo demarca o lugar do feminismo majoritário como aquele que exclui outras etnias, por ser branco, que exclui mulheres de periferia, por ser classe média, que exclui

⁷⁵ Cisgênero é um termo que corresponde à identificação do sujeito com o seu sexo biológico.

mulheres transgênero, por ser cisgênero e que ignora pessoas com deficiência por ser capacitista.

Há um discurso que circula na sociedade que rejeita o posicionamento de especificação dos movimentos, a partir da posição-sujeito que defende que quanto mais segmentado o movimento menos resultados alcança. Na SD25b esse posicionamento aparece:

SD25b: Então, até que o movimento feminista majoritário comece a ouvir os diferentes grupos de mulheres dentro dele, ele vai continuar a estagnar e não será capaz de seguir em frente. O único resultado disso é que o movimento torna-se fragmentado e continuará a ser menos eficaz. [...] (“Feminismo interseccional”: Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar) 2014 – ANEXO U)

O sujeito discursivo, na SD25b, delega a responsabilidade ao feminismo majoritário de unir o movimento, rejeitando o discurso de que a especificação de outros feminismo é o que separa as feministas. O uso de “até que” “comece a ouvir” *em até que o movimento feminista majoritário comece a ouvir os diferentes grupos de mulheres dentro dele* (SD25b) marca o posicionamento de que o feminismo majoritário não se importa com as necessidades de outros grupos de mulheres que não sejam brancas, de classe média, cisgênero e capacitistas, numa relação de sentido com a SD25a.

Na SD25c, o termo interseccionalidade produz um efeito de sentido de algo novo, que causa estranhamento, numa relação de sentido com o título analisado “Feminismo interseccional”: Que diabos é isso?”.

SD25c: [...] Interseccionalidade ainda é um termo relativamente novo para as massas — mas, sua mensagem é algo com o qual certamente qualquer feminista pode estabelecer uma relação ao começar a ouvir e incluir diferentes grupos de mulheres, suas múltiplas facetas e experiências de vida nos debates em geral e respeitá-las. (“Feminismo interseccional”: Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar) 2014 – ANEXO U)

A SD25c revela um posicionamento de que, embora o termo seja diferente, pouco conhecido, a interseccionalidade não representa fragmentação, mas inclusão: *qualquer feminista pode estabelecer uma relação ao começar a ouvir e incluir*

diferentes grupos de mulheres, suas múltiplas facetas e experiências de vida nos debates em geral e respeitá-las (SD25c). Vimos aqui que o discurso feminista interseccional promove uma desestabilização dos sentidos sobre o feminismo entre sujeitos feministas, ao levantar questionamentos a respeito das práticas do feminismo majoritário e delegar-lhe responsabilidade pela fragmentação do movimento.

Outro discurso que causa estranhamento no movimento feminista é o Transfeminismo, por ter circulação recente. A SD28 “Como explicar o Transfeminismo?” produz um efeito de inquietação e certa dificuldade para se entender o transfeminismo e conseqüentemente explicá-lo. Há um pré-construído, vinculado à FD religiosa cristã de que transexual não é normal na sociedade. Algumas posições-sujeito feministas não consideram transexuais como mulheres. Conseqüentemente, há um posicionamento de que não é natural ser mulher trans, muito menos transfeminista. Romper com tais discursos já se torna uma tarefa difícil. Como então explicar o transfeminismo?

SD28a: o que é o transfeminismo me é suficientemente entendível, mas *como* explicar o transfeminismo para um amplo e variado público de feministas experientes e diletantes, além de estudiosas/os de gênero e sexualidades, o qual, provavelmente, nunca teve um contato com semelhante discussão? [...](BF – Como explicar o Transfeminismo?, 2013 – ANEXO V)

NA SD28a, o sujeito discursivo posiciona-se a partir de uma formação imaginária, na qual a imagem que acredita que a sociedade faz de feminismo é de movimento sem razão e, conseqüentemente, o transfeminismo é muito mais incompreendido. Há no discurso feminista um apagamento dos discursos transfeministas, por ser um termo pouco circulado, que não encontra condições de produção. O sujeito discursivo posiciona-se enquanto porta-voz do movimento.

O ciberespaço permite que novos dizeres, muitas vezes interditados, desloquem trajetos de memória para significar. Ao mesmo tempo em que há uma fragmentação dos sentidos sobre o feminismo, há uma tentativa de dar uma unidade ao termo. Na SD30, há um efeito de sentido de localização do feminismo, com a caracterização de feminismo brasileiro, que se espalha e resiste. Que feminismo

brasileiro é esse a que se refere o sujeito discursivo? Não é qualquer feminismo, há uma singularidade do feminismo no Brasil, como se este fosse homogêneo. Essa ideia de homogeneidade do feminismo é complementada quando se indica que o feminismo brasileiro se espalha e resiste. É como se fosse uma condição para que houvesse resistência.

SD30a: Sendo um movimento social e político, acredito que o feminismo é construção coletiva, bricolagem, algo que não pode ficar parado, precisa girar constantemente. Por isso, saúdo esses últimos dias em que o feminismo brasileiro esteve tão em evidência com a Campanha Primeiro Assédio, o Enem e as Marchas contra o deputado federal Eduardo Cunha. Resistimos! (BF – O feminismo brasileiro se espalha e resiste, 2015 – ANEXO WS)

Na SD30a, o tom de coletividade chama a atenção nos discursos. Nesse momento, não é mais o feminismo fragmentado, que tem suas particularidades nas ações. Cabe aí falar de um feminismo como um todo, como um movimento em geral. A particularidade fica por conta da localização. O sujeito discursivo elenca *Campanha Primeiro Assédio, o Enem e as Marchas contra o deputado federal Eduardo Cunha* como partes de um mesmo feminismo, apagando dizeres de separação, de localização.

Nas discursividades elencadas por esse eixo temático, os sujeitos feministas, a partir de pré-construídos sobre o feminismo majoritário como sendo um feminismo de mulheres brancas e de classe média, assumem um posicionamento de que o feminismo precisa ser transformativo, interseccional e inclusivo. Essa posição-sujeito aponta para um modo de dizer do feminismo que, ao mesmo tempo em que visibiliza as tensões na FD feminista, posiciona-se a favor da unidade do movimento, desde quando haja uma mudança de atitudes, desde que haja inclusão de outras vozes.

ET2: O feminismo precisa deixar de ser...

O segundo eixo temático reúne as SDs que rejeitam certas discursividades feministas. Na SD23, *O novo feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia*, o adjetivo *novo* diferencia dois momentos do feminismo. A SD, ao mesmo tempo, põe em questão a mudança do movimento e o modo de transformação. Há

um discurso circulante na sociedade de um destaque para um “novo feminismo”, o novo no sentido de movimento diferente e novo no sentido de juventude, de jovens feministas. As revistas e jornais⁷⁶ de grande circulação classificam o feminismo atual como “novo” e posicionam-se discursivamente como um modo de ativismo diferente e o “velho” feminismo, por sua vez, é apagado. A SD23 produz um efeito de sentido de questionamento da validade de um novo feminismo e convida o leitor para a reflexão. Convém analisar como isso acontece na SD23a.

SD23a: [...] O novo feminismo, para mim nada mais passa do que um feminismo liberal, onde o importante é ter mulheres em espaços de poder e pouco importa se elas oprimem e exploram outras mulheres para manter seu *staff* de glamour. O novo feminismo cheio de purpurina e que ocupa espaços da mídia burguesa com a máxima: cada uma pode ser o que quiser; não bebe mais e nada a mais no [velho calvinismo ou do próprio luteranismo](#), nos quais cada um, se trabalhar e seguir seu destino, terá o sucesso devido. (BF - O novo feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia, 2013 – ANEXO X)

A SD23a materializa o discurso de que o novo feminismo é liberal, cuja motivação é a luta por inserir mulheres no poder. Mas as mulheres elencadas são as brancas, de classe média, que são aceitas na mídia. O posicionamento discursivo aí é de que tais feministas não se preocupam com as outras mulheres que exploram para manter o seu *staff*. Mais uma vez o sujeito feminista posiciona-se enquanto uma denúncia para que o feminismo deixe de ser excludente.

A SD27 revela uma tensão na formação discursiva feminista ao caracterizar o feminismo interseccional como falso, o que produz um efeito de sentido de heterogeneidade no movimento feminista. Se surge aí o adjetivo falso é porque há um discurso circulante de que há um modo correto de ser interseccional, que não corresponde a determinadas correntes, como diz o complemento da SD: *ou o que importa é representar*. Observa-se uma tensão na formação discursiva feminista, no que diz respeito à posição-sujeito de que há um verdadeiro e um falso modo de ser interseccional.

⁷⁶ “O novo feminismo – Como pensam as jovens ativistas que usam o corpo como forma de expressão, protestam com ousadia e irreverência, têm como bandeira a liberdade e a diversidade e defendem as minorias.” (O NOVO..., 2012)

SD27a: [...] Então, se você faz parte de um grupo feminista onde o foco para algumas opressões que vão além do gênero feminino hegemônico só chegam a ser visibilizadas em datas representativas ou após eventos que publicizem estas questões, provavelmente estas outras opressões não estão na agenda cotidiana porque não representam de fato questões de sobrevivência para aquelas mulheres que ali estão, ao menos na composição majoritária do grupo. [...] (BF - O falso feminismo interseccional ou o que importa é representar, 2015 – ANEXO Y)

A SD27a complementa o posicionamento do título, ao definir o feminismo interseccional falso porque as opressões que vão além do feminismo hegemônico só são visibilizadas em datas representativas. O sujeito discursivo estabelece o que é ser o certo feminismo interseccional como que se distancia do feminismo hegemônico, ao mesmo tempo em que dá voz às feministas negras e de outras minorias.

A SD29 “Feministas **pró-vida** não existem”, por sua vez, retoma um discurso muito polêmico sobre o aborto. Se, na sociedade judaico-cristã e patriarcal, o aborto provoca divergentes posicionamentos discursivos, entre as feministas, que aparentemente os posicionamentos seriam semelhantes, também há um confronto de posições. Isso porque o feminismo é heterogêneo e os sujeitos não se identificam apenas com uma formação ideológica e as formações discursivas são porosas. Há um discurso circulante de que a prática do aborto é contra a vida e se alguém é contra o aborto é chamado de pró-vida.

SD29a: Apesar das declarações dos grupos políticos conservadores pró-vida como o [Feminists for Life](#) e o [Susan B. Anthony List](#) e do [uso repetido da palavra começada com “F” por Sarah Palin](#), não existe na verdade esse negócio de “feminista pró-vida”. Claro, você pode ser feminista e tomar a decisão pessoal de jamais abortar. Mas quem raios é você para trabalhar ativamente pela exclusão do direito das outras mulheres de escolherem o que fazer com seus próprios úteros? [...] Você certamente não é feminista. “Feministas **pró-vida** não existem” (BF - Feministas **pró-vida** não existem, 2013 - ANEXO Z)

Ao analisarmos o funcionamento do discurso, não estamos considerando a literalidade das palavras, que, nesse caso, seria inconcebível dizer que alguém não pode ser pró-vida, no sentido literal. Como o discurso faz parte de uma rede de

sentidos e está vinculado a FDs que determinam certos sentidos, é possível notar que o efeito de sentido produzido para feministas pró-vida está relacionado a um sentido de que é uma feminista que é contra o aborto, portanto contra a liberdade de escolha da mulher, o que torna incompatível com os posicionamentos feministas. Se alguém é chamado de pró-vida, há um efeito de sentido de que esse sujeito é contra o aborto, este considerado como um assassinato. Uma das pautas do feminismo que é mais evidenciada pela sociedade para deslegitimar o feminismo é o discurso a favor do aborto. A ideologia produz um efeito de evidência de que ser feminista é quase obrigatório ser a favor do aborto. Muitas mulheres assumem um posicionamento discursivo contra o feminismo por não serem a favor do aborto, como se um fosse pré-requisito do outro. A formação discursiva feminista permite dizeres de que o aborto é uma questão de saúde pública, pois as mulheres pobres morrem em procedimentos ilegais, enquanto em mulheres ricas ocorre livremente. A posição-sujeito de que não existem feministas pró-vida produz um efeito de sentido vinculado à FD feminista de que deve haver sororidade entre mulheres, pois uma feminista que se diz pró-vida é a favor da morte de muitas mulheres no aborto clandestino.

Os Eixos temáticos desta seção apontam para a circulação de discursos que reivindicam novos posicionamentos do movimento feminista. O ciberespaço permite que dizeres interditados em outros lugares tenham possibilidade de circulação. As análises dos títulos das publicações, enquanto sequências discursivas, promoveram outro olhar para os discursos feministas, uma vez que o virtual interfere na produção dos efeitos de sentido, ao caracterizar os discursos de um modo particular, que chama a atenção dos mais diversos leitores, filiados às diferentes formações ideológicas.

Como já mencionado anteriormente, a relação do sujeito com o feminismo se significa de várias formas. Não há homogeneidade, mas heterogeneidade da forma-sujeito feminista. E nessa análise, buscamos observar como a relação contraditória se inscreve na FD feminista para fazer sentido. As sequências discursivas analisadas evidenciam essa tensão na FD feminista, com os diferentes modos de instituir os objetivos do feminismo, pois os discursos são atravessados por outras FDs.

Nesta seção, vimos que o discurso de explicação do feminismo funciona numa rede de memória que deslegitima feministas e que o confronto de posições-

sujeito desloca a memória para produzir outros efeitos de sentido sobre feministas. A imagem que o sujeito feminista faz do seu lugar enquanto feminista sociável, amigável, pacifista contrasta com a imagem que pressupõe que seu destinatário, sujeito não-feminista, faz do seu lugar enquanto feminista masculinizada, briguenta, mal-amada, histérica etc.

As discursividades nos títulos das postagens que compõem o nosso *corpus* se relacionam com o discurso do outro para convocar o sujeito-leitor para o debate. A recorrência de discursos que confrontam a imagem de feminista produzida por uma sociedade patriarcal demonstra o quanto tais sentidos afetam a subjetivação feminista. O tecnológico e o discursivo funcionam para que os sentidos sejam deslocados e outros sentidos disputem lugares na memória social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difícil tarefa de finalizar um trabalho que ainda tem muitas possibilidades de caminhos a percorrer torna-se necessária. Entendemos que o discurso aponta para diferentes gestos de leitura, conforme as FDs com as quais os sujeitos estão identificados, em determinadas condições de produção. E o analista de discurso, mesmo que seu gesto seja orientado teoricamente, é afetado ideologicamente desde a escolha do *corpus*. Nosso papel aqui foi analisar os deslocamentos de sentidos sobre feminismo possibilitados pelo ciberativismo feminista, num movimento de reivindicação de lugares de fala em uma sociedade patriarcal.

A tese surgiu de um questionamento muito circulado na sociedade “Feminismo pra quê?”, que nos instigou a refletir sobre os sentidos historicamente conflitantes de feminismo e feminista, os quais ora convocam pré-construídos de que feministas buscam privilégios e regalias para as mulheres, ora reivindicam legitimidade de que feminismo é luta por direitos iguais. Notamos que a popularização da internet contribuiu para fazer circular massivamente discursos de valorização do feminismo. O que nos chamou a atenção para este estudo foi o modo como os discursos do ciberativismo feminista desnaturalizam pré-construídos sobre o movimento e atualizam redes de memória para produzir efeitos de sentido, instaurados pelo digital.

Iniciamos nosso trabalho partindo do pressuposto de que o ciberativismo feminista desloca os trajetos de memória sobre a definição de feminismo e feminista graças ao poder de transformação dos modos de circulação dos discursos promovido pelas redes sociais, fazendo com que dizeres que não tinham espaço em outros lugares circulem na dispersão da Internet para afetar a memória. Seguindo esse caminho, analisamos neste trabalho que os sujeitos feministas, a partir de imagens que acreditam que a sociedade faz de si, enquanto mulheres feias, mal-amadas, paranoicas, masculinizadas, produzem dizeres com discursos que confrontam tais imagens, caracterizando feministas como femininas, amigáveis, sociáveis, a partir da negação do discurso do outro, ao mesmo tempo em que convocam a aprovação do sujeito não feminista.

Na segunda Seção, justificamos a importância da Análise de Discurso Materialista para o estudo do funcionamento dos discursos feministas no

ciberespaço. Para isso, fizemos uma reflexão da constituição epistemológica da AD no campo das ciências da linguagem e constatamos que só uma disciplina de entremeio conseguiria responder aos nossos questionamentos sobre a linguagem, que são de natureza sócio-histórica e ideológica. Ao apresentarmos as noções de discurso, formação ideológica, formação discursiva, condições de produção do discurso, efeitos de sentido, sujeito e memória, articulamos a teoria ao nosso material de análise para que houvesse uma harmonia entre teoria e prática discursiva.

O que levamos em consideração, concordando com Courtine, “é a relação do interior de uma FD dominada, do saber que nela se forma, com seu exterior específico, isto é, seu interdiscurso” (COURTINE, 2009, p. 127). Há ainda a relação do interdiscurso com o inconsciente e a ideologia na produção dos efeitos de sentido, como afirma Mittmann, “a formação discursiva é que permite que o que vem do interdiscurso seja verbalizado, e no interdiscurso encontram-se outras formações discursivas” (MITTMANN, 2010, p. 100). Orlandi ressalta que, para que as palavras façam sentido, já devem ter tido sentido na relação do interdiscurso com a memória discursiva (ORLANDI, 1998), a qual sustenta o dizer. Por isso, em determinadas condições de produção do discurso, diante de formulações possíveis, há uma relação de sentido com o que é dito, no caso dos discursos feministas do ciberespaço, há uma relação de sentido com os discursos estereotipados sobre o feminismo.

Na terceira seção, percorremos um caminho histórico-discursivo para compreendermos como os discursos de desvalorização do feminismo funcionam há anos na sociedade, que estão vinculados às Formações Discursivas patriarcalista e cristã. Nosso desejo não foi de buscar a origem dos discursos estereotipados sobre feminismo, mas compreender a historicidade dos discursos, que tem a ver com o interdiscurso, tudo aquilo que já foi dito sobre feministas, com a memória discursiva e as formações ideológicas que sustentam tais dizeres. Fizemos também um percurso sobre os caminhos de sentido universalizantes sobre o feminismo vinculados à FD feminista. Elencamos o marco do feminismo e as condições de produção do discurso de feminismo enquanto universal, para compreendermos o apagamento de vozes periféricas do movimento, como do feminismo negro, Transfeminismo e das mulheres de periferia. Vimos também que a escrita feminina sempre foi interdita ao longo da história, devido a uma política de silenciamento

das mulheres em uma sociedade patriarcal e que a imprensa feminista surge como modo de resistência ao apagamento dos discursos do feminismo na mídia.

Após apresentarmos a fundamentação teórica e contextualizarmos a temática, fizemos um panorama da história dos movimentos sociais até a ocupação do ativismo no ciberespaço. Vimos que os movimentos sempre foram desacreditados pelas organizações, mas a Internet surge como um espaço de mobilização, que possibilita grandes manifestações, ao formar redes de indignação e de esperança, como afirma CASTELLS (2013). Nesse contexto, fizemos um parêntese para explicar o que é ciberespaço e cibercultura, a partir de teóricos como Levy (1999) e Castells (1999;2003), a fim de situar o leitor no universo digital e justificar a escolha do nosso *corpus*, que são discursos circulantes no blogue Blogueiras Feministas. A delimitação do *corpus* se deu por ser o Blogueiras Feministas um dos primeiros blogues de coletivos feministas a serem criados, um blogue independente que reúne várias blogueiras. Fizemos ainda uma apresentação do funcionamento de um blogue, com todos os detalhes do tecnológico intervindo no discursivo e analisamos a composição do Blogueiras feministas, para enfim apresentarmos os procedimentos analíticos de acordo com a Análise de Discurso.

Na quinta seção, analisamos os modos de dizer do ciberativismo feminista, a partir do recorte de sequências discursivas de postagens da seção *Feminismo e Movimentos Sociais* do período de 2010 a 2015. Notamos que os blogues, como novo espaço de dizer legitimado dos movimentos feministas, permitem que discursos, antes interditados, localizados ou restritos a conversas informais, como “Cadê meu blush feminista?”, componham o arquivo de dizeres legitimados, que representam o grupo de feministas e conseqüentemente componham uma rede de aliança com outros sujeitos não feministas.

O trabalho permitiu a análise do funcionamento dos discursos sobre as definições de feminismo e de feminista, nos blogues feministas, ao voltar o olhar para os sentidos reivindicados pelo feminismo, no ambiente tecnológico e que tem um modo próprio de dizer que desloca sentidos historicamente dominantes. O blogue analisado recorta um eixo discursivo que se relaciona com a formação discursiva feminista, a qual direciona o que pode e deve ser dito sobre o feminismo, de acordo com as formações imaginárias a partir das quais o sujeito pressupõe um destinatário, designando os lugares que tanto os sujeitos feministas quanto os

sujeitos seguidores do blogue se atribuem mutuamente, a imagem que fazem de si e do outro, enquanto lugares na estrutura social.

Notamos que o tecnológico e o político funcionam como mobilizadores de sentido, quando o que é próprio das redes sociais e o que é próprio dos movimentos sociais deslocam trajetos de memória, o que nos levou a responder às questões iniciais. Nas discursividades dos blogues, o discurso do outro compõe a rede de memória. A recorrência de respostas à sociedade patriarcal a respeito do feminismo revelou que os sentidos de feminista enquanto “masculinizada, mal-amada, feia, histérica” são dominantes na sociedade e os sujeitos feministas, por meio da negação, deslocam trajetos de memória e disputam dominância de sentidos. O discurso do outro afeta o posicionamento dos sujeitos feministas, que estabelece formações imaginárias sobre seus lugares na sociedade. Verificamos que o blogue funciona como um espaço que reúne um arquivo digital de discursos sobre o feminismo e indica quem está autorizado a dizer. Isso funciona com o interlocutor que passa a se identificar com saberes da FD Feminista, ao curtir compartilhar, comentar. Cria-se um efeito de pertencimento, uma rede de aliança.

Os modos de dizer do ciberativismo feminista nos blogues apontam para um discurso de aproximação com o sujeito-leitor não feminista. O discurso didático de explicação cria uma imagem de feminista que se diferencia totalmente da imagem construída pelo discurso patriarcal. Os sujeitos feministas aqui analisados são subjetivados enquanto feministas que promovem um diálogo com a sociedade, que necessitam de uma aprovação e de uma legitimação, enquanto mulheres feministas.

Analisamos os discursos direcionados à sociedade patriarcal que definem o que é e o que não é feminismo e feminista, o que produz um efeito de sentido de homogeneidade do movimento. Analisamos também as disputas de sentido sobre o feminismo por feministas, com posições-sujeitos divergentes a respeito das necessidades de mudança. O ciberespaço permite que discursos interditados em outros lugares tenham visibilidade e desloquem trajetos de memória, ao permitir o compartilhamento de textos na dispersão da Internet. Os discursos silenciados por posições-sujeitos dominantes da FD feminista circulam em disputa de dominância.

O trabalho desenvolvido permitiu um olhar especial para o ciberativismo feminista, que tem um papel fundamental para desconstrução do imaginário social sobre feministas, ao considerar que discursos mobilizados pelo ativismo do blogue deslocam trajetos de memória sobre o feminismo e sobre feministas, o que aponta

para uma nova ordem dos discursos, produzindo acontecimentos discursivos que instauram novos trajetos de sentidos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baun. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A EXPERIÊNCIA de um dos maiores blogs feministas do Brasil. **Revista Geni**. n. 25, 17 set. 2015. Disponível em: < <http://revistageni.org/09/a-experiencia-de-um-dos-maiores-blogs-feministas-do-brasil/>>. Acesso em 2 jun. 2016.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução: J. J. Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ALVARENGA, Darlan. Skol lança ação para trocar cartazes machistas de bares. **G1**, Economia, Mídia e Marketing, São Paulo, 8 mar. 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/skol-lanca-acao-para-trocar-cartazes-machistas-de-bares.ghtml>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

APÓS protesto feminista, Skol divulga sua nova campanha: ‘tire o time de campo’”, **F5**, São Paulo, 13 fev. 2015. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/02/1589499-apos-protesto-feminista-skol-divulga-nova-campanha-tire-o-time-de-campo.shtml>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

ARONOVICH, Lola. **Toda mulher tem uma história de horror para contar**. (Blog) Escreva Lola Escreva, 08 mar. 2008. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2008/03/toda-mulher-tem-uma-historia-de-horror.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

ARRAIS, Amauri. Protesto ‘marcha das vagabundas’ chega ao Brasil neste sábado. **G1**. Mundo, São Paulo, 04 jun. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/protesto-marcha-das-vagabundas-chega-ao-brasil-neste-sabado.html>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

ATHAYDE, Thayz. Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista. **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2011a. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/07/guia-para-voce-assumir-como-feminista/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. 5 mitos sobre o feminismo. **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2011b. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/04/cinco-mitos-sobre-o-feminismo/>> . Acesso em: 20 mar. 2016.

ATIVISMO DE SOFÁ. São Paulo, 2012. Revista **Fórum**. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/ativismodesofa/>>. Acesso em 02 fev. 2016.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas (19): 25-42, jul./dez., 1990.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. **Tempos e Memórias**. Movimentos feministas no Brasil. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2010/titulo-e-memorias>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENVENISTE, E. [1976] **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BEYONCÉ exalta feminismo em VMA. **Fórum**, São Paulo, ago. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2014/08/25/beyonce-brilha-vma-e-exalta-feminismo/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

BLOGUEIRA feminista é ameaçada após ser alvo de montagem falsa sobre filho de Alckmin. **Fórum**, São Paulo, 06 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/04/06/blogueira-feminista-e-ameacada-apos-montagem-sobre-morte-de-filho-de-alckmin/>>. Acesso em 02 mai. 2016.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS. [S.l.], 2010. Disponível em: <www.blogueirasfeministas.com>. Acesso em: 02 fev. 2016.

BLOGUEIRAS NEGRAS. [S.l.], 2013. Disponível em: <www.blogueirasnegras.org.br>. Acesso em: 02 fev. 2016.

BRANDÃO, Helena N. Discurso, gênero e cenografia enunciativa. In: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 28-43.

CARNEIRO, Sueli. Identidade feminina. **Cadernos Geledés**, Caderno IV, Edição comemorativa de 23 anos, São Paulo, nov. 1993. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, 17 (49), 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/12/18400.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol.1)

_____. **A galáxia da Internet**. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2013.

CASTILLO, Antonio; SÁEZ, Carlos. Paleografia e historia de la cultura escrita – Del signo ao escrito. In: RIESCO TERRERO, Ángel (ed.). **Introducción a la Paleografía y Diplomática general**. Madrid: Síntesis, 1999. p. 21-31.

CHARTIER, Roger (2004). As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (Orgs.). **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes**. 1 ed., 10 reimpr. São Paulo: Companhia das Letras.

CONHEÇA a origem e os significados da #hashtag na internet. **Gazeta do Povo**, São Paulo, 07 ago. 2014. Tecnologia. Internet. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/conheca-a-origem-e-os-significados-da-hashtag-na-internet-ebu1b9qdf8os4hony5ew380e>. Acesso em: 20 mai. 2016.

CONSTANTINO, Rodrigo. Feminismo: a guerra contra os homens. [**Blog da Veja**] **Rodrigo Constantino**, 20 jul. 2014. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.com/historico-veja/feminismo-a-guerra-contra-os-homens/>>. Acesso em 20 maio 2016.

CORRÊA E CASTRO, Mayra. Feminismo prêt-à-porter - significação da aparência na imprensa feminina e feminista do Brasil. **Cadernos AEL**, n. 3/4. 1995/1996. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/144/154>. Acesso em: 05 abr. 2016.

COSTA, Ana Alice Alcântara. Trajetória e perspectivas do feminismo para o próximo milênio. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACEDO, Márcia. (org.). **Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

_____. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Labrys. Estudos Feministas (Online)**, Brasília, v. 7, 2005. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>>. Acesso em: 20 de nov. 2009.

COSTA, A.; SARDENBERG, C. Introdução. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: _____ (Orgs.). O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2008.

CRESCÊNCIO, C. **Vea o feminismo em páginas (re)viradas (1968-1989)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COURTINE, J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

DAMASCO, M. “**Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1996)**”. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

D'ANGELO, Helô. Opinião: O feminismo atual é um produto? **Eu, tu, elas (Blog)**. [S.l.], 2015. Disponível em: <
<https://feminismonapratica.wordpress.com/2015/12/29/opiniao-o-feminismo-atual-e-um-produto/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

DAVIS, Angela. [1981] Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. [1989] Mulheres, Cultura e Política. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEBÉRTOLIS, Karen S. **Brasil Mulher: Joana Lopes e a Imprensa alternativa feminista**. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e informação. Porto Alegre, 2002.

D'INCAO, M. Mulher e família burguesa. In: DEL, PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

DINIZ, Mariana. Com internet, feminismo está em alta entre as jovens, diz especialista. **Agência Brasil**, Brasília, 08 mar. 2016. Disponível em:
 <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/com-internet-feminismo-esta-em-alta-entre-jovens-diz-especialista>>. Acesso em 28 maio 2016.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DUARTE EIRAS, Bruno. Blogs: mais que uma tecnologia, uma atitude. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação** - Cadernos BAD, Lisboa, n.1, 2007, p.75-86.

DUTRA, Camila. Por que sou feminista. **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2013. Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2013/09/por-que-sou-feminista-2/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ESCRITÓRIO FEMINISTA. São Paulo, 2014. **Carta Capital**. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/tags/escrit%C3%B3rio%20feminista>>. Acesso em 02 fev. 2016.

FALUDI, Susan. **Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Tradução Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Zellig Harris**. 50 anos depois. In: Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 247-252, 2003.

FAUST, Georgia. Feminismo: uma luta ultrapassada? **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2011. Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/04/feminismo-um-luta-ultrapassada/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. Porque somos todas paranoicas, né? **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2011. Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/02/porque-somos-todas-paranoicas-ne/> >. Acesso em: 20 mar. 2016.

FEMINISMO. In: HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0 1 [CD-ROM]. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Verônica. Entre emancipadas e Quimera – imagens do feminismo no Brasil. **Cadernos AEL**, n. ¾, p. 153-200, 1995/1996.

FIGUEIREDO, V. O Estado, a mídia e a criminalização dos movimentos sociais. **Observatório da imprensa**. Ed. 484, 06 maio 2008. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-estado-a-midia-e-a-criminalizacao-dos-movimentos-sociais/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

GALLO, Solange M. L. A Internet como acontecimento. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

GARCIA, Sérgio. Margareth Rago: “O feminismo está na moda. Virou pop”. **Época. Vida**. São Paulo, 15 nov. 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/margareth-rago-o-feminismo-esta-na-moda-virou-pop.html>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

GENRO, Luciana. A primavera é das mulheres. **Carta Capital**. [S.l.], 11 nov. 2015. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-primavera-e-das-mulheres-8802.html> >. Acesso em: 3 abr. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres. São Paulo: **Expressão Popular: SOF – Sempre Viva Organização Feminina**, 2010.

GRILLO et. al. A primavera das mulheres. Uma nova geração de ativistas toma as ruas e as redes sociais – e cria o movimento político mais importante do Brasil na atualidade. **Época. Vida**. São Paulo, 07 jan. 2015. Disponível em: < <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primavera-das-mulheres.html> >. Acesso em: 03 abr. 2016.

GURAK, L. J; LOGIE, J. Internet protest, from text to web. In: MC-CAUGHEY, M.; AYERS, M.D. (ed.). **Cyberativism: online activism in theory and practice**. London: Routledge, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. Language Structure and Language Function. In: LYONS, J. **New Horizons Linguistics**. London: Pinguin Books. p. 140 – 165, 1970.

HAROCHE, Cl.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La Sémantique et la Coupure Saussurienne Langue, Langage, Discours", *Langages* 6 (24), 1971, pp. 93-106.

HARRIS, Z. Discourse analysis. *Language*, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

_____, Paul. A história não existe? (1984). In: ORLANDI, Eni. P. (Org.). **Gestos de leitura**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010, p 23-48.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.) **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaio, 22).

_____. A fala dos quartéis e as outras vozes. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.

INTERNET colocou feminismo em alta entre jovens”, diz especialista, **Terra Brasileiros**, [S.l.]. 08 mar. 2016. Disponível em: < <http://brasileiros.com.br/2016/03/internet-colocou-feminismo-em-alta-entre-jovens-diz-especialista/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1976.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LAGAZZI, S. Análise de discurso: a materialidade significativa na história. IN: DI RENZO, A.; MOTTA, A. L.; OLIVEIRA, T. **Linguagem, história e memória – discurso em movimento**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 4ª ed.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Quezia. **A fragmentação da forma-sujeito da mulher contemporânea**: um estudo do discurso de trabalhadoras da Rede de Atenção às Mulheres de Salvador. 2011. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: Bela, recatada e do lar. **Veja**, São Paulo, 18 abr. 2016. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. Ainda aos olhos da Inquisição: novos dados sobre níveis de alfabetização na Bahia em finais de quinhentos. In: ÁLVAREZ,

Rosario; MARTINS, Ana Maria; MONTEAGUDO, Henrique; RAMOS, Maria Ana. (Org.). *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2013.

LUGAR DE MULHER. É onde ela quiser. [S.l.], 2014. Disponível em: <www.lugardemulher.com>. Acesso em 02 fev. 2016.

MACÊDO, Márcia dos Santos. Mulheres da periferia: articulando espaços de construção de identidade. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACEDO, Márcia. (org.). **Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

MACHUY, Camila. Todas as pessoas precisam do feminismo. **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2015/11/todas-as-pessoas-precisam-do-feminismo/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

MAGALHÃES, Belmira. O acontecimento discursivo que enaltece o individualismo como *arma* do cidadão. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.; MITTMANN, S. **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

MARCHA das Vadias. Por que vadias? 2011. Disponível em: <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

MARCHA das Vadias – DF. Foto cotidiano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2011. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/3322-marcha-das-vadias-df#foto-65559>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

MCCAUGHEY, M; AYERS, M.D. (ed.) **Cyberativism: online activism in theory and practice**. London: Routledge, 2003.

MC ROBBIE, Angela. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. **Cartografias: estudos culturais e comunicação**, Porto Alegre, nov. 2006, s.p. (Tradução Márcia Rejane Messa). Disponível: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/mcrobbie_posfeminismo.pdf>. Acesso em 01 out. 2010.

MELO, Débora. Mulheres organizam marcha pelo direito de fazer parto em casa; conselho pede punição de médico que defendeu a prática na TV. **Uol notícias**. Cotidiano, São Paulo, 15 jun. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/15/mulheres-organizam-marcha-em-mais-de-20-cidades-pelo-direito-de-fazer-parto-em-casa.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

MIGUEL, L.; BIROLI, F. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MITTMANN, Solange. Movimentos sociais no ciberespaço: o cruzamento de duas ordens discursivas. In: RIBEIRO, E.; VILLELA, A. (et. al. (Orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010.

MORAES, Maria Quartim de. Família e feminismo. In: **Caderno de pesquisa**, São Paulo, 37: 44-51, Maio 1981.

_____. Prefácio. In: Wollstonecraft, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Tradução Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

MORENO, Rachel. “De feminismo, de feministas, de mulheres”. In: _____. CARVALHO, Nanci Valadares de. **A condição feminina**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 44).

MOTT, Luís. Rosa Egipcíaca: uma santa Africana no Brasil Colonial. **Cadernos IHU ideias**. Ano 3, n. 38, 2005.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: _____. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 101-141.

NARLOCH, L. Por que tantas feministas são doidas? **Veja**, São Paulo, fev. 2015. Seção Colunistas. O caçador de mitos. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/cultura/por-que-tantas-feministas-sao-doidas/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

NASCIMENTO, I.; TRINDADE, Z. (et. al.). **Mulheres e militância**. Encontros e confrontos durante a ditadura militar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

O GRITO das mulheres. **Isto É**. Ed. 2397, 11 nov. 2015. Disponível em: < http://istoe.com.br/440121_O+GRITO+DAS+MULHERES/>. Acesso em: 3 abr. 2016.

O NOVO feminismo. **Isto É**. Revista. Ed. 2224, 26 jun. 2012. Disponível em: < http://istoe.com.br/216256_O+NOVO+FEMINISMO/>. Acesso em: 20 set. 2017.

OLIVEIRA, M. Mulheres usam redes sociais para contestar bandeiras feministas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/09/1520536-mulheres-usam-redes-sociais-para-contestar-bandeiras-do-feminismo.shtml>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

ORLANDI, E. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, vol.4, p. 9-19, 1998.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

_____. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005, p. 15-22.

_____. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **As formas de silêncio.** No movimento de sentidos. Campinas, SP. Editora UNICAMP, 2007a.

_____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.** São Carlos: Claraluz, 2007b. p.11-20.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.) **Discurso e textualidade.** Campinas: Pontes, 2010.

_____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. Análise de discurso, ciência e atualidade. In: INDURSKY, F. (et. al.) (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contrastes:** discurso na cidade e no campo. São Paulo. Cortez, 1989.

ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.) **Discurso e textualidade.** Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **Discurso:** estrutura ou acontecimento (1983). Campinas, Pontes, 1990.

_____. (1969) Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010, p. 61-151.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória.** Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

PÊCHEUX & FUCHS. A propósito da Análise Automática do Discurso (1975). In : GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p.163-252.

PÊCHEUX, ET. AL. Apresentação da análise automática do discurso (1982). In : GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p. 251-279.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. O que é Contracultura. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983.

PEREZ, Fabíola. O movimento das anti-feministas. **Isto É. Comportamento.** São Paulo, 08 ago. 2014. Disponível em:

<http://istoe.com.br/376787_O+MOVIMENTO+DAS+ANTI+FEMINISTAS/>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PERROT, M. Práticas da Memória Feminina”. In: **Revista Brasileira de História**. SP: v. 9, n.18, 1989, p.09-18.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2015.

PETRI, V.; SCHERER, A. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. **A Análise do Discurso e sua história**. Avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

PETTER, Maria. Linguagem, Língua e Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2004. p. 11-24.

PINTO, Celi R. J. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: OLIVEIRA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 127-150.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. In: Revista da Famecos, n.o 36, agosto de 2008, Porto Alegre. (pp 122-128)

QUESTÃO de gênero. São Paulo, 2013. Revista **Fórum**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/>>. Acesso em 02 fev. 2016.

RAGO, Margareth. **Adeus ao Feminismo. Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil** In: **Cadernos AEL**. Mulher, História e Feminismo. Nº 3-4, 1995-1996.

_____. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

_____. O feminismo no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global. **Labrys estudos feministas**, n. 3/4, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. Mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SARDENBERG, Cecília M. B. Estudos Feministas: um esboço crítico. In: GURGEL, Célia(org.) **Teoria e práxis dos enfoques de gênero**. Salvador: REDOR-NEGIF. 2004 p.20-21

SARDENBERG, C.; COSTA, A. Feminismo, feministas e movimentos sociais. IN: BRANDÃO, M.; BINGEMER, M. Mulheres e relações de gênero. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat / Maria Betânia Ávila. Recife: SOS corpo, 1991.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos em cena ... E as teorias por onde andam? In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.9, 1998, p.16-29.

SEMÍRAMIS, Cyntia. Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre o feminismo. **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2011. Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/06/dominar-os-homens-o-impacto-de-uma-mentira-sobre-feminismo/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. Feminista não tem vida pessoal? **Blogueiras Feministas**. [S.l.], 2011. Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/07/mito-feminista-nao-tem-vida-pessoal/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. Mídia: a maior propagadora do machismo. **Fórum**, São Paulo, 09 jan. 2013. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/2013/01/09/midia-a-maior-propagadora-do-machismo/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

SOUZA, Lídio de. Prefácio. In: GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. (et. al.). **Mulheres e militância. Encontros e confrontos durante a ditadura militar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense . 1993.

THINK Olga. [S.l.], 2013. Disponível em: <www.thinkolga.com>. Acesso em: 02 fev. 2016.

TRANSFEMINISMO. [S.l.], 2014. Disponível em: <www.transfeminismo.com>. Acesso em: 02 fev. 2016.

TORRES, Cláudia Regina Vaz. Sobre gênero e identidade. Algumas considerações teóricas. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Ensaio sobre identidade e gênero**. Salvador: Helvécia, 2003. p. 37-60.

VOLANIN, Leopoldo. **Poder e Mídia: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas**. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf>. Acesso em 20 maio 2016.

WOLLATONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Tradução Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

Youtube. **We should all be feminists**. Chimamanda Ngozi Adichie. TEDxEuston. Vídeo (30min15s). 12 abr. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>. Acesso em: 20 maio 2016.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil**. Um debate. 2007. 212 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. Apresentação. Uma análise discursiva das identificações de gênero. IN: ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. (Orgs.) **Mulheres em discurso**: identificações de gênero e práticas de resistência. V. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

2015: O Ano do Feminismo na Internet. Organics News Brasil, 2015. Disponível em: < <https://www.organicsnewsbrasil.com.br/retrospectiva-2015/2015-o-ano-do-feminismo-na-internet/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

ANEXO A – Página do facebook “mulheres contra o feminismo”

The image shows a screenshot of the Facebook page for 'Mulheres contra o feminismo'. The page header features a collage of women's faces and a central logo that reads 'Mulheres CONTRA O FEMINISMO' with a crown icon and the text 'SOMOS + DE 25 MIL'. Below the header, the page name and handle '@MulheresContraoFeminismo' are displayed, along with navigation tabs for 'Linha do Tempo', 'Sobre', 'Fotos', 'Curtidas', and 'Vídeos'.

On the left sidebar, there is a section for 'Organização política' with a search bar and a notification that '34.451 pessoas curtiram isso'. Below this is a 'SOBRE' section with a video player showing a woman speaking, and three links for contact information: 'Pedir o endereço de Mulheres contra o feminismo', 'Pedir o telefone de Mulheres contra o feminismo', and 'Perguntar o horário de funcionamento de Mulheres contra o feminismo'. A URL 'http://mulherescontraofeminismo.wordpress....' is also listed.


The main content area shows a status update from 'Mulheres contra o feminismo' sharing a post by 'Cris Corrêa'. The post text reads: 'Você sabe o que é machismo? Aproveite e curta minha página para acompanhar minhas publicações. 😊'. Below this is a post by 'Cris Corrêa' defining 'Machismo' as a set of masculine characteristics and arguing against feminism. The post has 59 reactions and several comments, including one from 'Bianca Magalhães' and another from 'Renan X Silva'.

On the right sidebar, there are advertisements for 'Porto Seguro em PROM...' and 'Produtos Personalizados'.

ANEXO B – Página no Facebook “Antifeminismo”

Capa de proteção Anti-esquerdismo, Anti-Sionista, Anti-Marxismo cultural , Anti-Feminismo e outras merdas por ai

(Eric Vieira)



Antifeminismo
Organização

Curtir Mensagem

Linha do Tempo Sobre Fotos Curtidas Vídeos

Organização

Procurar por publicações nesta Página

2.891 pessoas curtiram isso


Convidar amigos para curtir esta Página

SOBRE

- Pedir o endereço de Antifeminismo
- Pedir o telefone de Antifeminismo
- Perguntar o horário de funcionamento de Antifeminismo

<http://ddireita.blogspot.com.br/>

FOTOS




Status Foto/vídeo

Escreva algo nesta Página...

Antifeminismo
3 de outubro de 2013 ·

Boa noite! 😊



Preservar a cultura e os costumes ocidentais é ser reacionário, retrógrado e fascista

Quer que o governo conceda terras para que os índios possam preservar sua cultura

Curtir Comentar Compartilhar

139 Principais comentários

170 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Jeronimo De Albuquerque de Albuquerque O feminismo é a solução de uma mulher mal resolvida em atribuir seus problemas à aqueles que não lhe dão atenção

Curtir · Responder · 7 · 1 de julho de 2014 às 01:38

3 Respostas

ANEXO C - Página no Facebook “Resistência anti-feminismo marxista

David Reimer, uma das diversas vítimas da ideologia de gênero, apoiada pelas feministas.

Erin Pizzey, Criadora de abrigos para vítimas de violência doméstica, foi ameaçada morte e perseguida por feministas por também atender homens.

Pelo fim do silenciamento das vítimas de violência e estupro cometidos por mulheres. Pelo fim da banalização do significado de estupro, que apenas atrapalha as vítimas de estupro.

100 Milhões de mortes causadas pela ideologia de igualdade esquerdista a qual as feministas possuem como foco principal.

Resistência Anti-Feminismo Marxista
Comunidade

Vida, liberdade e propriedade.

30.739 pessoas curtiram isso

Convidar amigos para curtir esta Página

SOBRE

Essa página tem como objetivo combater todo tipo de opressão criada pela maior parte do feminismo atual.

Pedir o site de Resistência Anti-Feminismo Marxista

FOTOS

SE O FACEBOOK CENSURAR NOVAMENTE ESTE TEXTO INFORMATIVO, COMO TEM FEITO CONSTANTEMENTE COM NOSSAS PUBLICAÇÕES E EM PÁGINAS ANTI-FEMINISTAS, NOS TORNAREMOS INIMIGOS DO FACEBOOK, INICIAREMOS CAMPANHAS DE BOICOTE EM MASSA E INCENTIVAREMOS TODOS À MUDAREM PARA REDES SOCIAIS QUE PERMITAM A LIBERDADE DE EXPRESSÃO.

Vejam com seus próprios olhos se há alguma justificativa para censurar isto: Segue abaixo as refutações das principais besteiras ditas por feministas:...

[Continuar lendo](#)

ESTA PUBLICAÇÃO FOI CENSURADA DEVIDO À DENÚNCIAS EM MASSA DE FEMINISTAS. NÃO FAZ MAL. COLOCAMOS DE VOLTA: COMO REFUTAR AS PRINCIPAIS BABOSEIRAS FEMINISTAS.

“Se não fosse pelo feminismo, as mulheres não votariam, trabalhariam, estudariam, teriam liberdade de expressão....”

“Mulheres ganham menos que homens para realizar o mesmo trabalho....”

“Ninguém nasce homem ou mulher. Gênero é uma construção social....”

“As mulheres são as principais vítimas de violência....”

“Feminismo é sobre direitos iguais, liberdade para as mulheres..”

“No passado, as mulheres foram assassinadas em um incêndio lutando por seus direitos....”

... ENTRE OUTRAS BESTEIRAS JÁ DESMENTIDAS E REFUTADAS INÚMERAS VEZES. LEIA NA DESCRIÇÃO.

Curtir Comentar Compartilhar

ANEXO D - Página no Facebook “Moça, não sou obrigada a ser feminista

The image shows a screenshot of a Facebook page for the organization "Moça, não sou obrigada a ser feminista". The page header features a pink and purple geometric background with the organization's name in large, stylized letters. Below the header, there is a navigation bar with options like "Linha do Tempo", "Sobre", "Fotos", "Curtidas", and "Mais". The main content area displays a post from May 26th at 17:36, titled "Moça, não sou obrigada a ser feminista". The post includes a video thumbnail of a woman smiling, with the text "Estou sendo processada por ser editora da maior página antifeminista do mundo". The post has 10 million likes and 1,339 shares. On the left side of the page, there is a sidebar with a search bar, a list of people who liked the page (551,252 people), and a "SOBRE" section with a video player and several FAQ items. At the bottom left, there is an "APLICATIVOS" section with an Instagram logo and the text "We're on Instagram".

MOÇA, não sou obrigada a ser FEMINISTA

Moça, não sou obrigada a ser feminista
Organização política

Curir Mensagem

Linha do Tempo Sobre Fotos Curtidas Mais

Organização política

Procurar por publicações nesta Página

551.252 pessoas curtiram isso
Jorge Martins e Gabriel Lucas

Convidar amigos para curtir esta Página

SOBRE

Moças no Debate
3,3 mil 1,1 mil

Pedir o endereço de Moça, não sou obrigada a ser feminista

Pedir o telefone de Moça, não sou obrigada a ser feminista

Perguntar o horário de funcionamento de Moça, não sou obrigada a ser feminista

Pedir o site de Moça, não sou obrigada a ser feminista

APLICATIVOS

We're on Instagram Instagram feed

Status Foto/vídeo

Escreva algo nesta Página...

Moça, não sou obrigada a ser feminista
26 de maio às 17:36

Mensagem da Thais Godoy Azevedo, editora.
- Al.
<http://br.avoicemen.com/.../estou-sendo-processada-por-se.../>

Estou sendo processada por ser editora da maior página antifeminista do mundo
Uma radical ideia feminista de que os homens, que são mais estuprados do que mulheres, deveriam ser mais estuprados por causa de um mito feminista.

Curir Comentar Compartilhar

10 mil Principais comentários *

1.339 compartilhamentos

Escreva um comentário...

ANEXO E – Feminismo? Pra quê?

Feminismo? Pra quê? [27/02/2011](#) por: [Bia Cardoso](#)

A gente não quer só comida. A gente quer direitos iguais, uma sociedade justa e pessoas com mais respeito. Talvez esse seja um resumo do que quer o Feminismo. O tão atacado e escorraçado Feminismo. Um movimento social e político que busca empoderar as mulheres e propor medidas igualitárias de gênero na sociedade.

Conheço muitas mulheres que são feministas, mas que não se declaram feministas. Porque a palavra ganhou um estigma com o passar dos anos. Porém, a grande maioria das mulheres que conheço são feministas, basta você fazer um checklist na [lista](#) elaborada pela [Cynthia](#). E este é um espaço de [Blogueiras Feministas](#), o que significa que o Feminismo está aí querendo valer o nosso suor.

Mas, para que o Feminismo existe? O Feminismo existe justamente para as mulheres se posicionarem politicamente, para se unirem em torno de objetivos comuns e lutarem por eles. [...]

No caso do Feminismo ele é um movimento político e social que precisa mudar não só as relações sociais, como também as relações internas entre a família e os casais. Homens e Mulheres têm papéis bem definidos socialmente. Muitas vezes casais homossexuais reproduzem esses papéis. Existem coisas que homem faz e coisas que mulher faz. Até hoje vemos diversos exemplos, como estes apontados por [Bruna Provazi](#):

A luta diária feminista inclui questionar essas divisões. Porque muitas vezes elas se tornam invisíveis, afinal todos os dias esses estereótipos são cada vez mais solidificados em nossas mentes. Preciso falar da importância do feminismo frente os casos de violência contra mulher? [...]

Então, o que proponho a você hoje é sentar e ler um pouco sobre feminismo. Esqueça os estereótipos de que feminista é o bicho-papão que quer enfiar um salto alto na sua goela. Abra o olho e conheça um movimento social que perpassa diversas relações como [Maternidade e Feminismo](#), [História e Feminismo](#), [Violência e Feminismo](#), entre outros. Além é claro dos diversos feminismos, pois as prioridades mudam de acordo com os grupos sociais do qual a mulher faz parte. Existe o feminismo das [mulheres negras](#), das lésbicas, das trabalhadoras rurais, da empregadas domésticas, das acadêmicas, das mulheres brancas de classe média, etc.

Aqui no blog você tem muitos posts sobre o assunto, além do blogroll aí do lado esquerdo. Na rede você encontra diversos textos acadêmicos e informações que podem enriquecer seus conhecimentos acerca do Feminismo. Aqui vão algumas dicas do que andei lendo recentemente:

[+] [Forito – Jovens Feministas Presentes](#). Publicação que é resultado de oito anos de encontros do Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas. Possui

depoimentos, artigos e entrevistas que tratam de feminismo, violência, direitos reprodutivos, participação política e identidade cultural.

[+] [Nós Mulheres e Nossa Experiência Comum de Silvia Camurça](#) e [Para Redescobrir o Feminismo de Christine Delphy](#). O primeiro texto dialoga com o segundo tratando das dificuldades encontradas pelo movimento feminista e quais seriam as principais demandas atuais.

[+] [A Feminista Como o Outro de Susan Bordo](#). A partir do conceito de “O “Outro” de Simone de Beauvoir a autora mostra como as críticas às feministas são muitas vezes pautadas em estereótipos e como o não reconhecimento das teóricas feministas fora do Feminismo é prejudicial para as discussões de gênero.

Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/02/feminismo-pra-que/>>. Acesso em 26 fev. 2016.

ANEXO F – Feminismo: uma luta ultrapassada?

Feminismo: uma luta ultrapassada? 25/04/2011 Georgia Faust.

Tem alguma coisa de maldoso no discurso das pessoas que pregam contra o feminismo. Tem sim. Pois elas simplesmente NÃO SABEM DO QUE ESTÃO FALANDO. Entretanto, se você falar isso para elas ficarão profundamente ofendidas. Claro que sabem. Elas sabem tudo contra o qual as feministas lutam: lutam contra a família, a favor do infanticídio (odiamos crianças), a favor da promiscuidade, mas a verdade é que a solução final para nós é o extermínio de todos os homens da face da terra.

Deixa eu contar um segredo para vocês: o que nós, feministas, queremos é igualdade. Só.

Aí eu posso pegar exatamente a mesma lista acima e dizer o que nós, feministas, realmente queremos (e que ainda não temos!): queremos ser iguais, ter os mesmos direitos, receber os mesmos salários, ser tratadas como gente, poder andar desacompanhadas sem sermos abordadas agressivamente, queremos não apanhar, não ser estupradas, violentadas, agredidas, queremos receber promoções pela nossa competência, queremos que nossa capacidade intelectual seja valorizada, ser donas de nossos próprios corpos, queremos defender nossas idéias sem sermos acusadas de sermos histéricas. É só isso.

Mas para que isso aconteça, alguém terá que ceder um pouco o seu espaço e, é aí que o calo aperta. É aí que a revolta surge. É aí que começam as reações inflamadas, os boatos e difamações. Quantas vezes ouvi que o feminismo é o machismo ao contrário? NÃO É! Nenhuma feminista tem a intenção de dominar o sexo masculino e fazer dele nosso escravo (como aliás eles fazem conosco desde sempre). Converse com qualquer uma e comprove. Só quem diz isso quem não conhece o movimento. E, provavelmente, é alguém que por algum motivo está com o poder em mãos: tem uma esposa submissa, trata as mulheres como lixo, tira todas as vantagens possíveis dessa situação desigual. E, obviamente, não quer que a situação mude.

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/04/feminismo-um-luta-ultrapassada/>>. Acesso em 26 fev. 2016.

ANEXO G – Feminismo? Já era!

Feminismo? Já era!

Postado em: [28/04/2011](#) por: [Thayz Athayde](#)

Texto de Thayz Athayde.

Quantas vezes (só hoje) você já ouviu/leu que o feminismo já era? Mulher pode tudo, não precisa de mais nada. O vídeo trata de uma forma bem humorada a grande contradição desse discurso, será que a mulher tem liberdade de escolha mesmo?

Essa é a primeira parte do vídeo, logo farei a segunda. Aguarde e confie.

Assim como é preciso ponderar a condição da filosofia pós-psicanálise e pós-Auschwitz, a filosofia após a queda do muro no século em que a civilização encontrou de vez a barbárie, é preciso, do mesmo modo, perguntar sobre a existência de uma filosofia pós-feminismo. Não é possível entender as transformações da filosofia no século passado, cujos efeitos ressoam sobre o nascimento do século 21, sem levar em conta o que nele floresceu como feminismo afetando até hoje a construção do pensamento, da história cultural e do cotidiano de homens e mulheres. Não é possível deixar de perguntar se o feminismo afetou a filosofia ou se o feminismo é um efeito da filosofia. Que haja um feminismo filosófico a ser analisado como material para uma história da filosofia não é mais importante do que entender o que ainda pode ser tratado como filosofia após a crise da razão para o qual o feminismo contribui em grande medida ainda hoje.

Como qualquer movimento revolucionário tanto da teoria quanto da prática, o feminismo causa incômodo. Compreendê-lo é uma tarefa do nosso tempo, quando seu alcance prático ainda gera efeitos também teóricos. Hoje não podemos mais falar de um feminismo, mas de diversas correntes, posições e autores que ajudaram a levar adiante a causa feminista, inclusive pondo-a em xeque e definindo um rumo ainda mais crítico para o pensamento dos nossos dias.

Fonte: [Feminismo e Filosofia no Século 20](#). Texto de Marcia Tiburi na Revista Cult, edição 133.

Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/04/feminismo-ja-era/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO H – Feminismo em crise?

Feminismo em crise?

Postado em: [22/01/2014](#) por: [Priscilla Caroline](#)

Texto de Priscilla Caroline.

Não falo de uma crise como ideia ou como movimento, mas algumas feministas estão vendo a terra ruir debaixo de seus pés. Sem recursos para manter equipe e projetos, várias organizações feministas no Brasil vem travando uma luta árdua para se manterem existindo e resistindo às inúmeras possibilidades de retrocessos nos direitos das mulheres.



Foto de Priscilla Caroline, autora do texto.

Várias organizações feministas surgiram no processo da redemocratização do Brasil, assim como outras organizações não-governamentais. A queda da Ditadura Militar (1964-1985) e a inspiração dos outros países de regime democrático levaram muitos movimentos e grupos políticos à criação dessas organizações.

Para os movimentos feministas e de mulheres, essa foi uma saída interessante para manter uma militância organizada, profissionalizada e mais independente em relação a outras estruturas políticas como os sindicatos e os partidos.

O [SOS Corpo](#) (PE), o CFEMEA – [Centro Feminista de Estudos e Assessoria](#) (DF), o [Geledés – Instituto da Mulher Negra](#) e a SOF – [Sempre Viva Organização Feminista](#) (SP) são exemplos de organizações que há muitos anos lutam pelos direitos das mulheres e que mantém equipes de profissionais que desenvolvem atividades de formação, mobilização, pesquisa e articulação política voltados para as lutas das mulheres.

Para existirem, a maior parte dessas organizações feministas receberam o financiamento de fundações e governos estrangeiros durante anos. Há muito debate sobre os reais interesses envolvidos nesse tipo de financiamento e as consequências para o tipo de trabalho desenvolvido pelas organizações, mas fato é que não haviam muitas possibilidades de sustentação do trabalho dessas ONG's no Estado ou por meio de financiamento direto, através de contribuições individuais. O feminismo não é exatamente um movimento "amigável" para a sociedade de um modo geral e muito menos para os governos brasileiros.

O cenário atual, contudo, não é dos mais animadores. Vários fundos internacionais viram seus recursos tornarem-se escassos com a crise econômica mundial. Governos de esquerda que tradicionalmente mantinham projetos de financiamento para áreas de direitos humanos foram substituídos por governos de direita, pouco dispostos a financiar nossas causas. Além disso, o Brasil se tornou uma potência mundial, deixou de ser visto como um país a ser ajudado, em condições de subdesenvolvimento.

"Sustentabilidade" é o grande desafio de quase todas as ONG's feministas, pois os poucos financiamentos que restam parecem insustentáveis, como expõem Jane Barry e Jelena Djordjevic em *"Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?"*¹:

"A maior parte dos financiamentos não cobrem sequer a ínfima parte dos custos mais básicos e fundamentais, tais como salários razoáveis, previdência social ou medidas de segurança e proteção à violência. [...] haja visto que a maioria dos fundos disponíveis é para curto prazo, cobrem apenas projetos específicos e são exageradamente condicionados" (p. 7).

Ou seja, as organizações convivem com a realidade de que muitas vezes não conseguem garantir para sua equipe os direitos trabalhistas básicos, que tanto lutam para que sejam um direito de todas as mulheres. Há poucas chances também de sustentabilidade a partir do Governo brasileiro. Há muitos anos se debate o novo marco regulatório das organizações, mas mesmo com ele há poucas chances de sobrevivência das organizações feministas. Em um mundo de forças desiguais onde os fundamentalismos e os conservadorismos tem ganhado ainda mais voz e espaço, fica difícil sustentar discursos em prol dos direitos sexuais e reprodutivos ou da autonomia do corpo das mulheres.

Para tentar resistir, as organizações tem tentado criar projetos e formas de trabalhar que permitam a captação de recursos de diferentes fontes e que visem ações mais articuladas e integradas. Ainda assim, é difícil vislumbrar chances reais, no curto prazo, de sobrevivência.

Diante de um cenário tão pessimista, contudo, as dúvidas são muitas. O que aconteceria se essas organizações acabassem? Qual o impacto disso para o nosso movimento feminista? E toda a memória e a experiência acumulada por elas se perderiam?

É bem difícil encontrar respostas para estas perguntas, mais difícil ainda colocar as possíveis soluções em prática. Eu, particularmente, não tenho nenhuma resposta.

Mas achei essa uma boa caraminhola para as nossas reflexões sobre os desafios das nossas lutas nos próximos anos.

Referência

¹ “*Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?*”, de Jane Barry e Jelena Djordjevic. Fundo de ação urgente pelos direitos das humanas das mulheres, EUA, 2007.

Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/01/feminismo-em-crise/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO I – Feministas? Eca!

Feministas? Eca! *Texto de Georgia Faust.*

Os homens tem especial interesse em desqualificar as feministas. **Como suas esposas se contentariam com a falta de talento na cama, a inutilidade masculina nos assuntos doméstico, a ausência paterna na criação dos filhos se fossem feministas? Os homens teriam que crescer, amadurecer se as mulheres fossem feministas.** É muito mais fácil ter uma Barbie dentro de casa que uma mulher feminista. É bem mais fácil ser uma marionete pois assim não se é questionada. Sem ser questionada sempre se tem a sensação de estar fazendo a coisa certa, o “natural”. [Ser feminista é como ser baixinha \(parte 1\)](#).

Achei interessante, porque há poucos dias atrás tive uma discussão semelhante com um amigo meu. Estou encantada com *‘Backlash’*, livro da [Susan Faludi](#), e agora minha nova mania é mencionar dados do livro ou trazer a tona assuntos dele por aí para, sei lá, questionar o *status quo*.

Então ele comentou que num fórum alguém postou que homens casados sofrem mais ataques cardíacos do que os solteiros. E eu, pá, falei do que tinha lido no livro, que na verdade os homens solteiros sofrem muito mais do que os casados. Isso falando em depressão, tentativas de suicídio, melancolia, etc. E que os homens separados/divorciados demoram significativamente mais tempo para se reerguerem e se sentirem felizes de novo do que as mulheres.

E daí, conclusão minha – nada disso no livro, falei que obviamente, em culturas onde a mulher é mais submissa, os homens casados são mais felizes. Ou seja, a infelicidade do homem casado é algo “ocidental”, ou “moderno”. A resposta dele? **Essa me quebrou. É óbvio que o homem casado com a “mulher moderna”** (leia-se feminista) *vai ser infeliz. Porque ele já está preocupado com mil coisas, trabalho e dinheiro e etc, e ainda tem que aguentar uma bocudinha, insolente, insubordinada, realmente essa é a pior desgraça que pode acontecer na vida de um homem.* (ele não usou a palavra insolente e insubordinada, mas é que não lembro exatamente as palavras e no fundo, foi isso aí mesmo)

Interessante que, mesmo para pessoas que eu considerava mais abertas aos direitos das mulheres, as vezes o instinto ainda prega uma peça dessas. Sem querer, por 5 segundos, ele deixou escapar toda essa crença que andava escondidinha lá no fundo, de que o homem tem que mandar mesmo, de que a mulher tem que obedecer, e que a mulher que não *obedece* e defende suas opiniões se resume a uma *bocudinha*, insubordinada. E que para o homem ser feliz, tem que estar com uma mulher-pastel, que não tem opinião, que não tem personalidade, que se mescla ao marido a tal ponto que ela nem sabe mais se *frango a parmegiana* é o prato preferido dela ou dele. E nesse raciocínio não importa se a mulher é feliz ou não nesse tipo de relação, porque a felicidade DELE é mais importante, saca?

Próximo passo da conversa, que até então ainda era pacífica, falar sobre essa construção de papéis, de como o homem acredita que “é natural” para ele mandar e

ser obedecido e ter o dinheiro e ser o chefe da casa. Defendi que isso é cultural, é construído, não é genético. E que o homem também seria mais feliz se se livrasse dessa idéia de que TEM que ser o provedor, e TEM que ser o mais forte, e TEM que ser o dominador. A liberdade é benéfica para ambos os sexos, será que é difícil entender? Falei isso para não falar do que está escrito lá em cima, no trecho que retirei do blog Café Velho. Porque daí qualificaria agressão, e eu não estava exatamente afim de briga, só de uma discussão saudável.

E, depois dessa, escutei o supra-sumo do discurso conservador detestável: **por que você se preocupa tanto se essas coisas todas são construídas ou não? Você não vai mudar nada mesmo!**

Pois é, eu acho que vou. Se não mudar o mundo, mudo pelo menos a minha vida. O que já é o suficiente, pois meus tempos de supermulher já se foram faz tempo. (e mesmo se a mudança fosse impossível, discutir deixa de ser legal???)

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2010/12/feministas-eca/>> . Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO J – O feminismo quer acabar com a família!

O feminismo quer acabar com a família!

Postado em: [17/09/2012](#) por: [lara Paiva](#)

Essa é uma acusação frequente que ouvimos em meios conservadores, especialmente religiosos. O feminismo como ameaça a uma instituição que é base da sociedade. E neste texto não pretendo negar isto. A questão importante é: que família?



Foto do flickr de More Good Foundation, alguns direitos reservados

Para os conservadores, só há uma família possível: heteronormativa, cissexual, formalizada em cartório ou igreja (melhor ainda se for em ambos), com crianças, em que o pai é sempre a liderança. A manutenção da unidade deste núcleo familiar é um índice de sucesso conservador. Assim, o divórcio é sempre um fracasso, e casais juntos há 50 anos são vistos como modelo a ser copiado. E, vejam vocês, as feministas são entusiastas da possibilidade de divórcio, de [casamentos entre pessoas do mesmo sexo](#), de uma união afetiva sem casamento formal, [da formação de famílias sem filhos](#), [das famílias monoparentais](#).

Não há entre feministas nenhum discurso que reprove a manutenção de uniões bem sucedidas de longa data. Ninguém é menos feminista porque é casada há 30 anos. Mas o que o temos em conta é que uniões duradouras muitas vezes são baseadas na anulação da individualidade de um dos cônjuges que, na imensa maioria dos casos, é a mulher. Não confundir individualidade com individualismo. Muitas vezes se critica o primeiro pensando criticar o segundo. Individualidade não é egoísmo, mas a manutenção de uma identidade para além de nossas relações. Porque não acreditamos que um casal passa a ter uma identidade única depois de sua união,

embora esteja claro que muitas mulheres se esforçam para corresponderem a essa expectativa conservadora.

Sabemos também que essa família de comercial de margarina é, muitas vezes, o cenário de abusos violentos. Abusos emocionais, verbais e sexuais que são potencializados pela falácia de que a casa é sempre um lugar seguro. Não é essa a realidade pra muita gente. Há crianças que crescem vítimas de violências constantes, ou traumatizadas por testemunharem as agressões sofridas pela mãe porque o casal não quer/ não pode se separar.

Não negamos que há violência entre casais do mesmo sexo também, ou que os homens são eventualmente vítimas de violência por parte de suas companheiras. Mas as mulheres cissexuais crescem com essa expectativa de que sua realização depende de formar uma nova família, que por sua vez depende da manutenção do casamento.

Nós acreditamos que boa parte das pessoas prefere viver acompanhada a sozinha (mas não todas). Outra parte relevante quer sim ter filhos, apesar de defendermos que há quem não os queira. Por fim, acreditamos que é possível ser muito feliz no modelo heterossexual, monogâmico, com crianças. Mas essa não vai ser a escolha de família de muita gente. E, mais ainda, algumas pessoas vão descobrir que não se realizam no modelo conservador e buscar outras possibilidades. O que nós apoiamos também, claro. Então, desprezamos sim a obrigatoriedade de um modelo conservador para todas as pessoas como única possibilidade aceitável. A família como obrigação conservadora e pesada não tem nosso endosso.



Flickr de khowaga1, alguns direitos reservados

Agora, pra quem acredita que família é o conjunto de pessoas reunidas pelo afeto, que só o que importa é o respeito mútuo e o compromisso de colaboração e afeto, temos uma boa notícia. Nós, feministas, estamos com você.

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2012/09/o-feminismo-quer-acabar-com-a-familia/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO L – Feminismo não é para mulheres certas

Feminismo não é para mulheres certas

Postado em: [21/04/2015](#) por: [Autoras Convidadas](#)

Texto de Bia Pagliarini.

Feminismo não é para mulheres certas, mais verdadeiras, mais revolucionárias que outras. Feminismo não é sobre estabelecer uma divisão estanque e apriorística entre diferentes mulheres, aquelas que estariam mais libertas das amarras de gênero e aquelas que estariam ainda alienadas. Feminismo não deveria servir para corroborar o discurso da legitimação de mulheres mais verdadeiras que outras através de um vetor cisnormativo.



Arte de Amora Ribeiro. Divulgada pela página do Facebook [‘Somos Todas Verônica’](#).

Não existe possibilidade de estar “mais fora” do sistema de gênero e então alcançar a verdade da luta revolucionária. É justamente quando achamos que estamos pairando acima ou além do social é que estamos chafurdadas/os nele.

Justamente quando achamos que nós, por sermos feministas revolucionárias, descobrimos a verdade escondida sobre o gênero é que mora a armadilha. E com isso estabelecemos exclusões entre nós e as outras. A própria questão da verdade tem que ser problematizada no feminismo.

A verdade não está fora do gênero, não está fora do social, não está fora da luta. Não está fora do mundo.

Não existe verdade fora das relações de poder, tão bem pontua [Michel Foucault](#). Contrapor uma “feminilidade verdadeira” (a das feministas e das mulheres cis) em relação a uma feminilidade tida como “glamorizada”, “artificial”, “delirante”, aquelas que são apontadas nas mulheres trans, é estabelecer um regime de verdade em que a transgeneridade é alocada numa posição de Outra de forma radical.

Ao contrário, desumanizar as pessoas trans através deste imaginário que toma as subjetividades trans como essencialmente “rasas”, “normativas”, “patriarcais” é próprio da transfobia. É culpabilizar uma Outra pela própria opressão de gênero.

Estabelecer critérios normativos para as resistências verdadeiras, as identidades e subjetividades verdadeiras é uma forma de excluir sujeitos da luta. É higienizar e idealizar a luta.

Feminismo é a luta de todas as mulheres. Transfeminismo nos mostra que a luta de mulheres trans e travestis também é questão sim feminista.

Autora

Bia Pagliarini é estudante de letras, interessada na relação entre discurso e gênero. Transfeminista, revoltada contra o sistema. Esse texto foi publicado em seu [perfil pessoal do Facebook em 20/04/2015](#).

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2015/04/feminismo-nao-e-para-mulheres-certas/> >. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO M – Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre feminismo

Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre feminismo

Postado em: [05/06/2011](#) por: [Cynthia Semíramis](#)

Texto de Cynthia Semiramis.

Este é o primeiro de uma série de posts contando um pouco sobre como a divulgação de mentiras sobre feminismo atrapalha a vida de feministas. Não costumo fazer posts falando de minha vida pessoal, mas acho que vale a pena contar um pouco sobre situações que passei pra mostrar que mesmo atitudes banais revelam a ignorância e o preconceito contra feministas, interferindo de forma prejudicial em nosso cotidiano.

Consequências da mentira: “feministas querem subjugar os homens”

Quando meios de comunicação falam de feminismo, a ilustração clássica é a mulher mais poderosa que o homem (ex: bem maior que um homem, comendo um homem com garfo e faca, humilhando, batendo ou mandando em um homem). Raramente vemos uma imagem colocando mulheres e homens no mesmo patamar. O problema é que acabam divulgando uma mentira sobre feminismo, como se feministas quisessem subjugar os homens. Na verdade, homens ainda têm mais direitos e poder do que mulheres. Feministas querem **igualdade** de poder, oportunidades e direitos, equilibrando a balança entre homens e mulheres.

Pode até existir feminista que queira inverter os pólos, dominando homens, mas são pouquíssimas as que pensam assim. Exatamente por esse posicionamento ser raro, não deveria ser divulgado pelos meios de comunicação como a *única* referência de todo o movimento feminista, da mesma forma que ninguém deveria achar que as propostas do PSTU são as únicas representantes da esquerda brasileira quando são apenas uma das possibilidades.

O estereótipo da feminista que quer subjugar homens interfere na minha vida o tempo todo, especialmente quando a fama de feminista chega antes da minha presença. São pessoas que *avisam* ao meu marido pra tomar cuidado pra eu não mandar nele (decisões conjuntas e relacionamento igualitário são impensáveis, pelo visto), são pessoas que *acham* que não sei contextualizar as situações, agindo agressivamente e procurando qualquer pretexto para literalmente destruir tudo ligado ao mundo patriarcal que aparecer na minha frente. São mães em tempo integral e donas-de-casa que não querem sequer conversar comigo, *achando* que vou julgar e condenar as escolhas que elas fizeram. São homens que *têm medo* de conversar ou desenvolver algum projeto profissional comigo, *achando* que minhas opiniões serão uma agressão à sua masculinidade e respeitabilidade profissional.

Nesse festival de achismos ninguém perguntou minha opinião, ninguém nem se deu ao trabalho de saber direito o que é feminismo. Acabam me tratando mal com base em um estereótipo de dominação e julgamento de posicionamento alheio, sem me

perguntar nada nem me dar a oportunidade de explicar por que se tratam de mentiras. E aí eu sou vista como “aquela chata feminista que quer acabar com a minha vida” sem sequer ter tido a chance de emitir uma opinião.

Em alguns casos, é possível contornar a situação, e aí mais tarde ouço coisas do tipo “eu não queria conversar com você porque achava que feminista era tudo chata e que odiava homens; você não é assim e me fez mudar de opinião”. Mas na maioria das vezes, o pré-julgamento sobre o que é feminismo e o repúdio a feministas são mais fortes do que o bom senso e o diálogo, dificultando amizades e causando mal-estar em situações profissionais.

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/06/dominar-os-homens-o-impacto-de-uma-mentira-sobre-feminismo/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO N – Cadê meu blush feminista?

Cadê meu blush feminista? [28/03/2011](#) por: [Bia Cardoso](#)

Preciso contar uma coisa para vocês, mas é segredo, tá? Existe feminista que usa maquiagem. Uau, né?

E ainda vou te contar outra coisa: [Feminista gosta de várias coisas](#). Tem [feminista que faz ótimos cupcakes](#), tem feminista que adora jardinagem, tem [feminista que tem blog de esmalte](#), tem feminista que luta kung fu, tem [feminista que acorda seis da manhã pra nadar](#), tem feminista que gosta de futebol, tem [feminista que fez o layout deste blog](#), tem feminista que anda de moto, tem [feminista que faz tricô](#), tem feminista que é dona-de-casa, tem [feminista que ficou super feliz porque comprou um avental de cozinha bonito](#).

Feminista é gente como você, mas gente que quer que as pessoas percebam o quanto as mulheres ainda sofrem sem direitos, oportunidades e respeito plenos. Então, é claro que tem feminista que gosta de maquiagem.

Feminista que gosta de maquiagem, adora fazer carão para começar bem o dia, dar aquela levantada no visu. Porém, sabe que um dia as mulheres tiveram que quebrar batons, pisar em blushes, sombras e pincés durante [manifestações públicas](#), porque a maquiagem significava a obrigatoriedade de ser um estereótipo de mulher que deveria ser sempre bela, sorridente e resiliente, numa época em que os únicos papéis aceitáveis socialmente para as mulheres eram o de mãe e esposa.

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/03/cade-meu-blush-feminista/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO O – Feminista não tem vida pessoal?

Feminista não tem vida pessoal? [03/07/2011](#) por: [Cynthia Semíramis](#)

Este é o segundo de uma série de posts contando um pouco sobre como a divulgação de mentiras sobre feminismo atrapalha a vida de feministas (o primeiro post é sobre o [mito de que feministas querem dominar os homens](#)). Não costumo fazer posts falando de minha vida pessoal, mas acho que vale a pena contar um pouco sobre situações que passei pra mostrar que mesmo atitudes banais revelam a ignorância e o preconceito contra feministas, interferindo de forma prejudicial em nosso cotidiano.

Destruindo o mito de que feminista não tem vida pessoal

Antes de sermos feministas, somos seres humanos. Temos vida pessoal, vida sexual, amig@s e relacionamentos afetivos de todos os tipos (e alguns dão certo, outros não). No entanto, a maioria das pessoas prefere ignorar isso, inventando que feministas são eremitas ou mártires isoladas do mundo. Com isso, negam a feministas o direito à autonomia para decidir como devem agir em sua vida privada.

É impressionante a quantidade de gente que acha estranho me encontrar em um buteco, restaurante, shopping ou na seção de limpeza do supermercado. E tem mais um tanto de gente que torce o nariz quando descobre que sou casada ou que eu gosto de cozinhar para amig@s. Há também quem fique de queixo caído ao descobrir que tenho outros interesses que não o feminismo (cozinhar, fazer tricô, montar computadores, jogar Starcraft, só pra citar alguns), como se eu tivesse a obrigação de ser monotemática.

Pra essas pessoas, eu sou alguém que só pode viver sozinha (ou apenas com meus gat@s), sem consumir nada (viver de luz?) e só deveria sair de casa pra ir em manifestações feministas. Bizarro demais... afinal, sou ser humano, tenho que cuidar da minha casa (pois ela ainda não é auto-limpante) e dos meus gat@s, adoro encontrar amig@s, cozinhar ou sair para jantar, me divertir, namorar o marido, e tudo o mais que qualquer pessoa comum faz. Não é porque sou feminista que tenho de viver alheia ao mundo.

Nas entrelinhas, nota-se que as pessoas estão tão preocupadas com a vida pública que transformam a vida privada das mulheres em um espaço para **preparar** a imagem pública, e não para ser usufruído. É com base nessas prescrições que mulheres passam a ter a obrigação de gastar sua vida pessoal cuidando da imagem que terão em público, e feministas, por se oporem a esse tipo de interferência e restrição, acabam tendo negado o direito à vida pessoal.

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/07/mito-feminista-nao-tem-vida-pessoal/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO P – Vamos pensar sobre feminismo e feminilidade?

Vamos pensar sobre feminismo e feminilidade?

Postado em: [12/08/2015](#) por: [Autoras Convidadas](#)

Texto de Bia Pagliarini para as Blogueiras Feministas.

Há um certo feminismo que se intitula radical que se promove fazer uma crítica às relações de poder patriarcais apontando a necessidade de abolição de gênero. Nesta perspectiva, a feminilidade aparece tão somente como uma forma de amarra às mulheres, o poder enquanto tão somente dominação e opressão.

Acho válido e necessário criticar padrões hegemônicos de feminilidade? Sim, com certeza. Acho válido estabelecer critérios demarcatórios entre aquelas mulheres que conseguiriam ser “mais críticas” da feminilidade, supostamente mais livres, do que outras mulheres? Não, temos aí um grave problema.

Há muito tempo vejo neste feminismo a construção da imagem mulher errada e equivocada, a mulher alienada, enganada e “burra” que escolheria a feminilidade em contraposição a mulher “livre” do gênero e das amarras da feminilidade porque encontrou a “verdade” ou até mesmo se reencontrou com a “natureza”. Verdade ligada a natureza que tão somente o feminismo radical poderia proporcionar.



Foto do Facebook Oficial da Laverne Cox.

A mulher errada ou iludida é aquela que supostamente reproduz os estereótipos de gênero. A mulher trans talvez seja o exemplo mais extremo da forma como o feminismo radical necessita posicionar mulheres em posição de Outras para se constituir. Mas vemos também como este mesmo feminismo pode ser especialmente excludente com mulheres cis inclusive, ao estabelecer estes critérios demarcatórios:

ou você é uma mulher natural, ou você está caindo na ilusão da feminilidade, ou você está se assujeitando à heterossexualidade compulsória, ou você se intitula enquanto “lésbica política”.

Como Hailey Kaas já disse em um [texto](#), nosso feminismo deve ser para todas as mulheres, inclusive para aquelas que incorrem em “estereótipos” de gênero. Afinal: não existe possibilidade de escolha 100% livre fora de qualquer assujeitamento, o que não significa dizer que nós somos mecanicamente determinadas pelo o que está posto. Trata-se de compreender o paradoxo da escolha e as práticas de resistência. Não há escolha 100% livre das relações de poder e da situação dada (como pontua Beauvoir, só há escolha frente a uma situação prévia de existência) e as resistências se dão dentro das relações de poder.

A quem interessa advogar a feminilidade tão somente como algo homogêneo e unívoco, sem possibilidade de questionamento e contradição? A quem interessa pensar a feminilidade tão somente como imposição, como algo que diz tão somente “não” e interdita? A quem interessa não observar as possibilidades de resistência, de feminilidades contra-hegemônicas e feminilidades que falham ao imperativo patriarcal? A quem interessa observar a constituição da subjetividade da mulher tão somente como obediência?

Proponho pensar um feminismo menos utópico, um feminismo do presente. Um feminismo que compreenda as reais formas de resistência e luta dos sujeitos. Não se trata de advogar para certa metafísica da ausência de gênero enquanto ausência ideal do poder, mas de compreender o feminismo como justamente o movimento capaz de tensionar o poder. Um feminismo que não busque a ideia originária de um ser mulher natural, fora do mundo e fora do gênero. Procuro pensar uma mulher extremamente mundana mesmo, a que age a partir de sua situação de existência concreta que jamais é da ordem da natureza. Nossa existência é social.

Autora

Bia Pagliarini é estudante de letras, interessada na relação entre discurso e gênero. Transfeminista, revoltada contra o sistema. Esse texto foi publicado em seu [perfil pessoal do Facebook em 18/05/2015](#).

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2015/08/vamos-pensar-sobre-feminismo-e-feminilidade/> >. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO Q – Todas as pessoas precisam do feminismo

Todas as pessoas precisam do feminismo

Postado em: [11/11/2015](#) por: [Autoras Convidadas](#)

Texto de Camilla Machuy para as Blogueiras Feministas.

Está sendo muito compartilhado na internet um [vídeo](#) em que uma garota americana fala que não precisa do feminismo e explica suas razões. Ao ver, percebi que é um dos vídeos mais feministas que já assisti. Todos os dados apresentados sobre violência contra homens são resultados do machismo.

Ela pode não saber, mas entre as pautas do feminismo está o direito de os homens terem o mesmo tempo de [licença paternidade](#) que as mulheres e a desobrigação ao serviço militar masculino. Sobre guarda das crianças... Já ouviu falar sobre guarda compartilhada? É uma grande conquista para as pessoas frente casos de alienação parental. Já ouviu falar sobre o [novembro azul](#)? É uma grande campanha mundial de alerta a saúde masculina. Já frequentou algum site e leu lá vários casos de homens estuprados? O dilema deles também é grande quando passam por [abuso](#). Por que? Porque ninguém dá atenção a eles. Porque a sociedade julga que eles não foram “homem o suficiente pra lutar por sua honra” e frequentemente são motivo de escárnio. Isso sem contar a quantidade de casos que jamais serão denunciados porque as vítimas masculinas não se permitem de forma alguma tocar no assunto. Isso é o quê? Machismo!



Marcha das Vadias. São Paulo, 2013. Foto de [Marcelo Camargo/Agência Brasil](#).

Um caso clássico de opressão machista acontece quando você é obrigado a se calar perante uma situação de agressão, porque você não cumpriu o papel que a

sociedade espera do seu gênero. Então, especialmente em casos de violência sexual, essa lógica cruel torna a vítima de abuso culpada pela agressão que sofreu. No caso em debate, essa lógica reza que a culpa é do homem agredido, porque ele tinha que “ser homem” e, obrigatoriamente, saber se defender, não ser um fraco. Além disso, na concepção machista, o homem é um ser que não pode demonstrar sofrimento, nem dor, sob pena de ser considerado fraco. O pior pesadelo de um homem: a fraqueza. Uma fraqueza inconsistente, implacável e, de maneira realista, inevitável. Porque todo ser humano em algum momento passará por alguma situação de vulnerabilidade e, o medo de demonstrar essa fraqueza mantém esses mesmos homens silenciados e paralisados, com receio de serem julgados.

O machismo oprime homens e mulheres, mas de forma diferentes. Mesmo assim, homens e mulheres são julgados e culpabilizados em situações de vulnerabilidade. O acolhimento a vítima é sempre relativizado. É por isso que o feminismo não é o contrário do machismo. O feminismo é um movimento social e político que propõe não desprezar a dor, especialmente das mulheres, mas também dos homens. O feminismo, por meio do desejo de criar uma sociedade mais igualitária, diz que os homens tem o mesmo direito de expressar suas dores e temores. Ninguém precisa estar enquadrado num comportamento X ou Y para serem respeitado como homem. Quer um exemplo? Não precisa dar cantada numa mulher na rua para afirmar sua masculinidade para os outros ou pra si. Você não precisa provar nada a ninguém!

Além disso, o feminismo serve para afirmar que não existe essa tal “responsabilidade de homem”, esse fardo pesado que muitos insistem em carregar sem motivo, porque assim foi inculcado pela sociedade. Existem responsabilidades, sim, e elas podem ser carregadas por todos os gêneros, por todas as pessoas. A responsabilidade de tornar o mundo um lugar mais igualitário para qualquer gênero e/ou expressão de sexualidade é uma delas. O feminismo está aí para aliviar os ombros dos homens da pose ridícula que o machismo obriga todos eles a ter e, é claro, empoderar as mulheres.

Ainda sobre o vídeo, a garota levanta várias pautas feministas sem nem se dar conta. Temos muita desinformação sobre o feminismo por aí, por isso me parece haver tanta confusão sobre quais seus objetivos. E, vale lembrar, que ótimo que essa garota vive numa sociedade em que as mulheres podem expressar seus pensamentos livremente, podem postar um vídeo com um alcance global sem serem penalizadas por isso. Nem sempre foi assim, Miga! O feminismo é sobre igualdade de direitos e respeito. Se não fosse assim, não existiriam no mundo vários homens feministas. Obrigada pelo vídeo.

Autora

Camilla Machuy tem 28 anos e mora no Rio de Janeiro. É jornalista, faz mestrado e estuda as redes sociais. Um de seus piores pesadelos é ver que essa importante ferramenta está sendo usada para a disseminação do discurso de ódio. Por isso, faz o que pode para tornar o mundo um lugarzinho mais agradável e consciente. Esse texto foi originalmente publicado em seu [perfil do Facebook em 27/10/2015](#).

Disponível em: <<http://bloqueirasfeministas.com/2015/11/todas-as-pessoas-precisam-do-feminismo/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO R - Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista

Um guia para você que tem vergonha de se assumir como feminista

Postado em: [25/07/2011](#) por: [Thayz Athayde](#)

Você é feminista? Opa, opa, não responda. Antes de qualquer coisa, deixa eu te falar que entendo o quanto essa palavra traz um fardo enorme por trás dela. Não é a mesma coisa de dizer “ah, sou socialista”. Ser socialista é bonito e justo. Ser feminista é ser implicante e falar de assuntos polêmicos. Ou você não sabe, que sendo feminista, rola a maior tensão no meio de um papo quando as pessoas começam a falar sobre mulheres? Todos olham para você com uma cara de medo esperando começar a terceira guerra mundial.

Crédito da Foto: The Justified Sinner no Flickr em CC.

Carla Rodrigues fez uma [entrevista com Maitena](#), a autora do livro “Mulheres Alteradas” e questionou se ela é feminista. A resposta foi a seguinte:

“Bem, o termo feminismo foi muito degradado ultimamente, mas não gosto de dizer que não sou feminista, por que acredito que se não fosse pelo trabalho que este movimento realizou nos últimos cem anos, ainda estaríamos todas passando roupa.”

Na entrevista, Maitena fala diversas vezes sobre como o feminismo é importante, mas nessa fala podemos perceber que o feminismo é reconhecido sim, mas ainda há um medo de simplesmente se colocar como feminista justamente por mitos que foram criados com o passar do tempo. Afinal, quem degradou o termo feminista? Por que um termo que já foi revolucionário para muit@s é visto hoje como “o contrário do machismo”?

Em outro texto de Carla Rodrigues, [“Feministas são bacanas”](#), ela mostra algumas pesquisas sobre o que as pessoas acham do feminismo.

“Algumas respostas podem ser encontradas na visão negativa que 33% homens – e 20% das mulheres – têm do feminismo. Para 19% dos homens e para 12% das mulheres, ser feminista é defender a superioridade da mulher sobre o homem. Já 16% dos homens e 8% das mulheres associam feminismo a autoritarismo das mulheres.”

Muitas pessoas ainda associam o feminismo com a superioridade da mulher perante o homem e podemos associar com o velho mito de que a o feminismo quer acabar com os homens. O feminismo conta hoje com vários homens no movimento e, lutamos também para mostrar como o [machismo também prejudica os homens](#). Se queremos acabar com os homens, por que os queremos ao nosso lado nessa luta?

Carla Rodrigues ressalta que muit@s acham que feministas são donas da verdade, arrogantes que não aceitam a “verdade”. Pensando sobre isso, podemos questionar o motivo de tanto estranhamento para o termo feminista. Bem, não fomos educad@s

para entender o feminismo, a mídia não mostra o que realmente aconteceu (nas muitas manifestações feministas não fica claro qual é o motivo de estarem ali, isso quando alguma manifestação é mostrada), ou seja, não visualizamos em quase nenhum lugar o que é realmente o tal feminismo. Normalmente, quando as pessoas ouvem falar sobre o movimento é carregado de piadas e preconceitos e com aquela frase “lá vem a chata inventar machismo onde não existe”.

Muitas pessoas manifestam opiniões sobre o feminismo sem saberem ao certo o que é o movimento e o que ele significa. Por ser desconhecido, o feminismo acaba despertando um certo receio nas pessoas. Além disso, o feminismo luta por mudanças e alterar o status quo também gera medo. Como viver de forma diferente? O objetivo dessa campanha é mostrar o que é o feminismo para que o movimento deixe de ser algo estranho para as pessoas e mostrar a que veio o feminismo, mostrando que mudanças são bem-vindas e que podem beneficiar a tod@s. O que fazer para desmitificar, para fazer com que as pessoas entendam que feministas são seres humanos acima de qualquer coisa e por isso tem escolhas individuais? O fato de ser feminista não me faz ter obrigação de não me depilar, não passar maquiagem ou não assistir novela e me divertir. Ser feminista não me faz ter ódio de homens ou ser uma mal comida. Enfim, ser feminista me faz ter uma visão de mundo que vai de encontro à igualdade entre as diferenças não só das mulheres, mas dos homens também.

Por isso pensamos em fazer uma campanha para desmitificar o feminismo. A intenção dessa campanha é chamar todas as pessoas que são feministas e também aquelas que não são. Você pode falar de um mito específico, como por exemplo: [Feminista não usa maquiagem](#) e falar um pouco sobre, tentando falar sobre como essa afirmação incomoda e não é verdadeira. Pode falar sobre os mitos de uma forma geral e pontuar sobre a importância de acabar com eles e levantar a bandeira do feminismo. Ou seja, a intenção é desmitificar de alguma forma. E pode ser através de posts no blog, vídeos, desenhos, músicas, twitter, facebook, Google +, tumblr, as redes sociais como um todo.

Vamos encher a internet com a hashtag #mitosfeminismo e mostrar que o feminismo vai além dessas histórias que são plantadas por aí. Vamos mostrar do que o feminismo realmente trata!

Campanha: 29/07 a 05/08. Participe e cole o selo em seu blog!



Selo para a Campanha por Tatiana Anzolin Michels

Alguns posts sobre o assunto:

[+] [Dominar os homens? O impacto de uma mentira sobre feminismo](#) – Texto da Cynthia Semíramis

[+] [Feminista não tem vida pessoal?](#) – Texto da Cynthia Semíramis

[+] [Feminista só sabe falar sobre feminismo?](#) – Texto da Cynthia Semiramis

[+] [Nós ódiarnos Feministas!!!](#) – Texto da Ana Rita Dutra

[+] [Por que ser Feminista?](#) – Texto da Catarina Correa

[+] [5 mitos sobre o feminismo](#) – Texto da Thayz Athayde

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/07/guia-para-voce-assumir-como-feminista/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO S – Quem tem medo do Feminismo?

Quem tem medo do Feminismo?

Postado em: [18/09/2013](#) por: [Ticiane Figueirêdo](#)

Texto de Ticiane Figueiredo.

De todos os tipos de intolerâncias existentes em nossa sociedade, a que se impõe contra o Movimento Feminista é uma das que mais me incomodam. Não porque sou feminista ou porque não aceito a opinião alheia, mas pelo simples fato de tal relutância estar embasada em puro preconceito e alienação.

Então quer dizer agora que todas as mulheres são obrigadas a serem feministas? Não, não são.

Ainda que eu cultive esperanças de que todas as pessoas tenham a consciência de que o Feminismo é necessário para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e, que acima de tudo é preciso militar, isso não quer dizer que todas as mulheres são obrigadas a serem feministas. Isto porque, para mim, as pessoas devem ser livres para serem o que quiserem, como quiserem e quando quiserem.

O problema é que sendo do gênero feminino, a sua liberdade é limitada e suprimida, seja pelos valores culturais machistas que “justificam” o estupro, o abuso, as cantadas indecentes, a passada de mão no ônibus ou metrô lotado; seja pela rua escura que te amedronta e te inibe de ocupar o espaço público, pelo(a) chefe que sabe que você precisa do emprego e te assedia moral/sexualmente ou pela violência doméstica. A sua liberdade é sufocada simplesmente pelo fato de você pertencer ao gênero feminino, ao “sexo frágil”, de ser mãe solteira, de não arrumar um marido, de se vestir como uma biscate, de “não se dar o devido respeito”, de estar acima do peso, de ter celulite...

Por estes e tantos outros motivos é que eu acho que sem o Feminismo você não é livre, ainda que não concorde comigo.

Vejo com frequência nas redes sociais, e fora delas também, as pessoas atacando o Feminismo das mais diversas formas. Como se nós, bruxas pagãs, quiséssemos destruir algo lindo que a sociedade patriarcal construiu com todo o amor e carinho, como se “a moral e os bons costumes” fossem emanadas da vontade geral e consciente e não de uma minoria que detém o poder e o domínio.

Segundo o livro ‘Breve história do Feminismo no Brasil’(1):

“E são as feministas que cobram a grande dívida social e econômica que em o patriarcado perante a humanidade, em vista das injustiças milenares cometidas sob a sua autoridade. A maior delas é “a imposição do ‘grande silêncio’ histórico e cultural sobre as mulheres (heterossexuais e homossexuais); os papéis estereotipados que mantêm as mulheres à distância da ciência, da tecnologia e dos

outros estudos ‘masculinos’, ligações sócio-profissionais masculinas que excluem as mulheres”. Trecho da intervenção feita por Miriam Botassi em 1988, no Seminário do NEIM (Núcleo de Estudos interdisciplinares sobre a Mulher).

Para mim, a melhor forma de combater a tal alienação é a informação. Contudo sei que este é um processo lento de desconstrução de “valores”, mas mesmo assim é preciso tentar e é por isso que estamos aqui.



Marcha das Vadias do Rio de Janeiro 2013. Foto de [Juliane Alves/Marcha das Vadias DF no Facebook](#).

O que é o Feminismo?

Segundo Maria Amélia de Almeida Telles (1):

“O feminismo é um filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto no nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas.

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre as outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade.”

Apesar das idéias defendidas pelo Feminismo estarem muito claras, ainda há pessoas que pensam que nós queremos nos sobrepor aos homens e dominar o mundo, além de matar criancinhas, claro.

O Feminismo representa sim um meio utilizado para se quebrar determinados paradigmas sociais que se mostram opressores, mas sua finalidade não é a sobreposição hierárquica de um gênero ao outro, mas sim a igualdade entre ambos. Por isso que ele se mostra como:

“Um conjunto de idéias e práticas radicais que tenham o poder de subverter, mudar, transformar as ideias e práticas patriarcais que vivemos. Se entendemos que o sistema se organiza por um conjunto de instituições sociais, econômicas, jurídicas e culturais que atuam para preservar o poder do patriarcado – seja no capitalismo ou no socialismo-, temos que ir ganhando a noção de como nos relacionar com as instituições, mantendo nossa liberdade de pensar e exprimir idéias radicais e formas autônomas de organização”. Trecho da intervenção feita por Miriam Botassi em 1988, no Seminário do NEIM (Núcleo de Estudos interdisciplinares sobre a Mulher) (1).

Nós queremos uma sociedade mais justa e mais igualitária para todas as pessoas, sem distinção, mas para alcançar tal objetivo é preciso que conquistemos muitos direitos que foram negados a nós, mulheres, no decorrer da história, para daí então alcançarmos uma equidade material.

O Feminismo é para todas?

O Feminismo é algo amplo e como tal, abrange dentro de si demandas das mais diversas e específicas. Afinal, não podemos falar que lutamos contra a opressão direcionada às mulheres se, em contrapartida, não abrimos espaço para falar de todas elas e, é dentro dessa ótica que surgem algumas “divisões” no Feminismo para que se enxergue a questão das mulheres negras, trans*, lésbicas etc.

Ocorre que na prática há uma forte tendência em direcionar a militância. Isso porque cada pessoa tem mais facilidade em enxergar a opressão machista e patriarcal dentro de sua própria realidade. Porém, o grande problema é que as mulheres também são desiguais entre si, uma vez em que algumas possuem mais privilégios que outras. Não enxergar essas diferenças ou, na pior hipótese, negar veemente a sua existência, pode ser uma forma de opressão.

No meu ponto de vista, não existe Feminismo certo ou errado. O Feminismo é uma “filosofia universal” e não podemos creditar a ele ações pessoais dessa/desse ou daquela/daquele militante. Não é culpa do Movimento Feminista que aquela pessoa não enxergue seus privilégios ou que ela, individualmente, seja contra determinada questão. É muito triste sim, ver que há pessoas assim dentro do movimento, mas estamos lutando para que todas as pessoas retirem seus cabrestos. A militância é um processo contínuo de aprendizagem. Contudo, vamos sempre denunciar a opressão seja ela vinda de fora ou de dentro do movimento porque, aproveitando uma palavra de ordem utilizada por uma militante: *ou o Feminismo é para todas (os) ou não será!*

O que é ser feminista?

Muitas pessoas, ainda que saibam de cor a pauta feminista ou tenham uma ideia de qual seja, sentem insegurança em se assumirem como tal. Seja por motivos

internos, por medo de rótulos sociais ou ainda por não se sentirem representadas. A estas pessoas, acho interessante compartilhar um pensamento da grande intelectual Heleieth Saffioti (2):

“Na verdade, eu sempre relutei em me dizer feminista no Brasil. No passado, este termo tinha uma carga ideológica muito grande e ainda apresenta uma carga razoável. Eu gosto de dizer: eu sou feminista mas meu feminismo é este (...) porque eu tenho muito medo que tomem o meu feminismo através dessa adulteração que se fez do termo que interessa muito a ditadura, de se entender que esta é uma luta das mulheres contra os homens, e eu não quero de maneira alguma ser interpretada desta forma. Tenho muito respeito pelos homens. Acho que eles também são vítimas dessa sociedade, embora nós sejamos mais vítimas do que eles.”

Não há uma definição do que necessariamente é ser feminista. Muitas pessoas são, mas não se assumem. Muitas pessoas assumem, mas não são. O importante, na prática, é saber o que o Feminismo como um todo busca e, perceber que no fundo é o que você também deseja. Afinal, não acho que ninguém goste de viver uma sociedade que oprime e mata as mulheres.

Por isso que sempre me pergunto: **quem, no fundo, tem medo do Feminismo?**

—

Referências:

(1) TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

(2) Entrevista ao jornal Mulherio, n.º 6, março e abril de 1982.

Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/09/quem-tem-medo-do-feminismo/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO T – Cinco mitos sobre o Feminismo

Cinco mitos sobre o Feminismo [07/04/2011](#) por: [Thayz Athayde](#)

Ouvimos tantas coisas sobre o que é Feminismo, não é mesmo? Que tal desvendar certos mitos? Será que tudo que você ouve ou lê é verdade?

1. Feminista odeia homem.

Sim, é o único motivo da existência do Feminismo, queimar os homens na fogueira. Inclusive é por isso que as feministas casam, para queimar os homens no fogão. Aliás, é o único momento em que vamos na cozinha. Esse mito é tão absurdo que só merece uma ironia, né? Deixo vocês com [Simone Beauvoir](#) (que é muito mais fina que eu):

“... Assim como cabe ao pobre tomar o poder do rico, também cabe às mulheres tirar o poder dos homens. Significa estabelecer igualdade. Assim como o socialismo, o verdadeiro socialismo, estabelece igualdade econômica entre todos os povos, o movimento feminista aprendeu que ele teria que estabelecer igualdade entre os sexos tirando o poder de classe que liderava o movimento, isto é, dos homens.”

2. Toda feminista é lésbica.

O que acontece é que dentro do movimento feminista existem homossexuais e heterossexuais, não é necessário ser lésbica para ser feminista, é necessário apenas querer a igualdade entre os sexos e a liberdade de escolha. Chocante, né? E qual o problema de ser lésbica? Desde quando isso é defeito ou doença? Não vou refutar esse tipo de “acusação”, para mim não há problema nenhum ser confundida com pessoas que se amam e, que pelo simples fato de amar pessoas do mesmo sexo são taxadas de tudo que é ruim.

3. Antes do feminismo as mulheres eram mais felizes.

Bem, não vou discutir aqui o que é felicidade, mas, acredito que ser feliz passa pela questão da liberdade, de ter a chance de escolher e efetivar essas escolhas. Felicidade é querer estudar, ter uma profissão e não poder realizar isso pelo simples fato de ser mulher? Ser feliz é querer namorar, sair, morar sozinho e não poder fazer isso porque seu pai ou irmão mais velho não deixam? Triste é ter a liberdade de lutar dentro de movimentos? É ruim ter o direito de votar e entrar na história do seu país, conquistar sua liberdade sexual? O feminismo luta para que a mulher esteja exatamente no lugar que ela deseja estar. Se isso não é felicidade, não sei o que é. Como diria Clarice Lispector: *“liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”*

4. Feminista quer ser homem, invade áreas masculinas, não gosta de maquiagem, quer ter aparência masculina, etc.

Não vou entrar (ainda) na questão da construção de gênero. Afinal, o que é coisa de mulher e o que é coisa de homem? Definitivamente, as feministas não querem ser homens, o feminismo quer justamente que a mulher se valorize por ser mulher, tirando essa questão de que certas atividades são masculinas e outras femininas. Isso nada tem a ver com ser homem ou ser mulher, tem a ver com escolhas (de novo). E, já deixamos bem claro [aqui](#) que feminista usa maquiagem. O problema não é usar ou não, é não ser taxada de ter aparência masculina por não usar maquiagem ou coisas do tipo.

5. Machismo não existe mais, as feministas lutam contra um inimigo invisível.

Machismo não existe? Ok. Então, vamos ignorar que mulheres são tratadas como mercadoria, que não existe igualdade profissional e salarial entre homens e mulheres. Vamos ignorar também que há um mercado de consumo feito apenas para as mulheres ficarem perfeitas, fora isso, elas estão fora do padrão. Vamos deixar para lá o fato da mulher ser violentada fisicamente e moralmente dentro e fora de casa, por ser tratada como sexo frágil.

Eu poderia passar o dia inteirinho aqui falando de tantas coisas, de todos os nossos “inimigos”, fazer uma [construção](#) da violência contra a mulher. O fato é que o machismo está aí na nossa sociedade, disseminando preconceitos, causando desconforto e gerando violência. A pergunta é: você quer fazer parte de uma guerra que não foi criada pelo Feminismo? Insistem em dizer que as feministas fazem uma guerra, mas entender que machismo não é só bater em mulher, que existe uma série de efeitos dominós por trás disso, parece difícil, não é?

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2011/04/cinco-mitos-sobre-o-feminismo/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

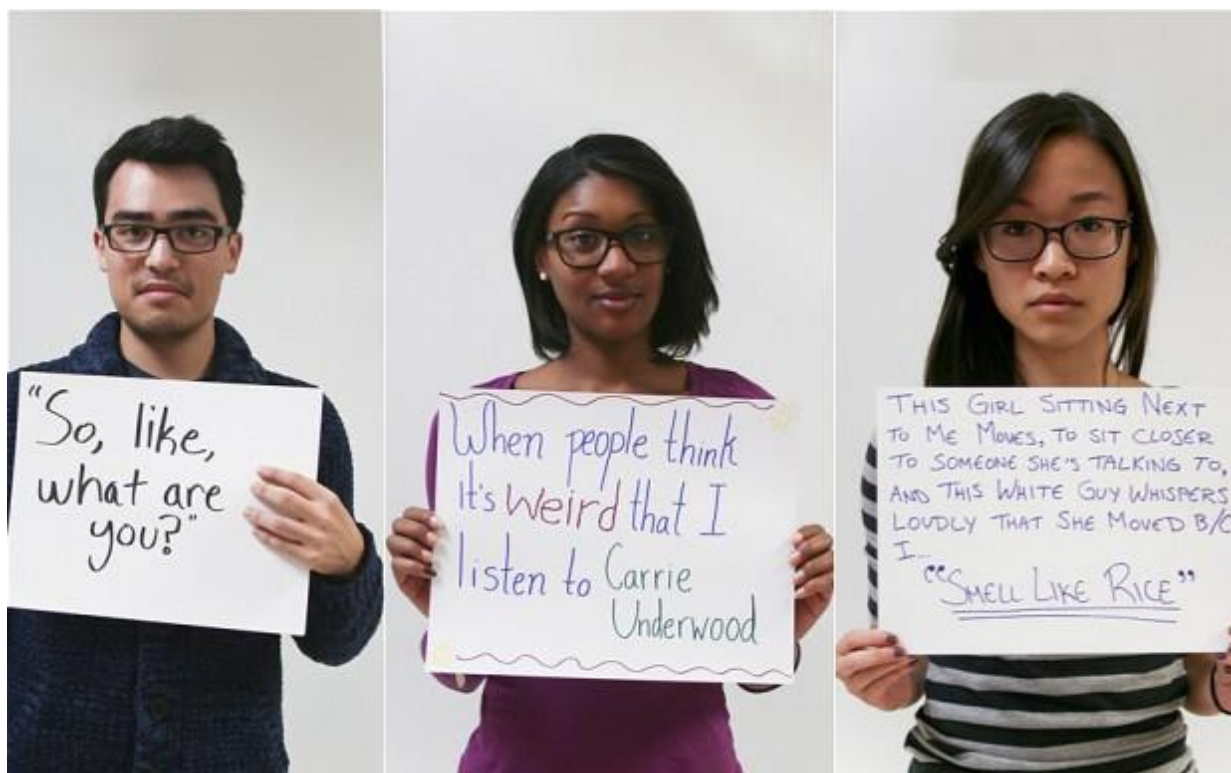
ANEXO U – ‘Feminismo Interseccional’. Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar)

‘Feminismo Interseccional’. Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar)

Postado em: [24/07/2014](#) por: [Bloqueiras Feministas](#)

Texto de Ava Vidal. Tradução de Bia Cardoso. Publicado originalmente com o título: [‘Intersectional feminism’. What the hell is it? \(And why you should care\)](#) no site do jornal inglês *The Telegraph* em 15/01/2014.

Atualmente, dizem que o movimento feminista corre o risco de perder fôlego, a menos que reconheça que nem toda feminista é branca, classe média, cisgênera e sem deficiências. Ava Vidal dá pistas sobre a interseccionalidade, que tem sido a palavra polêmica e controversa do momento.



O Feminismo Interseccional reconhece que certos grupos de pessoas têm facetas múltiplas e camadas de vida com as quais tem de lidar, como o racismo e o sexismo — como é mostrado nesse [projeto de fotografia de Kiyun](#). Foto: Jezebel.

[Interseccionalidade](#) é um termo cunhado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989. O conceito já existia, mas ela deu um nome a ele. A definição segundo seu livro é:

A visão de que as mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade. Padrões culturais de opressão não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelos sistemas interseccionais da sociedade. Exemplos disso incluem: raça, gênero, classe, capacidades físicas/mentais e etnia.

Em outras palavras, certos grupos de mulheres têm que lidar com múltiplas facetas na vida, que possuem diferentes camadas. Não há um tipo de feminismo tamanho único. Por exemplo, eu sou uma mulher negra e, como resultado, enfrento tanto o racismo como o sexismo ao caminhar em minha vida cotidiana.

Mesmo com o conceito de interseccionalidade rondando o feminismo há décadas, parece que ele só foi incluído no debate majoritário no ano passado ou alguns anos atrás. E, ainda assim, muitas pessoas estão confusas com o seu significado ou o que ele representa.

Não ajuda em nada que, nos últimos meses, as mensagens difundidas sobre o feminismo interseccional tenham sido um pouco confusas. No último programa [“Hora da Mulher de 2013” da BBC Radio 4](#), a feminista negra [Reni Eddo-Lodge](#) foi convidada para debater como foi o ano do feminismo. Ela começou a falar sobre interseccionalidade e racismo estrutural, mas foi seguida por Caroline Criado Perez, que escolheu aquele momento para falar sobre insultos que ela havia recebido na internet vindos de pessoas que a atacaram sob o pretexto, segundo ela afirmou, da interseccionalidade.

Eu preciso avisar que Eddo-Lodge não foi responsável por nenhum dos insultos que ela recebeu, mas a conversa descarrilou e a oportunidade que ela teve de falar sobre o assunto para uma grande audiência, num programa popular de rádio, foi perdida.

Caroline Criado Perez, posteriormente, [se desculpou](#).

Independentemente disso, o que realmente importa aqui é: as pessoas estão interessadas em saber o que é interseccionalidade e como isso as afeta? Estou ansiosa para redirecionar essa conversa de volta ao tema da interseccionalidade no feminismo e o que isso realmente significa.

Para mim, o conceito é muito simples. Como feminista negra, eu não desculpo Chris Brown por agredir fisicamente sua (então) namorada Rihanna, mas sou contra que alguém o descreva como um ‘preto s****o’, do mesmo modo que uma mulher branca fez comigo. Isso não significa que eu apoio a violência doméstica, como ela, então, me acusou de fazer. Isso significa que eu, como a maioria das mulheres negras, não suporto o racismo.

A principal coisa que a ‘interseccionalidade’ está tentando fazer, eu diria, é evidenciar que o feminismo, que é excessivamente branco, classe média, cisgênero e capacitista, representa apenas um tipo de ponto de vista — e não reflete sobre as experiências de diferentes mulheres, que enfrentam múltiplas facetas e camadas presentes em suas vidas.

Roqayah Chamseddine é uma feminista e escritora que explica isso melhor, dizendo: “O feminismo branco é extremamente reticente e se recusa a reconhecer os obstáculos que as mulheres não-brancas enfrentam sistematicamente, já que elas não são visíveis. Nossas vozes precisam ser ampliadas porque o feminismo branco nos trata como um troféu e usurpa nossas vozes.”

Então, até que o movimento feminista majoritário comece a ouvir os diferentes grupos de mulheres dentro dele, ele vai continuar a estagnar e não será capaz de seguir em frente. O único resultado disso é que o movimento torna-se fragmentado e continuará a ser menos eficaz.

Racismo no feminismo

Sempre que o tema do racismo é levantado no feminismo, não é diferente de quando esse tema é proposto em qualquer outro espaço de debate. Os discursos banais habituais são usados e a acusação de “dividir o movimento” é muitas vezes atirada ao redor.

A frase “verifique seus privilégios” que geralmente acompanha muitas discussões sobre interseccionalidade, é um exemplo. No Twitter, no início de janeiro, houve uma hashtag iniciada por uma feminista branca: #ReivindicandoInterseccionalidadeEm2014; que levou muitas feministas negras a questionarem como ela pretendia recuperar algo que nunca tinha sido dela em primeiro lugar.

Mas isso prova que o conceito realmente tornou-se popular, agora que há o risco de ser apropriado.

Há a crença equivocada de que o único “privilégio” que você pode ter se refere à cor da pele. Este não é o caso. Você pode ser privilegiado por causa de sua classe social, formação educacional, religiosa, ou pelo fato de que você tem capacidades mentais e físicas ou é cisgênero. Um monte de mulheres negras podem e têm privilégios também.

Um usuário do Twitter disse: “O fato de que um importante conceito feminista foi... empurrado para dentro das discussões majoritárias irrita as feministas brancas que se recusam a reconhecer que elas se beneficiam de um sistema patriarcal, supremacista, heteronormativo e branco.”

Veja esta citação da famosa feminista negra e mulherista Alice Walker, que disse: “Parte do problema com as feministas ocidentais, eu acho, é que elas se comparam com seus irmãos e seus pais. E isso é um problema real.”

Eu lembro de uma discussão que tive com uma senhora muçulmana que me disse: “Eu odeio o feminismo. Não há necessidade para isso existir e eu não quero ter que carregar caixas pesadas só porque vocês, mulheres, querem lutar para serem iguais aos homens.”

O quê?! Eu tive que enumerar algumas coisas para ela. Primeiro de tudo, o feminismo não é sobre ter o direito de carregar caixas pesadas. E, como uma mulher

negra que mede 1,80m de altura, posso assegurar-lhe que ser vista como fraca fisicamente não foi um problema que eu tive que enfrentar na minha vida adulta. Na verdade, nas poucas ocasiões em que pedi ajuda a homens por causa de um objeto pesado, eles riram de mim e disseram coisas como: “Vamos lá, amor! Não finja que você não consegue lidar com isso. Uma moça robusta como você!”

Enquanto conversávamos, ficou evidente que o problema dela era com o feminismo majoritário. Ou seja, o feminismo que é esmagadoramente branco, classe média, cisgênero e capacitista. Quando vozes são marginalizadas dentro de um movimento, até o ponto em que há mulheres que nem sequer pensam que o feminismo é para elas, o único resultado disso é que o movimento está enfraquecido e cada vez menos eficaz. Por exemplo, tenho ouvido as feministas tradicionais que estão tentando proibir o véu apesar da resistência de mulheres muçulmanas, afirmam que elas não sabem o se passa em suas próprias mentes, e querer usar o véu é o resultado óbvio dessa doutrinação.

Então, o que podemos aprender com tudo isso? Como vimos, em discussões acaloradas numa rádio no final do ano passado, é fácil nos atolarmos em palavras e em discussões no estilo ele-disse-ela-disse, o que isso significa e o que aquilo significa.

Interseccionalidade ainda é um termo relativamente novo para as massas — mas, sua mensagem é algo com o qual certamente qualquer feminista pode estabelecer uma relação ao começar a ouvir e incluir diferentes grupos de mulheres, suas múltiplas facetas e experiências de vida nos debates em geral e respeitá-las.

Autora

[Ava Vidal](#) é uma divertida comedianta britânica de stand-up. Desde que foi uma das finalistas do BBC New Comedy Awards sua presença na televisão é constante. Ava se tornou mãe aos 18 anos e passou cinco anos trabalhando como guarda de prisão em Pentonville. Ela escreve de maneira prazerosa sobre cultura toda semana no site [Wonder Women](#). Twitter: [@thetwerkinggirl](#).

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2014/07/feminismo-interseccional-que-diabos-e-isso-e-porque-voce-deveria-se-preocupar/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO V – Como explicar o transfeminismo?

Como explicar o transfeminismo?

Postado em: [26/08/2013](#) por: [Autoras Convidadas](#)

Texto de Jaqueline Gomes de Jesus.

Em setembro próximo estarei em uma mesa redonda e em um simpósio temático inéditos, durante o [Seminário Internacional Fazendo Gênero](#), que em sua décima edição traz como tema os desafios atuais dos feminismos, abordagem renovadora nesse evento tradicional, simplesmente por reconhecer a pluralidade do feminismo.

Inserido em tal espírito, o mote da mesa e do simpósio dos quais participarei é a novíssima vertente transfeminista.



Inicialmente, foi estimulante a notícia da aprovação da proposta do simpósio temático, sob o título “Feminismo Transgênero ou Transfeminismo”, tanto que mobilizou muitos a apresentarem trabalhos. Posteriormente, vivi uma grata surpresa com o convite para integrar a mesa redonda “Transfeminismos no Brasil”.

Confesso que, à primeira vista, causou-me estranheza o plural, entretanto o entendo como adequado, e devo apresentar essa visão na referida mesa, a partir do momento em que há diferentes formas de aplicação do pensamento transfeminista, como sabemos nós, as/os transfeministas, e aqueles que têm observado nossos colóquios apaixonados com seriedade ou, às vezes, lamentavelmente, tão somente como bisbilhoteiros que se divertem propagando nossas conversas de maneira superficial e distorcida.

Posto isso, fica claro que esses dois encontros presenciais não se restringirão a pessoas que há algum tempo se envolvem no debate, desenvolvido principalmente por meio da internet, nas redes sociais e nos blogs. Mudando o público, deve-se adequar o discurso. Em Florianópolis meu foco será o de dizer, do meu ponto de vista *o que é* o transfeminismo, ou “os transfeminismos”.

Tudo muito instigante, porém essas oportunidades para abordar a temática em tão grande evento me impuseram uma questão prática: o que é o transfeminismo me é suficientemente entendível, mas *como* explicar o transfeminismo para um amplo e

variado público de feministas experientes e diletantes, além de estudiosas/os de gênero e sexualidades, o qual, provavelmente, nunca teve um contato com semelhante discussão?

Estou certa de que as pessoas estarão lá, curiosas ante a esse título entre tantos outros igualmente interessantes. O prefixo “trans”, em particular, pode sugerir muitas e diferentes coisas para o(a) leitor(a), todas além do comezinho. Isso geralmente causa estranhamento, e por isso mesmo atrai.

No simpósio temático, em consequência de sua proposição, haverá um encontro de pessoas que pensam sobre a diversidade humana a partir do olhar transfeminista, compondo uma polifonia de temas, não necessariamente se restringindo às vivências trans. Creio que a discussão será mais fluida do que na mesa redonda, na qual a fala das palestrantes é, como sempre, extremamente empoderada, trazendo como ônus o recato ou até mesmo a animosidade de elementos da plateia.

Se para o simpósio preparei um artigo de acordo com os padrões do seminário, com a finalidade de apresentar uma análise sistemática acerca dos elementos que compõe o pensamento transfeminista, o que no momento da exposição não trará maiores complicações, já para a mesa refleti longamente, e decidi apresentar algo fora das normas, um texto incomum: em síntese, uma lista de aforismos sobre os quais erguer o transfeminismo.

Aforismo: definição concisa, próxima do provérbio, que se coloca entre o discurso filosófico e o literário que tem por finalidade apresentar uma determinada percepção. Por que fazer uso de aforismos?

Conforme orientação das organizadoras do evento, o texto de cada componente da mesa “servirá de suporte a ser exibido em tela para que as/os participantes possam acompanhar a fala, favorecendo assim a compreensão de todas/os, principalmente das/os estrangeiras/os e também das/os deficientes auditivos”. Em outros termos, o texto bruto, em tese, será acessível a todas(os).

Tenho feito palestras para diferentes públicos, e o que sinto que há em comum entre alguns de seus integrantes é a tendência – perniciosa para a criatividade do intelecto – de gostar excessivamente (1) das orações bem mastigadas, onde cada elemento se liga a outro, obedientemente, na lógica sujeito-predicado; (2) das frases de efeito ou temas populares para aqueles para os quais se discursa; e (3) dos relatos floreados, em que uma experiência de vida é recontada com fins didáticos, gerando alegria ou comoção, um excelente apelo ao afeto de quem assiste.

Nada contra o apelo a esses recursos, no entanto, como estou preocupada com a forma superficial como o transfeminismo tem sido citado – senão acusado – em fóruns compostos indistintamente por pessoas trans e cisgênero, resolvi tornar difíceis as coisas, estimulando as(os) ouvintes a pensarem, a refletirem, a cada frase, sobre o que foi dito/escrito.

Está tudo escrito, uma série de afirmações e questionamentos relacionados ao transfeminismo e o mundo no qual ele se coloca. O meu dilema, que parecerá simples para alguns, é: devo simplesmente lê-los ou explicitar a minha perspectiva

sobre eles (não caberiam aí “explicações” porque esse tipo de texto pode ser interpretado de modos diversos)?

Só o que sei quanto ao *como explicar o transfeminismo*, no fim das contas, é que a condição *sine qua non* para tanto é a de estar, fundamentalmente, livre das correntes que subordinam tantos gêneros ao domínio do Sexo-Rei.

Se você não me entende agora, vá matutando, e compreenderá bastante sobre tudo o que eu escrevi aqui lá, no [Fazendo Gênero](#).

[+] [Aforismos sobre os quais erguer o Transfeminismo](#).

—

Jaqueline Gomes de Jesus é doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília, escreve no blog [Jaqueline J.](#)

Disponível em: < <http://bloqueirasfeministas.com/2013/08/como-explicar-o-transfeminismo/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO W – O feminismo brasileiro se espalha e resiste

O feminismo brasileiro se espalha e resiste

Postado em: [03/11/2015](#) por: [Bia Cardoso](#)

Texto de Bia Cardoso para as Blogueiras Feministas.

“Companheira, me ajude, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”. [Grito coletivo](#) no protesto ‘Mulheres Contra Cunha’ em São Paulo.

Em 2015, as Blogueiras Feministas completaram 5 anos de existência. No início do ano, ao retomarmos as atividades do blog, escolhemos [“resistência”](#) como nossa palavra-chave. Foi um ano difícil, mas também um ano em que vimos cada vez mais pessoas falando sobre feminismo, especialmente mulheres jovens, adolescentes e meninas. O feminismo tem se tornado pop, tem sido mastigado pelo capitalismo, cuspidor por pessoas equivocadas, tem sido atacado e também abraçado. Fico feliz que esteja sendo assunto, pois mais pessoas podem ouvir sobre o feminismo, pensar, se sentirem instigadas a buscar mais informações.

Sendo um movimento social e político, acredito que o feminismo é construção coletiva, bricolagem, algo que não pode ficar parado, precisa girar constantemente. Por isso, saúdo esses últimos dias em que o feminismo brasileiro esteve tão em evidência com a Campanha Primeiro Assédio, o Enem e as Marchas contra o deputado federal Eduardo Cunha. Resistimos!



Movimento das mulheres contra Cunha nas ruas do Rio de Janeiro. Foto de [Domingos Peixoto/Agência O Globo](#).

Primeiro Assédio: infância e juventude marcadas pela violência contra a mulher

A primeira pergunta que me fiz quando soube dos comentários sexuais a uma participante do programa Masterchef Junior foi: como chegamos num ponto em que homens sexualizam e expressam publicamente sua atração por uma menina de 12 anos, num programa em que o objetivo é avaliar dotes culinários, sem receio algum?

Não acho que a [cultura do estupro](#) explique tudo. Há mais. Há nossas [relações nas redes sociais](#), há os limites entre público e privado na internet. Há as regras sociais impostas a homens e mulheres desde a infância. É um conjunto grande de elementos e de ações que levam homens a muitas vezes terem o [assédio e a violência](#) como a única forma de resposta. Em vários eventos feministas vi homens se sentirem totalmente à vontade para subirem no palco, pegarem o microfone e defenderem o direito de bater em mulheres. Não há nenhum medo neles ao fazer isso, mesmo estando em frente um grande grupo de mulheres, porque a sociedade permite que ocupem esse espaço.

Como resposta aos comentários abusivos a menina de 12 anos, o [Think Olga](#) propôs que as mulheres relatassem seus casos de assédio na infância ou adolescência, usando a *hashtag* [#PrimeiroAssedio](#). A campanha tomou proporções gigantescas e produziu mais de 100 mil tweets. Grande parte dos homens viu suas timelines de redes sociais virarem grandes murais de relatos e [demonstraram não saber](#) que o problema era tão grave e tão próximo, o que só mostra o quanto falamos pouco publicamente sobre o assunto, o quanto somos ensinadas a termos vergonha por sermos violentadas.

É claro que esse tipo de ação em redes sociais tem limitações. Como lembrou Djamilia Ribeiro: [Para as meninas quilombolas a hashtag não chega](#). Também houve quem não pudesse relatar nada em redes sociais, pois seus abusadores fazem parte de seus círculos de familiares e amigos. O assédio e a violência são perpassados por questões de raça, etnia, corpo, idade, classe. Não há ação política perfeita e fatalmente estaremos esquecendo ou dando menos atenção a problemas graves enfrentados por mulheres periféricas. Porém, acredito que para o tão combatido feminismo, isso representa uma inspiração. Uma reação espontânea e coletiva de mulheres que não querem mais permanecer caladas, uma abertura para que diferentes mulheres relatem suas diferentes vivências marcadas pela violência do assédio sexual. Mesmo classificada como ação de *marketing*, as mulheres se apoderaram da *hashtag* e constroem em cima dela.

Também é preciso lembrar que nem todas as mulheres tem uma história de horror para contar. Há mulheres que gostam de gracejos e assobios de estranhos, sentem-se desejadas com o olhar do outro. Porém, é importante repensar tais práticas para nos questionarmos: como tratamos as mulheres na sociedade? E pensar num mundo mais inclusivo e seguro para todas, não apenas para o meu desejo. Acredito que repensar as maneiras como me sinto desejada pelo olhar do outro contribui para uma coletividade maior.

O Enem e as adolescentes feministas

Faz tempo que vemos a movimentação das [adolescentes feministas](#) pelas redes sociais. Perfis em redes sociais, páginas no Facebook, grupos de discussão, blogs, tumblrs. Elas estão por todos os lugares. Discutindo geralmente assuntos do cotidiano, questionando o machismo nas famílias e nas escolas.

Também é comum ver críticas a elas dizendo que são pouco politizadas, que se preocupam muito com pormenores como as propagandas de esmalte. Porém, quando você era adolescente preocupava-se com o quê? A construção do feminismo também se dá no questionamento e compartilhamento das vivências, no estabelecimento de laços de amizade com outras mulheres e não apenas na luta por direitos dentro das instituições. Quem não sai para lutar contra leis retrógradadas pode estar em outras frentes do feminismo. Num momento em que o [gênero está sendo retirado dos planos de educação](#), em que os [Top 10 Vadias](#) demonstram o poder da violência cotidiana nas vidas dessas jovens, são elas quem estão resistindo.

No primeiro dia do Enem, uma [questão](#) baseada em citação da filósofa e feminista francesa Simone de Beauvoir. No segundo dia, o [tema da redação](#): “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Ainda teve [poesia](#) sobre resistência negra e a feminista queer mexicana Gloria Evangelina Anzaldúa. A avaliação de 2015 logo ganhou o apelido de [Enem Feminista](#).

Para mim, o Enem está totalmente por dentro do que está rolando entre a juventude. Tenho 34 anos, sou de uma geração que ainda foi ensinada que o assédio as mulheres é algo corriqueiro, que faz parte das nossas vidas. Não fui ensinada a reagir, apenas a ignorar, a correr, a pedir ajuda. O que vejo nas jovens de hoje é que elas querem reagir, não querem ficar caladas e sabem que não encontrarão respostas para seus anseios nas delegacias de polícia.

Então, talvez nesse momento, a conversa não seja especificamente sobre o que eu ou você achamos melhor para o feminismo. Talvez as ações colocadas em práticas por determinados grupos não sejam as que considero mais [estratégicas](#), mas com certeza tem um objetivo para quem as promove. Fora que não acredito na máxima “*isso queima o filme do movimento feminista*”, porque o movimento feminista já tem seu filme queimado diariamente pelo *status quo*, por anos e anos de *backlash*. Um movimento que questiona relações sociais, que quer promover mudanças nunca será visto com bons olhos, não nos cederão espaços de bom grado, mesmo que hoje o palavrão “feminismo” esteja presente até nas bocas das apresentadoras de programas matutinos.

Devemos sempre buscar a inclusão de mais e mais mulheres, lutar contra a invisibilização e o silenciamento. Não há manual, nem cartilha, nem bíblia do feminismo. O meu desejo é deixar a mulherada livre para hackeá-lo, desconstruí-lo, remixá-lo. O que vai sair disso, não sei, mas sigo otimista acreditando que será algo positivo. Por isso, assim como Aline Valek: [As adolescentes são minhas novas heroínas](#).

Mulheres Contra Cunha: pela liberdade de nossos corpos.

No fim de outubro, foi [aprovada](#) na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados, o [PL 5069/2013](#), de autoria do deputado Eduardo Cunha,

que dificulta o atendimento a vítimas de violência sexual e prevê penas mais duras para quem induzir ou auxiliar uma gestante a abortar. O próximo passo é ir à votação no plenário.

Esse projeto representa um grande retrocesso nos direitos das mulheres. Atualmente, não é preciso fazer boletim de ocorrência em casos de violência sexual e o atendimento na saúde é obrigatório. Essa medida [não aumentou o número de abortos legais](#) no Brasil, mas cada vez mais temos [menos centros de referência](#) especializados nesse tipo de atendimento e menos informações.

Primeiro houve uma mobilização nas redes sociais: [“Pílula Fica, Cunha sai”](#), para depois organizarem marchas com milhares de mulheres nas ruas de algumas das principais capitais do país gritando: Mulheres Contra Cunha! As [imagens são poderosas](#) e mostram o quanto estamos dispostas a lutar para que nossos direitos não sejam retirados. Quando as mulheres se unem somos ameaçadoras, tanto que violência policial se fez presente nos [protestos de Belo Horizonte](#) e na [1º Feira do Livro Feminista e Autônoma](#) de Porto Alegre.

Ainda estamos longe de ter representatividade efetiva no topo das instituições políticas e na mídia, mas ações surgem todos os dias. Durante essa semana, ocorrerá o movimento [#AgoraÉQueSãoElas](#), com mulheres ocupando espaços de colunistas homens. Uma ação pequena, mas que pode representar um momento para refletirmos sobre a baixa presença de mulheres como referência em opinião.

Sim, estou otimista, talvez ingênua. Acredito que num momento tão tenebroso, com [redução da maioria penal](#) sendo aprovada, [estatuto do desarmamento](#) sendo modificado, [demarcações de terras indígenas ameaçadas](#), escolas públicas [sendo fechadas](#) ou [privatizadas](#) e [retrocessos](#) nos direitos das mulheres pululando todos os dias, há o mínimo que comemorar para seguir no feminismo. Resistir é preciso!

+ Sobre o assunto:

[+] [Retrocessos nos direitos e obscurantismo: quem ganha com a onda ultra-conservadora que ameaça a democracia no Brasil?](#) Por Flávia Biroli.

[+] [PL 5069 e a nova ameaça à saúde das mulheres](#). Por Iara Ávila.

[+] [Do #lingerieday ao #AgoraÉQueSãoElas](#). Por Carol Moreno.

[+] [Mulheres nos espaços dos homens: “Protestos e adolescentes feministas”](#). Por Vanessa Rodrigues.

[+] [O gol é masculino. A bola é feminina. E se move](#). Por Camila Kfourri.

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2015/11/o-feminismo-brasileiro-se-espalha-e-resiste/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO X – O novo feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia

O novo feminismo ou a boa e velha cooptação nossa de cada dia

Postado em: [21/08/2013](#) por: [Luka Franca](#)

Texto de Luka Franca.

Veza ou outra me pego pensando em como uma sociedade capitalista se aproveita de outras formas de opressão. Como explora os flancos para assim poder ganhar mais, lucrar mais, explorar a força de trabalho de cada uma de nós de forma diferente e muito bem apurada e organizada. Sim, organização é seu nome, e é importante compreender que esta organização também pode permitir em alguns momentos que se abra espaço para apontar alguns debates, não aqueles que tocam em pontos nefrágicos do modelo de organização da exploração e da opressão, mas aqueles que por algum motivo preferem continuar no conforto de debater suas próprias caixinhas e não questionar com profundidade o status quo.

O [espaço aberto](#) para se debater questões ligadas ao feminismo não se abre de forma desconexa ao momento histórico que vivemos no país, desconectar essas duas coisas é, no mínimo, ingenuidade e se for proposital é puro oportunismo. Quando o espaço se abre para os debates políticos sejam quais forem se destrava também o espaço para se debater o como se organiza o estado capitalista e como ele se apropria das opressões machistas, LGBTfóbicas, racistas e tantas outras para sobreviver. Como eu sempre digo, o debate da política real é o nosso debate, é o debate das “minorias” sociais.



Capa da revista Elle, edição de agosto.

Por que teimo a voltar neste tema? Ora, essa semana uma amiga postou uma capa de revista da Elle, em que se falava sobre o novo feminismo, do *girl power*, do

sucesso, da liberdade e de *Louboutins*. Na mesma capa estava uma jovem branca, loira, sexy. O tal novo feminismo é isso? Bem, para mim não existe novo ou velho, existem apropriações de ideias que sempre ressurgem.

O novo feminismo, para mim nada mais passa do que um feminismo liberal, onde o importante é ter mulheres em espaços de poder e pouco importa se elas oprimem e exploram outras mulheres para manter seu *staff* de glamour. O novo feminismo cheio de purpurina e que ocupa espaços da mídia burguesa com a máxima: cada uma pode ser o que quiser; não bebe mais e nada a mais no [velho calvinismo ou do próprio luteranismo](#), nos quais cada um, se trabalhar e seguir seu destino, terá o sucesso devido.

A questão a qual me detenho é: Por que existe espaço em meios capitalistas, que não criticam realmente o *status quo* que rege a nossa sociedade para se apropriar de uma parte do programa feminista? Pergunto mais! Por que há eco profundo desta lógica liberal de feminismo tomando conta do imaginário coletivo?

A abertura e a necessidade de se debater as contradições do capital e da sociedade patriarcal e racista estão colocadas, pois o momento que vivemos abre espaço para todos os questionamentos e se não há organização, disputa de posição e afins uma postura mais liberal e racista toma conta dos debates feministas que na sua base política debate a relação concreta de opressão de gênero.

Não há como [não debater luta de classes](#) sem debater as mulheres em geral, não há como debater a sociedade de classes sem localizarmos que o exército de reserva de trabalhadores na verdade é um exército de reserva de trabalhadoras negras, lésbicas, trans e que se uma atuação feminista não der conta disso, não se aperceber deste nó que organiza a exploração capitalista e as opressões que estruturam a nossa sociedade estarão apenas apresentando melhorismos que apenas uma parcela ínfima das mulheres irão desfrutar. É isso que queremos? Uma parcela ínfima das mulheres realmente livres e livres por que podem consumir e oprimir outras pessoas?

A reflexão fica, por que estas devem ser preocupações cotidianas dos nossos debates. Como sempre falo, o feminismo deve fazer parte de um projeto de totalidade e não apenas um fim em si mesmo. Aquelas que consideram o feminismo um fim em si mesmo e que um mundo só de mulheres irá melhorar as coisas só tenho a dizer: ajudar a manter o sistema de exploração que aí está e não pensar na liberdade das mulheres que realmente sofrem com o patriarcado, racismo, LGBTfobia e exploração de classes que aí se coloca cotidianamente e não é nada novo.

O novo feminismo que não debate os problemas concretos e ideológicos com os quais nos confrontamos cotidianamente na sociedade não passa de mera apropriação dos setores que oprimem. O novo feminismo branco, cis, descolado e que cabe nas capas de revista, é simplesmente a velha forma de dizer para nós, mulheres negras, lésbicas e trans que a efetivação de direitos nessa sociedade não é para a gente e sim para uma parcela ínfima de mulheres que prefere oprimir a libertar.

E tu? O feminismo que tu reivindicas samba de que lado?

Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2013/08/o-novo-feminismo-ou-a-boa-e-velha-cooptacao-nossa-de-cada-dia/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO Y – O falso feminismo interseccional ou o que importa é representar

O falso feminismo interseccional ou o que importa é representar

Postado em: [23/07/2015](#) por: [Autoras Convidadas](#)

Texto de Naila Chaves para as Blogueiras Feministas.

Desde quando o conceito de interseccionalidade foi difundindo pelos espaços feministas, muita coisa vem sendo (re)pensada. A existência de múltiplas formas de subordinação em um único corpo feminino fez com que repensássemos a ideia de mulher como categoria homogênea. Questões de raça, classe, sexualidade, etnia e corporalidades não hegemônicas foram sendo incorporadas nos debates feministas, que há pouco tempo restringiam-se aos problemas enfrentados pela mulher branca, magra e de classe média. Obviamente, essa visibilidade seria muito profícua e benéfica se houvesse uma real preocupação com a incorporação destas pautas de forma central. Seria. Mas não é assim que tem funcionado.

Meu objetivo com esse texto não é problematizar as discussões que tem sido travadas, muito menos menosprezar a importância deste tipo de debate, ainda que ele seja composto majoritariamente por mulheres privilegiadas. A questão aqui é fazer uma reflexão sobre os usos errôneos de alguns discursos que envolvem representação de algumas pautas, mas que nem de longe chegam a ser uma preocupação central da militância daquele grupo cotidianamente.



Foto de [George A. Spiva Center for the Arts no Flickr em CC](#), alguns direitos reservados.

Vou aqui citar dois exemplos: pense num grupo composto majoritariamente por mulheres brancas, de classe média, heterossexuais e magras e minoritariamente por

algumas mulheres que reúnem em si mais características que as tornam vulneráveis a outras opressões, para além daquelas enfrentadas por pertencerem ao gênero feminino. Esse grupo cotidianamente debate e mantém ações muito importantes, mas voltadas para as pautas daquelas mulheres que estão em peso na composição do grupo. Nada de errado nisto, até chegar o dia 25 de julho – para quem não sabe, [Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha](#) – e esse mesmo grupo que jamais ousou debater cotidianamente ou incorporar o debate racial como um projeto central, resolve fazer uma nota pública publicizando seu apoio às mulheres negras, passando a imagem de ser um grupo que se coloca a frente contra a discriminação racial. Ou ainda, no dia nacional contra o genocídio da população negra, esse mesmo grupo se autodenomina combater essa prática.

E novamente aqui: isso realmente seria muito benéfico, se houvesse mesmo a incorporação destas pautas cotidianamente e não apenas como um adereço para o grupo, nos dias representativos destas outras lutas. Quero chamar a atenção para o significado de dizer representar uma luta que nas práticas cotidianas, não se representa. A luta contra a discriminação racial, por exemplo — e estou falando mais nas questões raciais porque sou negra e quero respeitar uma coisa que se chama local de fala — é uma luta séria, que já envolve múltiplos grupos de fato negros e que estão comprometidos com estes projetos por causas que vão muito além de um simples apoio ou uma necessidade de representação supérflua: estão comprometidos por questões de sobrevivência.

Então, se você faz parte de um grupo feminista onde o foco para algumas opressões que vão além do gênero feminino hegemônico só chegam a ser visibilizadas em datas representativas ou após eventos que publicizem estas questões, provavelmente estas outras opressões não estão na agenda cotidiana porque não representam de fato questões de sobrevivência para aquelas mulheres que ali estão, ao menos na composição majoritária do grupo.

Isso não quer dizer que este grupo não deva protagonizar nenhum debate sobre o assunto, mas ao invés de se posicionar publicamente contra essas outras facetas opressoras, por que não fazer destas datas um motivo para (re)pensar fatores internos em relação ao grupo que o faz manter um feminismo hegemônico? Por que não fazer da data de 25 de julho, por exemplo, um evento para que você, feminista branca, reflita sobre os motivos pelos quais o grupo que você participa é composto majoritariamente por outras iguais você?

É muito difícil escancarar estas questões pessoalmente, mas meu texto é um apelo para que o feminismo tenha responsabilidade com as pautas que diz representar. A representação é sim muito importante para alguns grupos, mas a simples representação sem uma real preocupação com os motivos pelos quais aquilo precisa ser representado e incorporado nas pautas cotidianamente e não apenas em datas esporádicas, nada mais é do que praticar um falso feminismo interseccional, em que o que importa é a utilização de mulheres negras, gordas, pobres, lésbicas e bissexuais, trans ou com deficiência como cartas na manga para poder dizer que o seu feminismo não é hegemônico.

(Re)pensemos! Mas, desta vez, (re)pensemos de fato!

Autora

Naila Chaves é mestranda em Direito pelo UnB e formada em Direito pela UNESP. Atualmente estuda raça e gênero como tema de pesquisa e compõe coletivos negros e feministas em Brasília, onde vive.

Disponível em: <<http://bloqueirasfeministas.com/2015/07/o-falso-feminismo-interseccional-ou-o-que-importa-e-representar/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANEXO Z – Feministas pró-vida não existem

Feministas pró-vida não existem

Postado em: [28/02/2013](#) por: [Deh Capella](#)

Texto de Tracie Egan Morrissey. Tradução de Deh Capella, com colaboração de Lê Howes.

Originalmente publicado com o título: [There Is No Such Thing as a 'Pro-Life Feminist'](#), no site americano Jezebel.com



Tradução livres: Mantenha o aborto seguro e legal. Foto de [Peace Chicken no Flickr em CC](#), alguns direitos reservados.

Apesar das declarações dos grupos políticos conservadores pró-vida como o [Feminists for Life](#) e o [Susan B. Anthony List](#) e do [uso repetido da palavra começada com "F" por Sarah Palin](#), não existe na verdade esse negócio de "feminista pró-vida". Claro, você pode ser feminista e tomar a decisão pessoal de jamais abortar. Mas quem raios é você para trabalhar ativamente pela exclusão do direito das outras mulheres de escolherem o que fazer com seus próprios úteros?

Você certamente não é feminista.

Nesta semana (edição de 14 de janeiro) a [reportagem de capa](#) da revista *Time* resume todas as pequenas batalhas perdidas pelos ativistas a favor do direito ao aborto desde sua vitória no caso [Roe versus Wade](#), 40 anos atrás. As 92 disposições regulando o aborto – um recorde – foram aprovadas em 24 Estados depois que os Republicanos obtiveram a maioria no Legislativo norte-americano, em

2010 – o que não nos surpreende, já que regularmente lidamos com essas notícias deprimentes. Mas o que talvez seja mais intrigante – para feministas habituadas à luta interminável pelos direitos reprodutivos – na reportagem da *Time* seja a publicação de um texto intitulado [“Pró-vida e feminismo não são mutuamente excludentes”](#), escrito por Emily Buchanan, a diretora-executiva do Susan B. Anthony List, [“uma organização que trabalha para eleger candidatos pró-vida”](#). Porque apesar de [pessoas como Buchanan](#) insistirem na existência de um “feminismo pró-vida”, a lógica por trás disso é, na melhor das hipóteses, tortuosa.

Essa foi, então, a tentativa de Buchanan, com sua ideia principal, de explicar na “mídia baixa” (“lamestream media”) como legislar sobre o sistema reprodutor feminino, anulando a autonomia corporal das mulheres e restringindo seu acesso à contracepção de baixo custo e ao tratamento ginecológico, poderia ser considerado pró-mulher. E ela não conseguiu fazê-lo de forma convincente.

O maior argumento de grupos como o Susan B. Anthony List é o uso de nomes e de citações de sufragistas dos séculos XIX e XX para respaldar seu ponto de vista. Buchanan escreve:

Desde o início, o feminismo foi um movimento de mulheres jovens. Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton, Alice Paul, Charlotte Lozier e muitas outras começaram seu trabalho como sufragistas na casa dos 20 anos de idade. Essas mulheres – as feministas originais – entendiam que os direitos das mulheres não poderiam ser construídos às custas de crianças não nascidas. Anthony chamou o aborto de ‘assassinato de crianças’. Paul, autora da [Emenda da Igualdade de Direitos](#) escrita originalmente em 1923, disse que ‘o aborto é a exploração definitiva da mulher’.

Enquanto as “feministas originais” foram certamente mulheres corajosas e admiráveis, é absolutamente estúpido considerar sua visão sobre o aborto como um aspecto essencial do feminismo. Já imaginou se simplesmente adotássemos cegamente todas as crenças e ações dos grandes pensadores que viveram nos anos 1800? Thomas Jefferson – o homem que literalmente definiu o conceito de liberdade dos norte-americanos e que declarou que “todos os homens nascem iguais” – não só era proprietário de muitos escravos e compactuava com seu comércio, mas também escravizou seus próprios filhos, nascidos da escrava que foi sua amante e que era meio-irmã de sua esposa. Isso é doentio e nunca deveria ser alardeado como exemplo de igualdade.

Ainda, o raciocínio por trás do “feminismo pró-vida” é de que [“vale a pena repetir a História”](#). Não é por isso mesmo que se estuda História, para “não se repetirem os erros do passado”?

Além disso, todo seu esforço em se autodefinirem como [“feministas pró-vida”](#) não parece estar focado na luta feminista como um todo, em questões como a diferença de salários ou as diferenças de padrões de comportamento. Em vez disso, essas pessoas destinam sua energia para conseguir a eleição de políticos pró-vida e mascaram suas tentativas de tirar o direito de escolha das mulheres com [bobagens distorcidas](#) (mulheres deveriam “se recusar a escolher” entre “ter um futuro e ter um filho”) que elas chamam de feminismo.

Vejam, mulheres têm discutido sobre o significado do feminismo desde seu início. Temos ideias diferentes sobre o que funciona e não, e sobre o que é importante e o que não é, e o movimento certamente não é monolítico, homogêneo. Mas o feminismo é um movimento. E a natureza de um movimento progressivo é seguir adiante, evoluir. Não dá para fazer isso retrocedendo, involuindo, prendendo-se ao passado.

Então, sim, “feminismo pró-vida” não engana ninguém – particularmente as feministas.

Disponível: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/02/feministas-pro-vida-nao-existem/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.